



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 5 - SAFRA 2017/18- N. 12 - Décimo segundo levantamento | **SETEMBRO 2018**



Presidente da República

Michel Temer

Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Blairo Maggi

Diretor - Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretor - Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Jorge Luiz Andrade da Silva

Diretor - Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Marcus Luis Hartmann

Diretor - Executivo Administrativo, Financeiro e de Fiscalização (Diafi)

Danilo Borges dos Santos

Diretora - Executiva de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintendente de Informações do Agronegócio (Suinf)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Carlos Eduardo Gomes Oliveira

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Letícia Bandeira Araújo (estagiária)

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Thiago Lima de Oliveira (menor aprendiz)

Bárbara Costa da Silva (estagiária)

Fernanda Seratim Alves (estagiária)

Fernando Arthur Santos Lima

Gilson Panagiotis Heusi (estagiário)

João Luis Santana Nascimento (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



Conab Companhia Nacional de Abastecimento



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 5 - SAFRA 2017/18 - N. 12 - Décimo segundo levantamento |
SETEMBRO 2018

Monitoramento agrícola

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 12 Safra 2017/18 - Décimo segundo levantamento, Brasília, p. 1-148,
setembro 2018.

Copyright © 2018 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

João Marcelo Brito Alves (Geint)
João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão)
Mozar de Araújo Salvador (Inmet)

Leonardo Amazonas (Gerpa - soja)
Thomé Luiz Freire Guth (Gerpa - milho)
Bruno Pereira Nogueira(Gefab - algodão)

Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gefab - arroz)
Rodrigo Gomes de Souza (Gerpa - trigo)
Patrícia Maurício Campos (Suinf)

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Jocá da Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Taja, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranioldo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dónovan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentina Campos (MA); Eugênio de Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Getúlio MorenoMarcelo Calisto, Maurício Lopes, Luciana Diniz de Oliveira (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Pedro Ramon Manhone, Raul Pio de Azevedo, Cícero Cordeiro, Benacil França, Edson Piedade, Humberto Kothe, Patricia Leite, Rodrigo Slomoszynski, Rafael Arruda (MT) Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Francisco Dantas de Almeida Filho, Rosângela Maria da Silva (PE); Jerônimo Contín, Leônidas Kaminski, Rafael Fogaca, Rosimere Lauretto (PR); Hélio Freitas, Thiago Miranda,Francisco Antonio de Oliveira Lobato, Antonio Cleiton Vieira da Silva, Edgard Sobrinho (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales Augusto Duarte Daniel (RO); Alcideman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agneze (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Marcio Renan Weber Schorr, Matheus Carneiro de Souza, Iure Rabassa Martins, Jordano Luís Girardi (RS); Cezar Augusto Rubin, Luana Schneider, Marcelo Siste Campos, Ricardo Cunha de Oliveira (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli (SP); Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Marco Antonio Garcia Martins Chaves, Jorge Antonio de Freitas Carvalho (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins) e a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater-RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário do Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri) ; Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Faeb); Banco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraeer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater-GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater-DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater-MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater-RJ); Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater-RS); Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Guilherme Rodrigues

Fotos

Superintendência Regional do Piauí

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catalogação na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.
Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO



1. Resumo executivo ----- 8



2. Introdução ----- 10



3. Estimativa de área plantada ----- 12



4 . Estimativa de produtividade ----- 19



5. Estimativa de produção ----- 25



6. Crédito rural ----- 33



7. Prognóstico climático - Inmet----- 41



8. Monitoramento agroclimático----- 47



9. Análise das culturas -----	53
9.1. Culturas de verão -----	53
9.1.1. Algodão -----	52
9.1.2. Amendoim -----	59
9.1.3. Arroz -----	64
9.1.4. Feijão -----	72
9.1.5. Girassol -----	96
9.1.6. Mamona -----	98
9.1.7. Milho -----	100
9.1.8. Soja -----	108
9.1.9. Sorgo -----	116
9.2. Culturas de inverno -----	120
9.2.1. Aveia Branca -----	120
9.2.2. Canola -----	122
9.2.3. Centeio -----	123
9.2.4. Cevada -----	124
9.2.5. Trigo -----	126
9.2.6. Triticale -----	130



10. Receita bruta ----- 131



11. Balanço de oferta e demanda ----- 138	
11.1. Algodão -----	138
11.2. Arroz -----	140
11.3. Feijão -----	141
11.4. Milho -----	142
11.5. Soja -----	143
11.6. Trigo -----	144



12. Calendário agrícola de plantio e colheita ----- 146





1. RESUMO EXECUTIVO

Para a safra 2017/18, a estimativa da produção brasileira de grãos é de 228,3 milhões de toneladas. Isso equivale a uma redução de 3,9% em relação à safra anterior. As reduções nas precipitações pluviométricas impactaram o potencial produtivo do milho segunda safra e novamente é responsável pela queda de 1,5% em relação ao levantamento anterior, cerca de 813,5 mil toneladas. Essa é a segunda maior cultura do país em volume de produção.

A área plantada é estimada em 61,7 milhões de hectares, crescimento de 1,4% ou 852,8 mil hectares se comparada à safra 2016/17.

Algodão: a cultura se encontra em colheita. O expressivo aumento de área (25,1%), aliado ao ganho de produtividade de 4,7%, resulta numa produção de 2 milhões de toneladas de pluma. Em Mato Grosso, maior estado produtor, cerca de 78% da área já foi colhida e na Bahia, segundo maior produtor, já passa dos 85%.

Arroz: produção de 12,07 milhões de toneladas.

Feijão segunda safra: com a colheita finalizada, a produção atingiu 1,22 milhão de toneladas.

Feijão terceira safra: cultura em fase final de ciclo, com cerca de 62% da área colhida em final de agosto. Estima-se a produtividade em 1.051 kg/ha e produção de 619,2 mil toneladas.

Milho primeira safra: com a colheita finalizada no

Nordeste, a produção está estimada em 26,8 milhões de toneladas, 12% inferior à safra passada, influenciada, principalmente, pela redução na área semeada.

Milho segunda safra: a redução na área cultivada aliada ao forte estresse hídrico resultou em perdas de produtividade, derivando numa produção de 54,5 milhões de toneladas, 19,1% inferior à safra passada e 1,5% inferior ao levantamento anterior.

Soja: a produção de soja alcança recorde de 119,3 milhões de toneladas, 4,6% superior à safra passada.

Trigo: a semeadura está concluída e a estimativa é de 2 milhões de hectares plantados, o que representa um aumento de 6,4% na área semeada em relação à safra anterior, resultando numa estimativa de produção em 5,2 milhões de toneladas.





2. INTRODUÇÃO

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), realiza levantamentos e avaliações mensais da safra brasileira de grãos, objetivando oferecer informações de qualidade para a formulação e gestão das políticas agrícolas, de abastecimento e da segurança alimentar e nutricional.

Vale ressaltar que estes levantamentos e avaliações são de fundamental importância para diversos agentes econômicos no processo de tomada de decisão dos seus investimentos.

Em setembro, a Companhia divulga o Décimo Segundo Levantamento da Safra 2017/18, indicando a colheita das culturas de segunda safra (algodão, amendoim, feijão, milho e mamona), o desenvolvimento e a colheita das culturas de inverno (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale), da terceira safra (feijão) e da safra da Região Nordeste (feijão e milho).

Assim, foram coletadas informações de área plantada, desenvolvimento fenológico, pacote tecnológico utilizado pelos produtores e condições climáticas provenientes da colaboração de agrônomos, técnicos de cooperativas, de secretarias de agricultura e órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), agentes financeiros de mercado e de insumos, que têm subsidiado os técnicos desta Companhia de forma profissional e relevante, nessas atividades.

O trabalho de avaliação de safras se enquadra nas recomendações de diversas instituições internacionais, quanto à criação de mecanismos que possibilitem a obtenção de informações agrícolas precisas e seguras, bem como na busca de uniformização nos procedimentos de avaliação, de modo a manter a uniformidade e a transparéncia nas suas estatísticas de produção.

A Conab, por sua vez, utiliza metodologias que envolvem trabalhos de campo, tecnologias relacionadas ao sensoriamento remoto, posicionamento por satélites, sistemas de informações geográficas e modelos estatísticos, agrometeorológicos e espectrais, que são aplicados nas estimativas de área e produtividade.

Vale destacar que o presente boletim de divulgação

faz parte do Observatório Agrícola, desenvolvido no âmbito desta Companhia, seguindo diretrizes do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea).

Nesse contexto, agradecemos a indispensável participação e colaboração dos profissionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e dos diversos parceiros citados, bem como dos demais colaboradores internos que, direta ou indiretamente, participaram da realização desta atividade.

Há de se acrescentar que a Conab realiza acompanhamento da safra brasileira de grãos há 40 anos, com uma postura pautada pelo profissionalismo, prudência e isenção, produzindo informações relevantes sobre a agricultura no país.





3. ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA

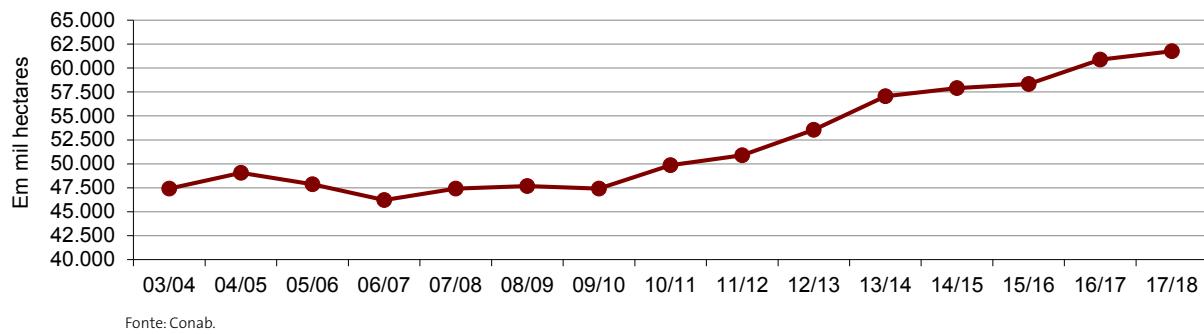
Aárea semeada foi estimada em 61,7 milhões de hectares, na safra 2017/18, e confirma mais uma vez a maior área semeada no país. O incremento estimado é de 1,4% ou 859,8 mil hectares em relação à safra passada.

A área só não foi maior porque houve redução na área de milho primeira e segunda safras. Em relação à safra anterior, a área de milho primeira safra reduziu de 5,48 para 5,08 milhões de hectares e a área de segunda safra reduziu de 12,10 para 11,56 milhões de hectares em razão, principalmente, da expectativa futura de mercado.

Em contrapartida, a soja teve um expressivo aumento da área semeada, saindo de 33,91 para 35,14 milhões de hectares na safra atual, um ganho absoluto de 1,23 milhão de hectares, o maior entre todas as culturas avaliadas.

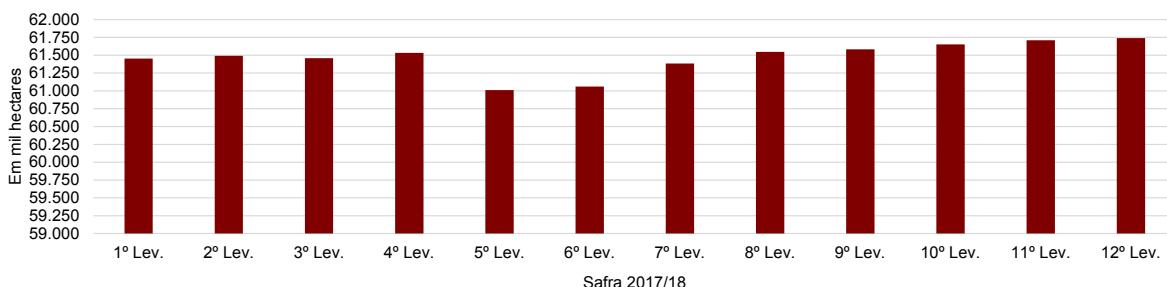
Outras culturas também tiveram ganho absoluto de área nessa safra, tais como o algodão, que alcançou 1,17 milhão de hectares (ganho de 235,6 mil hectares) e do feijão segunda safra, que atingiu 1,53 milhão de hectares (aumento de 105,8 mil hectares), impulsionado pelo feijão-caupi, que deve ter 161,4 mil hectares a mais na atual safra, atingindo 1 milhão de hectares.

Gráfico 1 – Evolução da área de grãos



Fonte: Conab.

Gráfico 2 – Comportamento da área de grãos



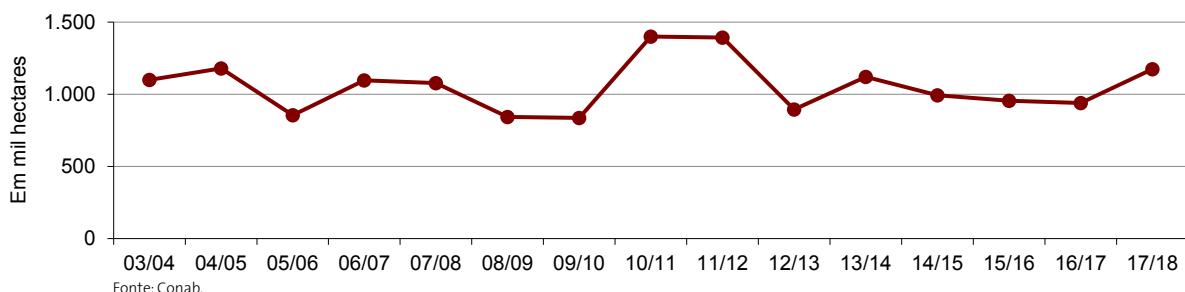
Fonte: Conab.

3.1. ALGODÃO

O algodão permanece com um incremento estimado em 25,1% na área depois de três safras consecutivas de queda. A melhora no preço pago ao produtor estimulou o plantio da cultura. O avanço é tão expressivo

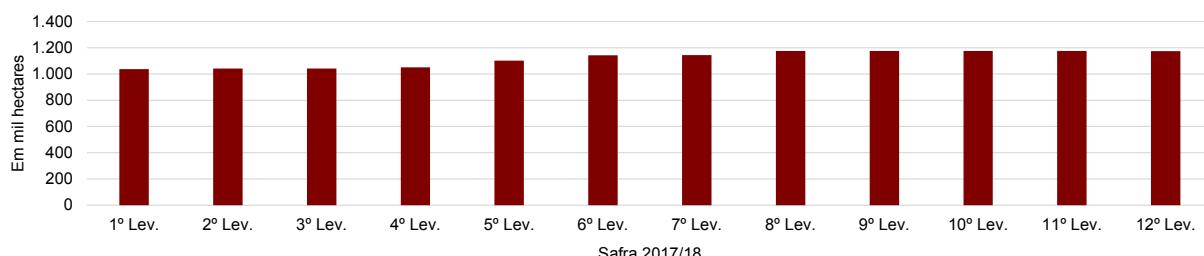
nessa safra que ela se tornou a segunda maior em ganho absoluto de área semeada, atrás apenas da soja. São 235,6 mil hectares superior à safra 2016/17, sendo essa safra a maior das últimas seis.

Gráfico 3 – Evolução da área de algodão



Fonte: Conab.

Gráfico 4 – Comportamento da área de algodão na safra 2017/18



Fonte: Conab.

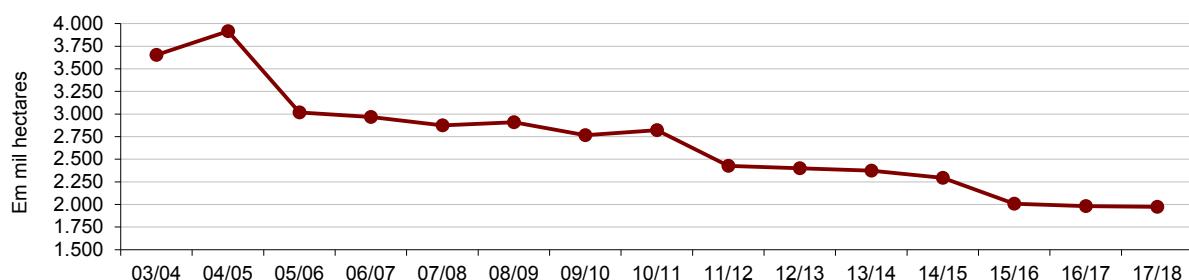


3.2. ARROZ

O arroz tem sido uma das culturas que mais tem perdido área semeada ao longo das safras. As áreas que mais perderam foram as semeadas em manejo de sequeiro, substituídas por culturas mais rentáveis, como soja e milho. As áreas irrigadas, fortemente concen-

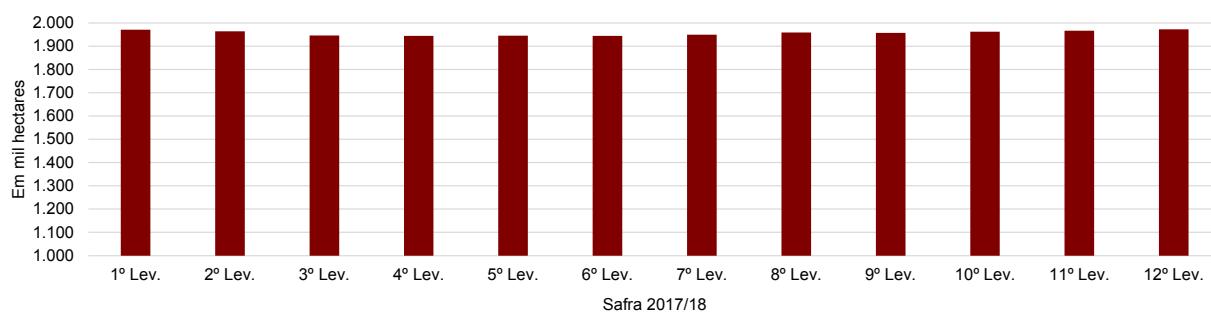
tradas no sul do país, têm se mantido estável, mas experimentou uma redução nessa safra, decorrente da rotação com outras lavouras. A estimativa é que a área brasileira de arroz seja 0,4% menor em relação à área da safra 2016/17, totalizando 1,97 milhão de hectares.

Gráfico 5 – Evolução da área de arroz



Fonte: Conab.

Gráfico 6 – Comportamento da área de arroz



Fonte: Conab.

3.3. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

O feijão segunda safra teve o terceiro maior incremento absoluto de área semeada, resultado dos baixos preços do milho no momento da tomada de decisão na segunda safra levaram alguns produtores a apostarem no plantio de feijão segunda safra, sobretudo no Centro-Oeste do país, e do tipo caupi, que tem como destino a Região Nordeste, principal con-

sumidora desse produto, e a exportação para a África e Ásia. A recuperação da área semeada na Região Nordeste, devido às condições climáticas mais favoráveis nesta safra, também tem contribuído para tal aumento. Á área total cultivada deve ser de 1.532,7 mil hectares, sendo 378 de feijão-comum cores, 131,4 de feijão-comum preto e 1.023,3 de feijão-caupi.

Gráfico 7 – Evolução da área de feijão segunda safra

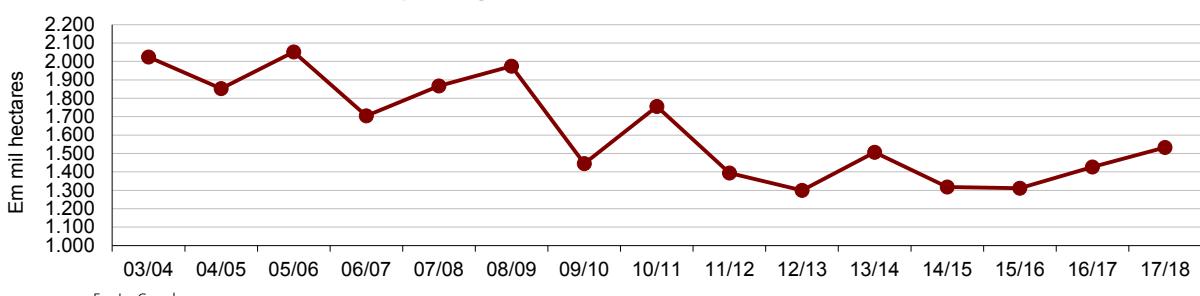
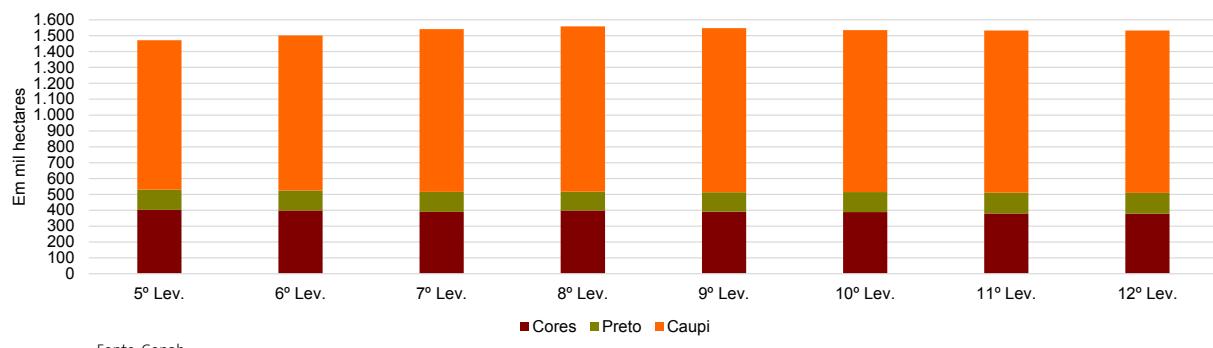


Gráfico 8 – Comportamento da área de feijão segunda safra (2017/18)



Fonte: Conab.

3.4. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

O feijão terceira safra é regulador da safra brasileira. Sua produção é determinada pelo comportamento da primeira e segunda safras e serve para ofertar o grão na entressafra (inverno). A cultura é irrigada na Região Centro-Sul e cultivada em regime de sequeiro na Região Norte/Nordeste, uma vez que nesse momento é o período chuvoso nessas regiões, o que dispensa o uso de irrigação. A boa oferta nas safras de

primeiro e segundo ciclos refletiu na redução de área, nessa safra, sendo estimada uma redução de 8,3% (53,4 mil hectares), saindo de 642,4 mil hectares, na safra 2016/17, para 589 mil hectares, na safra 2017/18, sendo quase sua totalidade de feijão-comum cores (493,5 mil hectares) e em menor proporção de feijão comum-preto e caupi, sendo 17,1 e 78,4 mil hectares, respectivamente.

Gráfico 9 – Evolução da área de feijão terceira safra

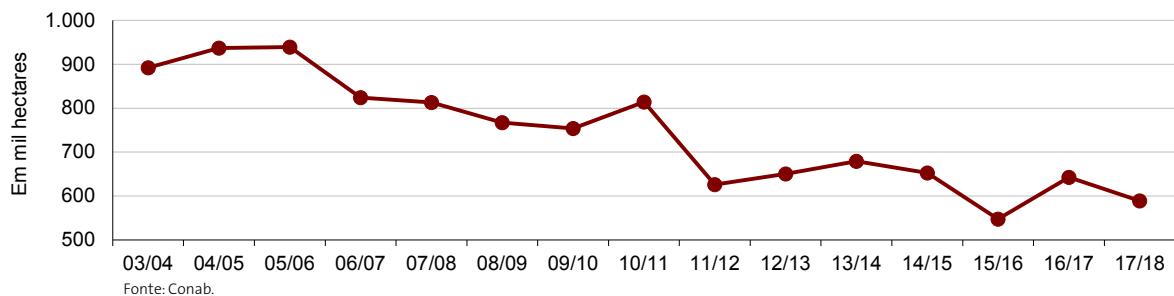
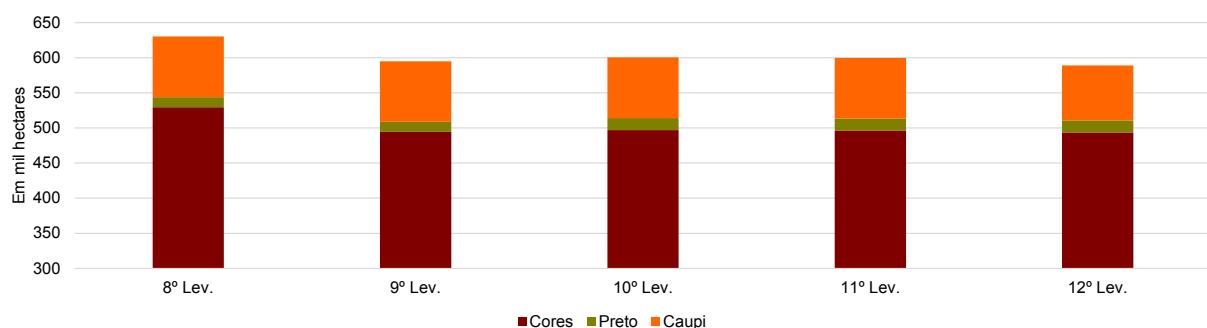


Gráfico 10 – Comportamento da área de feijão terceira safra (2017/18)



Fonte: Conab.

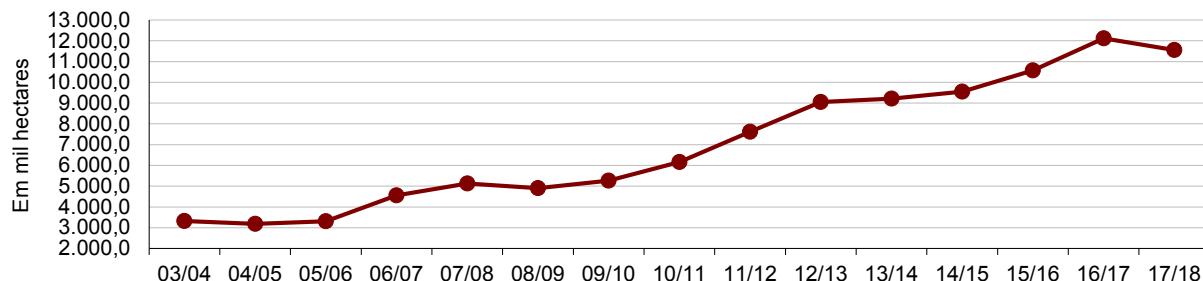


3.5. MILHO SEGUNDA SAFRA

Esse levantamento consolida a redução da área de milho segunda safra, nessa safra. A previsão é de queda de 4,6%, comparada à safra anterior. A estimativa é

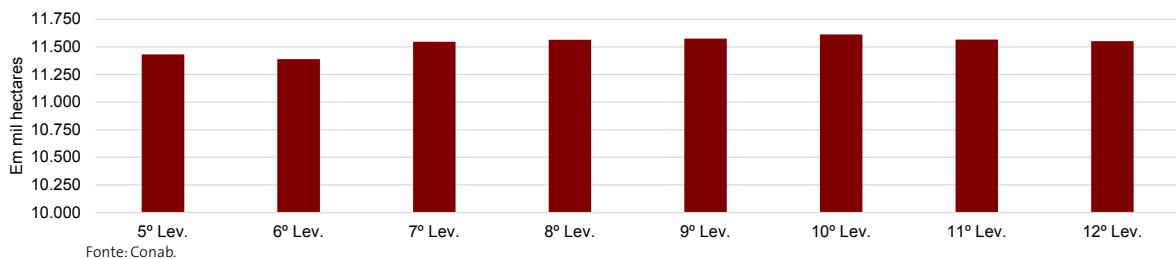
de plantio de 11.552,8 mil hectares. É a primeira queda nos últimos nove anos e tem relação com a expectativa futura de mercado no momento da semeadura.

Gráfico 11 – Evolução da área de milho segunda safra



Fonte: Conab.

Gráfico 12 – Comportamento da área de milho segunda safra (2017/18)



Fonte: Conab.

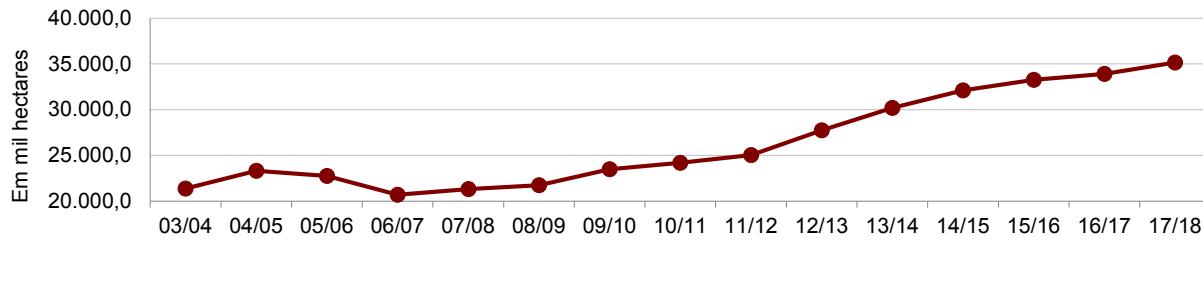
3.6. SOJA

A estimativa de 35,149 milhões de hectares semeados na atual safra é 3,7% superior ao cultivado na safra 2016/17 e 69,9% maior do que a safra 2006/07, reafirmando o décimo primeiro aumento consecutivo na área total cultivada com essa oleaginosa.

A área de soja ultrapassou a área de milho total na

safra 1997/98 e, desde então, ocupa o primeiro lugar em área semeada no país. Nas últimas 12 safras o Brasil teve um incremento de 14,5 milhões hectares novos de soja, tornando a cultura a protagonista no aumento da área no país. Atualmente corresponde à cerca de 57% da área total semeada com grãos no país.

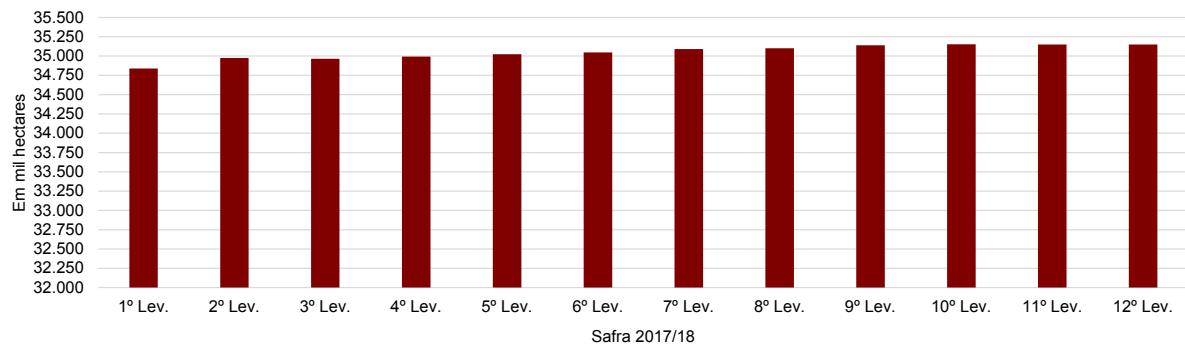
Gráfico 13 – Evolução da área de soja



Fonte: Conab.



Gráfico 14 – Comportamento da área de soja (2017/18)



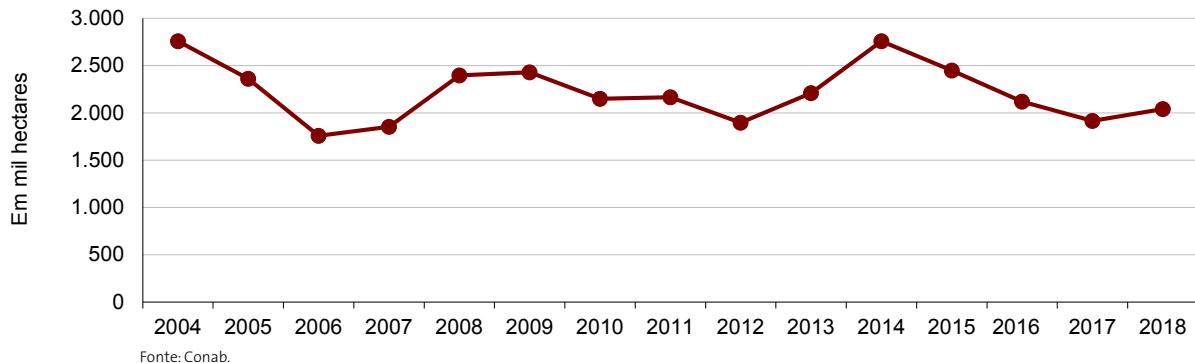
Fonte: Conab.

3.7. TRIGO

Apesar do atraso de plantio no Paraná e São Paulo, a semeadura ganhou velocidade e agora também avança em Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A estima-

tiva é que a área supere a de 2017 em 6,4% (123,2 mil hectares), atingindo 2 milhões de hectares.

Gráfico 15 – Evolução da área de trigo



Fonte: Conab.



Tabela 1 – Estimativa de área plantada de grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual	Absoluta
		ago/2018 (b)	set/2018 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO	939,1	1.176,1	1.174,7	25,1	235,6
AMENDOIM TOTAL	129,3	138,5	138,5	7,1	9,2
AMENDOIM 1ª SAFRA	118,3	132,0	132,1	11,7	13,8
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,0	6,5	6,4	(41,8)	(4,6)
ARROZ	1.980,9	1.966,7	1.972,8	(0,4)	(8,1)
ARROZ SEQUEIRO	524,4	535,9	539,0	2,8	14,6
ARROZ IRRIGADO	1.456,5	1.430,8	1.433,8	(1,6)	(22,7)
FEIJÃO TOTAL	3.180,3	3.186,7	3.175,3	(0,2)	(5,0)
FEIJÃO TOTAL CORES	1.447,3	1.337,8	1.333,9	(7,8)	(113,4)
FEIJÃO TOTAL PRETO	323,7	328,6	328,7	1,5	5,0
FEIJÃO TOTAL CAUPI	1.409,3	1.520,3	1.512,7	7,3	103,4
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.111,0	1.053,8	1.053,6	(5,2)	(57,4)
CORES	478,2	462,4	462,4	(3,3)	(15,8)
PRETO	174,7	180,2	180,2	3,1	5,5
CAUPI	458,1	411,2	411,0	(10,3)	(47,1)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.426,9	1.533,1	1.532,7	7,4	105,8
CORES	430,3	379,1	378,0	(12,2)	(52,3)
PRETO	134,7	131,3	131,4	(2,4)	(3,3)
CAUPI	861,9	1.022,7	1.023,3	18,7	161,4
FEIJÃO 3ª SAFRA	642,4	599,8	589,0	(8,3)	(53,4)
CORES	538,8	496,3	493,5	(8,4)	(45,3)
PRETO	14,3	17,1	17,1	19,6	2,8
CAUPI	89,3	86,4	78,4	(12,2)	(10,9)
GIRASSOL	62,7	95,5	95,5	52,3	32,8
MAMONA	28,0	30,7	31,8	13,6	3,8
MILHO TOTAL	17.591,7	16.639,8	16.636,8	(5,4)	(954,9)
MILHO 1ª SAFRA	5.482,5	5.073,0	5.084,0	(7,3)	(398,5)
MILHO 2ª SAFRA	12.109,2	11.566,8	11.552,8	(4,6)	(556,4)
SOJA	33.909,4	35.150,2	35.149,3	3,7	1.239,9
SORGO	628,5	761,5	782,2	24,5	153,7
SUBTOTAL	58.449,9	59.145,7	59.156,9	1,2	707,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2017 (a)	ago/2018 (b)	set/2018 (c)	Percentual	Absoluta
AVEIA	340,3	353,7	375,6	10,4	35,3
CANOLA	48,1	41,6	35,5	(26,2)	(12,6)
CENTEIO	3,6	3,6	3,7	2,8	0,1
CEVADA	108,4	109,9	111,9	3,2	3,5
TRIGO	1.916,0	2.034,2	2.039,2	6,4	123,2
TRITICALE	23,0	20,3	19,3	(16,1)	(3,7)
SUBTOTAL	2.439,4	2.563,3	2.585,2	6,0	145,8
BRASIL	60.889,3	61.709,0	61.742,1	1,4	852,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.

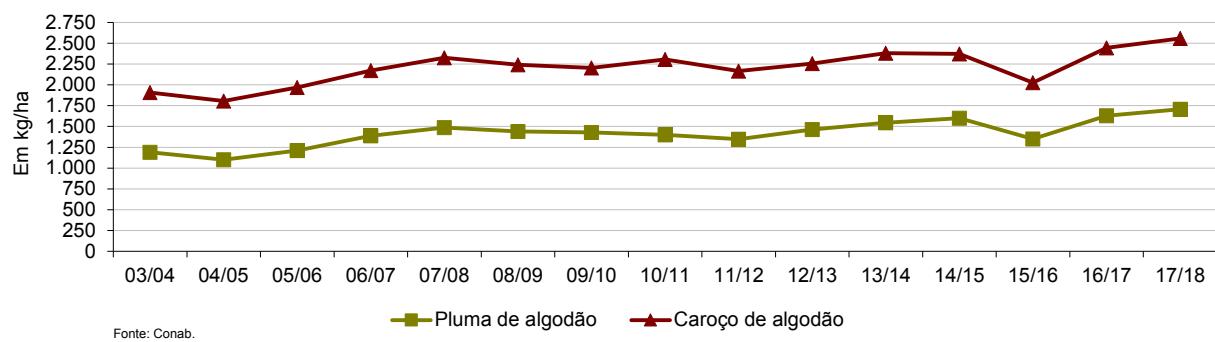


4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

4.1. ALGODÃO

Volumes consideráveis de precipitações e temperaturas favoráveis, ao longo do desenvolvimento, contribuíram para as estimativas recordes de produtividade para essa cultura. A estimativa é que essa seja a melhor produtividade alcançada para a cultura, avaliada em 2.560 kg/ha de caroço de algodão e 1.708 kg/ha de pluma.

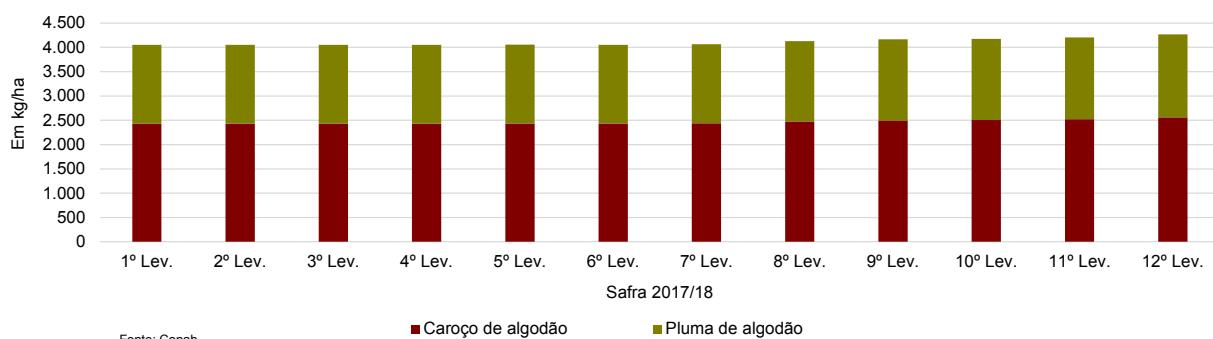
Gráfico 1 – Evolução da produtividade de algodão no Brasil



Fonte: Conab.

■ Pluma de algodão ■ Caroço de algodão

Gráfico 2 – Comportamento da produtividade de algodão (2017/18)



Fonte: Conab.

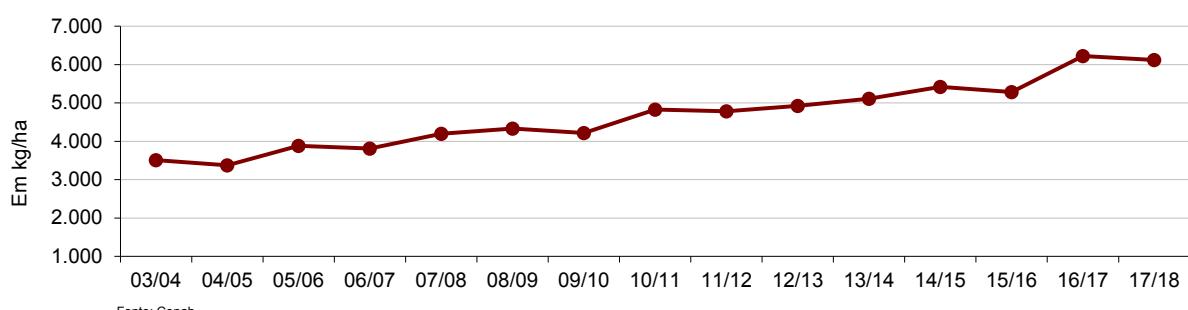
■ Caroço de algodão ■ Pluma de algodão

4.2. ARROZ

A produtividade está estimada atualmente em 6.119 kg/ha, a segunda melhor da série histórica, inferior apenas à safra 2016/17, tendo em vista que apesar das

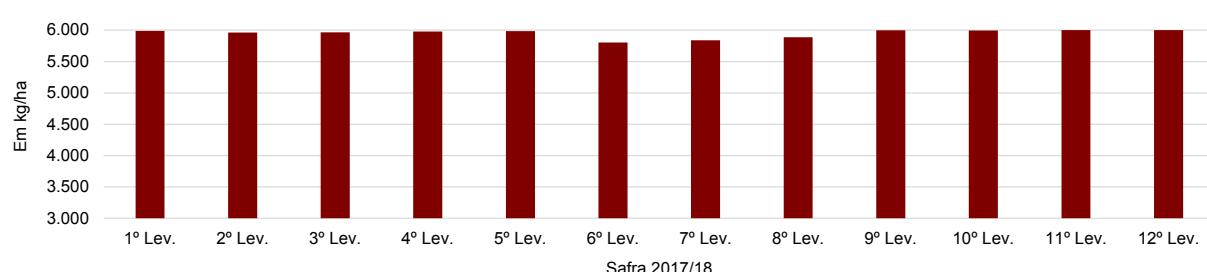
condições climáticas próximas do normal, elas não foram totalmente favoráveis no país todo, como foi na safra passada.

Gráfico 3 – Evolução da produtividade de arroz



Fonte: Conab.

Gráfico 4 – Comportamento da produtividade de arroz (2017/18)



Fonte: Conab.

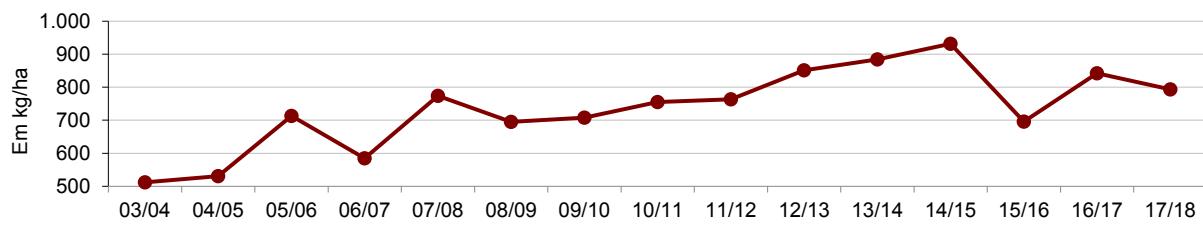


4.3. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Com a colheita encerrada nas principais regiões produtoras, a estimativa é que o país colha, em média, 793 kg/ha, 5,8% a menos que na última safra. O feijão-comum cores deve ter uma redução de 5,2%, influenciada pelo clima entre abril e maio na Região Centro-Sul, saindo de 1.338 kg/ha na safra 2016/17, para 1.268 kg/ha na sa-

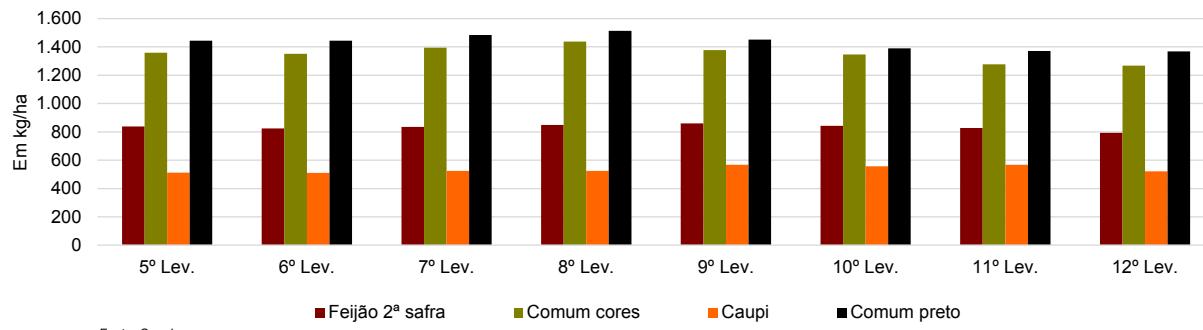
fra 2017/18. Em relação ao feijão-comum preto, o ganho é de 2,2%, saindo de 1.338 para 1.368 kg/ha. Para o feijão-caupi, a estimativa de 522 kg/ha é 1,1% superior à safra 2016/17, que alcançou 516 kg/ha, sobretudo porque a maior parte é cultivada na Região Norte/Nordeste, onde o clima foi bem favorável nessa safra.

Gráfico 5 – Evolução da produtividade de feijão segunda safra



Fonte: Conab.

Gráfico 6 – Comportamento da produtividade de feijão segunda safra (2017/18)



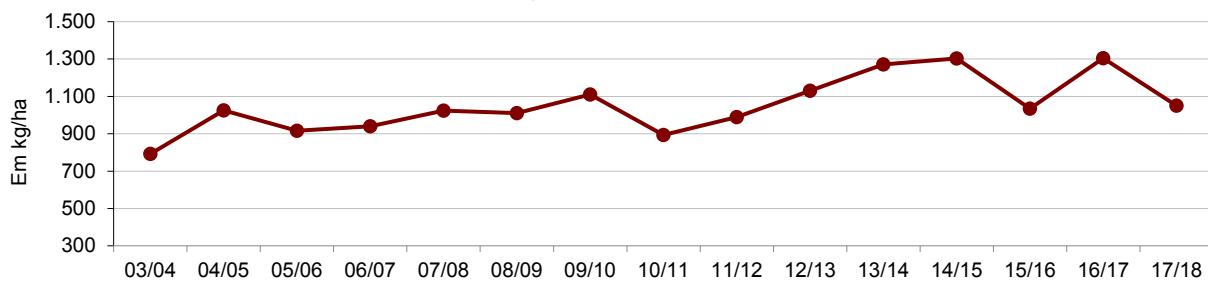
Fonte: Conab.

4.4. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

O feijão terceira safra é cultivado sob regime de irrigação na Região Centro-Sul e cultivado em regime de sequeiro na Região Norte/Nordeste, uma vez que nesse momento é o período chuvoso nessas regiões, o que dispensa o uso de irrigação. Apesar das barragens estarem abastecidas nas regiões de cultivo irrigado e

do bom regime pluviométrico nas regiões de cultivo de sequeiro no plantio, as condições não se mantiveram, com isso, a estimativa de produtividade foi de 1.051 kg/ha, inferior à safra passada em 19,4%, que foi recorde para a cultura.

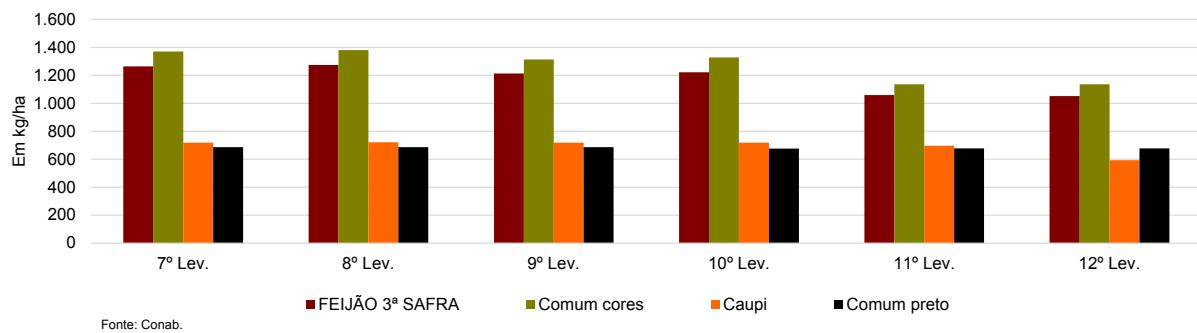
Gráfico 7 – Evolução da produtividade de feijão terceira safra



Fonte: Conab.



Gráfico 8 – Comportamento da produtividade de feijão terceira safra (2017/18)



4.5. MILHO SEGUNDA SAFRA

A redução do pacote tecnológico utilizado nessa safra, uma opção para reduzir os custos da cultura, reduziu o potencial produtivo da cultura. Além disso, apesar do desenvolvimento vegetativo da cultura ter ocorri-

do dentro da normalidade, grande parte da produção foi impactada com a redução das precipitações no final de abril e maio. O resultado foi uma redução da produtividade estimada, chegando a 4.721 kg/ha.

Gráfico 9 – Evolução da produtividade de milho segunda safra

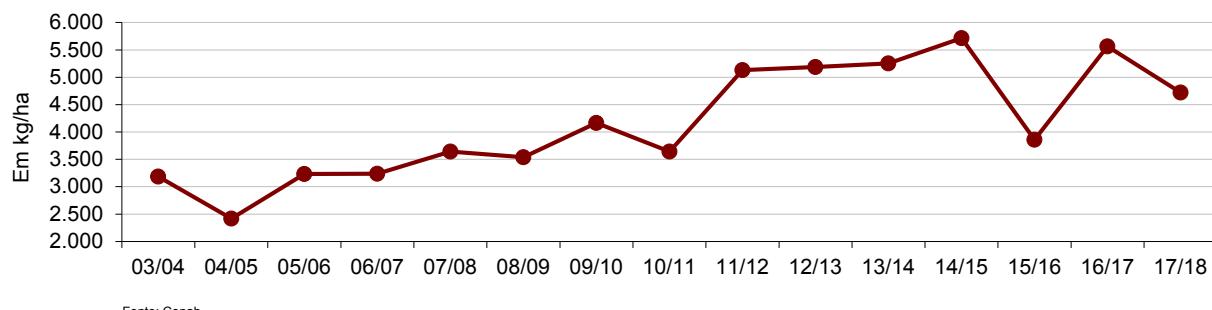
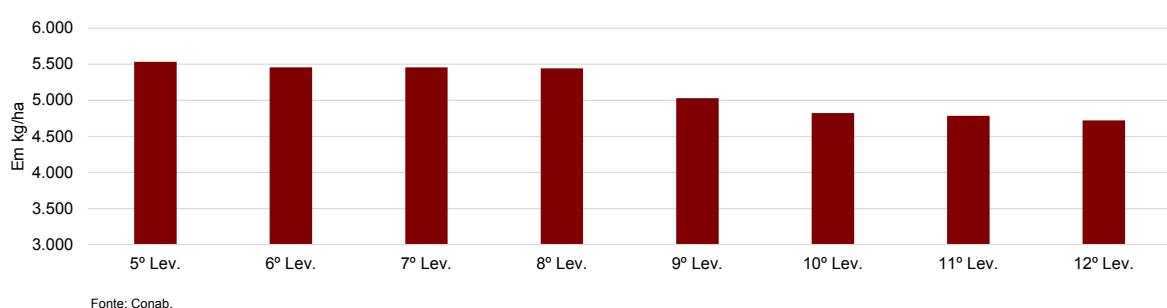


Gráfico 10 – Comportamento da produtividade de milho segunda safra (2017/18)



4.6. SOJA

Com a colheita encerrada nos principais estados produtores, os bons resultados para a cultura levaram a produtividade a atingir 3.394 kg/ha, contabilizando um novo recorde na produtividade média. A produ-

tividade dessa safra é resultado da aplicação de um bom pacote tecnológico, aliado a precipitações e temperaturas favoráveis, apesar de alguns problemas na Região Sul do país.



Gráfico 11 – Evolução da produtividade de soja

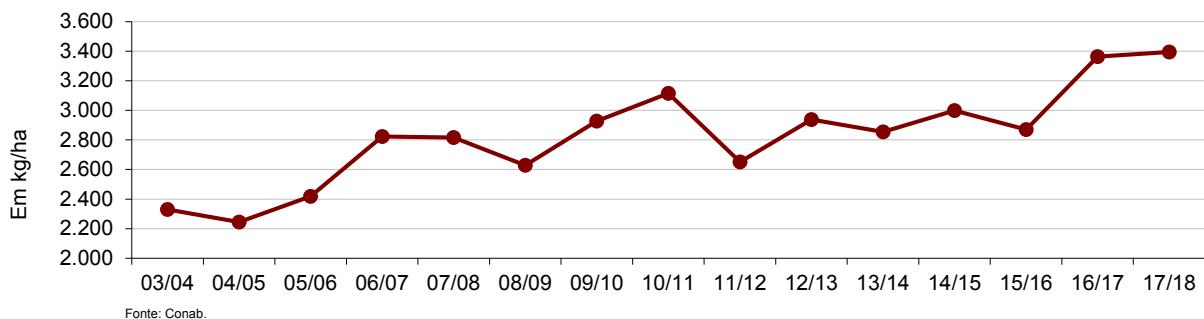
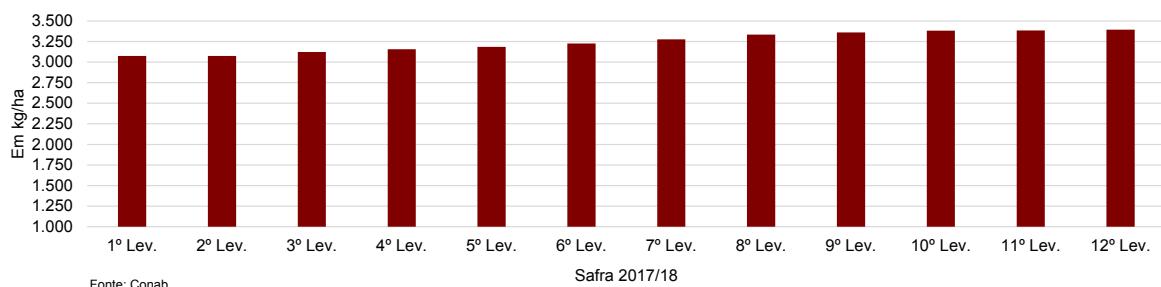


Gráfico 12 – Comportamento da produtividade de soja (2017/18)



4.7. TRIGO

As estimativas baseadas no pacote tecnológico utilizado pelo produtor e nas condições climáticas atuais apontam para uma produtividade superior à safra

passada em 15,5%. O aumento tem relação com as melhores condições climáticas nessa safra em relação ao ano passado.

Gráfico 13 – Evolução da produtividade de trigo

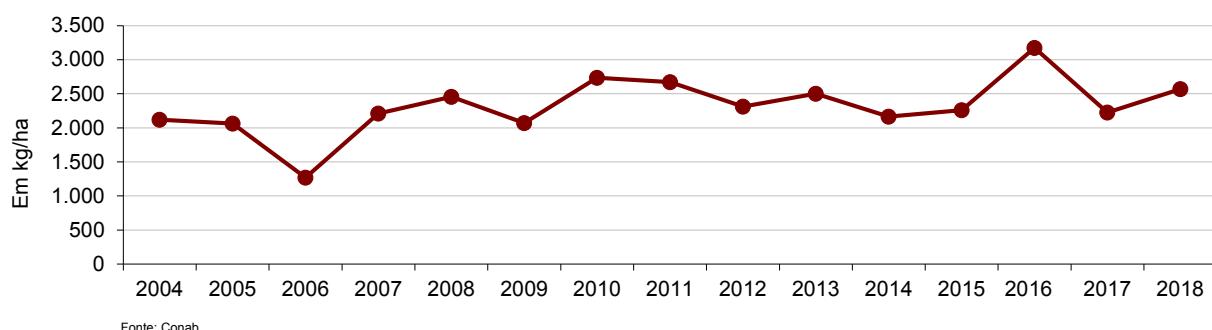


Tabela 1 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual	Absoluta
		ago/2018 (b)	set/2018 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (¹)	2.445	2.523	2.560	4,7	114,8
ALGODÃO EM PLUMA	1.629	1.683	1.708	4,8	78,5
AMENDOIM TOTAL	3.606	3.708	3.694	2,5	88,3
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.709	3.802	3.798	2,4	89,3
AMENDOIM 2ª SAFRA	2.494	1.808	1.541	(38,2)	(953,3)
ARROZ	6.223	6.114	6.119	(1,7)	(104,6)
ARROZ SEQUEIRO	2.347	2.378	2.409	2,7	62,4
ARROZ IRRIGADO	7.619	7.514	7.513	(1,4)	(105,8)
FEIJÃO TOTAL	1.069	999	981	(8,2)	(87,7)
FEIJÃO TOTAL CORES	1.505	1.380	1.379	(8,4)	(126,2)
FEIJÃO TOTAL PRETO	1.568	1.490	1.489	(5,0)	(78,9)
FEIJÃO TOTAL CAUPI	506	558	520	2,8	14,0
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.225	1.215	1.216	(0,7)	(8,4)
CORES	1.779	1.726	1.728	(2,8)	(50,6)
PRETO	1.829	1.655	1.655	(9,5)	(173,9)
CAUPI	416	449	449	7,7	32,1
FEIJÃO 2ª SAFRA	842	827	793	(5,8)	(48,9)
CORES	1.338	1.277	1.268	(5,2)	(69,9)
PRETO	1.338	1.371	1.368	2,2	30,0
CAUPI	516	568	522	1,1	5,4
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.304	1.060	1.051	(19,4)	(252,9)
CORES	1.524	1.136	1.137	(25,4)	(387,3)
PRETO	554	677	677	22,1	122,7
CAUPI	869	697	593	(31,7)	(275,7)
GIRASSOL	1.653	1.578	1.489	(9,9)	(164,3)
MAMONA	470	622	631	34,5	161,9
MILHO TOTAL	5.562	4.939	4.890	(12,1)	(671,4)
MILHO 1ª SAFRA	5.556	5.288	5.276	(5,1)	(280,6)
MILHO 2ª SAFRA	5.564	4.786	4.721	(15,2)	(843,4)
SOJA	3.364	3.385	3.394	0,9	29,4
SORGO	2.967	2.756	2.731	(8,0)	(236,2)
SUBTOTAL	3.976	3.756	3.747	(5,8)	(229,0)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual	Absoluta
		ago/2018 (b)	set/2018 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	1.862,0	2.368	2.528	35,8	666,0
CANOLA	848,0	1.351	1.358	60,1	510,0
CENTEIO	1.722,0	2.083	2.216	28,7	494,0
CEVADA	2.602,0	3.145	3.527	35,5	925,0
TRIGO	2.225,0	2.529	2.569	15,5	344,0
TRITICALE	2.326,0	2.557	2.715	16,7	389,0
SUBTOTAL	2.164	2.513	2.589	19,6	425,0
BRASIL (2)	3.903	3.704	3.698	(5,2)	-204,8

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.





5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO

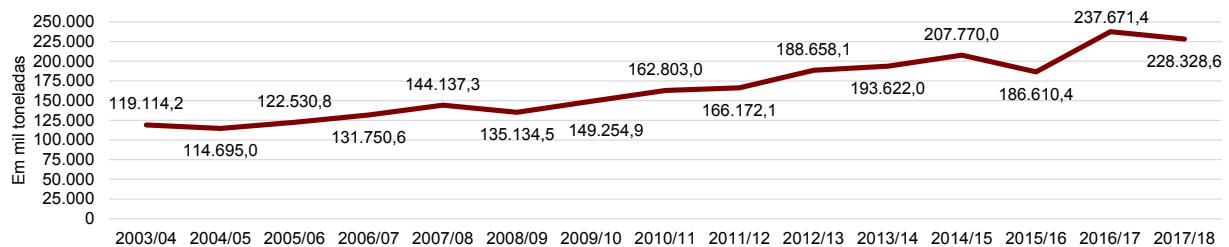
A estimativa de produção, para a safra 2017/18, aparece como a segunda maior da série histórica, alcançando 228,3 milhões de toneladas, inferior em 9,4 milhões de toneladas ao recorde do ano passado.

A soja e o milho, que possuem os maiores volumes de produção, devem atingir 119,2 e 81,3 milhões de toneladas, respectivamente. Do total da produção de milho, 26,8 milhões de toneladas deverão ser colhidas na primeira safra e 54,5 milhões de toneladas na segunda safra.

Para a atual safra, destaca-se também a estimativa de aumento da produção de algodão em pluma, calculada em 2 milhões de toneladas, representando aumento de 31,1% em relação à safra passada e do feijão segunda safra, estimada em 1,21 milhão de toneladas, aumento de 1,2% em relação ao ano passado.

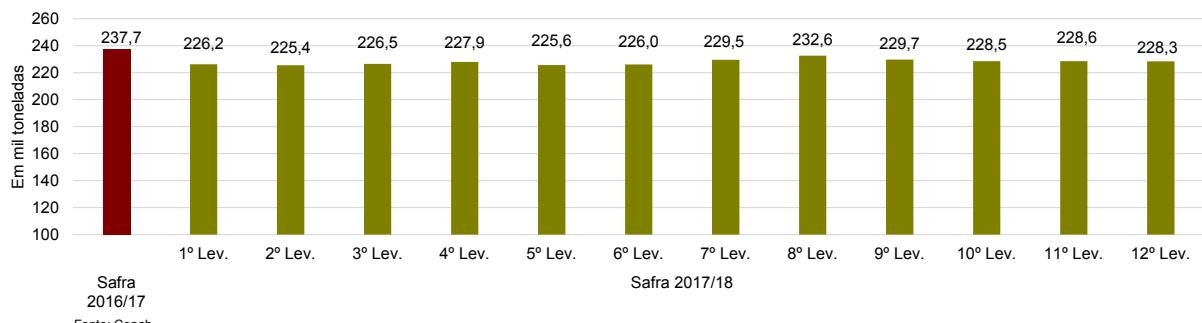
5.1. GRÃOS

Gráfico 1 - Evolução da produção de grãos



Fonte: Conab.

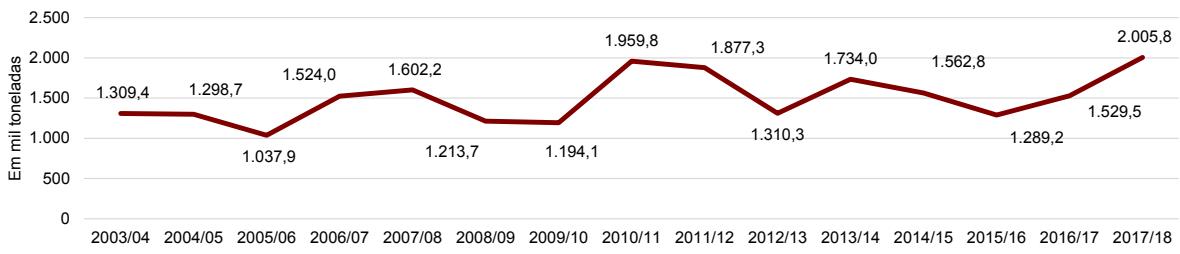
Gráfico 2 - Comportamento da produção de grãos (2017/18)



Fonte: Conab.

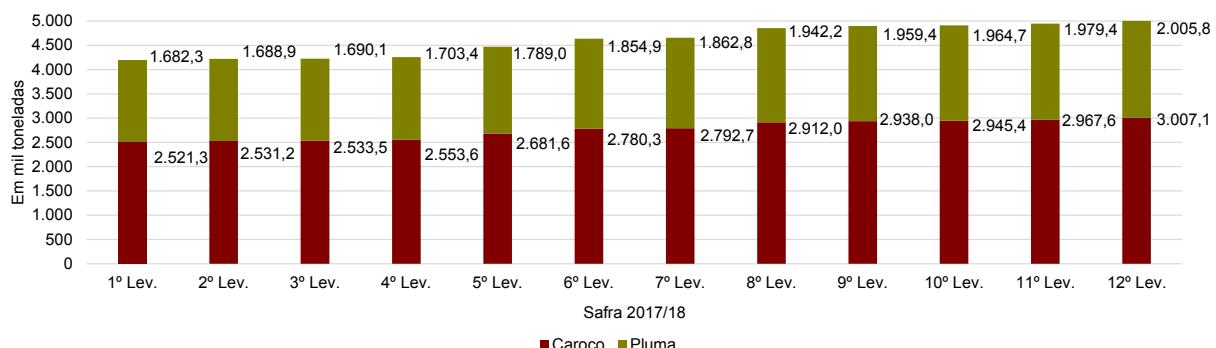
5.2. ALGODÃO

Gráfico 3 - Evolução da produção de algodão



Fonte: Conab.

Gráfico 4 - Comportamento da produção de algodão (2017/18)

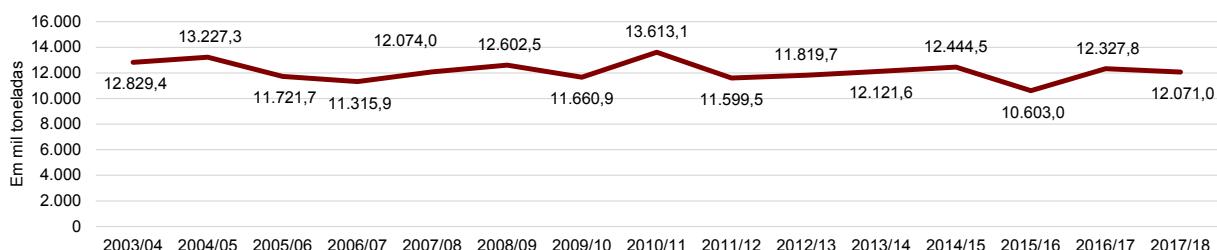


Fonte: Conab.



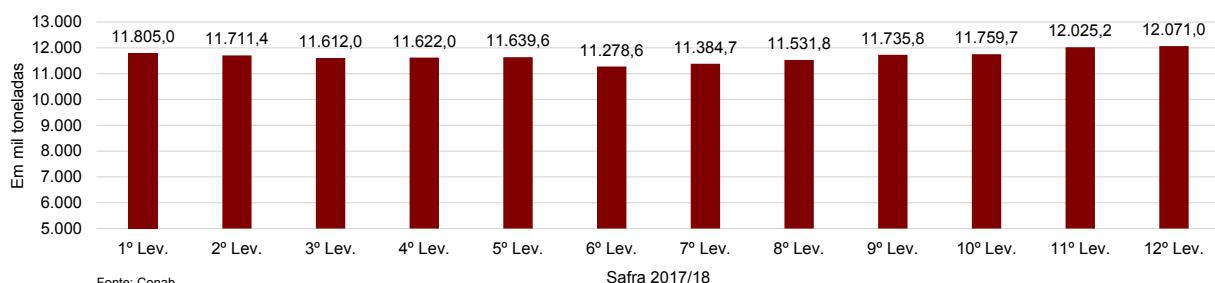
5.3. ARROZ

Gráfico 5 - Evolução da produção de arroz



Fonte: Conab.

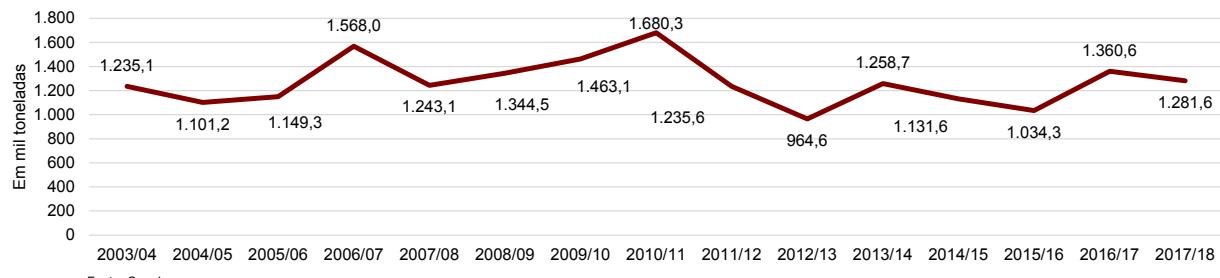
Gráfico 6 - Comportamento da produção de arroz (2017/18)



Fonte: Conab.

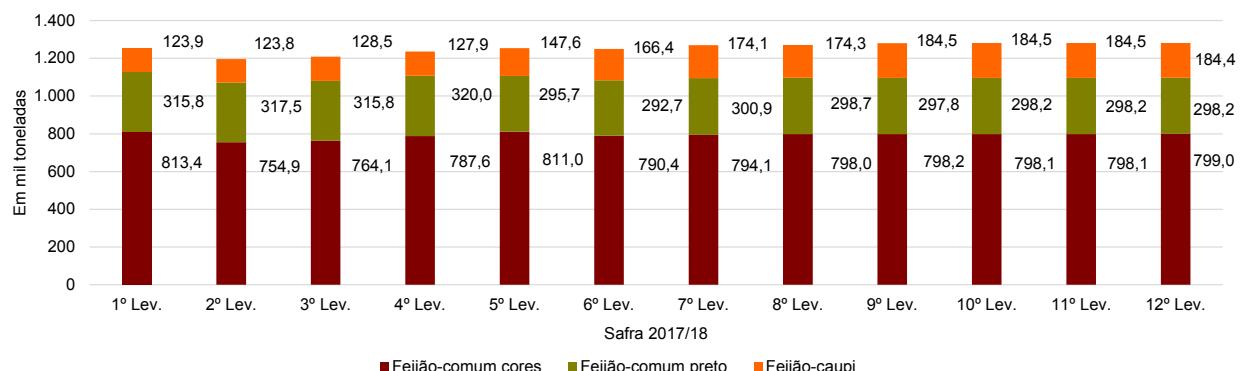
5.4. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Gráfico 7 - Evolução da produção de feijão primeira safra



Fonte: Conab.

Gráfico 8 - Comportamento da produção de feijão primeira safra (2017/18)



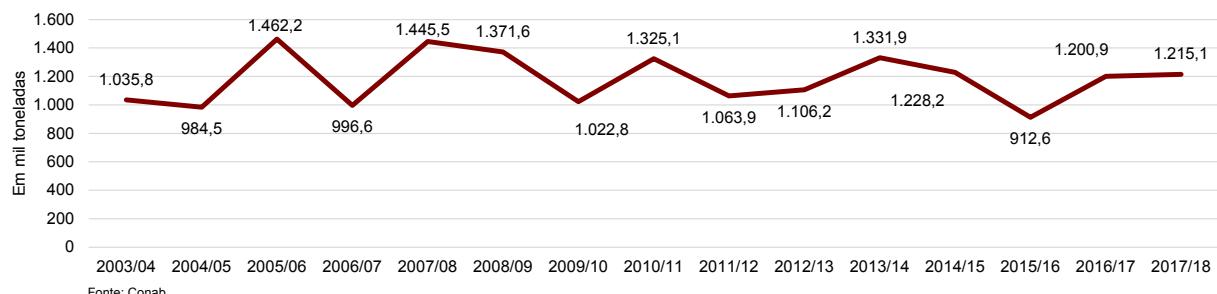
Fonte: Conab.

■ Feijão-comum cores ■ Feijão-comum preto ■ Feijão-caupi



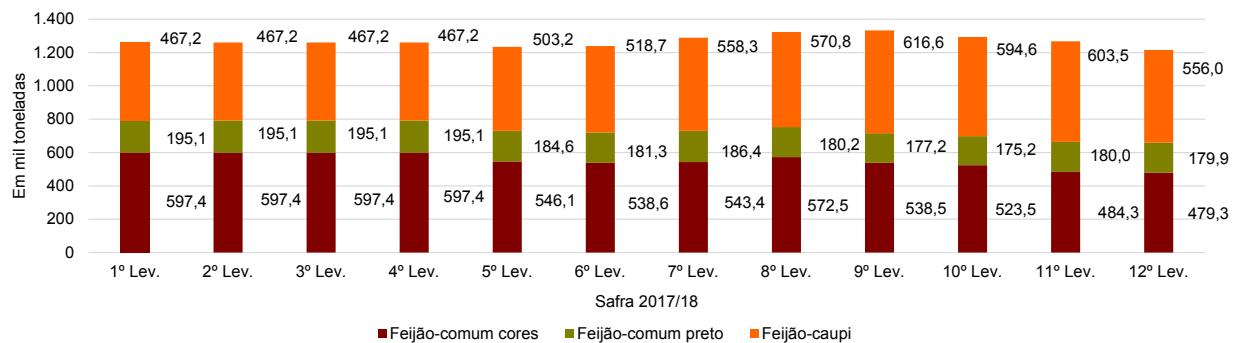
5.5. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Gráfico 9 - Evolução da produção de feijão segunda safra



Fonte: Conab.

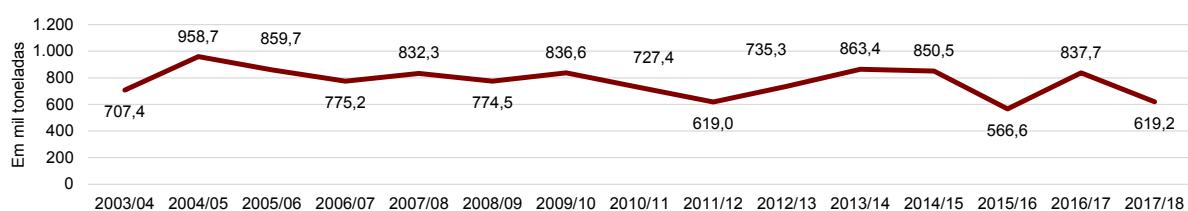
Gráfico 10 - Comportamento da produção de feijão segunda safra (2017/18)



Fonte: Conab.

5.6. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

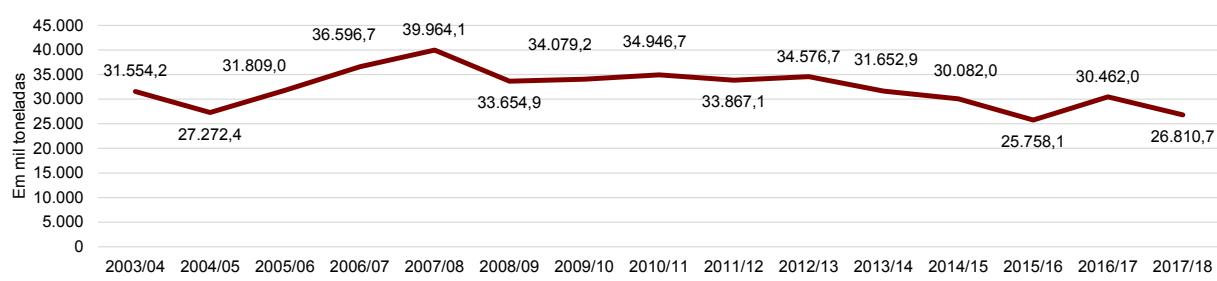
Gráfico 11 - Evolução da produção de feijão terceira safra



Fonte: Conab.

5.7. MILHO

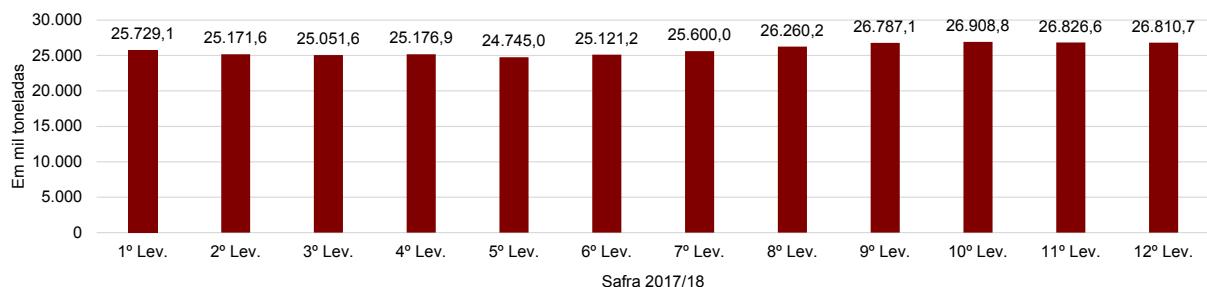
Gráfico 12 - Evolução da produção de milho primeira safra



Fonte: Conab.



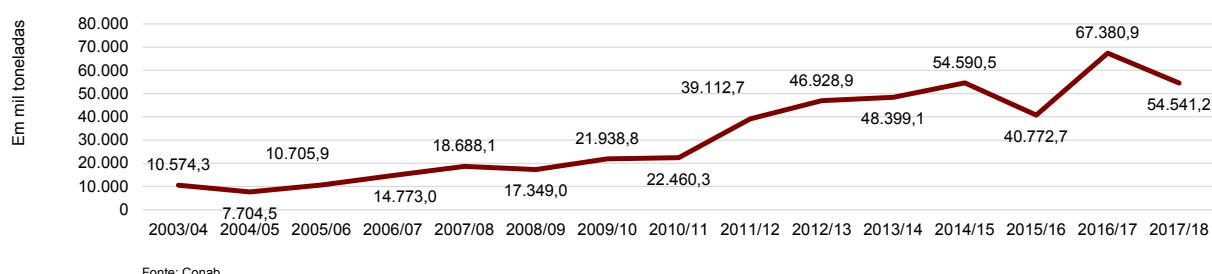
Gráfico 13 - Comportamento da produção de milho primeira safra (2017/18)



Fonte: Conab.

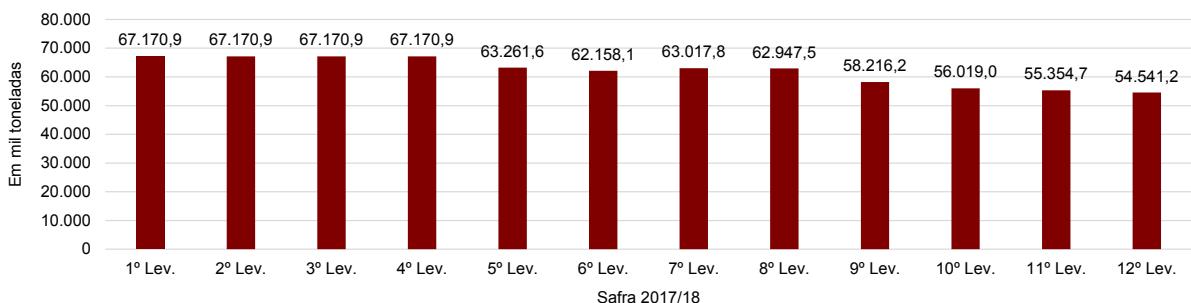
5.8. MILHO SEGUNDA SAFRA

Gráfico 14 - Evolução da produção de milho segunda safra



Fonte: Conab.

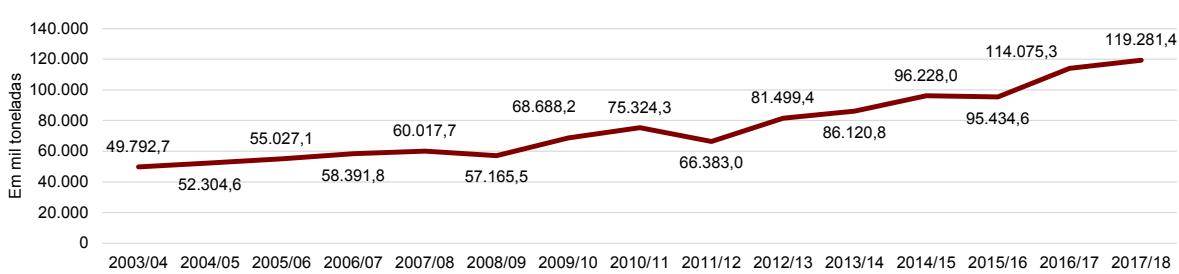
Gráfico 15 - Comportamento da produção de milho segunda safra (2017/18)



Fonte: Conab.

5.9. SOJA

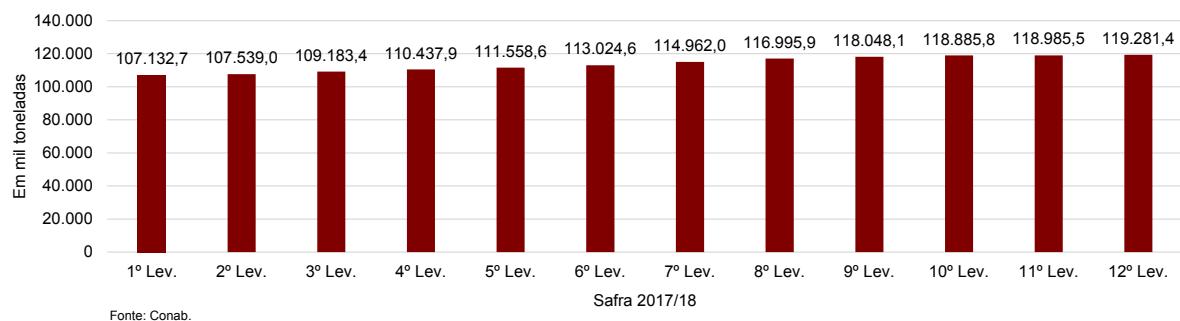
Gráfico 16 - Evolução da produção de soja



Fonte: Conab.



Gráfico 17 - Comportamento da produção de soja (2017/18)



5.10. TRIGO

Gráfico 18 - Evolução da produção de trigo

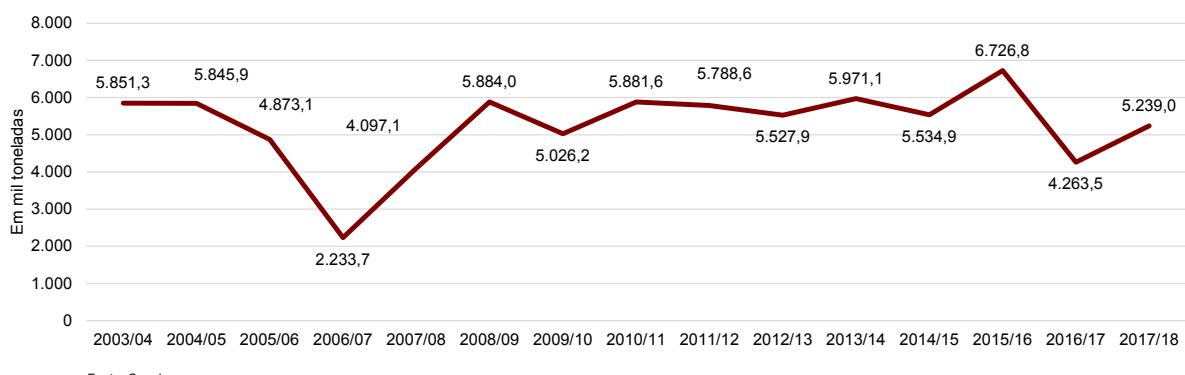


Tabela 1 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual	Absoluta
		ago/2018 (b)	set/2018 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.298,3	2.967,6	3.007,1	30,8	708,8
ALGODÃO - PLUMA	1.529,5	1.979,4	2.005,8	31,1	476,3
AMENDOIM TOTAL	466,2	513,5	511,5	9,7	45,3
AMENDOIM 1ª SAFRA	438,8	501,8	501,7	14,3	62,9
AMENDOIM 2ª SAFRA	27,4	11,7	9,8	(64,2)	(17,6)
ARROZ	12.327,8	12.025,2	12.071,0	(2,1)	(256,8)
ARROZ SEQUEIRO	1.230,7	1.274,3	1.298,5	5,5	67,8
ARROZ IRRIGADO	11.097,1	10.750,9	10.772,5	(2,9)	(324,6)
FEIJÃO TOTAL	3.399,5	3.184,2	3.116,0	(8,3)	(283,5)
FEIJÃO TOTAL CORES	2.178	1.846	1.839	(15,6)	(339,0)
FEIJÃO TOTAL PRETO	508	490	490	(3,5)	(17,9)
FEIJÃO TOTAL CAUPI	713	848	787	10,3	73,6
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.360,6	1.280,9	1.281,6	(5,8)	(79,0)
CORES	850,4	798,1	799,0	(6,0)	(51,4)
PRETO	319,5	298,2	298,2	(6,7)	(21,3)
CAUPI	190,7	184,5	184,4	(3,3)	(6,3)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.200,9	1.267,7	1.215,1	1,2	14,2
CORES	575,8	484,3	479,3	(16,8)	(96,5)
PRETO	180,2	180,0	179,9	(0,2)	(0,3)
CAUPI	445,0	603,5	556,0	24,9	111,0
FEIJÃO 3ª SAFRA	837,7	635,6	619,2	(26,1)	(218,5)
CORES	752,1	563,6	561,0	(25,4)	(191,1)
PRETO	7,9	11,6	11,6	46,8	3,7
CAUPI	77,6	60,3	46,5	(40,1)	(31,1)
GIRASSOL	103,7	150,7	142,2	37,1	38,5
MAMONA	13,1	19,0	20,0	52,7	6,9
MILHO TOTAL	97.842,8	82.181,3	81.356,7	(16,8)	(16.486,1)
MILHO 1ª SAFRA	30.462,0	26.826,6	26.815,6	(12,0)	(3.646,4)
MILHO 2ª SAFRA	67.380,9	55.354,7	54.541,2	(19,1)	(12.839,7)
SOJA	114.075,3	118.985,5	119.281,4	4,6	5.206,1
SORGO	1.864,8	2.098,4	2.135,8	14,5	271,0
SUBTOTAL	232.391,5	222.125,4	221.641,7	(4,6)	(10.749,8)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2017 (a)	2018		Percentual	Absoluta
		ago/2018 (b)	set/2018 (c)	(b/a)	(b-a)
AVEIA	633,8	837,5	949,4	49,8	315,6
CANOLA	40,8	56,2	48,2	18,1	7,4
CENTEIO	6,2	7,5	8,2	32,3	2,0
CEVADA	282,1	345,6	394,6	39,9	112,6
TRIGO	4.263,5	5.143,8	5.239,0	22,9	975,5
TRITICALE	53,5	51,9	52,4	(2,1)	(1,1)
SUBTOTAL	5.279,9	6.442,5	6.691,8	26,7	1.412,0
BRASIL (2)	237.671,4	228.567,9	228.333,5	(3,9)	(9.337,8)

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.

Tabela 2 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	2.934,9	3.012,4	2,6	3.246	3.178	(2,1)	9.527,5	9.572,9	0,5
RR	54,8	67,3	22,8	4.210	3.941	(6,4)	230,7	265,2	15,0
RO	553,0	563,6	1,9	3.371	3.518	4,4	1.864,0	1.982,9	6,4
AC	46,8	44,2	(5,6)	1.976	2.104	6,5	92,5	93,0	0,5
AM	19,2	16,2	(15,6)	2.214	2.173	(1,9)	42,5	35,2	(17,2)
AP	23,5	24,7	5,1	2.498	2.538	1,6	58,7	62,7	6,8
PA	861,5	893,5	3,7	3.129	2.856	(8,7)	2.696,0	2.551,9	(5,3)
TO	1.376,1	1.402,9	1,9	3.301	3.266	(1,1)	4.543,1	4.582,0	0,9
NORDESTE	7.852,4	8.354,6	6,4	2.319	2.527	9,0	18.206,1	21.115,2	16,0
MA	1.565,3	1.818,6	16,2	3.061	3.071	0,3	4.790,7	5.585,6	16,6
PI	1.476,8	1.534,2	3,9	2.469	2.779	12,6	3.645,5	4.263,5	17,0
CE	932,0	946,6	1,6	591	570	(3,6)	550,4	539,4	(2,0)
RN	67,6	88,7	31,2	426	488	14,6	28,8	43,3	50,3
PB	179,5	220,6	22,9	393	614	56,2	70,5	135,4	92,1
PE	344,3	461,8	34,1	329	476	44,8	113,4	220,0	94,0
AL	80,1	67,2	(16,1)	790	1.286	62,7	63,3	86,4	36,5
SE	193,0	173,1	(10,3)	4.468	3.018	(32,4)	862,4	522,5	(39,4)
BA	3.013,8	3.043,8	1,0	2.681	3.193	19,1	8.081,1	9.719,1	20,3
CENTRO-OESTE	24.963,6	25.355,6	1,6	4.144	3.956	(4,5)	103.449,8	100.307,9	(3,0)
MT	15.119,1	15.343,0	1,5	4.100	4.022	(1,9)	61.986,5	61.713,8	(0,4)
MS	4.441,3	4.544,7	2,3	4.229	3.654	(13,6)	18.784,2	16.608,5	(11,6)
GO	5.241,5	5.306,6	1,2	4.173	4.006	(4,0)	21.873,1	21.256,6	(2,8)
DF	161,7	161,3	(0,2)	4.985	4.520	(9,3)	806,0	729,0	(9,6)
SUDESTE	5.486,0	5.562,8	1,4	4.221	4.077	(3,4)	23.157,8	22.677,7	(2,1)
MG	3.372,7	3.347,2	(0,8)	4.175	4.235	1,4	14.080,0	14.174,9	0,7
ES	24,0	28,2	17,5	2.058	1.926	(6,4)	49,4	54,3	9,9
RJ	4,8	2,5	(47,9)	1.938	1.840	(5,1)	9,3	4,6	(50,5)
SP	2.084,5	2.184,9	4,8	4.327	3.865	(10,7)	9.019,1	8.443,9	(6,4)
SUL	19.652,4	19.456,7	(1,0)	4.240	3.837	(9,5)	83.330,2	74.659,8	(10,4)
PR	9.732,7	9.565,3	(1,7)	4.197	3.704	(11,7)	40.851,4	35.429,4	(13,3)
SC	1.312,8	1.273,5	(3,0)	5.303	4.957	(6,5)	6.962,1	6.312,4	(9,3)
RS	8.606,9	8.617,9	0,1	4.127	3.820	(7,4)	35.516,6	32.918,0	(7,3)
NORTE/NORDESTE	10.787,3	11.367,0	5,4	2.571	2.700	5,0	27.733,6	30.688,1	10,7
CENTRO-SUL	50.102,0	50.375,1	0,5	4.190	3.923	(6,4)	209.937,8	197.645,4	(5,9)
BRASIL	60.889,3	61.742,1	1,4	3.903	3.698	(5,2)	237.671,4	228.333,5	(3,9)

Legenda: (*) Produtos selecionados: Caroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cedava, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.



6. CRÉDITO RURAL

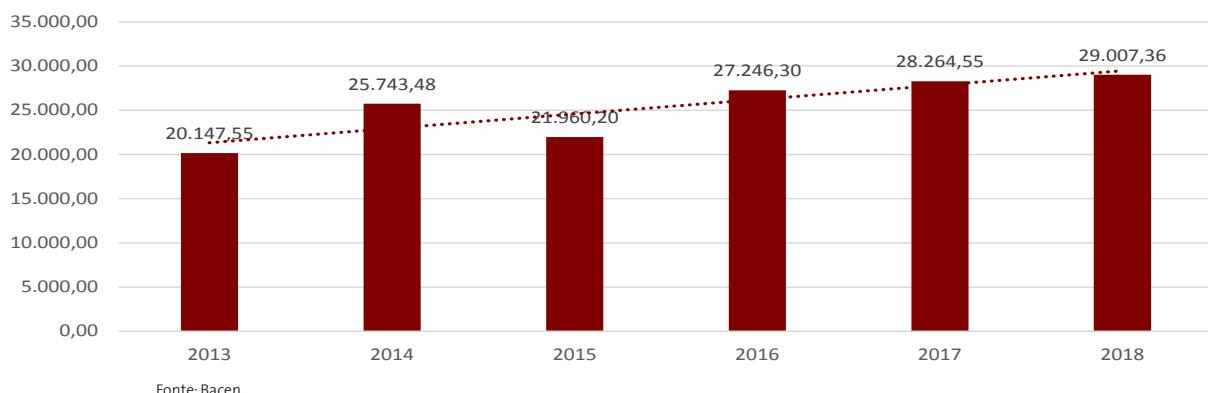
As informações do crédito rural são utilizadas para compreensão e acompanhamento das principais culturas avaliadas pela Companhia. As análises realizadas tomam como base o crédito liberado pelas instituições financeiras oficiais, mas tem-se a consciência que outras fontes de crédito são utilizadas pelos produtores rurais. A análise apresentada terá como foco o valor agregado dos meses de janeiro a julho de 2013 a 2018.

O foco são os dados de custeio que foram obtidos do Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor), do Banco Central do Brasil (Bacen), cujo último acesso foi realizado em 14 de agosto de 2018, para o Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor (Pro-namp), o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e o Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico.

6.1. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES CONSTANTES DO SICOR E DO BACEN

A utilização do crédito de custeio no acumulado janeiro a julho de 2018 apresenta incremento em relação ao mesmo período do ano imediatamente anterior, de 2,63%. No período analisado (2013 a 2018), o montante do crédito de 2018 é superior a todos os anos em análise. Para o Financiamento sem Vínculo a Programa Específico, o volume foi de R\$ 20,4 bilhões, para o Pro-namp, o volume observado foi de R\$ 5,4 bilhões e para o Pronaf, o total de aporte foi cerca de R\$ 3,2 bilhões.

Gráfico 1 – Financiamento total – Janeiro a julho de 2013 a 2018

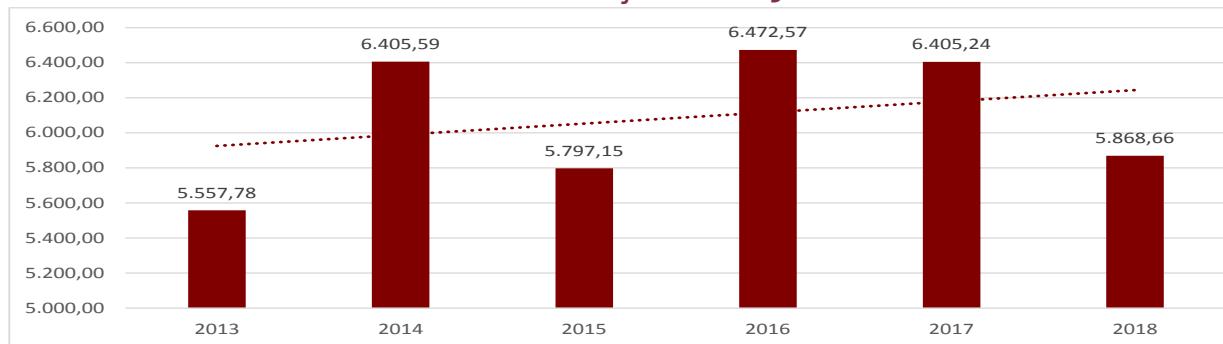


Fonte: Bacen.

Uma outra maneira de visualizar e compreender o aporte do crédito rural, no âmbito do custeio, está no valor observado em cada região geográfica brasileira. Isso posto, o valor aportado para a Região Centro – Oeste entre janeiro e julho de 2018 foi de R\$ 9,8 bilhões, para o Nordeste, observa-se R\$ 2,7 bilhões, para o Norte R\$ 1,1 bilhão, para o Sudeste, o valor foi de R\$ 5,8 bilhões e para a Região Sul tem-se o total apor-

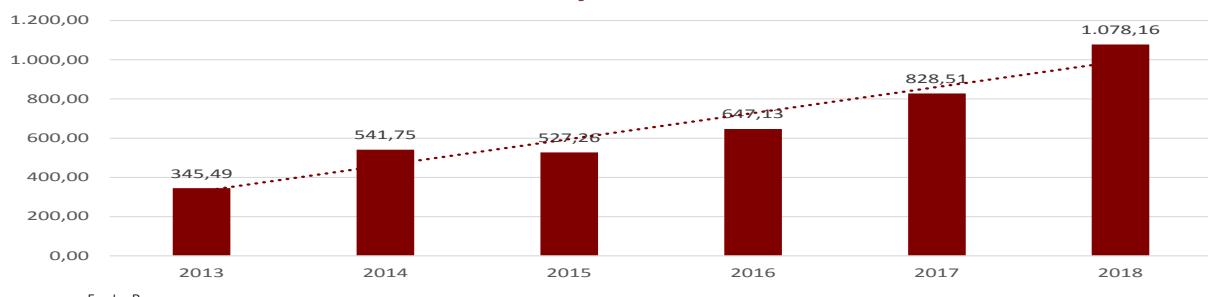
tado de R\$ 9,7 bilhões. Das cinco regiões geográficas brasileiras, apenas a Região Sudeste apresentou decréscimo na comparação percentual, em relação ao ano anterior, com queda de 7,26%. Por outro lado, a região que apresentou maior aumento percentual, em relação ao ano anterior, foi a Região Norte, com 30% de aumento. Os Gráficos 2 e 3 apresentam os valores totais para as regiões de maior queda e maior incremento percentuais, respectivamente.

Gráfico 2 – Sudeste – Valores absolutos - Janeiro a julho de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

Gráfico 3 – Norte – Valores absolutos - Janeiro a julho de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

As análises seguintes serão particularizadas para os produtos: algodão, arroz, feijão, milho e soja, tendo como

fonte as informações do crédito rural obtidas do Sicor/Bacen, nos anos de 2013 a 2018.

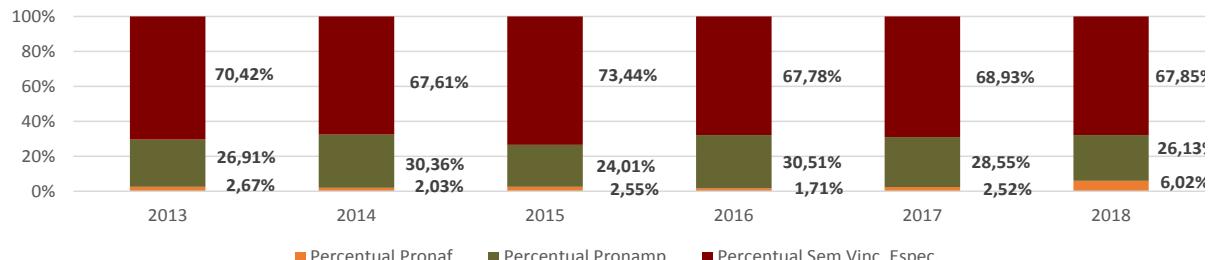


6.2. A CULTURA DO ARROZ

As informações constantes do Gráfico 4 apresentam a baixa utilização de crédito pelo Pronaf e do Pronamp,

quando comparado ao aporte observado sem vínculo à programa específico.

Gráfico 4 – Arroz - Tipo de financiamento – Participação por programa - Janeiro a julho de 2013 a 2018

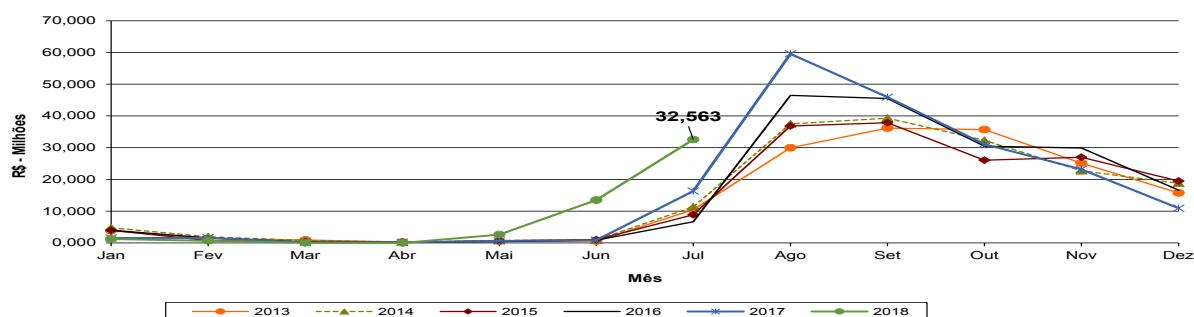


Fonte: Bacen.

É salutar apresentar uma explosão na busca de crédito para o arroz advindos do Pronaf. Entre 2013 e 2017, o valor médio para julho, nessa cultura foi de R\$ 10 milhões. Todavia, para julho de 2018, observa-se o

montante de quase R\$ 33 milhões para o custeio do arroz. Isso posto, o Gráfico 5 apresenta esse forte crescimento mês a mês para os valores aportados via Pronaf, entre 2013 e 2018.

Gráfico 5 – Arroz - Pronaf - Janeiro a julho de 2013 a 2018

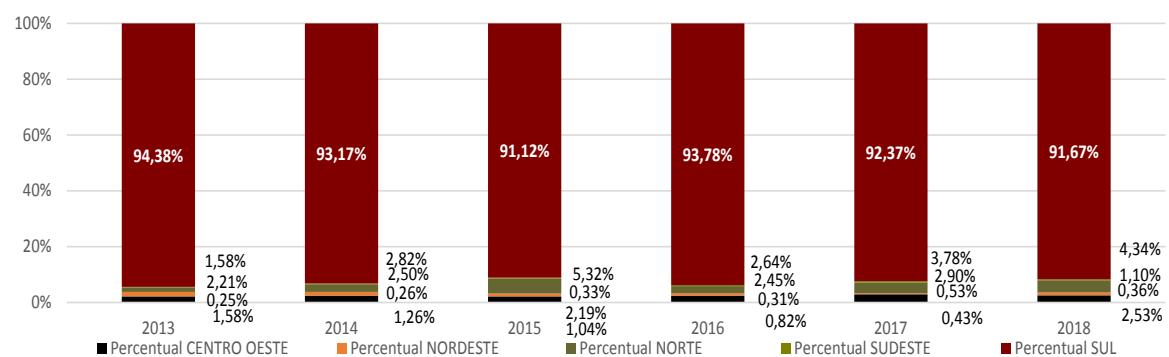


Fonte: Bacen.

Pode-se comentar que a concentração do plantio na Região Sul explica as informações da participação por região (Gráfico 6). É importante destacar a retomada

da utilização do crédito para a Região Nordeste, com crescimento em relação ao período do ano anterior de R\$ 5,6 milhões (R\$ 3,62 milhões em 2017).

Gráfico 6 – Arroz - Participacão por região - Janeiro a julho de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

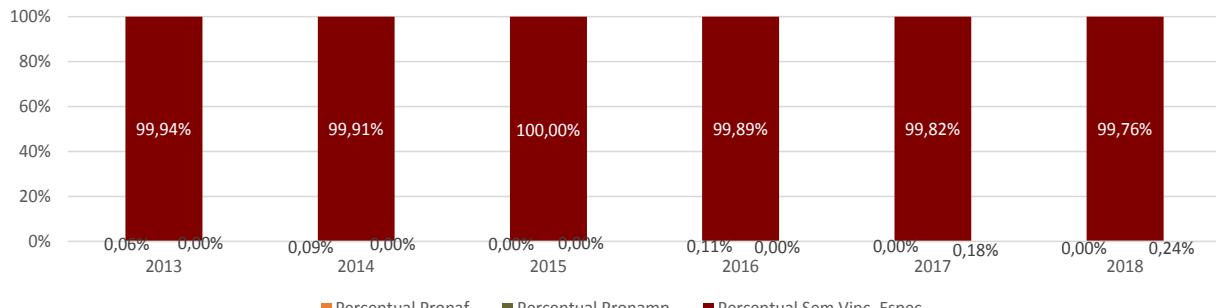


6.3. A CULTURA DO ALGODÃO

O plantio do algodão exige alta tecnologia, o que explica a concentração do Financiamento Sem Vínculo

a Progama Específico (Gráfico 7). Para o acumulado entre janeiro e julho de 2018, observa-se retração na obtenção de crédito para custeio do algodão (-34,16%).

Gráfico 7 - Participação por programa - Janeiro a julho de 2013 a 2018

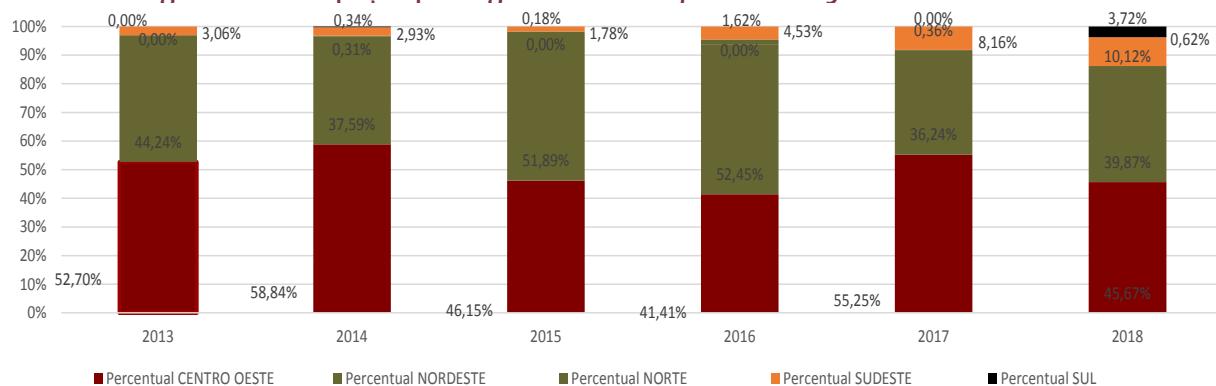


Fonte: Bacen.

As Regiões Centro-Oeste e Nordeste compreendem as Unidades da Federação com maior produção de algodão, o que explica as informações do Gráfico 8. É possível visualizar a menor participação da Região Cen-

tro-Oeste em relação ao total nacional buscado para o custeio do algodão. Diferentemente, a Região Nordeste apresenta retomada na participação do total nacional aportado, quando comparamos 2018 e 2017.

Gráfico 8 – Algodão –Participação por região - Janeiro a julho de 2013 a 2018

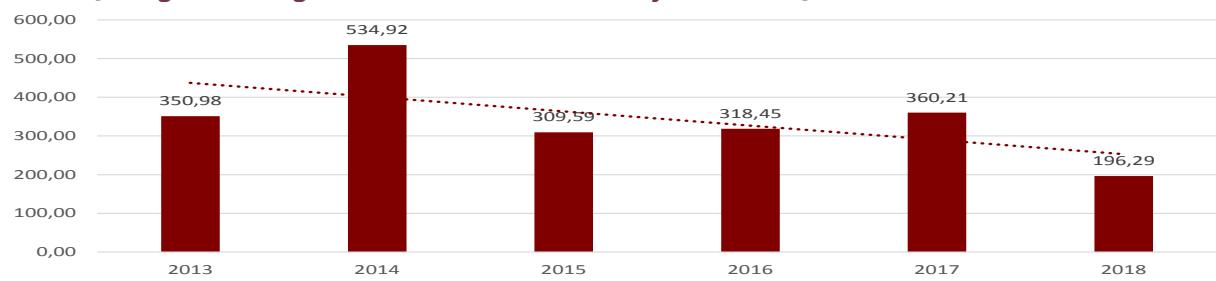


Fonte: Bacen.

Por outro lado, quando utilizamos o escopo de aporte em cada região, em separado, observa-se diminuição no volume aportado, tanto para a Região Centro-Oeste como para a Região Nordeste. O decréscimo para

o Centro-Oeste é de 45,51% e para a Região Nordeste é de 27,47%. Os Gráficos 9 e 10 apresentam os totais aportados para cada região em específico, respectivamente.

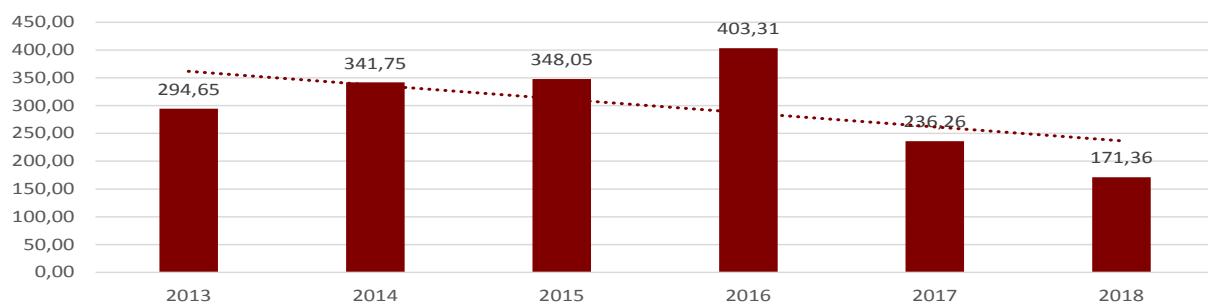
Gráfico 9 - Algodão – Região Centro-Oeste - Janeiro a julho de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.



Gráfico 10 - Algodão – Região Nordeste - Janeiro a julho de 2013 a 2018



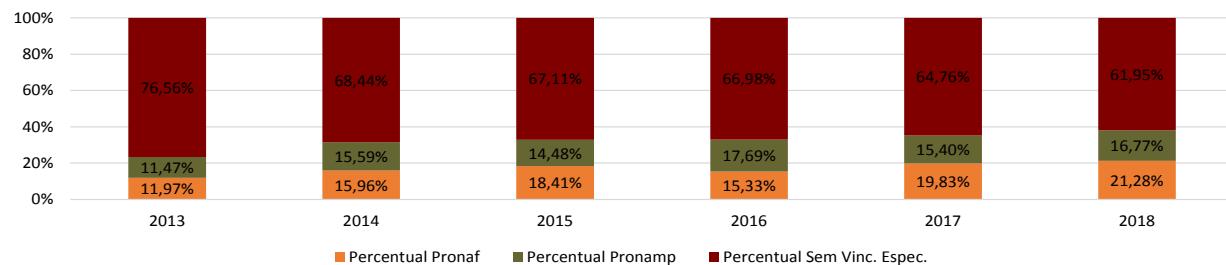
Fonte: Bacen.

6.4. A CULTURA DO FEIJÃO

Para a cultura do feijão, observam-se os seguintes valores para o aporte, em cada tipo de programa: para o aporte Sem Vínculo a Programa Específico o valor foi de R\$ 167 milhões, para o Pronamp o valor encontrado

foi de R\$ 45 milhões, por fim, para o Pronaf, o montante foi de R\$ 57 milhões. Esses valores correspondem, respectivamente, quando comparados ao mesmo período de 2017 às seguintes variações percentuais: -19,93%; -8,85% e -10,19%.

Gráfico 11 - Feijão – Participação de programa - Janeiro a julho de 2013 a 2018

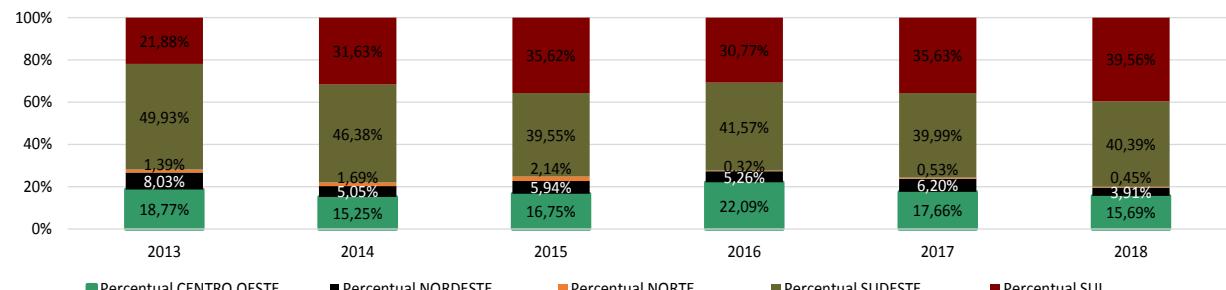


Fonte: Bacen.

Para a região Sul, o valor do aporte foi de R\$ 106,7 milhões em 2018, esse valor corresponde a um decréscimo do valor buscado, na mesma região, para o ano de

2017 (R\$ 114,96 milhões). As maiores regiões produtoras são as Regiões Sul, Sudeste e o Centro-Oeste, isso posto, as informações constantes do Gráfico 12 são compatíveis com as principais regiões produtoras.

Gráfico 12 – Feijão - Participação por região - Janeiro a julho de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

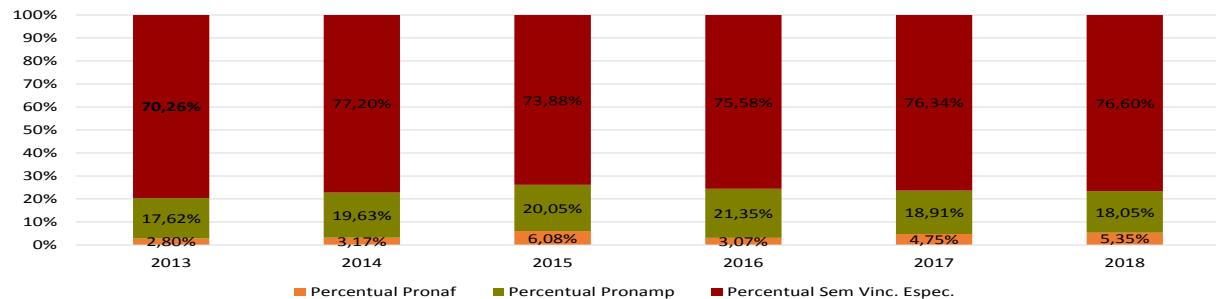


6.5. A CULTURA DO MILHO

No acumulado, entre janeiro e julho de 2018, o total nacional aportado para a cultura de milho foi de R\$ 3,4 bilhões, esse valor é cerca de 3% superior ao observa-

do no mesmo período de 2017. Todavia, a distribuição da participação de cada um dos programas de custeio federal se manteve estável no período em análise.

Gráfico 13 – Milho - Participação de programa - Janeiro a julho de 2013 a 2018

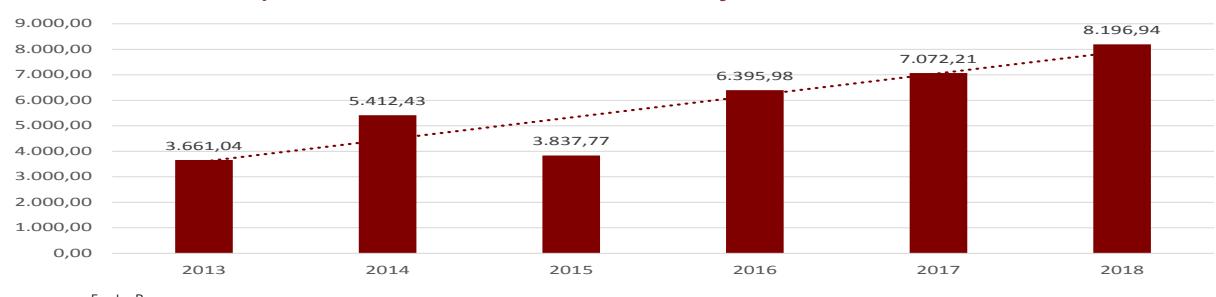


Fonte: Bacen.

Dado o incremento no valor total para o país no parágrafo anterior, ressalta-se a diminuição relativa no aporte nas Regiões Centro-Oeste, Norte e Sudeste. Observa-se um decréscimo médio de 10% entre

as regiões com diminuição do aporte. A maior região produtora de milho é a Região Centro-Oeste, para essa, a diminuição no valor aportado foi de R\$ 146 milhões (-14,09%).

Gráfico 14 – Milho – Aporte total – Centro-Oeste - Janeiro a julho de 2013 a 2018

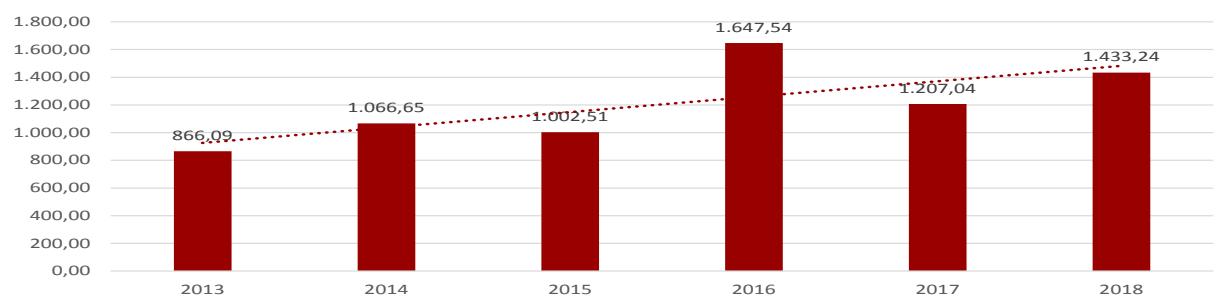


Fonte: Bacen.

Entre as regiões que apresentaram aumento percentual, em relação ao ano imediatamente anterior, aquela que apresentou maior magnitude foi a Região

Nordeste. Isso posto, o aumento percentual no aporte para a região foi de 24,4% quando comparado o total aportado na região entre janeiro e julho de 2017 e janeiro e julho de 2018.

Gráfico 15 – Milho – Aporte total – Nordeste - Janeiro a julho de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

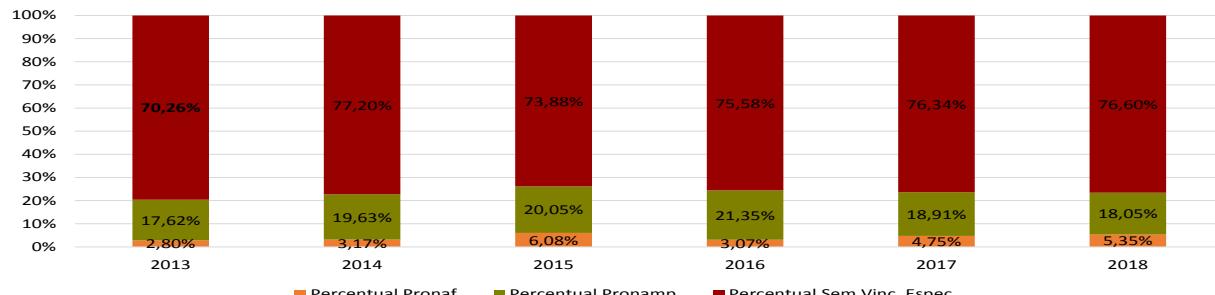


6.6. A CULTURA DA SOJA

O valor aportado, entre janeiro e julho de 2018, foi de R\$ 16,58 bilhões. A distribuição das participações de

cada programa de crédito manteve a tendência de aumento para o aporte Sem Vínculo a Programa Específico (Gráfico 16).

Gráfico 16 – Soja - Participação de programa - Janeiro a julho de 2013 a 2018

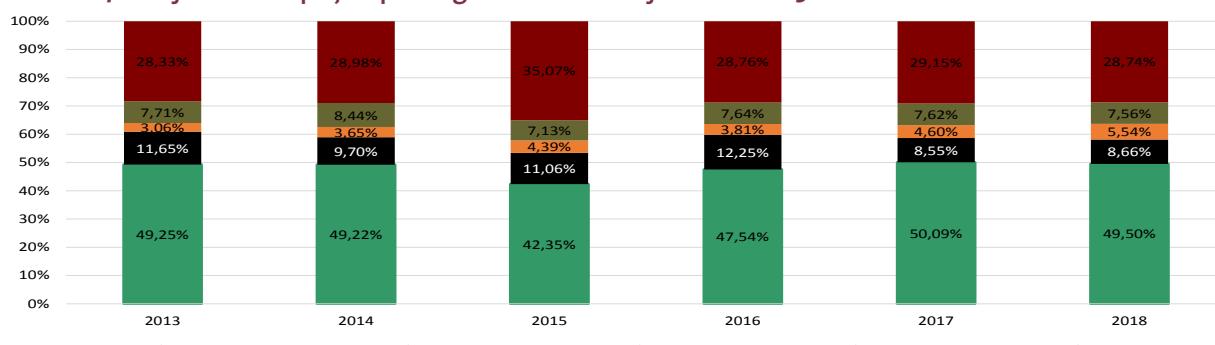


Fonte: Bacen.

É salutar informar a tendência presente em todos os anos disponíveis para a análise, um comportamento

de forte aporte de crédito para a soja, no âmbito do Pronaf, em julho (Gráfico 17).

Gráfico 17 – Soja – Participação por região – Janeiro a julho de 2013 a 2018

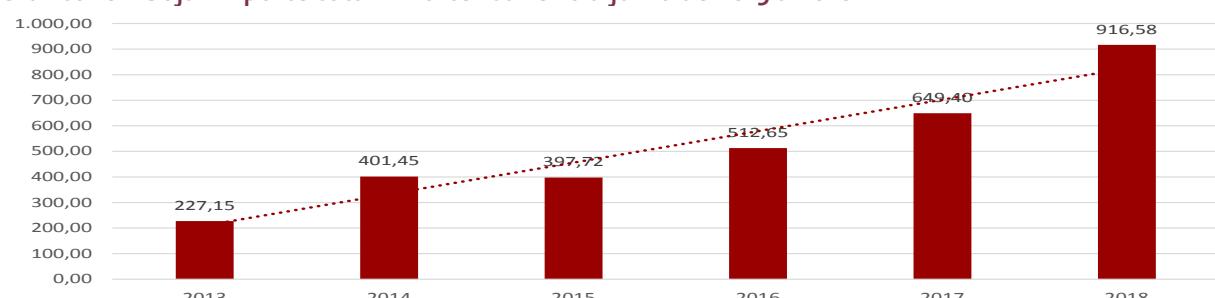


Fonte: Bacen.

No escopo das regiões brasileiras, observa-se a manutenção da Região Centro-Oeste como maior detentora do crédito disponibilizado para o cultivo da oleagino-

sa. A região supracitada corresponde a maior parcela do valor total disponibilizado, quando comparadas as regiões brasileiras.

Gráfico 18 – Soja – Aporte total – Norte - Janeiro a julho de 2013 a 2018



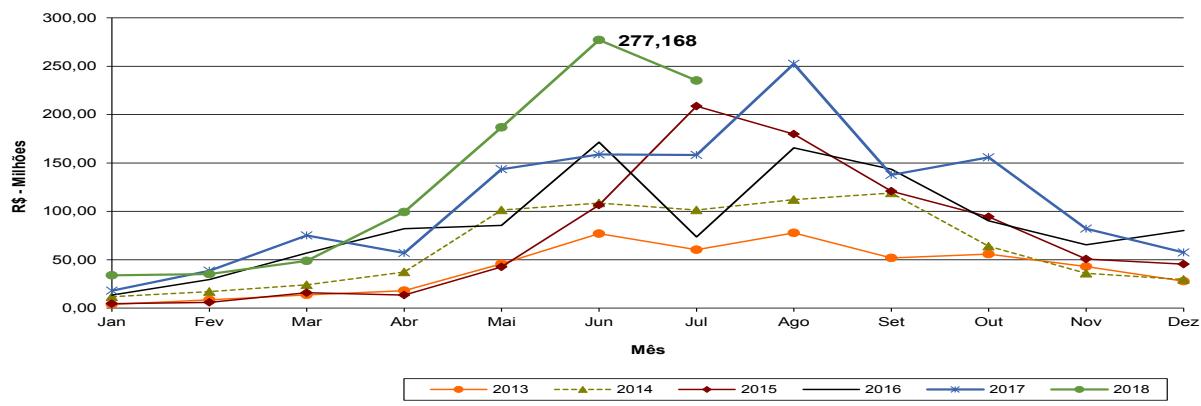
Fonte: Bacen.



O ainda no contexto regional, o fenômeno merecedor de atenção é a constante tendência de aumento do valor aportado para a Região Norte. Essa região apresenta um crescimento de 41,14% quando comparado o valor agregado aportado entre janeiro e julho de

2018 e janeiro e julho de 2017. Esse comportamento pode relevar fortes indícios de expansão na fronteira agrícola da soja na região abrangendo uma correlação positiva entre desenvolvimento de infraestrutura/logística e a produção de grãos.

Gráfico 19 – Soja – Norte – Mês a mês - Janeiro a julho de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.





7. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO¹-INMET

7.1. ANÁLISE CLIMÁTICA EM JUNHO DE 2018

A disponibilidade hídrica, do ponto de vista da climatologia, foi favorável à agricultura na safra de verão 2017/18, com maior frequência e volume de chuvas em relação à safra anterior na maioria das regiões produtoras. Parte dessa regularidade se deveu à ação sincronizada do fenômeno La Niña e do dipolo do Atlântico Tropical em sua fase negativa, que têm como efeito uma maior frequência de chuvas nas Regiões Norte e Nordeste, incluindo o Matopiba. Por outro lado, para a Região Sul, o mesmo fenômeno La Niña tem por efeito uma tendência de diminuição das chuvas durante o verão e o outono.

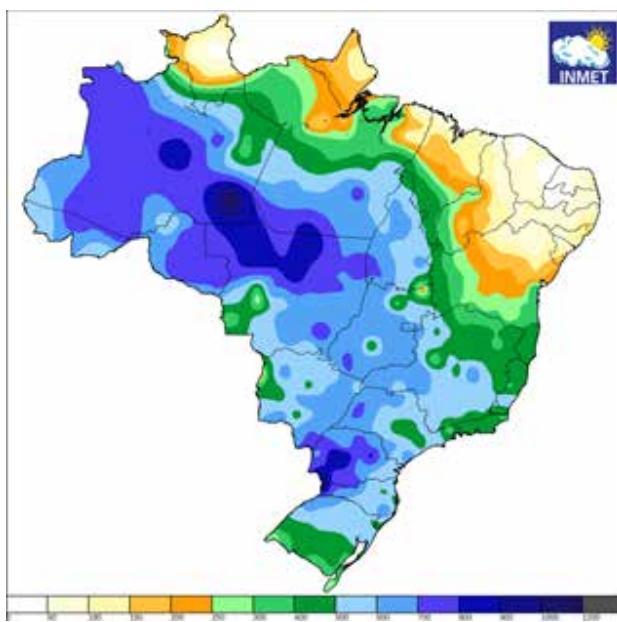
Segundo revelam os mapas de precipitação acumulada, durante o período outubro-novembro-dezembro/2017, as precipitações estiveram dentro da faixa normal do período nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, com volumes totais variando entre 400 e 700 mm (Figura 1), porém, com alguns pontos no norte do Mato Grosso com volumes acima dos 800 mm. No trimestre janeiro-fevereiro-março de 2018, os volumes foram ainda maiores, ficando na faixa entre 500 e 900 mm (Figura 2). Em Rio Verde, sul de Goiás, por exemplo, a regularidade das chuvas foi suficiente para a manutenção da umidade no solo em praticamente todo o ciclo da soja plantada em

¹ Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista do Inmet-Brasília.

meados de outubro, considerando uma capacidade média de armazenamento de 40 mm, conforme gráfico gerado na plataforma Sisdagro no portal do Inmet (Gráfico 1). Além de ter mantido a umidade no solo nessas regiões, contribuindo com a safra das culturas de sequeiro, as chuvas também foram importantes para o fim do racionamento de água que restringia o uso dos recursos hídricos nas áreas urbanas e rurais do Distrito Federal, o que comprometia sensivelmente a produção das culturas irrigadas.

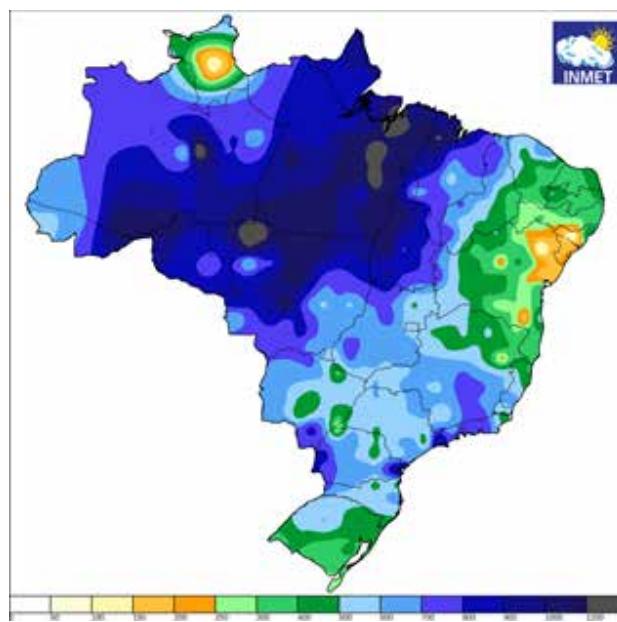
Na região agrícola do Matopiba, mesmo com o atraso em outubro, as chuvas nos meses subsequentes contribuíram, de forma geral, positivamente com o bom andamento das culturas da primeira safra. Os volumes ficaram próximos à média na maior parte das localidades dessa região, com destaque para o Tocantins, onde os totais pluviométricos, entre 700 e 900 mm (Figura 2), ficaram acima da média do trimestre janeiro-fevereiro-março/2018, como em Araguaína, norte do estado, com cerca de 900 mm acumulados nos três meses.

Figura 1 - Acumulado da precipitação pluviométrica no trimestre out-nov-dez/2017 no Brasil



Fonte: Inmet.

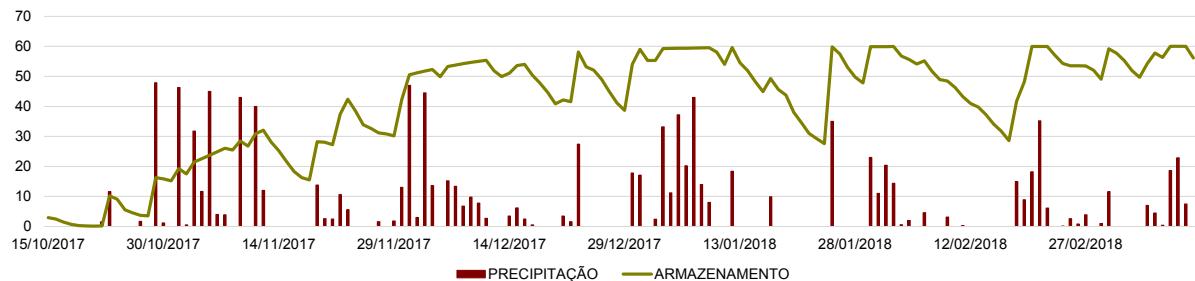
Figura 2 - Acumulado da precipitação pluviométrica no trimestre jan-fev-mar/2018 no Brasil



Fonte: Inmet.



Gráfico 1 - Precipitação diária e armazenamento no solo para a localidade de Rio Verde-GO, de 15/10/2017 a 15/03/2018



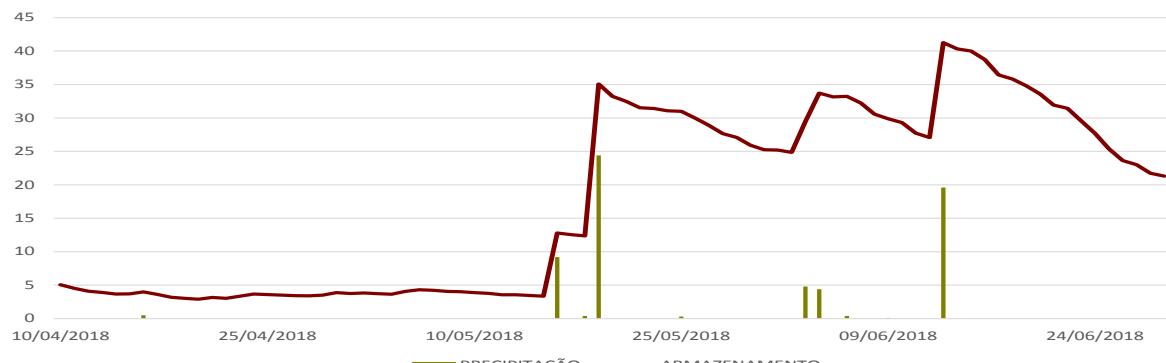
Fonte: Sisdagro, Inmet.

Com o início do processo de debilidade do La Niña e o resfriamento gradativo do Oceano Atlântico próximo à costa leste da Região Nordeste, a partir de maio, as chuvas ficaram mais irregulares em grande parte dessa região, resultando em restrição hídrica nas mesorregiões Agreste Pernambucano e Nordeste Baiano nos meses de maio, junho e julho, durante as fases de germinação, desenvolvimento e floração do milho segunda safra. A estação meteorológica do Inmet em Cipó, Bahia, registrou chuvas bem abaixo da média de abril até julho.

Na Região Sul, o cultivo de grãos da primeira safra, com plantio em outubro ou novembro, teve seu ciclo

sob condições pluviométricas favoráveis na maior parte do tempo, com pouca ou nenhuma restrição hídrica no solo. Porém, durante o cultivo do milho segunda safra, houve restrição hídrica durante as fases de desenvolvimento e floração, como consequência da baixa pluviosidade em abril, maio e junho no Estado do Paraná. A falta de chuvas no norte do Paraná também afetou a cultura do trigo em suas fases iniciais devido à falta de reposição hídrica do solo através das chuvas, como se observa no gráfico de precipitação e armazenamento de água no solo na localidade de Londrina, considerando uma capacidade média de armazenamento na ordem de 42 mm (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Precipitação diária e armazenamento no solo para a localidade de Londrina-PR de 10/04/2018 a 28/08/2018



Fonte: Sisdagro, Inmet.

7.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

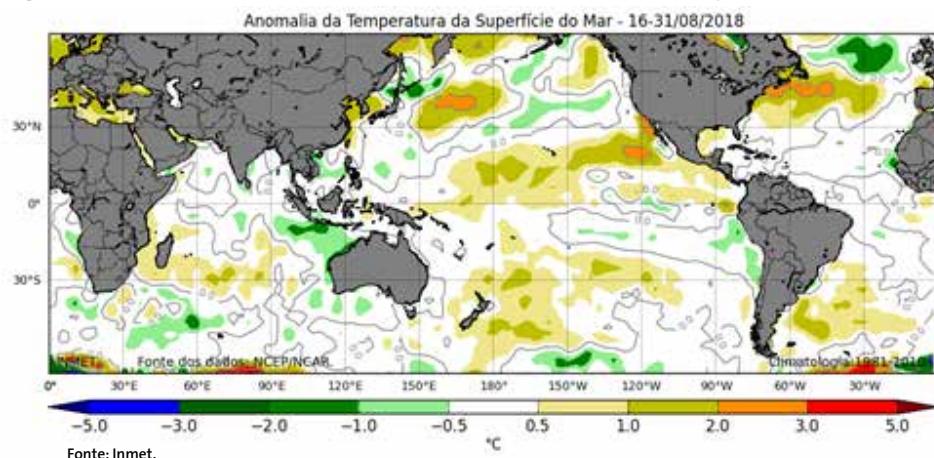
O mapa de anomalias da temperatura na superfície do mar (TSM) da segunda metade de agosto (Figura 3) mostra que a área com anomalias negativas no Pacífico Equatorial continua diminuindo sua extensão e sendo gradativamente substituída por anomalias positivas, porém, ainda mantendo uma condição de neutralidade. Essa condição também é percebida no gráfico diário de índice de El Niño/La Niña até o dia 4

de setembro (Gráfico 3). Observa-se que nesse período, o Pacífico Equatorial na área 3.4 (entre 170°W-120°W) manteve-se com um padrão médio dentro da faixa de neutralidade, porém, com desvios positivos nos últimos meses.

A faixa de neutralidade está em entre -0,5°C e +0,5°C de desvio de TSM nas áreas de El Niño.



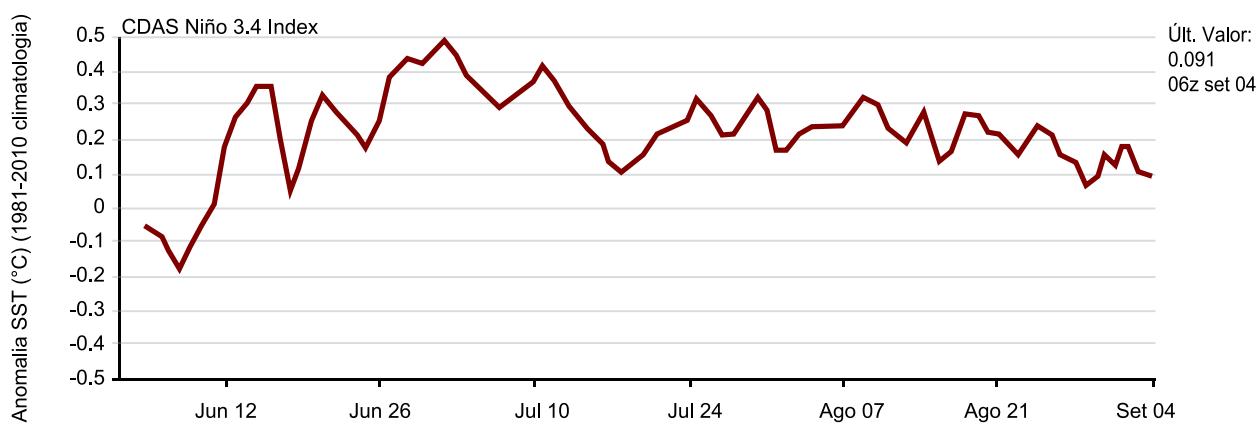
Figura 3 - Mapa de anomalias da TSM no período 1º a 15 de junho de 2018



No sudoeste do Atlântico Sul, entre o litoral norte da Argentina e o Rio Grande do Sul, as anomalias positivas da TSM permaneceram na segunda metade do mês (Figura 3), porém, com baixa intensidade. As anomalias positivas nessa área do Atlântico são favoráveis ao aumento da precipitação no Rio Grande do Sul em virtude de um fluxo potencialmente maior de umidade do oceano em direção ao continente.

No Atlântico tropical, próximo à costa leste do Nordeste, as anomalias da TSM estiveram um pouco abaixo da média, na segunda metade do agosto (Figura 3), o que potencialmente pode diminuir o fluxo de umidade do oceano em direção ao continente, contribuindo com a redução da precipitação no leste do Nordeste.

Gráfico 3 - Monitoramento do índice diário de El Niño/La Niña 3.4

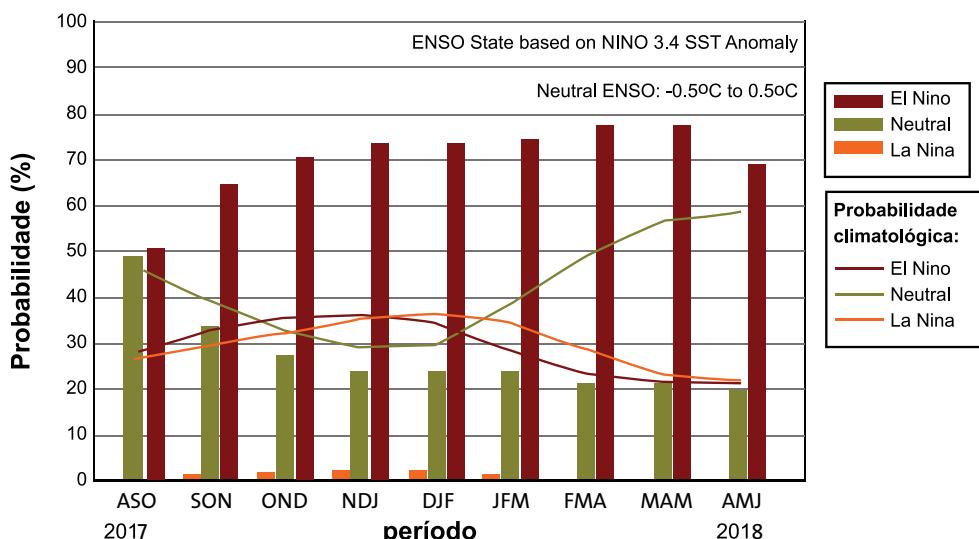


A média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña do IRI (Research Institute for Climate and Society) apresenta uma alta probabilidade de continuidade da fase neutra e com gradativa substituição por uma fase positiva (Gráfico 2). Com base nas saídas dos mo-

delos e nas condições térmicas observadas no Oceano Pacífico, a alta probabilidade de formação de um novo episódio de El Niño em meados do segundo semestre de 2018 está mantida.



Gráfico 4 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño ou La Niña



Fonte: IRI- <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current/>

7.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO SETEMBRO-OUTUBRO-NOVEMBRO/2018

O modelo de previsão climática do Inmet indica para a Região Sul maior probabilidade de que as chuvas fiquem dentro da faixa normal ou abaixo na maioria das localidades (Figura 3). Em setembro, com a incursão de sistemas frontais causando instabilidade na atmosfera, o volume total de precipitação deve ficar próximo à média na maioria das localidades dos três estados da região.

Nesse trimestre, as Regiões Centro-Oeste e Sudeste estão na fase de transição entre os períodos climáticos seco e chuvoso, quando há maior incerteza nos modelos. De modo geral, a tendência é de chuvas dentro da faixa normal ou abaixo no período. Volumes mais significativos podem ocorrer em Mato Grosso do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e extremo sul de Minas Gerais no mês de setembro.

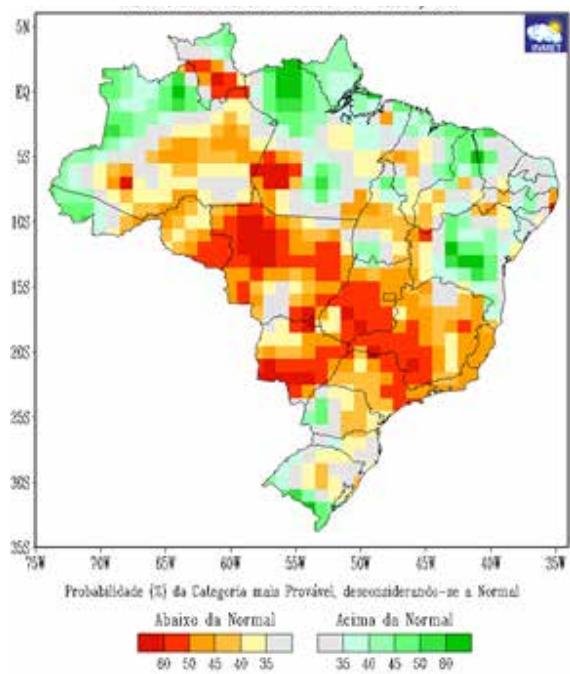
Na Região do Matopiba, o prognóstico climático indica maior probabilidade de chuvas dentro ou abaixo da faixa normal do trimestre na maior parte da região. Contudo, do mesmo modo que no Centro-Oeste, o trimestre no Matopiba é caracterizado por ser tipicamente menos chuvoso e a previsão apenas reforça a condição de baixa precipitação.

Na faixa leste do Nordeste, entre o norte da Bahia e a Paraíba, a probabilidade maior é de que os volumes acumulados fiquem dentro da faixa normal ou abaixo em praticamente toda a região, segundo o modelo estatístico do Inmet (Figura 3).

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do sítio do Inmet (www.inmet.gov.br).



Figura 4 - Previsão probabilística de precipitação do modelo estatístico do INMET para Setembro-Outubro-Novembro/2018



Fonte: Inmet.





8. MONITORAMENTO AGROCLIMÁTICO

8.1. REGIÃO NORTE

8.1.1. AMAZONAS

As chuvas ocorreram dentro da normalidade.

O monitoramento hidrológico das diversas calhas dos rios indica condições distintas. Destacam-se: as cotas altas e o início do processo regular de vazante na bacia do Rio Negro; o início de vazante nas Bacias do rio Solimões, Madeira e Amazonas, permanecendo dentro da normalidade e o nível baixo, estabilizado, da Bacia do Purus.

8.1.2. ACRE

A condição climática na safra 2017/18 foi favorável ao desenvolvimento das culturas de grãos no Acre. As chuvas foram bem distribuídas, tanto na primeira quanto na segunda safra. Apesar da falta de precipitações em julho, registrou-se a ocorrência atípica em agosto com volume considerável.

8.1.3. PARÁ

Observa-se maior intensidade de chuvas no nordeste paraense e redução nas demais regiões.

8.1.4. RONDÔNIA

O clima durante a safra 2017/18 foi considerado melhor nesta safra se comparado à safra anterior, em Rondônia,

apesar do atraso do período chuvoso.

8.1.5. TOCANTINS

As condições climáticas registradas nesta safra foram consideradas boas. Houve atraso e chuvas mal distribuídas até a primeira quinzena de novembro. Mas a partir da segunda quinzena de novembro as chuvas regularizaram. Em dezembro, as chuvas continuaram bastante regulares.

Em janeiro, as condições climáticas gerais também foram consideradas boas, apesar de registrar um veranico em praticamente todo o estado. Alguns municípios da região sudeste do estado registraram até dez dias sem chuvas.

Em fevereiro foram registradas chuvas acima da média histórica. Até para a região sudeste do estado,

historicamente com as piores médias pluviométricas, foram registrados volumes superiores a 400 mm. Nas regiões de várzeas houve transbordamento de diversos rios dessa região.

Em março e abril, as condições pluviométricas foram favoráveis, registrando-se ocorrência de chuvas regulares. A partir da segunda quinzena de abril houve redução considerável nos volumes precipitados.

A partir de maio, as precipitações praticamente não ocorreram.

8.2. REGIÃO NORDESTE

8.2.1. ALAGOAS

As condições climáticas foram desfavoráveis para a produção de grãos no estado de Alagoas diante da redução da precipitação, combinado com períodos de até 21 dias sem chuvas. Nos meses de maio, junho

e julho, foi registrado, respectivamente, volumes de 25,72%, 52,75% e 40,92% abaixo da média histórica.

8.2.2. MARANHÃO

As condições climáticas foram favoráveis nas diversas regiões pesquisadas, havendo, por outro lado, atraso no início do período chuvoso na região sul do estado.

No geral, as condições climáticas, sobretudo a quantidade de chuvas, foram favoráveis. De janeiro a março deste ano as chuvas no nordeste se mantiveram acima da média, com destaque para o Maranhão onde

foram observados os maiores volumes de chuva em fevereiro de 2018.

As previsões climatológicas favoráveis se confirmaram, sobretudo quanto aos totais mensais de chuvas observados de novembro de 2017 a abril de 2018, com destaque para a região sul do estado.

No momento, predomina-se o tempo seco, principalmente no sul do estado, somado a altas temperaturas.

8.2.3. PIAUÍ

Na região sul, as últimas chuvas na região ocorreram em abril. Com isso, o acumulado de chuva até a última semana de julho se manteve em torno de 1.000 mm.

Na região do semiárido, o volume de precipitação re-

duziu bastante, segundo o prognóstico do Instituto Nacional de Meteorologia – Inmet.

Já na região norte, o período chuvoso se encontra com chuvas regulares.



8.2.4.RIO GRANDE DO NORTE

As chuvas ocorridas de janeiro a maio de 2018 foram superiores ao mesmo período do ano anterior, porém com a ocorrência de um veranico em março, causado por uma variação intrasazonal, que dificultou a formação de chuvas e durou mais de vinte dias. A pesar do veranico, o estado registrou abril como sendo um dos mais chuvosos da década. De acordo com a análise pluviométrica da Unidade de Meteorologia da Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio Grande do Norte (Emparn), em abril deste ano a média de chuva

no estado foi 45,5% acima da média. Nas regiões central e oeste essa média foi ainda maior, 76,1% e 61,2% acima da média, respectivamente. Em maio, junho e julho as precipitações acumuladas em cada mês foram menores que as médias históricas e em agosto foi verificado que o período chuvoso se encerrou no estado.

Diante do exposto, pode-se dizer que, no cômputo geral, a situação climática tem sido favorável.

8.2.5. PERNAMBUCO

O início do período desta safra experimentou quantidades de chuvas acima da média, registrada para o Sertão, especialmente a partir de meados de fevereiro, permanecendo assim até o final de março. Porém, abril foi o último mês da estação chuvosa sertaneja e o início da estação chuvosa na mesorregião do Agreste.

Conforme previsões oficiais, as precipitações registradas para abril permaneceram acima da média normal em, praticamente, todas regiões do Estado. No entanto, maio terminou com um volume de chuvas acumulado abaixo da média normal em todo o estado. Os meses de junho e julho, últimos da estação chuvosa da região

agreste, apresentaram índices de precipitações pluviométricas muito aquém do normal para o período.

Para o mês de agosto, o Monitoramento de Secas do Nordeste relata, para o Estado de Pernambuco, uma área de seca fraca no litoral. Nas outras áreas do estado, onde antes tinha seca apenas de longo prazo, a seca passou a ser de curto e de longo prazo, com expansão das áreas e intensificação na severidade de seca, que varia de grave a excepcional no Sertão e de moderada a grave o Agreste. Essa piora da seca se deveu à redução drástica das chuvas nos últimos três meses em todo estado principalmente no setor leste, cujo trimestre pertence ao período chuvoso da região.

8.2.6. BAHIA

No extremo-oeste, foi registrado atraso no início das chuvas. Entretanto, o atraso foi compensado pela boa distribuição das precipitações por todo o ciclo cultural.

No Vale do São Francisco, centro-norte e centro-sul, as chuvas ocorreram com um mês de atraso em relação à climatologia, mas com bons volumes, maiores que na

safra anterior. Contudo, foram registrados veranicos na três mesorregiões, em fases importantes do ciclo produtivo.

No nordeste baiano, os volumes de precipitações foram reduzidos e desfavoráveis para o desenvolvimento das culturas.

8.2.7. SERGIPE

De modo geral, as chuvas ocorreram predominantemente abaixo da média histórica, em particular após a segunda quinzena de maio, em virtude da intensificação do sistema de alta pressão semipermanente do Atlântico Sul, que adentrou na costa leste do Brasil e inibiu a passagem de sistemas frontais que possibilissem maiores áreas de instabilidade.

As precipitações ocorridas nas regiões do Sertão e Agreste apresentaram índices pluviométricos abaixo do esperado. Em contrapartida, as chuvas foram me-

lhores distribuídas nas regiões sul.

Os modelos de previsão probabilísticas apresentados pelo Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) apontam um próximo trimestre com chuvas abaixo da normal climatológica. No final de agosto houve pequenas quantidades precipitadas apenas no sul de Sergipe. A previsão climática para os setembro a novembro, de acordo com os modelos de diagnósticos das condições oceânicas e atmosféricas globais apresentados pelo Inmet, indicam maior probabilidade de os totais pluviométricos ocorrerem abaixo da faixa normal climatológica, com a temperatura situando-se



8.2.8. PARAÍBA

As precipitações, em alguns municípios do estado, foram satisfatórias. As reservas totais de água do estado tiveram um ganho significativo e estão no patamar de 23,4%. Ainda se observa um grande número dos açudes públicos com baixa reserva hídrica. As únicas localidades que possuem fornecimento regular de água são aquelas na mesorregião da Mata Paraibana. Apesar, das previsões de chuvas dentro da média histórica, o tempo seco predomina no semiárido nordestino.

8.3. REGIÃO CENTRO-OESTE

8.3.1. MATO GROSSO

As condições climáticas foram, ao longo da safra 2017/18, de forma geral, bastante benéficas a todas as principais culturas em Mato Grosso. Ainda que, no início da safra, houve o atraso das chuvas, estas se firmaram e foram favoráveis.

8.3.2. MATO GROSSO DO SUL

No Mato Grosso do Sul, as chuvas se regularizaram a partir de outubro. Foram registradas poucas chuvas, atreladas às altas temperaturas, as quais ficaram bem acima da normal climatológica. Apesar da má distribuição das chuvas neste mês, o acumulado do mês foi similar ao da média histórica para o município de Maracaju, maior produtor de grãos do estado.

Em novembro, as precipitações foram mais estáveis e melhor distribuídas.

Em dezembro, as condições climáticas foram atípicas, normal climatológica.

Durante e junho e julho devido às noites mais frias, a umidade do ar precipitou em forma de gotas como orvalho. A temperatura mínima baixa, a menor insolação e os dias mais curtos, típicos desta estação, foram registrados.

Com o avanço da estação climática do inverno houve a passagem de frentes frias com a queda da temperatura e episódios de geada no sul do estado. Porém

8.3.3. DISTRITO FEDERAL

A partir da segunda quinzena de novembro, as chuvas se regularizaram. Em janeiro, as condições climáticas continuaram favoráveis, apesar do veranico de até dez dias em algumas regiões. Em fevereiro foram registradas chuvas acima da média histórica para o período,

dado ao menor volume de precipitações e temperatura máxima acima da normal climatológica. Apesar da redução do volume de chuvas, o solo estava úmido. A partir do segundo decêndio de dezembro houve a ocorrência de dias nublados, com pancadas de chuvas, em todo o estado, reduzindo a amplitude térmica e a insolação solar direta sobre as culturas. Esse evento perdurou durante janeiro e meados de fevereiro.

Em março, as precipitações ficaram abaixo da normal climatológica.

A partir do início da estação climática do outono, as temperaturas noturnas começaram a reduzir no estado, apesar de durante o dia, serem comuns temperaturas acima de 30° C. As precipitações tiveram uma redução expressiva a partir de abril e em algumas regiões produtoras do estado não houve precipitações neste mês, de forma que em algumas fazendas não houve chuvas em um período de mais de cinqüenta dias.

No segundo decêndio de maio ocorreram precipitações em todas as regiões produtoras, interrompendo o veranico que durou mais de quarenta dias na maioria dos municípios do estado.

Em junho ocorreram poucas precipitações em todas as regiões produtoras do estado, mas em menor escala na região norte. Apesar das chuvas, os episódios foram de pouca quantidade, bem abaixo da normal climatológica. Não houve precipitações significativas em julho em nenhuma microrregião, apesar de sempre ocorrer precipitações neste mês de acordo com a

os eventos foram de pequena magnitude e isolados. Nesta estação, as temperaturas são mais amenas no estado e há menor precipitação, porém em agosto houve precipitação em todos os decêndios, fato atípico para o mês, pois o acumulado foi de 57 mm, enquanto a normal climatológica é de apenas 42 mm.

Observa-se uma grande amplitude térmica entre as temperaturas mínimas e máximas entre julho e agosto.

com volumes superiores a 400 mm. A regularidade climática predominou em todo o mês de março. A partir da segunda quinzena de abril e em maio as chuvas paralisaram. O trimestre junho, julho e agosto foi marcado por tempo aberto, com sol e sem chuva, com predomínio de altas temperaturas.



8.3.4. Goiás

Nas principais regiões produtoras de Goiás, sul e leste,

as chuvas ocorreram com baixos volumes e esparsas. Também foram registradas temperaturas baixas.

8.4. REGIÃO SUDESTE

8.4.1. MINAS GERAIS

O início da safra 2017/18 foi marcado pelo baixo volume e a má distribuição das chuvas. Em janeiro e fevereiro, apesar de algumas interrupções, choveu satisfatoriamente, possibilitando o bom armazenamento de água no solo. Porém, após o plantio, as condições climáticas foram consideradas desfavoráveis, uma

vez que ocorreu uma escassez de chuva superior a 50 dias.

Em agosto, o clima encontra-se predominantemente seco na maior parte do estado, com registro de pancadas de chuvas em alguns municípios.

8.4.2. SÃO PAULO

De setembro de 2017 até março de 2018, o clima foi extremamente favorável. As chuvas foram regulares e bem distribuídas. As temperaturas mantiveram-se elevadas e as chuvas constantes. A disponi-

bilidade de água no solo foi satisfatória, favorecida por dias nublados.

No entanto, a partir de março até agosto de 2018, não se observou a ocorrência de chuvas, caracterizando longo período de estiagem.

8.5. REGIÃO SUL

8.5.1. RIO GRANDE DO SUL

A última semana de julho foi marcada pelas temperaturas baixas. O deslocamento de uma área de baixa pressão manteve a nebulosidade e as pancadas isoladas de chuva na maior parte do Rio Grande do Sul, especialmente na metade leste e na faixa norte. O deslocamento de uma frente fria estabeleceu o retorno da chuva na maioria das regiões, com registro de temporais isolados. A presença de uma massa de ar seco e frio garantiu o retorno do tempo firme em todo estado, com formação de geadas em diversas áreas.

No segundo decêndio de agosto, as temperaturas permaneceram baixas. A presença de um sistema frontal no oceano manteve a nebulosidade, chuva fraca e rajadas de vento na maioria das regiões, e a combinação de ar frio com umidade favoreceu a ocorrência de neve na região Nordeste do Estado. Houve ligeira elevação das temperaturas e formação de nevoeiros. O deslocamento de uma frente fria provocou chuva em diversas localidades e a chegada de outra massa de ar frio e seco garantiu o tempo firme, com sol e temperaturas baixas no estado.

O final de agosto foi marcado por grande amplitude térmica. O ar seco manteve o predomínio do sol, com nevoeiros e variações de temperaturas. Uma nova frente fria provocou chuvas em todo o estado. Ocorreram chuvas fracas e isoladas nas faixas leste e norte. Nas demais regiões, o ingresso de ar seco afastou

a nebulosidade da maioria das regiões, com registro de geadas na Campanha. A nebulosidade associada a uma frente fria entre Santa Catarina e o Paraná favoreceu o retorno da chuva para todas as regiões e o retorno de tempo firme, com grande variação de nuvens e temperaturas amenas. (Secretaria da Agricultura Pecuária e Irrigação do Rio Grande do Sul (Seapi)).

8.5.2. SANTA CATARINA

A primavera começou mais seca, a partir de setembro de 2017, momento em que as precipitações ficaram abaixo da média em muitas regiões. Em outubro e novembro, as precipitações voltaram a ocorrer com certa normalidade em boa parte das regiões. Contudo, em alguns locais as chuvas ocorreram concentradas em períodos curtos. Aliado a isso, as temperaturas foram um pouco mais baixas.

No início do verão, foram observadas situações bem distintas em grande parte das regiões. Em dezembro as chuvas ficaram bem abaixo do normal, mas voltaram com força em todas as regiões, permanecendo até o final da primeira quinzena de janeiro. Precipitações elevadas e em curto período de tempo foram observadas em muitas regiões, principalmente no Litoral. Entre os meses de fevereiro e março, o clima mostrou-se mais estável com ocorrência de chuvas.

A entrada do outono foi marcada pelas estabilidades climáticas, com chuvas mais regulares, apesar dos volumes ficarem abaixo da média.

O inverno começou com chuvas abaixo da média em todas as regiões. Praticamente não choveu de forma

regular em julho, principalmente no Planalto Norte e Meio Oeste. A volta das chuvas ocorreu no final de agosto.

De maneira geral, as condições climáticas apresentadas durantes a safra 2017/18 foram favoráveis, apesar das instabilidades ocorridas.





9. ANÁLISE DAS CULTURAS

9.1. CULTURAS DE VERÃO

9.1.1. ALGODÃO

A produção brasileira de algodão em caroço, na safra 2017/18, foi estimada em 5.012,9 mil toneladas, 31% maior do que a ocorrida no exercício passado. Tal cenário favorável se deve, entre outras, ao incremento de área destinada à cotonicultura (cerca de 25,1% a mais do que àquela obtida em 2016/17), chegando a 1.174,1 mil hectares. Além disso, as condições climáticas satisfatórias ao longo do ciclo do algodão, nas principais regiões produtoras, trouxe uma estimativa de aumento também para a produtividade média nacional, ficando na ordem de 4.267 kg/ha.

Para a Região Centro-Oeste, principal produtora nacional, a área estimada de plantio totalizou 841,2 mil hectares, representando um incremento de 23,2% em relação à temporada passada. Além disso, as boas condições climáticas favoreceram o desenvolvimento da cultura, e deverá acarretar em aumento de produtividade na ordem de 2,9% quando comparada à safra anterior.

Em Mato Grosso, as lavouras de algodão se encontram em fase de colheita, com quase 78% da operação concluída. Houve registro de chuvas nos últimos dias em algumas regiões de destaque na cotonicultura mato-grossense, porém elas não afetaram o ritmo dos trabalhos e nem a queda de qualidade das fibras.

A produtividade média estimada para esse ciclo é de 4.147 kg/ha, representando incremento de 3% em relação aos 4.027 kg/ha obtidos na temporada passada. Esse resultado, em combinação com o aumento de área, na ordem de 23,9% (saindo de 627,8 mil hectares para 777,8 mil hectares), concorre para uma produção de 3.225,5 mil toneladas, valor 27,6% superior ao produzido em 2016/17.

A cultura tem apresentado boa rentabilidade aos produtores, fato que tem encorajado a entrada de novos agentes no mercado e a incorporação de novas áreas ao processo produtivo, em especial o cultivo em segunda safra. Os bons preços incentivaram os negócios e estima-se que cerca de 87% da produção estadual já esteja comercializada, ao passo que a negociação futura já acumula 49% da produção 2018/19.

Em Mato Grosso do Sul houve três épocas distintas para a semeadura de algodão. O primeiro plantio se deu em outubro e compreendeu basicamente a região centro-sul do estado, com destaque para os municípios de Aral Moreira e Sidrolândia (correspondem a cerca de 4,5% de toda área destinada a cotonicultura em Mato Grosso do Sul). Já os outros dois períodos de cultivo compreendem o que se chama de “primeira safra” propriamente dita (pela sua importância e relatividade), iniciada em dezembro, e que representou 85,5% de toda a área voltada para algodão no estado, além da “segunda safra”, iniciada em janeiro, e que contemplou basicamente as regiões norte e nordeste do estado.

Portanto, a área total destinada à produção de algodão na atual safra é de 30,4 mil hectares, o que representa um acréscimo de 6,2% em comparação ao ano anterior. Todas as lavouras são conduzidas com o emprego de alta tecnologia, visto que em torno de 60% das áreas são cultivadas com agricultura de precisão.

O clima chuvoso observado de janeiro até meados de fevereiro atrasou o desenvolvimento dos cultivos e especificamente na região centro-sul houve alguns casos de apodrecimento de maçãs, porém sem efeito significativo na produtividade. Como as regiões norte e nordeste não foram afetadas pela seca ocorrida no restante do estado, entre abril e maio, a produtividade média está em 4.500 kg/ha.

A colheita das lavouras de Aral Moreira e Sidrolândia ocorreu em abril e no norte/nordeste do estado o encerramento se deu no final de agosto.

Em Goiás, a cultura está em fase final de colheita. Na região leste, por exemplo, a safra está praticamente colhida, com quase 95% da área concluída. Já na região sul do estado, a colheita atingiu em torno de 85% de toda a área produzida.

De um modo geral, a cultura teve desenvolvimento satisfatório em suas fases. As condições climáticas favoreceram a evolução da lavoura, principalmente na fase reprodutiva, havendo diminuição pluviométrica basicamente nos momentos menos críticos. É bem verdade que aquele cultivo mais tardio, considerado de segunda safra, encontrou certas restrições, porém, na média geral do estado, a produtividade média estimada terá um incremento de 1,1%, assim como a produção, que projeta acréscimo de 27,3% quando comparada aos resultados da safra anterior.

Figura 1 – Área de algodão recém-colhida em Cristalina/GO



Fonte: Conab.

Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, os estados produtores apresentaram maior destinação de área à cotonicultura (incremento de 27,9%) quando comparado com à safra anterior. Tal acréscimo corroborou para uma produção total de 1.363,7 mil toneladas (acréscimo de 39,8% em relação à temporada passada).

Na Bahia, as lavouras de sequeiro tiveram o plantio realizado a partir de novembro, após o período de vazio sanitário, e concomitante com as chuvas de primavera. Já o cultivo em condição irrigada foi semeado em sucessão à soja, entre janeiro e fevereiro.

A cotonicultura baiana se concentra no extremo oeste, no centro sul e no Vale do São Francisco, ocupando 263,7 mil hectares. Tais regiões apresentaram condições climáticas favoráveis nesse ciclo e, atrelado a um bom manejo do solo, ao equilíbrio nutricional e a um eficiente controle fitossanitário, propiciou incremento de produtividade média estimada na ordem de 10,1% quando comparada à temporada anterior.

Quanto à colheita, houve um certo atraso na programação (que previa início dos trabalhos em junho) devido à restrição de combustíveis durante a paralisação dos caminhoneiros e também pelo elevado teor de umidade



nas fibras de algodão, algo que inviabilizava a colheita à noite e nas primeiras horas da manhã. Dessa forma, a projeção é que o término se dê em meados de setembro, período em que se inicia o vazio sanitário.

A produção deve atingir cerca de 1,2 mil de toneladas, sendo 747,6 mil toneladas de caroço e 498,4 mil toneladas de pluma, atingindo o rendimento médio de 60% de caroço e 40% de pluma.

Os números da safra atual apresentam um aumento de 30,8% na área cultivada e de 44% na produção em relação à temporada passada.

No Maranhão houve avanço significativo da colheita do algodão de primeira safra, localizado na região sul do estado, com destaque para o excelente padrão do produto colhido. Já o cultivo de segunda safra tem previsão para iniciar sua colheita na primeira quinzena de setembro. De modo geral, a previsão é de uma produção de 87,3 mil toneladas, com produtividade média em torno de 3.913 kg/ha.

No Piauí, a área destinada à cotonicultura teve um incremento de 28,8% em relação à safra anterior, totalizando 7,2 mil hectares em 2017/18. Esse aumento se deve, principalmente, à adição de áreas com a cultura no município de Currais.

O plantio foi iniciado na segunda quinzena de dezembro e se estendeu até o início de janeiro. A colheita está em fase final de execução, restando cerca de 15% da área total.

A produtividade média esperada é de 3.850 kg/ha, aumento de 9,6% em relação à temporada passada, muito em virtude das melhores condições climáticas apresentadas.

Na Região Sudeste, a área da cotonicultura apresentou importante acréscimo em relação à safra passada (66,8%), e isso acarretou estimativa de produção ainda mais expressiva (aumento de 78,3% em comparação

com a temporada anterior).

Em Minas Gerais, a safra do algodão apresentou resultados satisfatórios, com incremento de área na ordem de 60% em relação ao ano passado. Tal crescimento foi motivado pelos bons preços praticados ao longo de 2017, bem como pelas expectativas promissoras para o mercado do algodão no estado. A produtividade também teve acréscimo de 6,1% em comparação com à temporada devido ao aumento do uso de tecnologia, sobretudo irrigação. Considerando os plantios da safra de verão e da safrinha, estima-se aumento de mais de 70% na produção, estimando-se patamares de 99,2 mil toneladas.

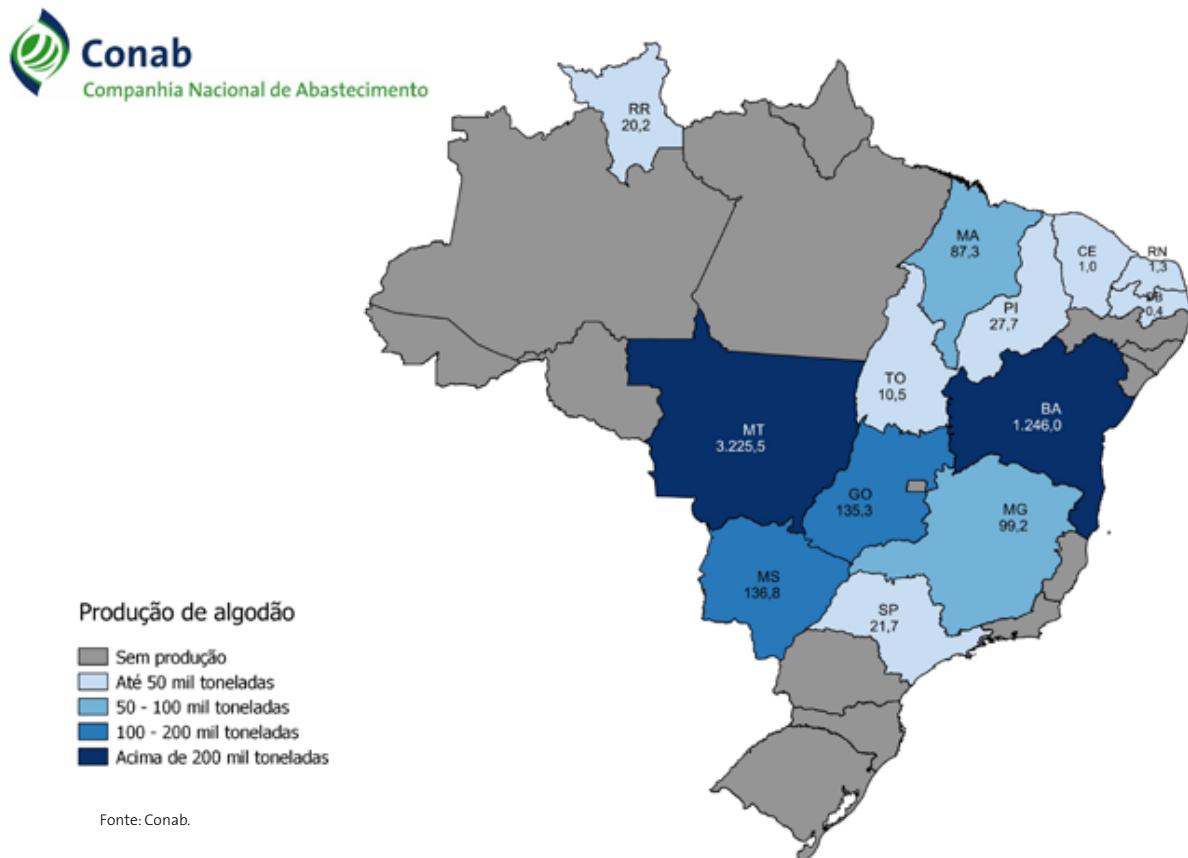
A colheita está quase encerrada, restando apenas algumas lavouras cuja semeadura foi mais tardia, e que tende a se estender até outubro. De modo geral, os cotonicultores mineiros estão bastante satisfeitos com o produto colhido. A produtividade superou as expectativas iniciais, a qualidade da fibra é boa e os preços são remuneradores.

Em São Paulo, a cotonicultura se destacou principalmente na região de Avaré e adjacências, que retomou o plantio de algodão, muito em razão dos bons preços de mercado da cultura. Nessa região a colheita já foi finalizada e a comercialização do que foi produzido também já ocorreu. A área plantada com a lavoura no estado foi estimada em 5,7 mil hectares, mais do que o dobro (aumento de 103,6%) dos valores obtidos na temporada anterior. As melhores condições climáticas favoreceram o desenvolvimento do grão, e isso acarretou em um incremento de produtividade na ordem de 12,6% quando comparada à safra anterior, chegando a 3.801 kg/ha em 2017/18.

Na Região Norte, a cotonicultura ainda é incipiente, tendo apenas dois estados produtores (Roraima e Tocantins) que, somados, destinaram uma área de 7,6 mil hectares nessa safra. A estimativa de produção para a região é de 30,7 mil toneladas, representando somente 0,62% do volume estimado para ser produzido no país.



Figura 2 - Mapa da produção agrícola - Algodão



Quadro 1 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Algodão

UF	Mesorregiões	Algodão											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	C			P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Sul Maranhense - 2ª Safra	C	C			P	G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M	M/C
PI	Sudoeste Piauiense	C			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	C		P	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Centro Sul Baiano	C	P	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	M/C	C
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Noroeste de Minas - 2ª Safra	C					P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
MS	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra	C					P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra			P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
MT	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	M/C	C	C
	Norte Mato-grossense - 1ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra	C		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra	C		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra	C		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra	C		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
GO	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra	C		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Leste Goiano - 1ª Safra		PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Leste Goiano - 2ª Safra	C		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C	C
	Sul Goiano - 2ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 1 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,3	7,6	4,1	3.540	4.034	14,0	25,8	30,7	19,0
RR	2,5	4,8	92,0	4.200	4.200	-	10,5	20,2	92,4
TO	4,8	2,8	(41,1)	3.196	3.750	17,3	15,3	10,5	(31,4)
NORDESTE	230,8	295,2	27,9	4.226	4.620	9,3	975,3	1.363,7	39,8
MA	22,5	22,3	(0,9)	3.915	3.913	(0,1)	88,1	87,3	(0,9)
PI	5,6	7,2	28,8	3.514	3.850	9,6	19,7	27,7	40,6
CE	0,4	1,2	200,0	1.083	817	(24,6)	0,4	1,0	150,0
RN	0,3	0,3	-	4.461	4.461	-	1,3	1,3	-
PB	0,4	0,5	25,0	819	894	9,2	0,3	0,4	33,3
BA	201,6	263,7	30,8	4.293	4.725	10,1	865,5	1.246,0	44,0
CENTRO-OESTE	682,6	841,2	23,2	4.042	4.158	2,9	2.758,9	3.497,6	26,8
MT	627,8	777,8	23,9	4.027	4.147	3,0	2.528,2	3.225,5	27,6
MS	28,6	30,4	6,2	4.350	4.500	3,4	124,4	136,8	10,0
GO	26,2	33,0	25,8	4.056	4.100	1,1	106,3	135,3	27,3
SUDESTE	18,4	30,7	66,8	3.684	3.935	6,8	67,8	120,9	78,3
MG	15,6	25,0	60,0	3.739	3.966	6,1	58,3	99,2	70,2
SP	2,8	5,7	103,6	3.377	3.801	12,6	9,5	21,7	128,4
NORTE/NORDESTE	238,1	302,8	27,2	4.205	4.605	9,5	1.001,1	1.394,4	39,3
CENTRO-SUL	701,0	871,9	24,4	4.032	4.150	2,9	2.826,7	3.618,5	28,0
BRASIL	939,1	1.174,7	25,1	4.076	4.267	4,7	3.827,8	5.012,9	31,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.



Tabela 2 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,3	7,6	4,1	1.387	1.561	12,5	10,1	11,9	17,8
RR	2,5	4,8	92,0	1.596	1.596	-	4,0	7,7	92,5
TO	4,8	2,8	(41,1)	1.278	1.500	17,4	6,1	4,2	(31,1)
NORDESTE	230,8	295,2	27,9	1.693	1.850	9,3	390,7	546,2	39,8
MA	22,5	22,3	(0,9)	1.566	1.565	(0,1)	35,2	34,9	(0,9)
PI	5,6	7,2	28,8	1.511	1.656	9,6	8,5	11,9	40,0
CE	0,4	1,2	200,0	379	286	(24,6)	0,2	0,3	50,0
RN	0,3	0,3	-	1.695	1.695	-	0,5	0,5	-
PB	0,4	0,5	25,0	295	322	9,1	0,1	0,2	100,0
BA	201,6	263,7	30,8	1.717	1.890	10,1	346,2	498,4	44,0
CENTRO-OESTE	682,6	841,2	23,2	1.615	1.664	3,0	1.102,3	1.399,6	27,0
MT	627,8	777,8	23,9	1.611	1.659	3,0	1.011,3	1.290,2	27,6
MS	28,6	30,4	6,2	1.784	1.845	3,4	49,1	56,1	14,3
GO	26,2	33,0	25,8	1.598	1.615	1,1	41,9	53,3	27,2
SUDESTE	18,4	30,7	66,8	1.435	1.567	9,2	26,4	48,1	82,2
MG	15,6	25,0	60,0	1.496	1.586	6,0	22,7	39,7	74,9
SP	2,8	5,7	103,6	1.317	1.482	12,6	3,7	8,4	127,0
NORTE/NORDESTE	238,1	302,8	27,2	1.683	1.843	9,5	400,8	558,1	39,2
CENTRO-SUL	701,0	871,9	24,4	1.610	1.660	3,1	1.128,7	1.447,7	28,3
BRASIL	939,1	1.174,7	25,1	1.629	1.708	4,8	1.529,5	2.005,8	31,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.

Tabela 3 – Comparativo de área, produtividade e produção - Caroço de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,3	7,6	4,1	2.153	2.474	14,9	15,7	18,8	19,7
RR	2,5	4,8	92,0	2.604	2.604	-	6,5	12,5	92,3
TO	4,8	2,8	(41,1)	1.918	2.250	17,3	9,2	6,3	(31,5)
NORDESTE	230,8	295,2	27,9	2.533	2.769	9,3	584,6	817,5	39,8
MA	22,5	22,3	(0,9)	2.349	2.348	(0,1)	52,9	52,4	(0,9)
PI	5,6	7,2	28,8	2.003	2.195	9,6	11,2	15,8	41,1
CE	0,4	1,2	200,0	704	531	(24,6)	0,2	0,7	250,0
RN	0,3	0,3	-	2.766	2.766	-	0,8	0,8	-
PB	0,4	0,5	25,0	524	572	9,2	0,2	0,2	-
BA	201,6	263,7	30,8	2.576	2.835	10,1	519,3	747,6	44,0
CENTRO-OESTE	682,6	841,2	23,2	2.424	2.494	2,9	1.656,6	2.098,0	26,6
MT	627,8	777,8	23,9	2.416	2.488	3,0	1.516,9	1.935,3	27,6
MS	28,6	30,4	6,2	2.567	2.655	3,4	75,3	80,7	7,2
GO	26,2	33,0	25,8	2.458	2.485	1,1	64,4	82,0	27,3
SUDESTE	18,4	30,7	66,8	2.215	2.368	6,9	41,4	72,8	75,8
MG	15,6	25,0	60,0	2.243	2.380	6,1	35,6	59,5	67,1
SP	2,8	5,7	103,6	2.060	2.319	12,6	5,8	13,3	129,3
NORTE/NORDESTE	238,1	302,8	27,2	2.522	2.762	9,5	600,3	836,3	39,3
CENTRO-SUL	701,0	871,9	24,4	2.419	2.490	2,9	1.698,0	2.170,8	27,8
BRASIL	939,1	1.174,7	25,1	2.445	2.560	4,7	2.298,3	3.007,1	30,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão rendimento

REGIÃO/UF	PRODUÇÃO - (Em mil t)						RENDIMENTO % - PLUMA		
	ALGODÃO EM CAROÇO			ALGODÃO EM PLUMA					
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d/c)	(e)	(f)	(g)	(h)	(i)
NORTE	25,8	30,7	19,0	10,1	11,9	17,8	39,2	38,7	1,3
RR	10,5	20,2	92,4	4,0	7,7	92,5	38,0	38,0	-
TO	15,3	10,5	(31,4)	6,1	4,2	(31,1)	40,0	40,0	-
NORDESTE	975,3	1.363,7	39,8	390,7	546,2	39,8	40,1	40,1	-
MA	88,1	87,3	(0,9)	35,2	34,9	(0,9)	40,0	40,0	-
PI	19,7	27,7	40,6	8,5	11,9	40,0	43,0	43,0	-
CE	0,4	1,0	150,0	0,2	0,3	50,0	35,0	35,0	-
RN	1,3	1,3	-	0,5	0,5	-	38,0	38,0	-
PB	0,3	0,4	33,3	0,1	0,2	100,0	36,0	36,0	-
BA	865,5	1.246,0	44,0	346,2	498,4	44,0	40,0	40,0	-
CENTRO-OESTE	2.758,9	3.497,6	26,8	1.102,3	1.399,6	27,0	40,0	40,0	-
MT	2.528,2	3.225,5	27,6	1.011,3	1.290,2	27,6	40,0	40,0	-
MS	124,4	136,8	10,0	49,1	56,1	14,3	41,0	41,0	-
GO	106,3	135,3	27,3	41,9	53,3	27,2	39,4	39,4	-
SUDESTE	67,8	120,9	78,3	26,4	48,1	82,2	39,9	39,8	0,3
MG	58,3	99,2	70,2	22,7	39,7	74,9	40,0	40,0	-
SP	9,5	21,7	128,4	3,7	8,4	127,0	39,0	39,0	-
NORTE/NORDESTE	1.001,1	1.394,4	39,3	400,8	558,1	39,2	40,0	40,0	-
CENTRO-SUL	2.826,7	3.618,5	28,0	1.128,7	1.447,7	28,3	40,0	40,0	-
BRASIL	3.827,8	5.012,9	31,0	1.529,5	2.005,8	31,1	40,0	40,0	-

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.

9.1.2. AMENDOIM

A produção de amendoim total ficou em 511,5 mil toneladas, incremento de 9,7% em relação à safra 2016/17, cultivada em uma área de 138,5 mil hectares, aumento de 7,1%

em relação à safra anterior, que foi de 129,3 mil hectares, com produtividade média de 3.694 kg/ha, 2,5% maior.

9.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Em São Paulo, a plantação de amendoim se faz presente durante a entressafra da cana-de-açúcar e é uma opção bastante utilizada. A leguminosa permite a recuperação do solo por meio da fixação de nitrogênio. Encerrou a safra 2017/18 com excelente ganho de área de 13,1% e crescimento de 2,9% na produtividade. O produto está praticamente todo comercializado. O amendoim produzido no estado paulista tem como destinos principais os países do continente Europeu (60% / 70% do amendoim Ranner).

Em Minas Gerais, a área de plantio de amendoim ficou

estimada em 2,3 mil hectares, apresentando redução de 11,5% em relação à safra anterior devido ao atraso do período chuvoso. De modo geral, os plantios para fins comerciais estão concentrados na região do Triângulo Mineiro, representando 90% da área de cultivo e 96,8% do volume de produção do estado. Nessa região as lavouras são conduzidas com alta tecnologia e uso de sementes de boa qualidade, resultando em uma produtividade de 3.000 a 4.250 kg/ha. Já nas demais regiões do estado, predomina o cultivo em áreas de agricultura familiar, conduzidas praticamente sem uso de tecnologia e com baixas produtividades, muitas vezes inferior a 1.000 kg/ha.



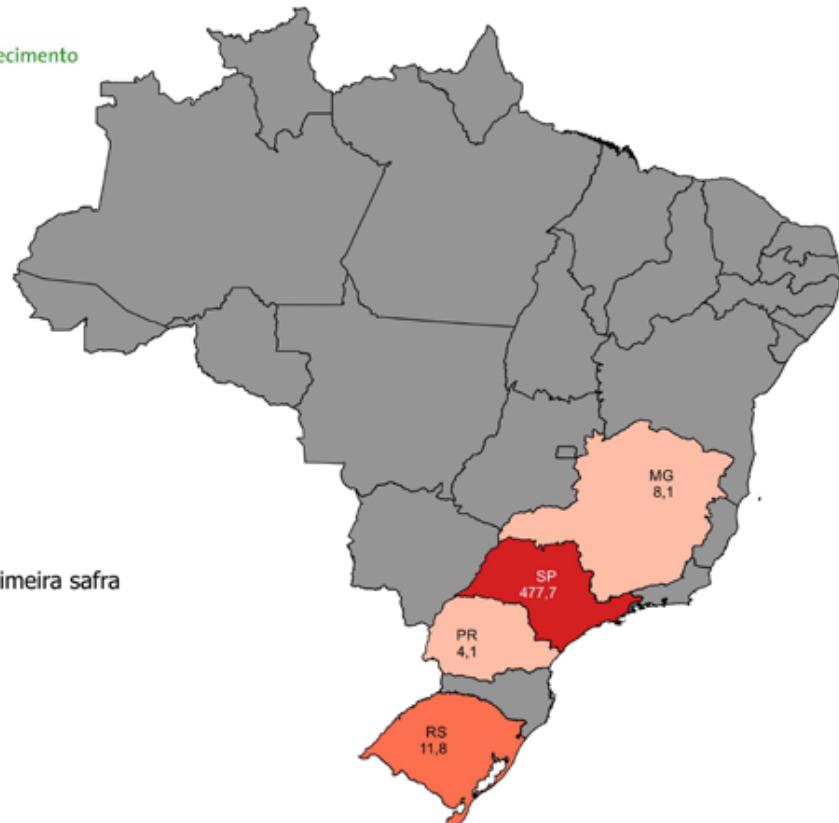
Figura 3 - Mapa da produção agrícola - Amendoim primeira safra



Produção de amendoim primeira safra

- Sem produção
- Até 10 mil toneladas
- 10 - 50 mil toneladas
- Acima de 50 mil toneladas

Fonte: Conab.



Quadro 2 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SP	Araçatuba	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Araraquara	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Assis	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Bauru	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Marília	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Presidente Prudente	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Ribeirão Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	São José do Rio Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				

Legendas:

■ Baixa restrição - falta de chuvas ■ Favorável ■ Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 5 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	112,9	127,0	12,5	3.721	3.825	2,8	420,2	485,8	15,6
MG	2,6	2,3	(11,5)	3.615	3.527	(2,4)	9,4	8,1	(13,8)
SP	110,3	124,7	13,1	3.724	3.831	2,9	410,8	477,7	16,3
SUL	5,4	5,1	(5,6)	3.447	3.120	(9,5)	18,6	15,9	(14,5)
PR	2,0	1,5	(25,0)	3.406	2.747	(19,3)	6,8	4,1	(39,7)
RS	3,4	3,6	5,6	3.471	3.276	(5,6)	11,8	11,8	-
CENTRO-SUL	118,3	132,1	11,7	3.709	3.798	2,4	438,8	501,7	14,3
BRASIL	118,3	132,1	11,7	3.709	3.798	2,4	438,8	501,7	14,3

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2018.

9.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

Em Tocantins, manteve-se a área cultivada em 300 hectares em relação à da safra passada. Uma das limitações à expansão da cultura no estado é a distância do mercado, uma vez que a comercialização é toda feita para São Paulo.

A cultura foi favorecida pelas chuvas regulares desta temporada, mesmo assim houve redução na produtividade em 21,1%. A cultura já teve seu ciclo encerrado.

Na Paraíba, registra-se que esta cultura chegou a áreas de mais de 1.000 hectares. Na safra passada foram plantados 400 hectares de amendoim, cuja cultura foi prejudicada pela insuficiência de chuvas e apresentou produtividade de 985 kg/ha. Na presente safra confirmou-se a área de 400 hectares, com a estimativa de produtividade para 922 kg/ha. A queda na produtividade reflete a ocorrência do ataque fúngico (*cercosporiose*) e ainda a presença sem controle da ave de rapina Carcará.

Em São Paulo, o amendoim segunda safra está todo colhido. Apresenta retração de 20,4% na área, redução de

28,8% na produtividade e na produção de 43,5%. A quebra na produtividade do amendoim, acompanha as demais culturas de segunda safra, ou seja, a seca que atingiu o estado.

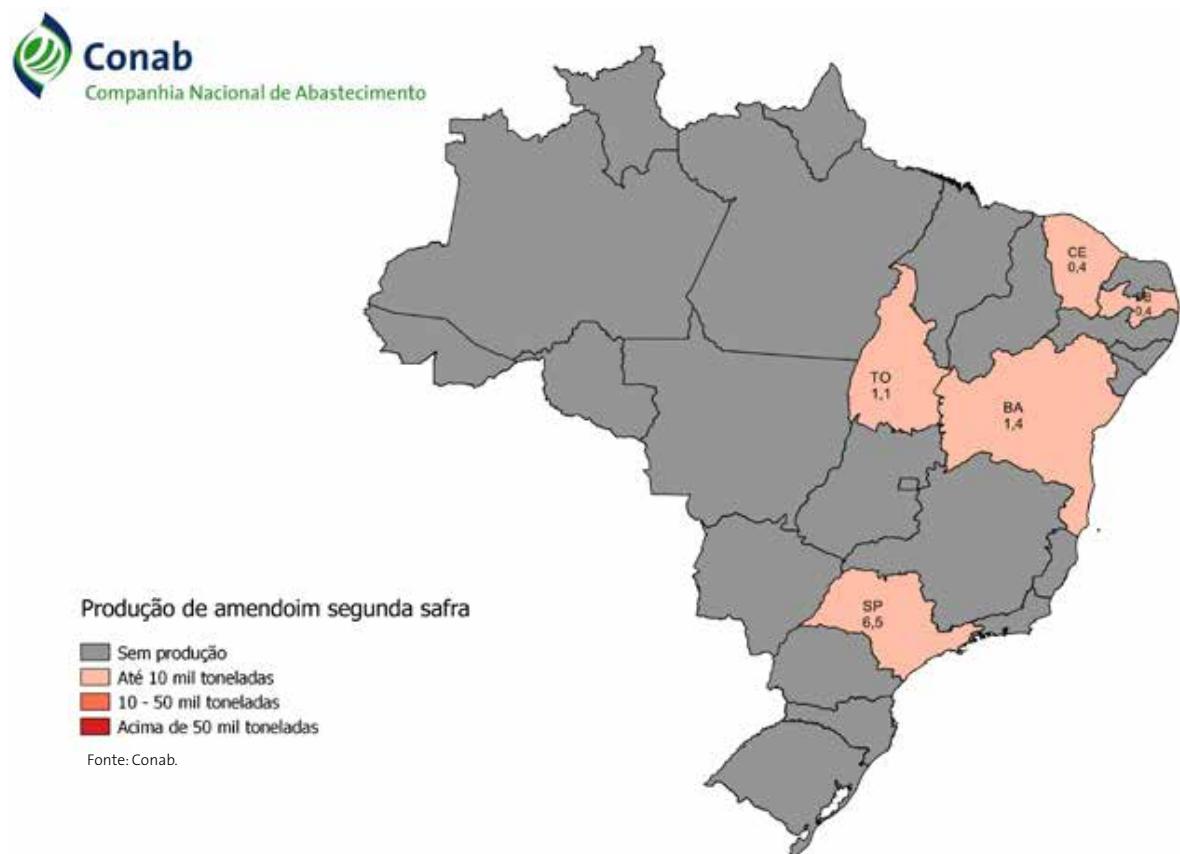
O amendoim em muitas regiões do estado entra na rotação com a cana-de-açúcar. A safra da seca normalmente produz menos do que a das águas devido basicamente pela falta de melhores condições climáticas, nesse período de plantio.

Entretanto, boa parte dos plantadores de amendoim realizam o cultivo nessa época do ano, visando garantir sementes para o próximo plantio. O período mais adequado para o plantio da safra da seca vai do início de janeiro, após a colheita do amendoim primeira safra (água), até meados de fevereiro.

É importantíssimo que esse amendoim seja plantado dentro da janela acima, pois fora dela, dificilmente dará bons resultados.



Figura 4 - Mapa da produção agrícola - Amendoim segunda safra



Quadro 3 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim segunda safra

UF	Mesorregiões	Amendoim segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
BA	Nordeste Baiano	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
	Metropolitana de Salvador	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	
SP	São José do Rio Preto						P	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Ribeirão Preto						P	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Presidente Prudente						P	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Marília						P	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Assis						P	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva
* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 6 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,3	0,3	-	4.800	3.787	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
TO	0,3	0,3	-	4.800	3.787	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
NORDESTE	3,3	2,2	(33,3)	1.201	995	(17,1)	4,0	2,2	(45,0)
CE	0,3	0,3	-	1.269	1.285	1,3	0,4	0,4	-
PB	0,4	0,4	-	985	922	(6,4)	0,4	0,4	-
SE	1,1	-	(100,0)	1.613	-	(100,0)	1,8	-	(100,0)
BA	1,5	1,5	-	942	957	1,6	1,4	1,4	-
CENTRO-OESTE	2,5	-	(100,0)	4.200	-	(100,0)	10,5	-	(100,0)
MS	2,5	-	(100,0)	4.200	-	(100,0)	10,5	-	(100,0)
SUDESTE	4,9	3,9	(20,4)	2.354	1.676	(28,8)	11,5	6,5	(43,5)
SP	4,9	3,9	(20,4)	2.354	1.676	(28,8)	11,5	6,5	(43,5)
NORTE/NORDESTE	3,6	2,5	(30,6)	1.501	1.330	(11,3)	5,4	3,3	(38,9)
CENTRO-SUL	7,4	3,9	(47,3)	2.978	1.676	(43,7)	22,0	6,5	(70,5)
BRASIL	11,0	6,4	(41,8)	2.494	1.541	(38,2)	27,4	9,8	(64,2)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.

9.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Figura 5 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)

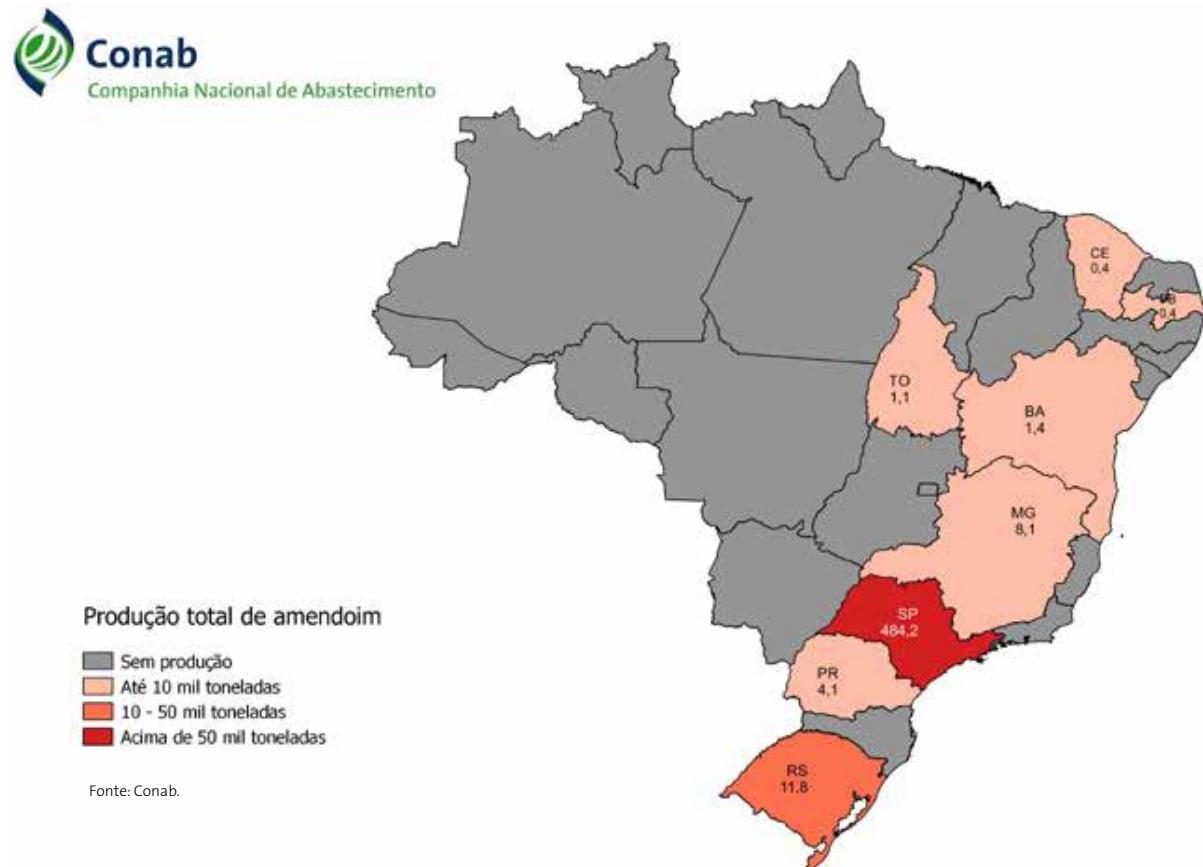


Tabela 7 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,3	0,3	-	4.800	3.787	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
TO	0,3	0,3	-	4.800	3.787	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
NORDESTE	3,3	2,2	(33,3)	1.201	995	(17,1)	4,0	2,2	(45,0)
CE	0,3	0,3	-	1.269	1.285	1,3	0,4	0,4	-
PB	0,4	0,4	-	985	922	(6,4)	0,4	0,4	-
SE	1,1	-	(100,0)	1.613	-	(100,0)	1,8	-	(100,0)
BA	1,5	1,5	-	942	957	1,6	1,4	1,4	-
CENTRO-OESTE	2,5	-	(100,0)	4.200	-	(100,0)	10,5	-	(100,0)
MS	2,5	-	(100,0)	4.200	-	(100,0)	10,5	-	(100,0)
SUDESTE	117,8	130,9	11,1	3.665	3.761	2,6	431,7	492,3	14,0
MG	2,6	2,3	(11,5)	3.615	3.527	(2,4)	9,4	8,1	(13,8)
SP	115,2	128,6	11,6	3.666	3.766	2,7	422,3	484,2	14,7
SUL	5,4	5,1	(5,6)	3.447	3.120	(9,5)	18,6	15,9	(14,5)
PR	2,0	1,5	(25,0)	3.406	2.747	(19,3)	6,8	4,1	(39,7)
RS	3,4	3,6	5,9	3.471	3.276	(5,6)	11,8	11,8	-
NORTE/NORDESTE	3,6	2,5	(30,6)	1.501	1.330	(11,3)	5,4	3,3	(38,9)
CENTRO-SUL	125,7	136,0	8,2	3.666	3.737	2,0	460,8	508,2	10,3
BRASIL	129,3	138,5	7,1	3.606	3.694	2,5	466,2	511,5	9,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.

9.1.3. ARROZ

O plantio de arroz no Acre é unicamente de sequeiro, inicia-se no período chuvoso, de outubro a dezembro, época mais favorável ao desenvolvimento da cultura. A baixa produção e a produtividade do estado estão relacionadas à utilização de baixa tecnologia e à agricultura ser familiar, cuja finalidade da produção é para o consumo familiar e o excedente para comercialização. Geralmente a cultura é consorciada com outras culturas, como o milho, após o término do ciclo é realizado o plantio de feijão.

Na safra 2016/17 e na safra atual 2017/18, houve aumento significativo na produção de arroz no Acre devido ao aumento de área plantada em Epitaciolândia/AC.

Na safra atual Epitaciolândia destaca-se no cultivo de arroz de sequeiro, com cerca de 450 ha de arroz de apenas um produtor. De acordo com dados do IBGE/AC, a área colhida do arroz de sequeiro do Acre foi de 5 mil hectares, e a quantidade produzida de 6,1 mil tonelada. No entanto, a produção com fins de comercialização é apenas o arroz do município de Epitaciolândia/AC, nos demais municípios a produção é proveniente da agricultura familiar, cujo objetivo é para o consumo familiar.

Em Rondônia, considerando os níveis percentuais, as lavouras de arroz no estado, safra e safrinha, são fi-

nanciadas nas seguintes proporções: 5% por bancos oficiais, 7% com recursos do próprio produtor e 88% por agentes econômicos financeiros, entre outras empresas privadas que fomentam a rizicultura em todo o estado de Rondônia. O cultivo é exclusivamente de sequeiro, safra e safrinha, não havendo cultivos irrigados.

A justificativa para o reduzido volume de recursos financeiros captados em bancos oficiais está relacionada à documentação das terras. A titulação/escrituração de imóveis rurais no estado é muito incipiente, fato que inviabiliza o acesso dos produtores ao crédito disponível junto aos bancos, embora o recurso financeiro exista, no entanto, o produtor não consegue captá-lo em sua integralidade. Nesse contexto, as tradings e empresas privadas entram como segunda e principal opção ao produtor que necessita de aporte financeiro para investir/custear suas lavouras.

A área cultivada estimada para a implantação da cultura do arroz safra e safrinha 2017/18 é de 42,4 mil hectares, destes, 38,4 mil hectares são arroz safra e 4 mil hectares arroz safrinha. A safrinha é cultivada entre janeiro e fevereiro, sendo inserida em áreas cultivadas com soja primeira safra. Ao longo das safras o produtor de arroz não enxerga benefícios concretos e rentáveis para aumentar a área e alguns abandonam a cultura migrando para milho e principalmente soja.



A produtividade do arroz safra é de 3.243 Kg/ha, já a produtividade do arroz safrinha é menor, em torno de 2.994 kg/ha. A produção do arroz safra é de 125.558, já a produção do arroz safrinha é de 11.975 toneladas. Tanto o arroz de sequeiro primeira safra quanto o arroz safrinha já foram colhidos.

Muitos produtores implantam o arroz em área de pastagem degradada ou em área de pousio, já no segundo ano cultivam a soja. O arroz configura-se como um grande desbravador para culturas anuais sucessoras, principalmente soja. A possibilidade de o arroz retornar à área tende a ser como opção para a rotação/sucessão de culturas, quebrando ciclos bióticos e abióticos nocivos.

A cultivar de arroz amplamente difundida e semeada em Rondônia é a AN Cambará, categoria C2, safra 2016/17, com 99% de pureza e 80% de germinação. Tal cultivar apresenta ciclo precoce e evidenciou ampla adaptabilidade às condições edafoclimáticas em Rondônia. Outra cultivar largamente utilizada é ANa 6005, categoria C1, com pureza mínima e germinação de 99 e 80%, respectivamente, na safra 2016/17. O ciclo da cultura oscila entre 100 a 115 dias, sendo mais precoce quando submetida a algum tipo de estresse, principalmente o hídrico. A variedade mais precoce cultivada na safrinha é a ANa 5015, com ciclo em torno de 92 dias, conhecida popularmente como Aninha.

Em Tocantins, as lavouras de sequeiro se desenvolveram bem dado aos bons volumes precipitados ocorridos durante todo o ciclo da cultura. Nas lavouras dos agricultores familiares, principalmente os assentados da reforma agrária, a colheita já está encerrada. O rendimento médio das lavouras ficou acima da média e a qualidade do produto também está melhor do que nas safras anteriores em virtude das excelentes condições pluviométricas nesta safra.

No caso do arroz irrigado, nessa safra houve atraso do plantio devido aos baixíssimos níveis dos reservatórios e rios da região. Todos os produtores tiveram que esperar o retorno das chuvas para poderem realizar o plantio com segurança de abastecimento de água para a inundação dos tabuleiros.

O excesso de chuvas em fevereiro provocou alagamento dos tabuleiros, deixando parte das lavouras submersas, inclusive em áreas onde as lavouras já estavam em ponto de colheita. Em razão desse excesso de água nos tabuleiros, aliada à menor disponibilidade de luminosidade, as lavouras apresentaram uma produtividade abaixo da esperada pela avaliação visual destas. As lavouras em estágio de enchimento de grãos foram as mais prejudicadas com essa inundação, apresentando um percentual de grãos chochos

acima do normal. A colheita já está finalizada e a redução de produtividade foi confirmada em 8,7% em relação à safra anterior.

No Pará, o cultivo paraense de arroz de sequeiro ocupou uma área de 68,4 mil hectares para este décimo segundo levantamento, menor 0,6% que a safra anterior (68,89 mil hectares). Entretanto, o rendimento obtido foi de 2.860 kg/ha, superior à safra anterior, que foi de 2.728 kg/ha, correspondendo a aumento de 4,8% de produtividade. Há aumento de área de cultivo na produção em 4,2%.

No município de Novo Progresso houve uma retração na área de 4.000 hectares em relação à safra passada. Isso se deu devido as áreas de cultivo de arroz serem substituídas por milho. Nesse município o arroz é utilizado para “amansar”, depois é em grande parte substituído pelo milho.

O arroz irrigado ocupou uma área de 5,6 mil hectares para este décimo segundo levantamento, maior em 9,8% que a safra anterior (5,1 mil hectares). Entretanto, o rendimento obtido foi de 3.446 kg/ha, menor que a safra anterior, que foi de 4.433 kg/ha, correspondendo à retração de 22,3% na produtividade. Retração também na produção em 14,6% em relação à safra 2016/17.

Em Roraima, a área plantada referente à safra 2017/18 do arroz irrigado de verão foi confirmada em 12,3 mil hectares. A colheita do arroz finalizou em abril, apresentando um rendimento médio de 7.075 kg/ha.

Para a safra de inverno há manutenção dos dados do último levantamento, que é de 2.800 hectares. No plantio de inverno predomina a produção de sementes.

Em Alagoas, o arroz irrigado primeira safra, para esta cultura, não há registro de alteração nos números em virtude de a cultura ainda estar em desenvolvimento vegetativo e a previsão de colheita é para janeiro e fevereiro de 2019, com isso, não há alteração de área, bem como as expectativas de produtividade continuarem as mesmas, pois até o momento não há registro de fatores que comprometam a produção.

Até o momento não foi identificada qualquer alteração na área e produtividade do arroz de sequeiro primeira safra, tendo em vista que ele ainda não foi colhido. Dessa forma, os números são os mesmos do levantamento anterior.

Na Bahia, o arroz é cultivado na região de Coaceral (Formosa do Rio Preto), fronteiriça com o Piauí. De modo geral, o plantio é utilizado para aberturas de



novas áreas em solos de baixa fertilidade. A área destinada à cultura está sofrendo redução, sendo basicamente atribuída à redução da velocidade de abertura de novas áreas. A produção do cereal ocorre em regime de sequeiro, utilizando tanto o sistema de plantio direto quanto o convencional.

O cultivo de arroz ocupa a área de 7,8 mil hectares. Estima-se a produtividade de 1.200 kg/ha (20 scs/ha) de grãos de arroz. A colheita está finalizada e estima-se a produção de 9,4 mil toneladas.

No Maranhão foi finalizada a colheita desse cereal em todas regiões pesquisadas, com especial destaque para os ligeiros incrementos de área e produtividade média em relação à safra anterior. A área plantada passou de 141,6 mil hectares para 162,9 mil hectares, o que representa um acréscimo de 17,7%, ao passo que a produtividade foi 6,5% superior em relação à safra anterior, saindo de 1.807 kg/ha para 1.925 kg/ha, favorecida principalmente pelas condições climáticas favoráveis.

Para o arroz irrigado, relativamente à área plantada realizamos neste levantamento uma adequação da área plantada que passou de 1,4 mil hectares para 3,8 mil hectares, tratando-se tão somente de ajuste nas informações anteriormente transmitidas.

No tocante à produtividade média obtida nesse sistema fica mantida a previsão de rendimento médio em torno de 4.500 kg/ha devido ao excesso de chuvas, que prejudicou a colheita.

Na Paraíba, nas regiões pesquisadas tem-se o histórico do plantio de 12.000 hectares de arroz. A impossibilidade de competitividade com os preços do produto vindo de outras regiões do país fez com que parte dos produtores deixasse a exploração da cultura do arroz. O baixo regime de chuvas nos últimos cinco anos tornou escassas as reservas d'água para irrigação de salvamento, dificultando a atividade da rizicultura. Dado o histórico dos prejuízos sofridos na exploração dessa cultura, na safra passada foram plantadas apenas 921 hectares de arroz, que, por insuficiência de chuvas, apresentou produtividade de apenas 875 kg/ha. Apesar das frustrações ocorridas nas safras pretéritas, nesta safra teve-se a área de 1,1 mil hectares da cultura, com produtividade média de 1.100 kg/ha.

Em Pernambuco, o arroz cultivado no estado fica restrito a áreas situadas entre os municípios de Cabrobó e Orocó, onde são cultivadas às margens e sobre ilhas do Rio São Francisco. Atualmente, toda área cultivada é conduzida por agricultores integrados à empresa de beneficiamento de arroz da região, a qual deve cultivar uma área de 400 hectares ao longo do ano por

meio desse sistema de parceria.

No Rio Grande do Norte, a situação do arroz é a mesma que relatamos no último levantamento, ou seja, o plantio é predominantemente de arroz vermelho. É cultivado no Vale do Apodi/RN e trata-se de uma cultura que oferece um excelente suporte econômico e social para a região. A área total de arroz a ser plantada nesta safra deverá atingir 1,1 mil hectares e se concentra, principalmente, nos municípios situados à margem do Rio Apodi/Mossoró, inseridos na Região do Vale do Apodi. A maior parte do cultivo é feito por meio de irrigação via inundação e em menor escala também é plantada em áreas de várzeas úmidas sem irrigação. A atividade é basicamente desenvolvida em pequenas propriedades rurais, utilizando-se de mão de obra do grupo familiar. A atividade é de subsistência e em torno de 80% do arroz são consumidos na própria região e o excedente comercializado em outros mercados consumidores. Estima-se para esta safra um aumento de área em 10%.

Em Sergipe, a safra de arroz se encontra no início de seu desenvolvimento vegetativo, com o avanço da semeadura em cerca de 28% de área cultivada, uma vez que houve atraso na entrega das sementes pelo governo do estado, a qual teve início na primeira quinzena de julho de 2018, através da distribuição pela Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codevasf). O atraso foi motivado pela manutenção dos canais de irrigação e instalações de moto bombas, e poderá comprometer o período ideal de semeadura, o que segundo alguns técnicos, ainda pode reduzir cerca de 10% da área a ser plantada, informação que deverá ser confirmada no próximo levantamento. Vale ressaltar que muitas dessas áreas não tiveram seus solos preparados para a semeadura, o que dificultou o planejamento inicial de alcançar 30% da semeadura até a segunda quinzena de agosto, como estava previsto pelos técnicos da Codevasf.

Os três perímetros irrigados de Propriá, Betume e Cotinguiba, onde se concentra mais de 90% do cultivo de arroz no estado, deverão semear uma área em torno de 4,7 mil hectares, com estimativa de produtividade de 7.500 kg/ha. Atualmente o grão está sendo comercializado com preços atrativos, o que está animando os produtores de arroz, que esperam encontrar preços superiores aos praticados na última safra. Entretanto, não há relatos de comercialização de grandes quantidades do grão no estado nesse período em virtude no início da safra.

Com relação ao financiamento da safra, observou-se que a principal forma de obtenção de crédito para a rizicultura é feita a através de recursos provenientes dos compradores e atravessadores. Estima-se que



cerca de 55% dos recursos sejam oriundos dessa maneira, quando os compradores e atravessadores fornecem os insumos utilizados na produção do arroz e recebem o pagamento em produto ao final da safra, com os preços do grão estipulados por esses agentes financiadores. Os próprios rizicultores participam com 43% dos recursos para custear os próprios plantios, enquanto que 2% da atividade é financiada por bancos públicos. Vale a pena lembrar que o governo do estado normalmente distribui parte das sementes para os rizicultores sergipanos.

No Piauí, para o arroz irrigado primeira e segunda safra, houve um pequeno aumento de área na ordem de 2,6% em relação à área da safra passada, com esse aumento a área deve atingir 5,3 mil hectares.

Para o arroz de sequeiro houve um incremento de 9,2% da área em relação à safra passada, com área de 65,5 mil hectares. Esse aumento de área ocorreu na região de cerrado referente à agricultura empresarial e na região norte do estado referente a agricultura familiar.

O arroz irrigado primeira safra e o arroz de sequeiro se encontra com a área total plantada, o plantio na região sudoeste (cerrado) ocorreu entre a segunda quinzena de dezembro e a primeira de janeiro, já na região norte e centro-norte, onde se concentram as maiores áreas de arroz no estado, o plantio ocorreu entre a segunda quinzena de janeiro e a primeira de fevereiro. Dessa forma, as lavouras de sequeiro se encontram totalmente colhidas, já as lavouras irrigadas estão em fase final de colheita.

A produtividade normal esperada para o arroz irrigado primeira e segunda safras é de 4.478 kg/ha, já para o arroz de sequeiro a produtividade obtida foi de 1.443 kg/ha, representando um aumento de 4,3% em relação à safra anterior.

Em Mato Grosso, a colheita dos 137,8 mil hectares semeados com arroz de sequeiro primeira safra foi encerrada em maio, com produtividade média de 3.252 kg/ha, leve queda de 0,5% em relação aos 3.268 kg/ha contabilizados em 2016/17. Com o encerramento da safra, a cotação obtém certo suporte, após meses de baixa. A tendência é que o comércio tende a se acen-tuar no segundo semestre. A comercialização estadual é estimada em 77%.

A colheita dos 5,8 mil hectares de arroz de sequeiro e irrigado segunda safra foi finalizada em junho, com safra considerada como satisfatória e com a maior parte do produto em boa qualidade, ainda que parcela referente às lavouras de sequeiro tenha apresentado pequena parte dos grãos com baixa qualidade, por

conta do atraso do plantio, fato que prejudicou a granação da lavoura. A produtividade média é estimada em 3.659 kg/ha, com redução de 4,1% em relação aos 3.815 kg/ha registrados na última temporada.

Em Mato Grosso do Sul, a necessidade de outorga para uso da água e a baixa remuneração que a cultura tem proporcionado nos últimos anos têm dificultado o acesso dos produtores ao financiamento agrícola, forçando muitos orizicultores a optarem pelo financiamento privado através de operações de barter com fornecedores de insumos. O pacote tecnológico se manteve igual aos últimos anos, alterando apenas a opção por algumas variedades mais modernas.

O plantio foi realizado de forma escalonada, porém a maior concentração ocorreu em outubro de 2017, onde 60% das áreas foram semeadas, totalizando 14,3 mil hectares, ou seja, 7,7% menor em relação à safra passada, fato ocasionado pelos baixos preços do produto e em alguns casos, dificuldade de regularização ambiental.

A questão climática influenciou negativamente janeiro devido ao excesso de chuvas e prevalência de dias nublados, o que diminuiu a taxa fotossintética da cultura no momento de enchimento dos grãos, além de que algumas áreas foram inundadas pela enchente de rios, inviabilizando a colheita das destas, sendo o principal fator de redução da produtividade em 5% em relação à safra anterior, obtendo a média de 5.700 kg/ha.

A comercialização foi realizada após a colheita para cobrir os compromissos para custeio da safra, sendo o excedente armazenado para aguardar de melhores remunerações. A realização de AGF pela Conab no Sul do Brasil animou os produtores com relação à perspectiva de melhoria nos preços.

Em São Paulo, como já informado anteriormente, demonstra uma estabilidade de área. O produto é pouco cultivado no estado. O cereal se concentra basicamente em dois municípios, Guaratinguetá e Pindamonhangaba, ambos pertencentes ao vale do Paraíba (sentido Rio Janeiro). O arroz consumido em São Paulo é todo oriundo do Rio Grande do Sul.

Os poucos produtores que se dedicam ao plantio do arroz no estado comercializam sua produção em nível de propriedade ou com finalidade de consumo doméstico.

Quanto à área prevista dentro do estado fica em torno de 9,5 mil hectares e a produtividade média em torno de 4.094 kg/ha.



Em Minas Gerais, seguindo a tendência das últimas décadas, o cultivo de arroz vem sofrendo constante declínio no estado. Na safra atual a área estimada foi de 4,8 mil hectares, dos quais 73% são conduzidos em sistema de sequeiro e 27% sob irrigação. Em termos percentuais, a redução de área foi de 20% em relação à safra anterior. Dentre os principais fatores que motivam o declínio da cultura no estado citam-se: a baixa rentabilidade, os elevados riscos em razão do clima, entre outros, as restrições de cunho ambiental devendo ao plantio em Áreas de Preservação Permanente. A redução de área não impactou com a mesma proporção a produção, visto que as áreas que deixaram de ser cultivadas eram pouco produtivas, influenciando, inclusive, a média geral do estado.

No Rio Grande do Sul, a safra 2017/18 de arroz apresentou boa produtividade, superior à média histórica do estado, e área semelhante aos demais anos. Porém, durante o ciclo de desenvolvimento da cultura, houve uma inversão de expectativas, que no começo era de baixa produtividade, mudando na fase final para alta em razão dos eventos meteorológicos ocorridos, principalmente no período reprodutivo da cultura.

A fase inicial do preparo do solo começou de maneira adequada na maioria das regiões do estado. Muito em virtude de um inverno mais seco, boa parte dos produtores conseguiram realizar o preparo antecipado do solo, que trouxe muitos benefícios no momento da implantação da lavoura. No momento da semeadura, porém, ocorreu um período com intensas precipitações em todo o estado, o que atrasou de maneira considerável o processo de semeadura.

As primeiras áreas puderam ser semeadas ainda em setembro, de maneira adequada, porém, outubro, período de maior concentração da semeadura, as chuvas ou impediram a atividade ou forçou os produtores a fazer de maneira mais acelerada, aproveitando os curtos períodos favoráveis e com baixa qualidade no processo. Esses dois fatores, atraso e baixa qualidade na semeadura, reduziram o potencial inicial da cultura.

O atraso na semeadura reduz o potencial produtivo pois, assim, o florescimento e o enchimento de grãos, fases com maior demanda fotossintética, não coincidem com o período de maior insolação. Portanto, como

cerca de 5% da área foi semeada fora do período recomendado, 18% no período tolerado e 77% no período preferencial, o potencial produtivo acabou sendo reduzido.

Além dos problemas na semeadura, novembro e dezembro foram muito secos, contrastando com o período imediatamente anterior. Essa escassez de água afetou a germinação e o estabelecimento inicial das plantas, em especial aquelas semeadas mais tarde, fazendo com que muitos produtores tenham sido obrigados a recorrer a “banhos” como forma de irrigar as lavouras. Isso também teve um impacto negativo nos tratos culturais, como a adubação nitrogenada de cobertura e controle de plantas daninhas.

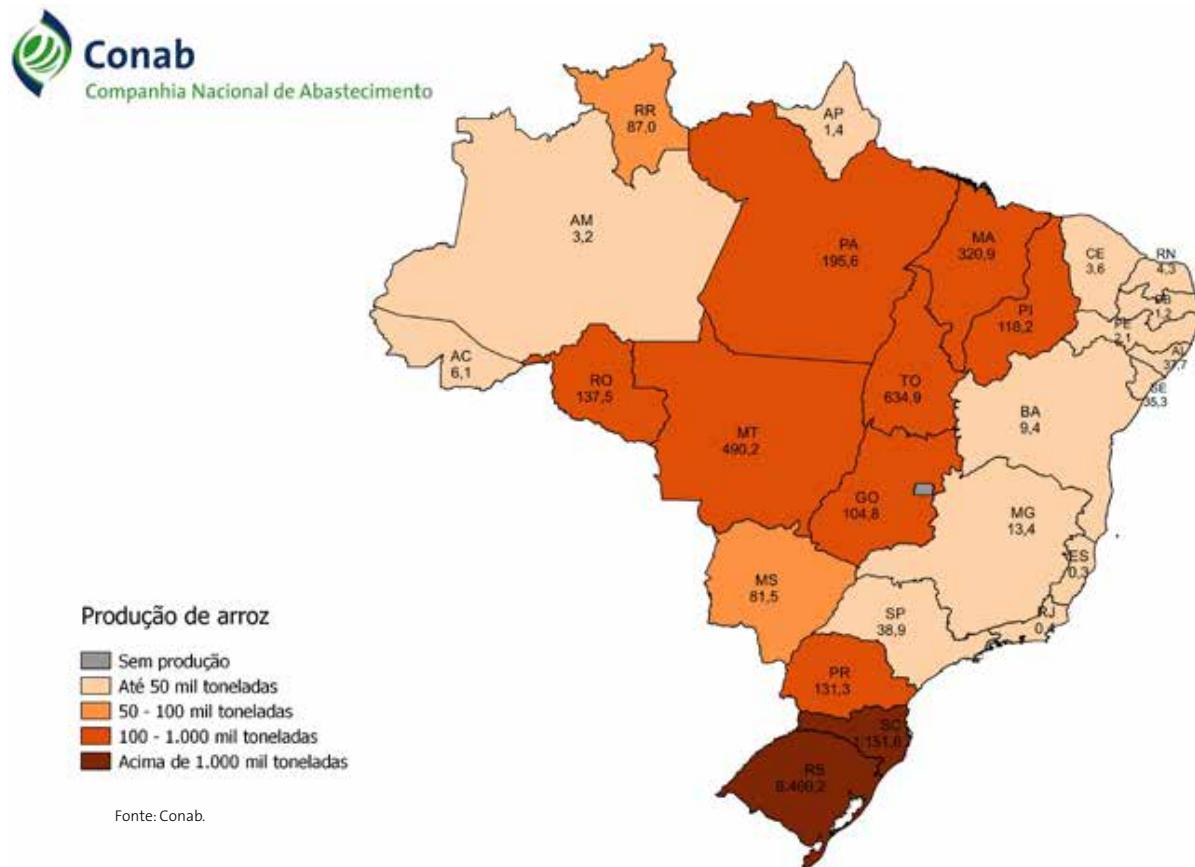
A soma de todos esses fatores fez com que a estimativa de produtividade fosse inicialmente reduzida até nível inferior à média dos últimos dez anos. Contudo, uma condição climática anormal durante o verão no Rio Grande do Sul, com anomalias positivas de temperatura e maior incidência de radiação, justamente no período crítico da cultura, floração e enchimento de grãos, fez com que as perdas que poderiam ocorrer pelo atraso na semeadura e estabelecimento irregular fossem totalmente revertidas, passando-se, então, a readjustar-se para cima a produtividade estadual. Com isso, o resultado final da safra 2017/18 ficou em 7.851 kg/ha, configurando essa como a segunda melhor safra da história em produtividade, atrás somente da safra 2016/17.

Muito da resposta produtiva dessa safra se dá em razão do uso maciço do cultivar Irga 424 RI. Essa cultivar, que tem sido a principal semeada no estado nos últimos anos, apresenta ótimo potencial produtivo, chegando frequentemente a produzir 2.000 kg/ha a mais que as demais, na mesma condição. No entanto, essa cultivar, embora muito apreciada pelos produtores, encontra restrições junto às indústrias de beneficiamento, que alegam ser, ela, de menor qualidade, por apresentar maior incidência do distúrbio fisiológico popularmente conhecido como “barriga branca”.

Nas regiões mais a oeste do estado, em que há uma maior amplitude térmica diária, com as máximas frequentemente extrapolando o limite superior da cultura, a incidência de barriga branca tem sido maior que nas regiões mais próximas ao mar.



Figura 6 - Mapa da produção agrícola – Arroz



Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Arroz

UF	Mesorregiões	Arroz											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
TO**	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MA	Centro Maranhense					P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
PR**	Noroeste Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SC**	Norte Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M/C	M/C	C					
	Vale do Itajaí	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sul Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M/C	M/C	C					
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Porto Alegre	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C					
	Sudeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva
Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio; (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

**** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.**



Tabela 8 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	263,0	263,5	0,2	4.129	4.045	(2,0)	1.085,8	1.065,7	(1,9)
RR	12,3	12,3	-	7.077	7.075	-	87,0	87,0	-
RO	40,6	42,4	4,4	2.956	3.243	9,7	120,0	137,5	14,6
AC	4,3	5,0	16,3	1.399	1.223	(12,6)	6,0	6,1	1,7
AM	3,2	1,4	(56,3)	2.183	2.296	5,2	7,0	3,2	(54,3)
AP	1,5	1,5	-	945	952	0,7	1,4	1,4	-
PA	68,8	68,4	(0,6)	2.728	2.860	4,8	187,7	195,6	4,2
TO	132,3	132,5	0,2	5.115	4.792	(6,3)	676,7	634,9	(6,2)
NORDESTE	229,2	262,0	14,3	1.908	2.033	6,5	437,3	532,7	21,8
MA	141,6	166,7	17,7	1.807	1.925	6,5	255,9	320,9	25,4
PI	65,2	70,8	8,6	1.629	1.670	2,5	106,2	118,2	11,3
CE	4,7	3,6	(23,4)	2.076	975	(53,0)	9,7	3,6	(62,9)
RN	1,0	1,1	10,0	3.766	3.945	4,8	3,8	4,3	13,2
PB	0,9	1,1	22,2	875	1.100	25,7	0,8	1,2	50,0
PE	0,2	0,4	100,0	4.000	5.259	31,5	0,8	2,1	162,5
AL	2,8	5,8	107,1	6.220	6.500	4,5	17,4	37,7	116,7
SE	4,7	4,7	-	7.540	7.500	(0,5)	35,4	35,3	(0,3)
BA	8,1	7,8	(3,7)	900	1.200	33,3	7,3	9,4	28,8
CENTRO-OESTE	199,4	185,2	(7,1)	3.672	3.653	(0,5)	732,3	676,5	(7,6)
MT	162,3	149,3	(8,0)	3.266	3.283	0,5	530,0	490,2	(7,5)
MS	15,5	14,3	(7,7)	6.000	5.700	(5,0)	93,0	81,5	(12,4)
GO	21,6	21,6	-	5.059	4.852	(4,1)	109,3	104,8	(4,1)
SUDESTE	16,1	14,7	(8,7)	3.399	3.611	6,2	54,7	53,0	(3,1)
MG	6,0	4,8	(20,0)	2.534	2.791	10,2	15,2	13,4	(11,8)
ES	0,1	0,1	-	2.471	3.468	40,3	0,2	0,3	50,0
RJ	0,3	0,3	-	3.667	1.483	(59,6)	1,1	0,4	(63,6)
SP	9,7	9,5	(2,1)	3.935	4.094	4,0	38,2	38,9	1,8
SUL	1.273,2	1.247,4	(2,0)	7.868	7.811	(0,7)	10.017,7	9.743,1	(2,7)
PR	25,1	23,1	(8,0)	6.506	5.684	(12,6)	163,3	131,3	(19,6)
SC	147,4	146,7	(0,5)	7.638	7.850	2,8	1.125,8	1.151,6	2,3
RS	1.100,7	1.077,6	(2,1)	7.930	7.851	(1,0)	8.728,6	8.460,2	(3,1)
NORTE/NORDESTE	492,2	525,5	6,8	3.095	3.042	(1,7)	1.523,1	1.598,4	4,9
CENTRO-SUL	1.488,7	1.447,3	(2,8)	7.258	7.236	(0,3)	10.804,7	10.472,6	(3,1)
BRASIL	1.980,9	1.972,8	(0,4)	6.223	6.119	(1,7)	12.327,8	12.071,0	(2,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.



Tabela 9 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz sequeiro

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	140,6	138,8	(1,3)	2.526	2.757	9,2	355,1	382,6	7,7
RO	40,6	42,4	4,4	2.956	3.243	9,7	120,0	137,5	14,6
AC	4,3	5,0	16,0	1.399	1.223	(12,6)	6,0	6,1	1,7
AM	3,2	1,4	(56,3)	2.183	2.296	5,2	7,0	3,2	(54,3)
AP	1,5	1,5	-	945	952	0,7	1,4	1,4	-
PA	63,7	62,8	(1,4)	2.592	2.808	8,3	165,1	176,3	6,8
TO	27,3	25,7	(5,9)	2.036	2.261	11,1	55,6	58,1	4,5
NORDESTE	213,3	240,8	12,9	1.623	1.710	5,4	346,2	411,9	19,0
MA	140,2	162,9	16,2	1.775	1.865	5,1	248,9	303,8	22,1
PI	60,0	65,5	9,2	1.384	1.443	4,3	83,0	94,5	13,9
CE	4,1	3,5	(14,7)	1.516	846	(44,2)	6,2	3,0	(51,6)
PB	0,9	1,1	22,0	875	1.100	25,7	0,8	1,2	50,0
BA	8,1	7,8	(3,7)	900	1.200	33,3	7,3	9,4	28,8
CENTRO-OESTE	158,1	150,2	(5,0)	3.187	3.225	1,2	503,8	484,4	(3,9)
MT	151,4	143,5	(5,2)	3.226	3.268	1,3	488,4	469,0	(4,0)
GO	6,7	6,7	-	2.300	2.300	-	15,4	15,4	-
SUDESTE	7,1	5,8	(18,3)	2.093	2.244	7,3	14,8	12,9	(12,8)
MG	4,7	3,5	(25,5)	1.563	1.756	12,3	7,3	6,1	(16,4)
ES	0,1	0,1	-	2.471	3.468	40,3	0,2	0,3	50,0
RJ	0,3	0,3	-	3.667	1.483	(59,6)	1,1	0,4	(63,6)
SP	2,0	1,9	(5,0)	3.082	3.200	3,8	6,2	6,1	(1,6)
SUL	5,3	3,4	(35,8)	2.032	1.973	(2,9)	10,8	6,7	(38,0)
PR	5,3	3,4	(35,8)	2.032	1.973	(2,9)	10,8	6,7	(38,0)
NORTE/NORDESTE	353,9	379,6	7,3	1.982	2.093	5,6	701,3	794,5	13,3
CENTRO-SUL	170,5	159,4	(6,5)	3.105	3.162	1,8	529,4	504,0	(4,8)
BRASIL	524,4	539,0	2,8	2.347	2.409	2,7	1.230,7	1.298,5	5,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.

Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz irrigado

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	122,4	124,7	1,9	5.970	5.478	(8,2)	730,7	683,1	(6,5)
RR	12,3	12,3	-	7.077	7.075	-	87,0	87,0	-
PA	5,1	5,6	9,8	4.433	3.446	(22,3)	22,6	19,3	(14,6)
TO	105,0	106,8	1,7	5.915	5.401	(8,7)	621,1	576,8	(7,1)
NORDESTE	15,9	21,2	33,3	5.732	5.697	(0,6)	91,1	120,8	32,6
MA	1,4	3,8	171,4	5.020	4.500	(10,4)	7,0	17,1	144,3
PI	5,2	5,3	2,6	4.453	4.478	0,6	23,2	23,7	2,2
CE	0,6	0,1	(83,3)	5.900	5.500	(6,8)	3,5	0,6	(82,9)
RN	1,0	1,1	10,0	3.766	3.945	4,8	3,8	4,3	13,2
PE	0,2	0,4	75,0	4.000	5.259	31,5	0,8	2,1	162,5
AL	2,8	5,8	107,8	6.220	6.500	4,5	17,4	37,7	116,7
SE	4,7	4,7	-	7.540	7.500	(0,5)	35,4	35,3	(0,3)
CENTRO-OESTE	41,3	35,0	(15,3)	5.532	5.489	(0,8)	228,5	192,1	(15,9)
MT	10,9	5,8	(46,8)	3.815	3.659	(4,1)	41,6	21,2	(49,0)
MS	15,5	14,3	(7,7)	6.000	5.700	(5,0)	93,0	81,5	(12,4)
GO	14,9	14,9	-	6.300	6.000	(4,8)	93,9	89,4	(4,8)
SUDESTE	9,0	8,9	(1,1)	4.429	4.501	1,6	39,9	40,1	0,5
MG	1,3	1,3	-	6.043	5.577	(7,7)	7,9	7,3	(7,6)
SP	7,7	7,6	(1,3)	4.157	4.317	3,8	32,0	32,8	2,5
SUL	1.267,9	1.244,0	(1,9)	7.893	7.827	(0,8)	10.006,9	9.736,4	(2,7)
PR	19,8	19,7	(0,5)	7.704	6.324	(17,9)	152,5	124,6	(18,3)
SC	147,4	146,7	(0,5)	7.638	7.850	2,8	1.125,8	1.151,6	2,3
RS	1.100,7	1.077,6	(2,1)	7.930	7.851	(1,0)	8.728,6	8.460,2	(3,1)
NORTE/NORDESTE	138,3	145,9	5,5	5.943	5.510	(7,3)	821,8	803,9	(2,2)
CENTRO-SUL	1.318,2	1.287,9	(2,3)	7.795	7.740	(0,7)	10.275,3	9.968,6	(3,0)
BRASIL	1.456,5	1.433,8	(1,6)	7.619	7.513	(1,4)	11.097,1	10.772,5	(2,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.



9.1.4. FEIJÃO

9.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

A área semeada com o feijão primeira safra em 2017/18 foi de 1.056,3 mil hectares, representando redução de 5,2% em relação à temporada passada, que foi de 1.111 mil hectares. A produtividade média nacio-

nal foi de 1.216 kg/ha, ficando muito próxima do valor obtido no ciclo anterior. Com esses resultados de área e produtividade, a produção nacional foi de 1.281,6 mil toneladas.

Feijão-comum cores

Em âmbito nacional houve decréscimo de 3,3% na área semeada com o feijão-comum cores, nessa primeira safra, totalizando 462,4 mil hectares em 2017/18. As condições climáticas não foram tão favoráveis ao desenvolvimento da cultura em algumas regiões produ-

toras e isso refletiu na produtividade média esperada, estimando-se redução de 2,8% em relação à safra de 2016/17, saindo de 1.779 kg/ha para 1.728 kg/ha. A produção também apresentou redução na ordem de 6%, atingindo 799 mil toneladas.

Goiás, houve pequena diminuição de área (2,8%) em relação ao ano anterior, entretanto as condições climáticas favoráveis ao longo dos momentos mais críticos da cultura trouxeram um incremento em produtividade média na ordem de 4%, viabilizando assim uma produção maior do que àquela obtida na temporada passada, alcançando 140,3 mil toneladas.

cultura, sendo que o rendimento médio alcançado foi maior do que o obtido no ciclo anterior, chegando à 1.353 kg/ha, contra 1.301 kg/ha em 2016/17. Dessa forma, a produção total foi de 184,8 mil toneladas.

Em Minas Gerais, também foi observada uma pequena redução em área (2,4%) destinada ao feijão-comum cores primeira safra, e assim como em Goiás, as condições foram favoráveis ao desenvolvimento da

Em São Paulo, principal produtor de feijão-comum cores na primeira safra, houve decréscimo tanto em área cultivada (1,3%), quanto em produtividade média (1,6%) e produção (2,9%) quando comparados aos valores obtidos em 2016/17. Ainda assim o estado produziu cerca de 25% de toda a produção nacional para esse tipo de feijão na primeira safra, totalizando 200,9 mil toneladas.

Feijão-comum preto

Essa primeira safra brasileira apresentou aumento de 3,1% na área plantada de feijão-comum preto, alcançando 180,2 mil hectares, quando comparada à tem-

porada passada. Entretanto, a produtividade média não acompanhou esse mesmo crescimento, saindo de 1.829 kg/ha em 2016/17 para 1.655 kg/ha nesse ciclo atual.

A Região Sul do país é a principal produtora com mais de 96% de toda a produção nacional do feijão-comum preto na primeira safra, restando apenas algumas produções menores dispostas no Distrito Federal, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro.

para uma redução na ordem de 13,4% na produtividade média quando comparada àquela visualizada na temporada passada, atingindo assim uma produção aquém da esperada (198,2 mil toneladas em 2017/18 contra 216 mil toneladas em 2016/17).

No Paraná, o maior estado produtor, a área destinada à cultura apresentou aumento de 6% em relação aos valores obtidos em 2016/17. No entanto, as condições climáticas foram desfavoráveis em momentos importantes ao longo do ciclo das plantas, e isso contribuiu

No Rio Grande do Sul, a produtividade média obtida foi de 1.650 kg/ha, representando aumento de 9,4% em comparação com a temporada passada. Tal incremento possibilitou também um acréscimo na produção final, totalizando 48,7 mil toneladas (1,5% maior do que em 2016/17).



Feijão-caupi

O terceiro tipo de feijão mais cultivado na primeira safra brasileira tem sua produção concentrada no Nordeste, em especial no Piauí e na Bahia. A área e a

No Maranhão, a área cultivada foi de 37,6 mil hectares e a produtividade média na ordem de 575 kg/ha. Desse forma, a produção final apresentou um incremento de 4,3% em relação aos valores obtidos no ano anterior, chegando à 21,6 mil toneladas.

Na Bahia, o feijão-caupi primeira safra plantado principalmente nas regiões centro norte, centro sul e no Vale do São Francisco, ficou comprometido pela falta de chuvas no período de formação das lavouras. Desse forma, a área destinada à essa cultura no estado diminuiu 33,6% em comparação à temporada anterior, e além disso, a produtividade média também sofreu com os efeitos da restrição hídrica e apresentou re-

dução nacional de feijão-caupi diminuíram 10,3% e 3,3%, respectivamente.

dução de 5,2%, alcançando um rendimento médio de 478 kg/ha. Mesmo assim o estado ainda se manteve como o segundo maior produtor de feijão-caupi primeira safra, com um total de 53,9 mil toneladas.

No Piauí, as condições climáticas foram favoráveis ao desenvolvimento da cultura, principalmente se for comparada com as condições apresentadas em 2016/17. Assim sendo, a produtividade média obtida foi 31% maior do que àquela da temporada passada, contribuindo para tornar o estado o principal produtor desse tipo de feijão na primeira safra brasileira com uma produção de 90,3 mil toneladas (35,8% maior do que a produção da temporada anterior).

Figura 7 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra - cores

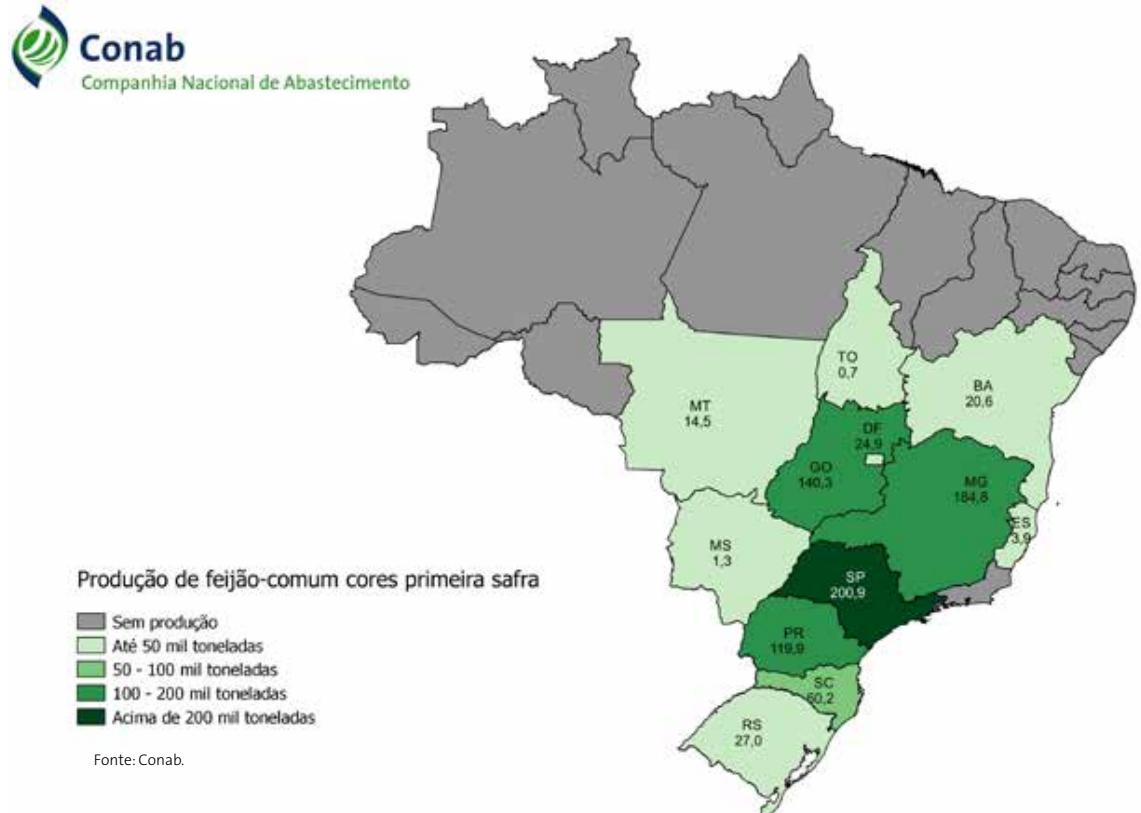


Figura 8 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra - preto

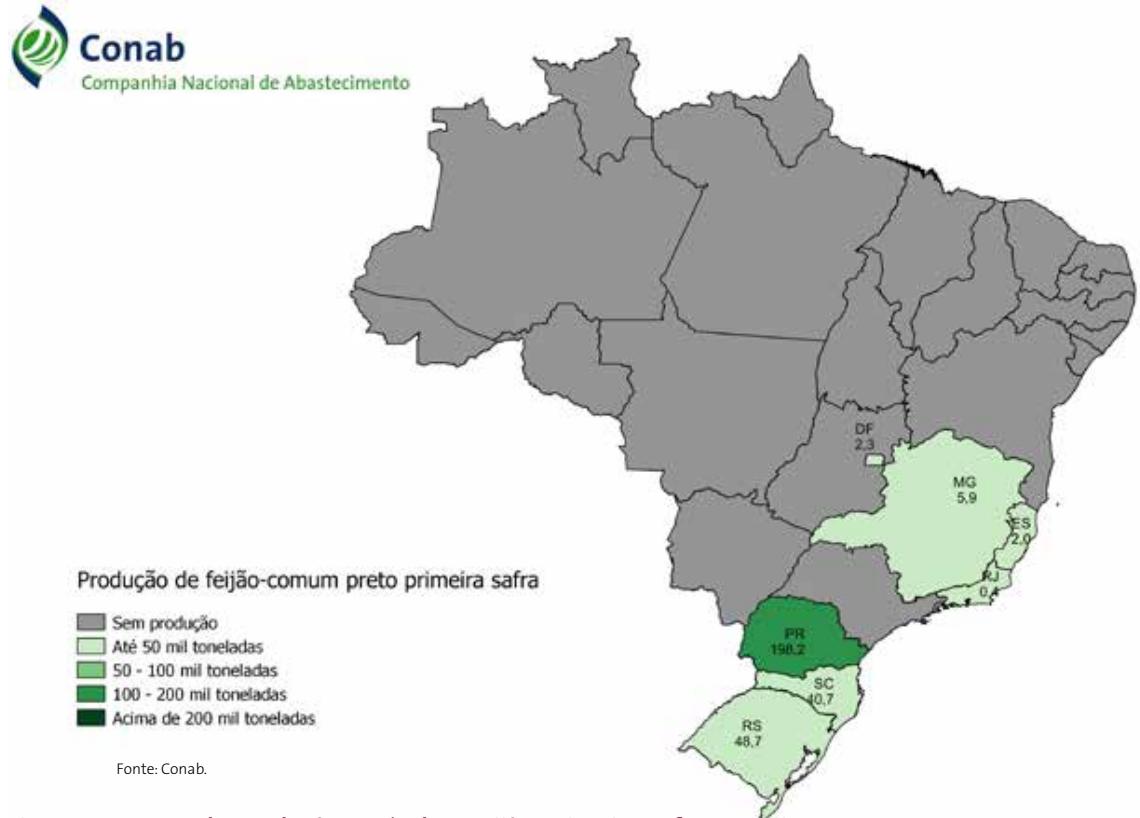
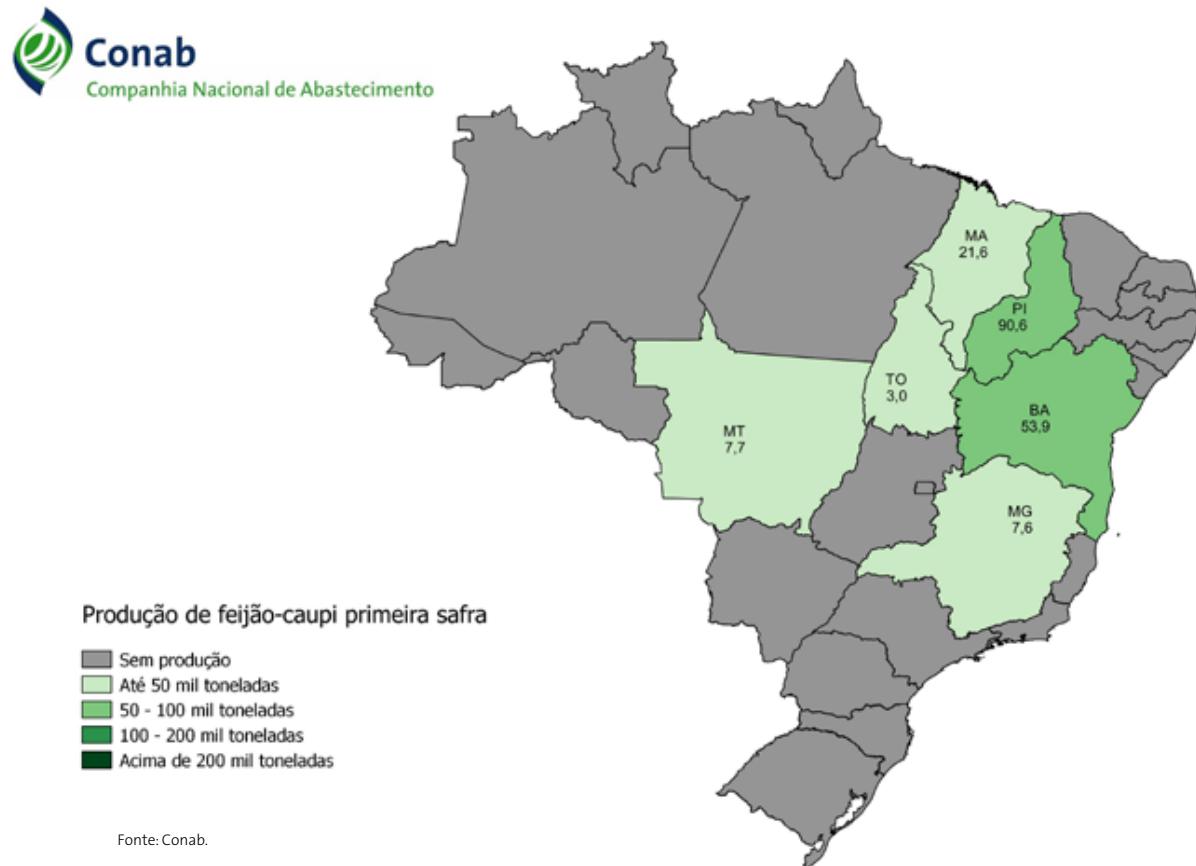


Figura 9 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra - caupi



Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	
	Sudoeste Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C		
	Vale São-Franciscano da Bahia					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	M/C		
	Centro Norte Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C		
	Centro Sul Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C		
MT	Sudeste Mato-grossense			P/G	DV	F	F/FR/M	M/C					
	Norte Mato-grossense			P/G	DV/F	F/FR	M/C	C					
GO	Leste Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sul Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
DF	Norte Goiano				P/G	G/FR	F/FR	F/R/M	M/C				
MG	Distrito Federal		PP	P/G/DV	F/FR	M/C	C						
	Noroeste de Minas		P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C						
	Norte de Minas		P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C						
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C						
	Oeste de Minas		P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C						
	Sul/Sudoeste de Minas		P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C						
	Campo das Vertentes		P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C						
SP**	Zona da Mata		P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C						
	Bauru	PP	P/G	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
	Assis	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Itapetininga	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Norte Central Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Oeste Paranaense		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Sudoeste Paranaense		P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro-Sul Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Metropolitana de Curitiba		P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
SC	Oeste Catarinense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C					
	Norte Catarinense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C					
	Serrana		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C					
RS	Noroeste Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M/C	C						
	Nordeste Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C					
	Metropolitana de Porto Alegre		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	C					

Legendas:

- [Yellow Box] Baixa restrição - falta de chuvas
- [Green Box] Favorável
- [Orange Box] Média restrição - falta de chuva
- [Light Blue Box] Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,8	5,9	22,9	649	624	(3,8)	3,1	3,7	19,4
TO	4,8	5,9	22,9	649	624	(3,8)	3,1	3,7	19,4
NORDESTE	490,2	429,6	(12,4)	453	435	(4,1)	222,1	186,8	(15,9)
MA	36,4	37,6	3,3	570	575	0,9	20,7	21,6	4,3
PI	226,9	235,3	3,7	294	385	31,0	66,7	90,6	35,8
BA	226,9	156,7	(30,9)	594	476	(19,9)	134,7	74,6	(44,6)
CENTRO-OESTE	81,5	81,7	0,2	2.203	2.337	6,1	179,5	190,9	6,4
MT	10,8	12,6	16,7	1.525	1.762	15,5	16,5	22,2	34,5
MS	0,8	0,8	-	1.800	1.650	(8,3)	1,4	1,3	(7,1)
GO	57,8	56,2	(2,8)	2.400	2.496	4,0	138,7	140,3	1,2
DF	12,1	12,1	-	1.895	2.242	18,3	22,9	27,1	18,3
SUDESTE	247,3	243,7	(1,5)	1.651	1.664	0,8	408,3	405,5	(0,7)
MG	161,0	157,2	(2,4)	1.213	1.261	4,0	195,2	198,3	1,6
ES	4,6	6,1	32,6	1.174	970	(17,4)	5,4	5,9	9,3
RJ	0,6	0,4	(33,3)	1.127	938	(16,8)	0,7	0,4	(42,9)
SP	81,1	80,0	(1,4)	2.552	2.511	(1,6)	207,0	200,9	(2,9)
SUL	287,2	292,7	1,9	1.907	1.690	(11,3)	547,6	494,7	(9,7)
PR	194,1	199,6	2,8	1.880	1.594	(15,2)	364,8	318,1	(12,8)
SC	51,3	53,6	4,5	2.160	1.883	(12,8)	110,8	100,9	(8,9)
RS	41,8	39,5	(5,5)	1.721	1.916	11,3	72,0	75,7	5,1
NORTE/NORDESTE	495,0	435,5	(12,0)	455	437	(3,9)	225,2	190,5	(15,4)
CENTRO-SUL	616,0	618,1	0,3	1.843	1.765	(4,2)	1.135,4	1.091,1	(3,9)
BRASIL	1.111,0	1.053,6	(5,2)	1.225	1.216	(0,7)	1.360,6	1.281,6	(5,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.

Tabela 12 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	1,2	1,2	-	1.850	1.900	2,7	2,2	2,3	4,5
DF	1,2	1,2	-	1.850	1.900	2,7	2,2	2,3	4,5
SUDESTE	9,8	9,2	(6,1)	965	900	(6,8)	9,5	8,3	(12,6)
MG	6,9	6,8	(1,6)	838	868	3,6	5,8	5,9	1,7
ES	2,3	2,0	(13,0)	1.304	1.000	(23,3)	3,0	2,0	(33,3)
RJ	0,6	0,4	(33,0)	1.127	938	(16,8)	0,7	0,4	(42,9)
SUL	163,7	169,8	3,7	1.880	1.694	(9,9)	307,8	287,6	(6,6)
PR	112,0	118,7	6,0	1.929	1.670	(13,4)	216,0	198,2	(8,2)
SC	19,9	21,6	8,4	2.200	1.885	(14,3)	43,8	40,7	(7,1)
RS	31,8	29,5	(7,2)	1.508	1.650	9,4	48,0	48,7	1,5
CENTRO-SUL	174,7	180,2	3,1	1.829	1.655	(9,5)	319,5	298,2	(6,7)
BRASIL	174,7	180,2	3,1	1.829	1.655	(9,5)	319,5	298,2	(6,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.



Tabela 13 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,4	0,8	100,0	1.080	881	(18,4)	0,4	0,7	75,0
TO	0,4	0,8	100,0	1.080	881	(18,4)	0,4	0,7	75,0
NORDESTE	57,0	43,9	(23,0)	862	470	(45,5)	49,1	20,6	(58,0)
BA	57,0	43,9	(23,0)	862	470	(45,5)	49,1	20,6	(58,0)
CENTRO-OESTE	73,9	74,1	0,3	2.296	2.442	6,4	169,6	181,0	6,7
MT	4,4	6,2	40,9	1.998	2.342	17,2	8,8	14,5	64,8
MS	0,8	0,8	-	1.800	1.650	(8,3)	1,4	1,3	(7,1)
GO	57,8	56,2	(2,8)	2.400	2.496	4,0	138,7	140,3	1,2
DF	10,9	10,9	-	1.900	2.280	20,0	20,7	24,9	20,3
SUDESTE	223,4	220,7	(1,2)	1.752	1.765	0,7	391,5	389,6	(0,5)
MG	140,0	136,6	(2,4)	1.301	1.353	4,0	182,1	184,8	1,5
ES	2,3	4,1	78,0	1.043	955	(8,4)	2,4	3,9	62,5
SP	81,1	80,0	(1,3)	2.552	2.511	(1,6)	207,0	200,9	(2,9)
SUL	123,5	122,9	(0,5)	1.941	1.685	(13,2)	239,8	207,1	(13,6)
PR	82,1	80,9	(1,5)	1.812	1.482	(18,2)	148,8	119,9	(19,4)
SC	31,4	32,0	1,9	2.134	1.881	(11,9)	67,0	60,2	(10,1)
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.700	12,5	24,0	27,0	12,5
NORTE/NORDESTE	57,4	44,7	(22,1)	864	477	(44,7)	49,5	21,3	(57,0)
CENTRO-SUL	420,8	417,7	(0,7)	1.903	1.862	(2,2)	800,9	777,7	(2,9)
BRASIL	478,2	462,4	(3,3)	1.779	1.728	(2,8)	850,4	799,0	(6,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.

Tabela 14 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,4	5,1	15,9	610	584	(4,3)	2,7	3,0	11,1
TO	4,4	5,1	15,9	610	584	(4,3)	2,7	3,0	11,1
NORDESTE	433,2	385,7	(11,0)	400	431	7,8	173,0	166,1	(4,0)
MA	36,4	37,6	3,4	570	575	0,9	20,7	21,6	4,3
PI	226,9	235,3	3,7	294	385	31,0	66,7	90,6	35,8
BA	169,9	112,8	(33,6)	504	478	(5,2)	85,6	53,9	(37,0)
CENTRO-OESTE	6,4	6,4	-	1.200	1.200	-	7,7	7,7	-
MT	6,4	6,4	-	1.200	1.200	-	7,7	7,7	-
SUDESTE	14,1	13,8	(2,1)	519	548	5,6	7,3	7,6	4,1
MG	14,1	13,8	(2,1)	519	548	5,6	7,3	7,6	4,1
NORTE/NORDESTE	437,6	390,8	(10,7)	402	433	7,7	175,7	169,1	(3,8)
CENTRO-SUL	20,5	20,2	(1,5)	732	755	3,1	15,0	15,3	2,0
BRASIL	458,1	411,0	(10,3)	416	449	7,7	190,7	184,4	(3,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.



9.1.4.2. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Assim como o feijão primeira safra, a segunda safra também tem a maior parte de sua produção na Região Centro-Sul do país. A estimativa nacional de área semeada é na ordem de 1.532,7 mil hectares, um incremento de 7,4% quando comparada à temporada passada. Vale

ressaltar que a área destinada ao feijão segunda safra é maior na Região Norte/Nordeste, porém as produtividades médias são mais baixas quando comparadas às do Centro-Sul. A expectativa é de produção na ordem de 1.215,1 mil toneladas nessa segunda safra.

Feijão-comum cores

O feijão-comum cores é o segundo tipo de feijão mais produzido na segunda safra. A estimativa é de produção nacional de 479,3 mil toneladas para a safra 2017/18, ou seja, 16,8% inferior à safra passada.

Na Paraíba, as cinco últimas safras foram prejudicadas pela insuficiência de chuvas, no entanto, a atual safra aponta para um pequeno crescimento da área, o que resultará em 26,1 mil hectares cultivados com o feijão-comum cores segunda safra, projetando produtividade média de 457 kg/ha.

Na Bahia, o extremo-oeste é a mesorregião onde se cultiva a segunda safra de feijão-comum cores. Os plantios ocorreram em meados de fevereiro, em uma área de 10 mil hectares, com manejo irrigado em sistema de pivô central, sucedendo às lavouras de soja. A colheita se encontra finalizada. A produção está estimada em 24 mil toneladas.

Em Mato Grosso do Sul aproximadamente 26 mil hectares foram semeados e estima-se uma produtividade média de 1.300 kg/ha. Houve baixo índice pluviométrico em determinadas fases de desenvolvimento da cultura, acarretando em condições desfavoráveis à evolução das lavouras. Dessa forma, a produção esperada é de 33,8 mil toneladas, representando diminuição de 20,5% quando comparada aos números da temporada anterior.

Em Minas Gerais, a segunda safra de feijão-comum

cores apresentou uma irrisória redução de área em relação ao ano anterior, ficando estimada em 109,7 mil hectares. Quanto à produção, a diminuição foi mais significativa, estimando-se variação de 9,8% quando comparada à temporada passada em virtude da queda de produtividade.

Houve bom registro de chuvas no decorrer da safra de verão, possibilitando o armazenamento de água no solo e condicionando a semeadura de segunda safra. Entretanto, o período pós-plantio apresentou baixos índices pluviométricos e isso ocasionou estresse hídrico em fases importantes no desenvolvimento da cultura, propiciando assim o já mencionado decréscimo de produtividade em relação ao ano anterior.

A colheita foi encerrada em julho e as comercializações seguem sem impasses, apesar dos preços pouco atrativos.

No Paraná, principal estado produtor do feijão-comum cores de segunda safra, houve uma diminuição expressiva na área destinada a essa cultura, com cerca de 31,3% a menos do que àquela obtida em 2016/17. Houve certo desestímulo por parte de alguns produtores devido aos baixos preços pagos pelo grão. Dessa forma, a produção também apresentou redução na ordem de 31,5% em relação ao ciclo passado, totalizando 147,7 mil toneladas produzidas. A colheita já foi concluída no estado..

Feijão-comum preto

O feijão-comum preto é o terceiro mais cultivado durante a segunda safra. A projeção de produção brasileira em 2017/18 é de 179,9 mil toneladas, utilizando uma área de 131,4 mil hectares e obtendo uma produtividade média de 1.368 kg/ha.

Na Paraíba esse feijão é explorado em poucos municípios. A atual safra supera as perspectivas de crescimento de área, registrando 1,8 mil hectares semeados (cerca de 63,6% a mais do que àquela área cultivada em 2016/17) e a produtividade estimada está em 434 kg/ha.

Em Minas Gerais, o feijão-comum preto é tradicional-

mente cultivado nas regiões da Zona da Mata, Central e Rio Doce. Nessa segunda safra a estimativa de área destinada à cultura é de 6,4 mil hectares, com produção total de 5,4 mil toneladas. A colheita está praticamente encerrada.

No Paraná, a colheita já está concluída, com produtividade de 1.369 kg/ha. Comparando com a safra anterior, houve uma redução de 3,5%, principalmente em razão da falta de chuva nas fases críticas da cultura. A produção total foi de 119,2 mil toneladas, representando redução de 5,1% em relação ao ano passado.



No Rio Grande do Sul, as lavouras vêm se desenvolvendo bem, com a colaboração do clima. Nos municípios que cultivam a leguminosa, Erechim, Soledade e Cruz Alta, a cultura está em transição de enchimento de grão para maturação, enquanto que em Palmeira das Missões a colheita já foi iniciada. De modo geral,

Feijão-caupi

O feijão-caupi ocupa a maior área semeada com feijão na segunda safra no país, com 1.023,3 mil hectares. A produção nacional está estimada em 556 mil toneladas, 24,9% superior à temporada passada.

Em Tocantins, as condições pluviométricas favoreceram ao bom desenvolvimento das lavouras no início do ciclo, porém, devido à redução significativa nas precipitações após a segunda quinzena de abril, a produtividade demonstrou uma queda de 56,7% em relação à safra anterior.

O fato das chuvas terem cessado cedo, gerou falta de umidade no solo no final do ciclo e isso foi preponderante para a queda no rendimento das lavouras. Além disso, a diminuição nos investimento por parte dos produtores contribuiu para uma menor produção do grão, estimando-se produzir 13,3 mil toneladas em 2017/18 (60,2% a menos do que o valor produzido no ano passado).

No Maranhão, quase 95% da área já foi colhida. A área cultivada está estimada em 51,5 mil hectares e a produtividade média na ordem de 711 kg/ha (representando um pequeno incremento de 1,1% quando comparada ao rendimento médio da temporada anterior).

Na Paraíba, em anos anteriores, o feijão-caupi foi prejudicado pela falta de chuvas. No entanto, essa safra apresentou condições climáticas mais favoráveis à cultura e isso redundou em um importante incremento de produtividade (aumento de 62,1% em relação ao exercício passado), chegando a 423 kg/ha. Além disso, a produção também cresceu (107,3%) e a expectativa é de 34,2 mil toneladas produzidas em 2017/18.

a produtividade média estimada no estado subirá 35,6% em relação àquela apresentada em 2016/17, alcançando 1.654 kg/ha, esse crescimento também deverá ser visto na produção total, estimando obter 31,9 mil toneladas.

No Ceará, a área destinada ao feijão-caupi segunda safra é a maior do Brasil, totalizando 400,2 mil hectares, porém a produtividade ainda é bem menor do que as médias obtidas nos estados do Centro-Sul ou até mesmo da Região Norte, fazendo com que a produção total fique aquém do seu potencial, estimando-se para essa safra um valor de 115,7 mil toneladas.

No Rio Grande do Norte, a área plantada estimada para a presente safra é de 45,1 mil hectares, ou seja, um incremento de 26,1% em relação à área plantada em 2017, além disso, a produtividade média será maior em 10,1% se comparada à safra anterior, chegando a 382 kg/ha.

Na Bahia, estima-se um cultivo de 50 mil hectares, com a produção de 45 mil toneladas. O plantio ocorreu em meados de fevereiro e se deu principalmente na região extremo-oeste do estado. A colheita já foi encerrada.

Em Mato Grosso, a colheita do feijão-caupi foi finalizada em julho e houve queda de rendimento médio na ordem de 3,3% em comparação com o ciclo passado. A cultura, que já havia sofrido com o excesso de umidade no início da safra enfrentou ao longo de seu desenvolvimento períodos de estiagem decorrentes do atraso no plantio, que foram determinantes para o recuo de sua produtividade média. Em sua fase final de cultivo, o feijão-caupi ainda registrou incidência de insetos, colaborando para redução do rendimento, cujo valor foi 1.043 kg/ha. Ainda assim a produção total apresentou incremento de 5,2%, totalizando 229,6 mil toneladas em virtude, principalmente, do acréscimo de áreas (8,8% do que o observado no ano anterior) destinadas ao cultivo do grão.



Figura 10 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra

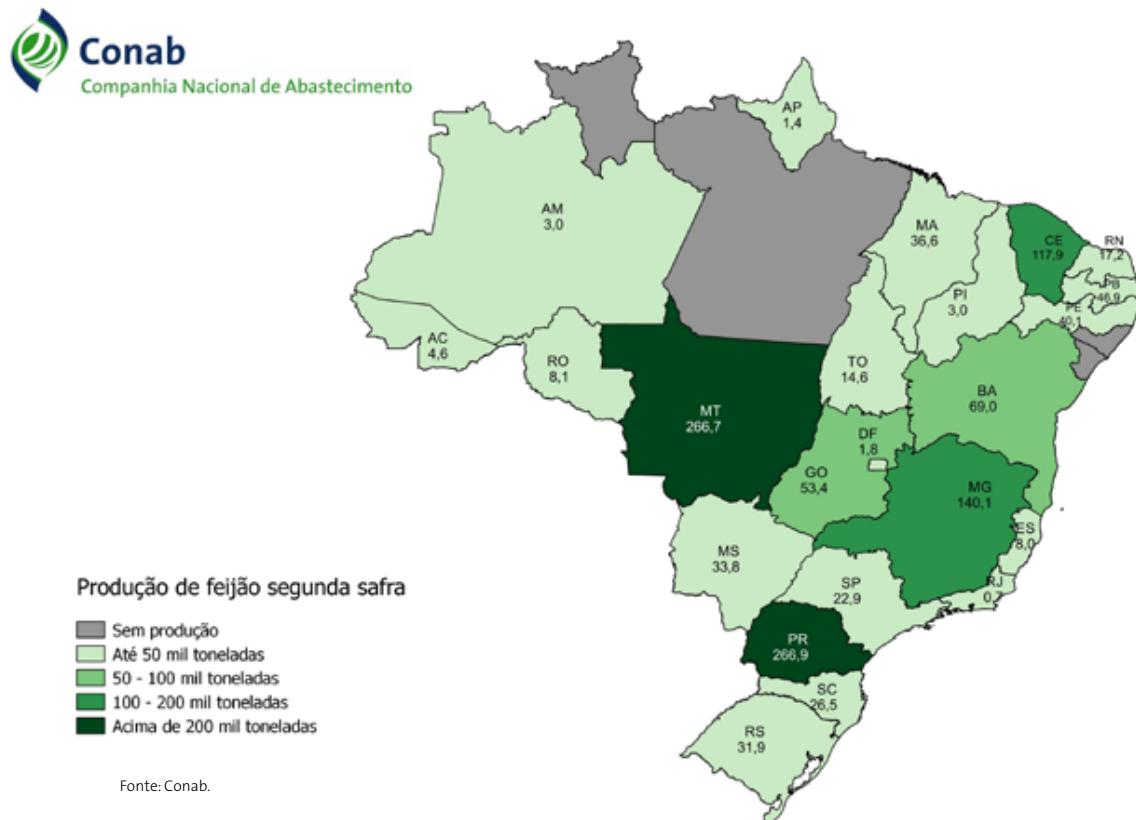


Figura 11 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra - cores

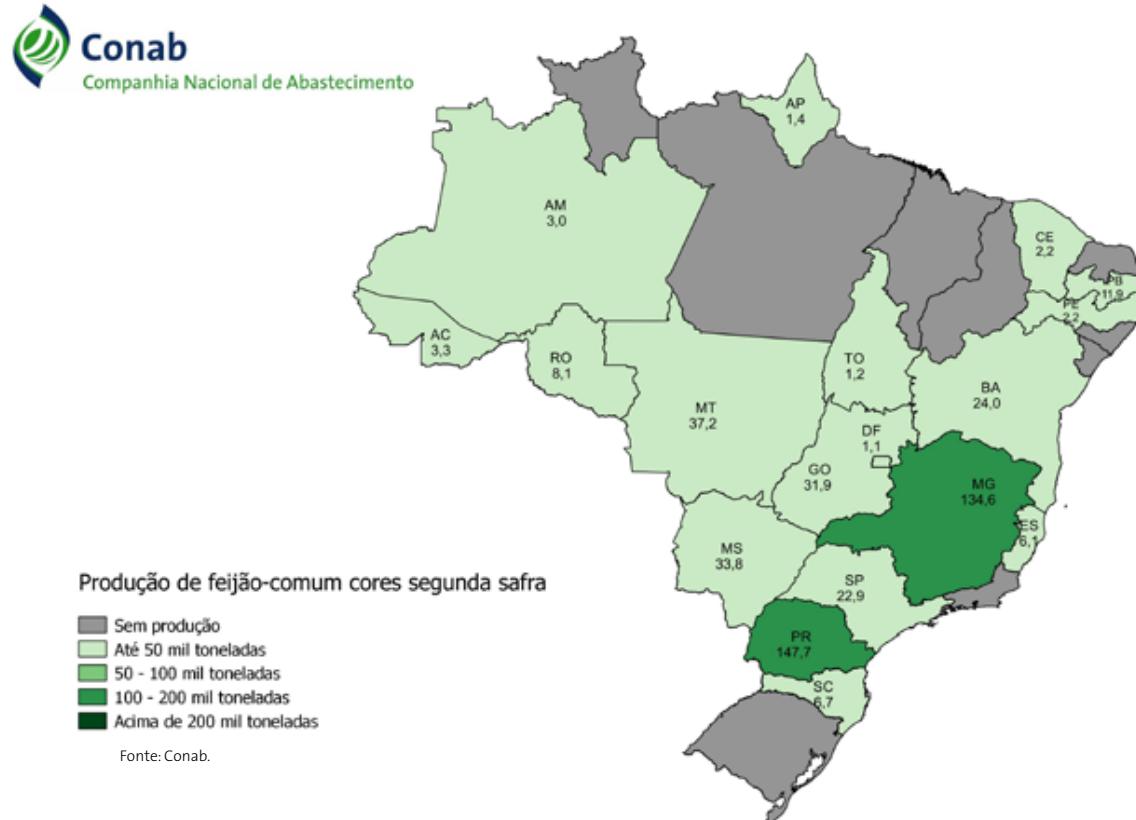


Figura 12 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra - preto



Produção de feijão-comum preto segunda safra

- Sem produção
- Até 50 mil toneladas
- 50 - 100 mil toneladas
- 100 - 200 mil toneladas
- Acima de 200 mil toneladas

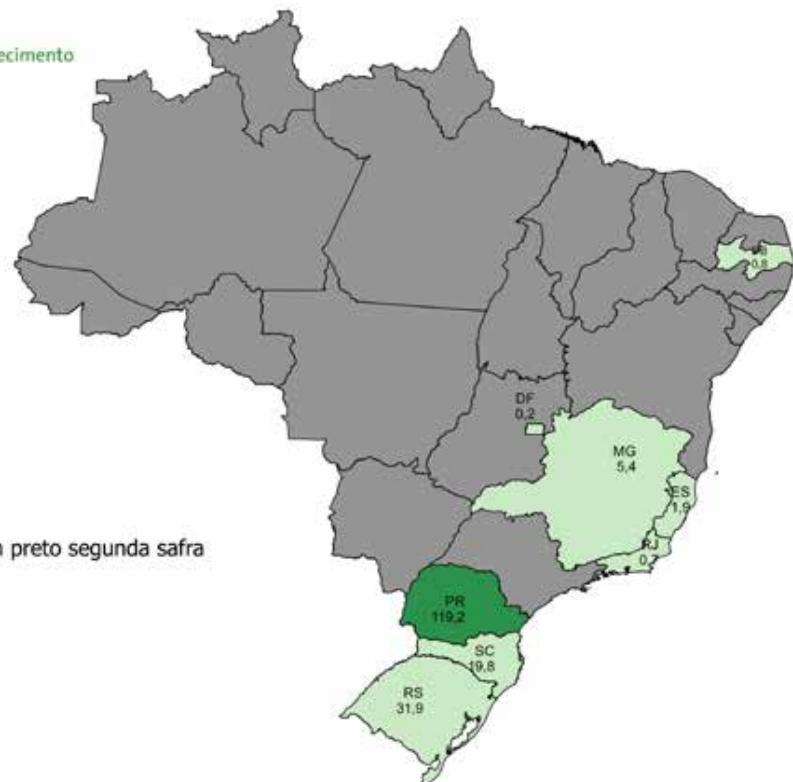
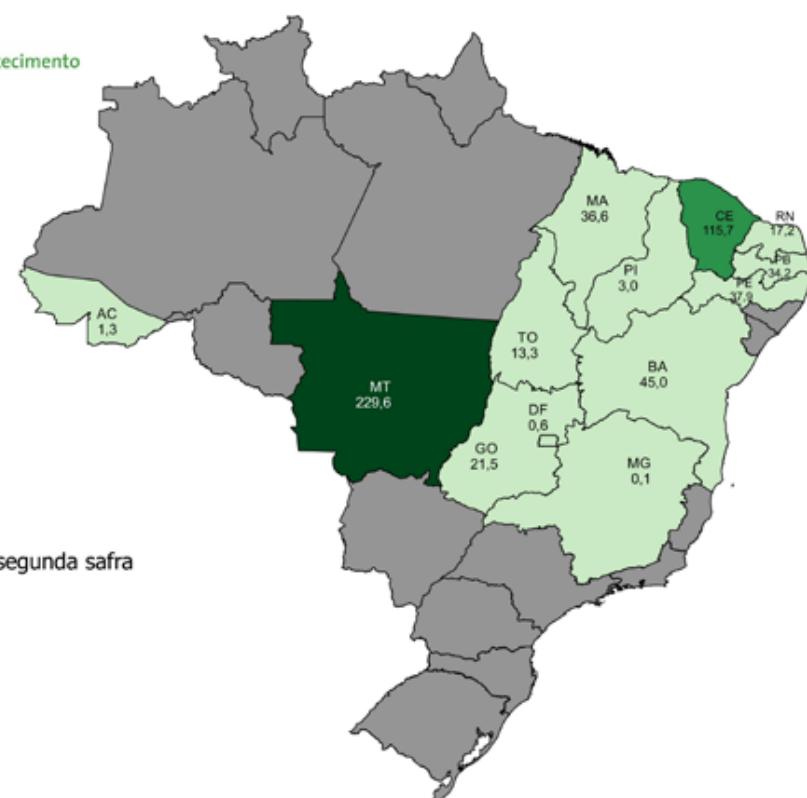


Figura 13 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra - caupi



Produção de feijão-caupi segunda safra

- Sem produção
- Até 50 mil toneladas
- 50 - 100 mil toneladas
- 100 - 200 mil toneladas
- Acima de 200 mil toneladas



Quadro 6 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão segunda safra

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense						P	DV	F	FR	M/C		
MA	Oeste Maranhense						P	DV	F	FR	M/C		
	Centro Maranhense						P	DV	F	FR	M/C		
CE	Sul Maranhense						P	DV	F	FR	M/C		
	Noroeste Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Norte Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MS	Sertões Cearenses						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul						PP	P/G	DV/F	F/FR	M/C		
MT	Norte Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Nordeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sudeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
GO	Noroeste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Norte Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Leste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sul Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MG	Noroeste de Minas						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Central Mineira						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Vale do Rio Doce						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Oeste de Minas						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Sul/Sudoeste de Minas						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Campo das Vertentes						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Zona da Mata						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
ES	Central Espírito-Santense						P/G	DV	DV/F	M/C	C		
SP	Campinas						P/G	DV/F	FR/M	M/C	C		
	Assis						P/G	DV/F	FR/M	M/C	C		
	Itapetininga						P/G	DV/F	FR/M	M/C	C		
PR	Norte Central Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Centro Oriental Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Oeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Centro-Sul Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sudeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Metropolitana de Curitiba					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
SC	Oeste Catarinense					P/G	DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C		
	Norte Catarinense					P/G	DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C		
	Sul Catarinense					P/G	DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C		
RS	Noroeste Rio-grandense					P/G	DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C		

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 15 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	55,9	43,6	(22,0)	1.171	725	(38,1)	65,4	31,7	(51,5)
RO	19,3	9,4	(51,3)	971	862	(11,2)	18,7	8,1	(56,7)
AC	7,6	7,6	-	593	605	2,1	4,5	4,6	2,2
AM	3,8	3,3	(13,2)	1.239	900	(27,4)	4,7	3,0	(36,2)
AP	1,4	1,4	-	944	993	5,2	1,3	1,4	7,7
TO	23,8	21,9	(8,0)	1.520	665	(56,3)	36,2	14,6	(59,7)
NORDESTE	669,0	807,0	20,6	307	410	33,3	205,6	330,7	60,8
MA	51,4	51,5	0,2	699	711	1,7	35,9	36,6	1,9
PI	6,3	5,4	(14,3)	572	555	(3,0)	3,6	3,0	(16,7)
CE	407,0	404,4	(0,6)	292	291	(0,1)	118,8	117,9	(0,8)
RN	35,8	45,1	26,0	347	382	10,1	12,4	17,2	38,7
PB	90,0	108,8	20,9	316	431	36,6	28,4	46,9	65,1
PE	78,5	131,8	67,9	83	304	266,4	6,5	40,1	516,9
BA	-	60,0	-	-	1.150	-	-	69,0	-
CENTRO-OESTE	276,6	309,6	11,9	1.264	1.149	(9,0)	349,6	355,7	1,7
MT	230,7	242,4	5,1	1.172	1.100	(6,1)	270,3	266,7	(1,3)
MS	26,0	26,0	-	1.692	1.300	(23,2)	44,0	33,8	(23,2)
GO	19,0	40,1	111,1	1.750	1.333	(23,8)	33,3	53,4	60,4
DF	0,9	1,1	22,2	2.189	1.668	(23,8)	2,0	1,8	(10,0)
SUDESTE	138,8	138,6	(0,1)	1.367	1.238	(9,4)	189,7	171,7	(9,5)
MG	116,8	116,2	(0,5)	1.331	1.205	(9,4)	155,4	140,1	(9,8)
ES	6,1	8,6	41,0	1.049	924	(11,9)	6,4	8,0	25,0
RJ	1,2	0,8	(33,3)	1.008	855	(15,2)	1,2	0,7	(41,7)
SP	14,7	13,0	(11,6)	1.815	1.765	(2,8)	26,7	22,9	(14,2)
SUL	286,6	233,9	(18,4)	1.363	1.391	2,0	390,6	325,3	(16,7)
PR	249,0	197,3	(20,8)	1.370	1.353	(1,3)	341,2	266,9	(21,8)
SC	18,3	17,3	(5,5)	1.417	1.533	8,2	25,9	26,5	2,3
RS	19,3	19,3	-	1.220	1.654	35,6	23,5	31,9	35,7
NORTE/NORDESTE	724,9	850,6	17,3	374	426	13,9	271,0	362,4	33,7
CENTRO-SUL	702,0	682,1	(2,8)	1.325	1.250	(5,6)	929,9	852,7	(8,3)
BRASIL	1.426,9	1.532,7	7,4	842	793	(5,8)	1.200,9	1.215,1	1,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.



Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	1,1	1,8	63,6	405	434	7,2	0,4	0,8	100,0
PB	1,1	1,8	63,6	405	434	7,2	0,4	0,8	100,0
CENTRO-OESTE	1,1	0,1	(90,9)	1.555	1.850	19,0	1,7	0,2	(88,2)
MS	1,0	-	(100,0)	1.500	-	(100,0)	1,5	-	(100,0)
DF	0,1	0,1	-	2.100	1.850	(11,9)	0,2	0,2	-
SUDESTE	10,1	9,7	(4,0)	937	814	(13,2)	9,5	8,0	(15,8)
MG	6,4	6,4	-	931	838	(10,0)	6,0	5,4	(10,0)
ES	2,5	2,5	-	920	740	(19,6)	2,3	1,9	(17,4)
RJ	1,2	0,8	(33,0)	1.008	855	(15,2)	1,2	0,7	(41,7)
SUL	122,4	119,8	(2,1)	1.378	1.427	3,6	168,6	170,9	1,4
PR	88,6	87,1	(1,7)	1.418	1.369	(3,5)	125,6	119,2	(5,1)
SC	14,5	13,4	(7,6)	1.343	1.476	9,9	19,5	19,8	1,5
RS	19,3	19,3	-	1.220	1.654	35,6	23,5	31,9	35,7
NORTE/NORDESTE	1,1	1,8	63,6	405	434	7,2	0,4	0,8	100,0
CENTRO-SUL	133,6	129,6	(3,0)	1.346	1.381	2,6	179,8	179,1	(0,4)
BRASIL	134,7	131,4	(2,4)	1.338	1.368	2,2	180,2	179,9	(0,2)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.

Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	32,2	21,6	(32,9)	956	787	(17,7)	30,7	17,0	(44,6)
RO	19,3	9,4	(51,3)	971	862	(11,2)	18,7	8,1	(56,7)
AC	5,6	5,6	-	580	592	2,1	3,2	3,3	3,1
AM	3,8	3,3	(13,2)	1.239	900	(27,4)	4,7	3,0	(36,2)
AP	1,4	1,4	-	944	993	5,2	1,3	1,4	7,7
TO	2,1	1,9	(11,0)	1.312	641	(51,1)	2,8	1,2	(57,1)
NORDESTE	32,1	45,7	42,4	414	882	112,9	13,3	40,3	203,0
CE	2,8	4,2	50,0	565	526	(6,9)	1,6	2,2	37,5
PB	25,7	26,1	1,6	447	457	2,2	11,5	11,9	3,5
PE	3,6	5,4	50,0	62	400	545,2	0,2	2,2	1.000,0
BA	-	10,0	-	-	2.400	-	-	24,0	-
CENTRO-OESTE	73,2	67,8	(7,4)	1.769	1.534	(13,3)	129,6	104,0	(19,8)
MT	28,4	22,3	(21,5)	1.831	1.667	(9,0)	52,0	37,2	(28,5)
MS	25,0	26,0	4,0	1.700	1.300	(23,5)	42,5	33,8	(20,5)
GO	19,0	19,0	-	1.750	1.680	(4,0)	33,3	31,9	(4,2)
DF	0,8	0,5	(37,5)	2.200	2.200	-	1,8	1,1	(38,9)
SUDESTE	128,6	128,8	0,2	1.401	1.271	(9,3)	180,1	163,6	(9,2)
MG	110,3	109,7	(0,5)	1.354	1.227	(9,4)	149,3	134,6	(9,8)
ES	3,6	6,1	69,0	1.139	1.000	(12,2)	4,1	6,1	48,8
SP	14,7	13,0	(11,6)	1.815	1.765	(2,8)	26,7	22,9	(14,2)
SUL	164,2	114,1	(30,5)	1.352	1.353	0,1	222,1	154,4	(30,5)
PR	160,4	110,2	(31,3)	1.344	1.340	(0,3)	215,6	147,7	(31,5)
SC	3,8	3,9	2,6	1.700	1.728	1,6	6,5	6,7	3,1
NORTE/NORDESTE	64,3	67,3	4,7	685	851	24,2	44,0	57,3	30,2
CENTRO-SUL	366,0	310,7	(15,1)	1.453	1.358	(6,5)	531,8	422,0	(20,6)
BRASIL	430,3	378,0	(12,2)	1.338	1.268	(5,2)	575,8	479,3	(16,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.



Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	23,7	22,0	(7,2)	1.463	665	(54,6)	34,7	14,6	(57,9)
AC	2,0	2,0	-	630	643	2,1	1,3	1,3	-
TO	21,7	20,0	(8,0)	1.540	667	(56,7)	33,4	13,3	(60,2)
NORDESTE	635,8	759,5	19,5	302	381	26,3	191,9	289,6	50,9
MA	51,4	51,5	0,2	699	711	1,7	35,9	36,6	1,9
PI	6,3	5,4	(14,9)	572	555	(3,0)	3,6	3,0	(16,7)
CE	404,2	400,2	(1,0)	290	289	(0,3)	117,2	115,7	(1,3)
RN	35,8	45,1	26,1	347	382	10,1	12,4	17,2	38,7
PB	63,2	80,9	28,0	261	423	62,1	16,5	34,2	107,3
PE	74,9	126,4	68,8	84	300	257,1	6,3	37,9	501,6
BA	-	50,0	-	-	900	-	-	45,0	-
CENTRO-OESTE	202,3	241,7	19,5	1.079	950	(12,0)	218,3	251,7	15,3
MT	202,3	220,1	8,8	1.079	1.043	(3,3)	218,3	229,6	5,2
GO	-	21,1	-	-	1.020	-	-	21,5	-
DF	-	0,5	-	-	1.100	-	-	0,6	-
SUDESTE	0,1	0,1	-	1.013	995	(1,8)	0,1	0,1	-
MG	0,1	0,1	-	1.013	995	(1,8)	0,1	0,1	-
NORTE/NORDESTE	659,5	781,5	18,5	344	389	13,3	226,6	304,2	34,2
CENTRO-SUL	202,4	241,8	19,5	1.079	950	(12,0)	218,4	251,8	15,3
BRASIL	861,9	1.023,3	18,7	516	522	1,1	445,0	556,0	24,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.

9.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Para o feijão terceira safra a área estimada é de 589 mil hectares, o que configura decréscimo de 7,2% em relação à safra passada. A produção nacional deverá

ficar em 619,2 mil toneladas, representando redução de 26,1% em comparação com o total produzido na última temporada.

Feijão-comum cores

O feijão-comum cores é o tipo mais produzido nessa terceira safra, uma vez que, para 2017/18, a tendência é que ele represente quase 80% de toda produção do período. A estimativa é algo em torno de 561 mil toneladas, porém ainda é um número inferior às 538,8 mil toneladas obtidas na temporada passada.

Em Pernambuco, a expectativa inicial era de uma produção muito além daquela obtida na temporada passada. O período de formação e estabelecimento das lavouras apresentaram bons índices pluviométricos, porém, no decorrer do ciclo produtivo, as condições climáticas foram se alterando, registrando precipitações abaixo da média histórica, e, consequentemente, minguando as projeções mais otimistas. Mesmo assim, por ter apresentado um cenário ainda mais desfavorável em 2016/17, a produtividade média e a produção do grão demonstraram incremento, 21,6% e 26,9%, respectivamente, quando comparadas aos valores obtidos na temporada anterior. Dessa forma, a projeção é de uma produção de 46,7 mil toneladas, com um rendimento médio de 620 kg/ha.

Em Sergipe, a produção de feijão do tipo comum cores

está severamente impactada, com redução considerável na área deste cultivo no município de Poço Verde em razão dos longos períodos de veranicos ocorridos entre maio e julho, que não proporcionaram condições para a realização ou conclusão da semeadura. É importante destacar que esse município concentra cerca de 70% da área de feijão do estado. A estimativa de área cultivada é de 10 mil hectares, com produtividade média de 230 kg/ha (73,6% menor do que o rendimento médio verificado em 2016/17).

Na Bahia se estima que sejam cultivados 201,5 mil hectares, com a produção esperada na ordem de 42,7 mil toneladas. A ausência de chuvas em julho e agosto impactou na redução da produtividade média do estado, que no ciclo passado apresentou rendimento de 750 kg/ha, e que agora se projeta um valor de 212 kg/ha (redução de 71,7%).

Em Mato Grosso, a expectativa de redução do espaço destinado ao cultivo do feijão-comum cores terceira safra se confirmou e a área semeada em 2017/18 foi de 29 mil hectares, queda de 46% em relação aos 53,7 mil hectares plantados em 2016/17. A cultura está predo-



minantemente em fase de frutificação e maturação, com boa parte das áreas já colhidas em agosto. A produtividade média deverá ser 9,3% inferior àquela registrada no ano passado devido, entre outras, ao menor investimento feito pelos produtores. Esse cenário decorre da baixa cotação do grão, que tem desestimulado a produção sob pivôs, cujos custos de produção nesse sistema se apresentam maiores do que os preços atuais pagos pelo produto final.

Em Goiás, as baixas temperaturas em algumas regiões produtoras de feijão estenderam o ciclo da cultura. A previsão é que o término da colheita seja em setembro, bem próximo ao limite do prazo para o vazio sanitário. Foram cultivados 60 mil hectares, e a expectativa é de que a produtividade média fique em 2.900 kg/ha, gerando um total de 174 mil toneladas produzidas.

No Distrito Federal, as lavouras estão em vários estádios fenológicos diferentes, desde a fase de maturação até a plena maturação. A sanidade das plantas é considerada boa, e o final da colheita está previsto para segunda quinzena de setembro.

A área plantada foi semelhante à cultivada na safra passada, 2,6 mil hectares, estimando-se uma produtividade média de 2.997 kg/ha. Dessa forma, a produção está estimada em 7,8 mil toneladas, representando decréscimo de 3,7% em comparação com a temporada anterior.

A normalidade das chuvas ocasionou o enchimento das barragens, tranquilizando, de certa forma, o produtor, levando em conta que o cultivo do feijão terceira safra no Distrito Federal é conduzido inteiramente sob irrigação.

Em Minas Gerais, a área de feijão-comum terceira safra deve sofrer redução de 6,5% em relação à temporada anterior, devido aos baixos preços pagos pelo produto no estado. Como se trata de cultivo irrigado,

Feijão-comum preto

O feijão-comum preto é pouco cultivado durante a terceira safra, tendo uma estimativa de produção nacional de apenas 11,6 mil toneladas em uma área de 17,1 mil hectares, obtendo um rendimento médio de 677 kg/ha.

Em Pernambuco se concentra a maior produção des-

Figura 14 – Lavoura de feijão terceira safra no Distrito Federal - DF



Fonte: Conab.

a disponibilidade hídrica não costuma ser limitante e, de modo geral, as condições climáticas são consideradas favoráveis ao desenvolvimento da cultura, acarretando em estimativa de produtividade maior (1,7%) do que o ano anterior, chegando a 2.668 kg/ha. Já a produção, pelo impacto da diminuição de áreas cultivadas, apresenta expectativa na ordem de 175 mil toneladas produzidas.

Em São Paulo, a terceira safra do feijão-comum cores foi plantada entre junho e julho, sob sistema de irrigação do tipo pivô-central. A área destinada a essa cultura foi de 12,2 mil hectares, com uma estimativa de produtividade média na ordem de 2.404 kg/ha. A projeção para 2017/18 é de uma produção 3,9% maior do que àquela obtida na temporada passada, totalizando 29,3 mil toneladas.

No Paraná, o plantio já está finalizado, com uma área total de 2,2 mil hectares, ou seja, 49% abaixo da safra anterior. Essa redução tem ampla relação com a estiagem na época da semeadura, o que inviabilizou a formação de lavouras ou até mesmo a intenção de cultivo em muitas áreas do estado. Ainda em razão da estiagem, espera-se uma redução de 0,5% na produtividade da cultura, passando de 1.009 kg/ha na safra 2016/17, para 1.004 kg/ha na temporada atual.

se tipo de feijão produzido na terceira safra, representando mais de 90% do volume obtido no cenário nacional. A área destinada a esse cultivo sinaliza um crescimento de 20,3% em relação à temporada passada, chegando a 16,7 mil hectares. Além disso, a produtividade média também tende a apresentar aumento, estimando-se chegar a 645 kg/ha.



Feijão-caupi

O feijão-caupi deverá ocupar uma área de 78,4 mil hectares na terceira safra de feijão. A produção é estimada em 46,5 mil toneladas, cerca de 40,1% a menos do que o valor obtido em 2016/17.

No Pará, a área cultivada foi de 26,9 mil hectares, representando uma diminuição de 4,5% em relação à temporada anterior. Os pequenos produtores, muito presentes em épocas passadas, agora não mais cultivam o feijão-caupi e ocuparam suas áreas com agroflorestas, mandioca ou soja. Isso se justifica pelo desestímulo do pequeno e médio produtor, decorrente da falta de políticas de incentivo do estado e da forte concorrência com o feijão de outras zonas produtoras, como o Mato Grosso. Estima-se que a produção total seja de 22,1 mil toneladas.

Em Tocantins, as lavouras se encontram nas fases de enchimento de grãos, maturação e colheita, tanto nas regiões de várzea como nas áreas irrigadas por pivô central. Cerca de 20% da área total já foi colhida e o rendimento médio estimado é de 1.140 kg/ha, simbolizando um decréscimo importante na ordem de 44,7% quando comparado ao ano anterior. A produção total esperado é de 12,5 mil toneladas.

Na Bahia se estima que sejam cultivados 10 mil hectares, com uma produtividade média baixa, na ordem de 120 kg/ha (rendimento médio que representa diminuição de 78,5% do que àquele obtido na temporada passada) devido às restrições climáticas ocorridas ao longo do ciclo da cultura. A previsão para a colheita é de finalização em setembro, alcançando uma produção de 1,2 mil toneladas.

Figura 15 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra

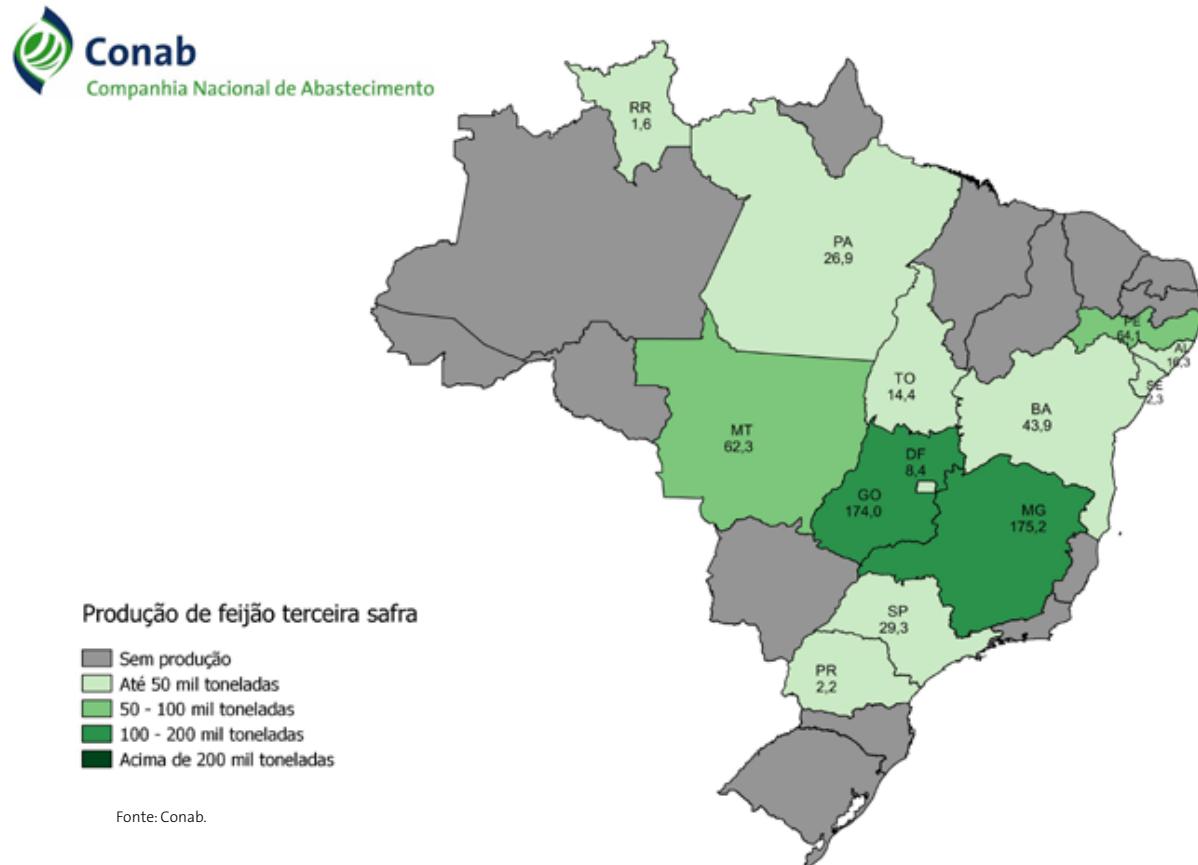


Figura 16 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra - cores

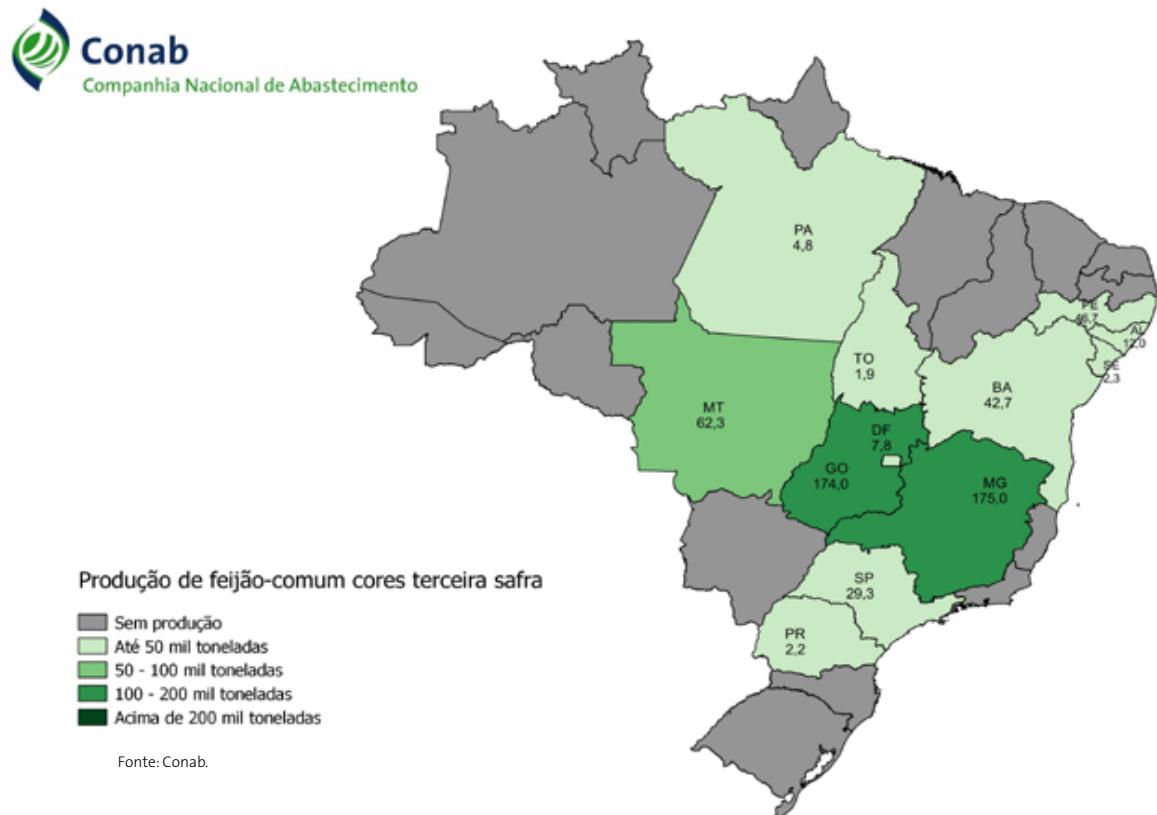


Figura 17 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra - preto

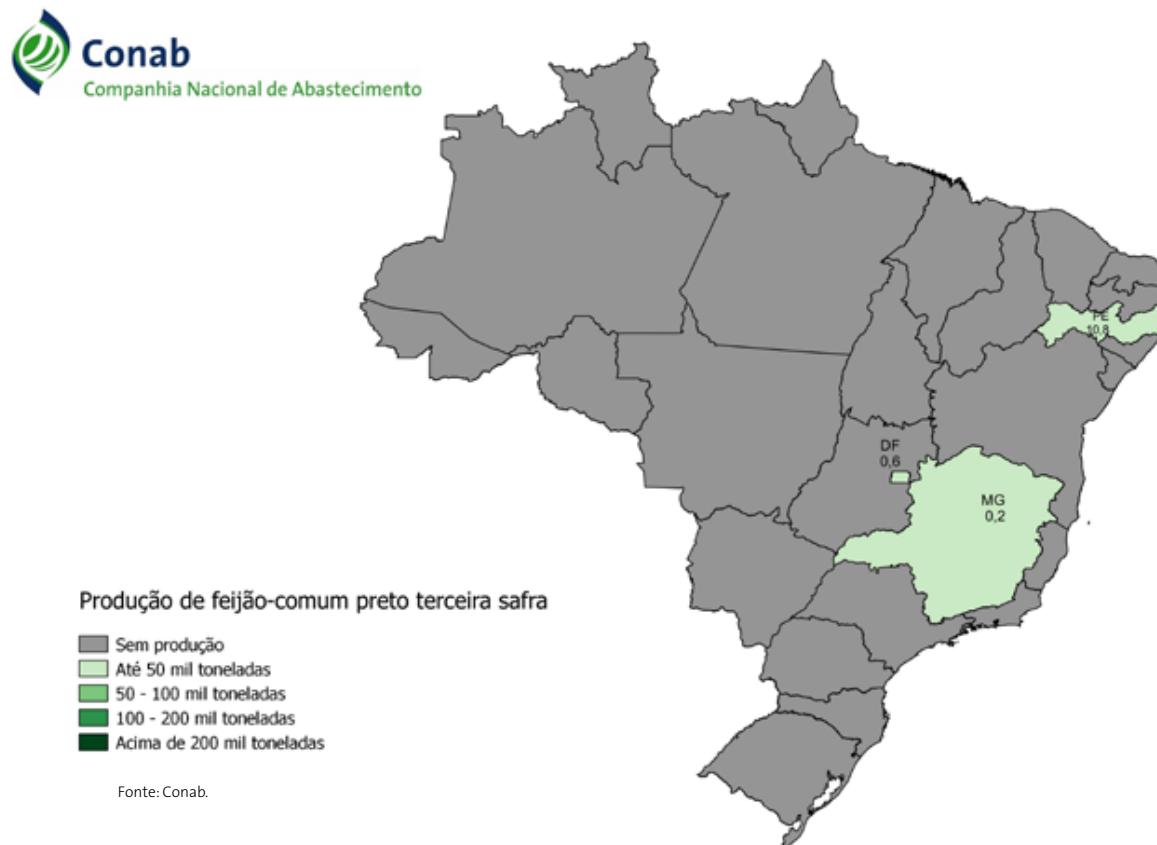
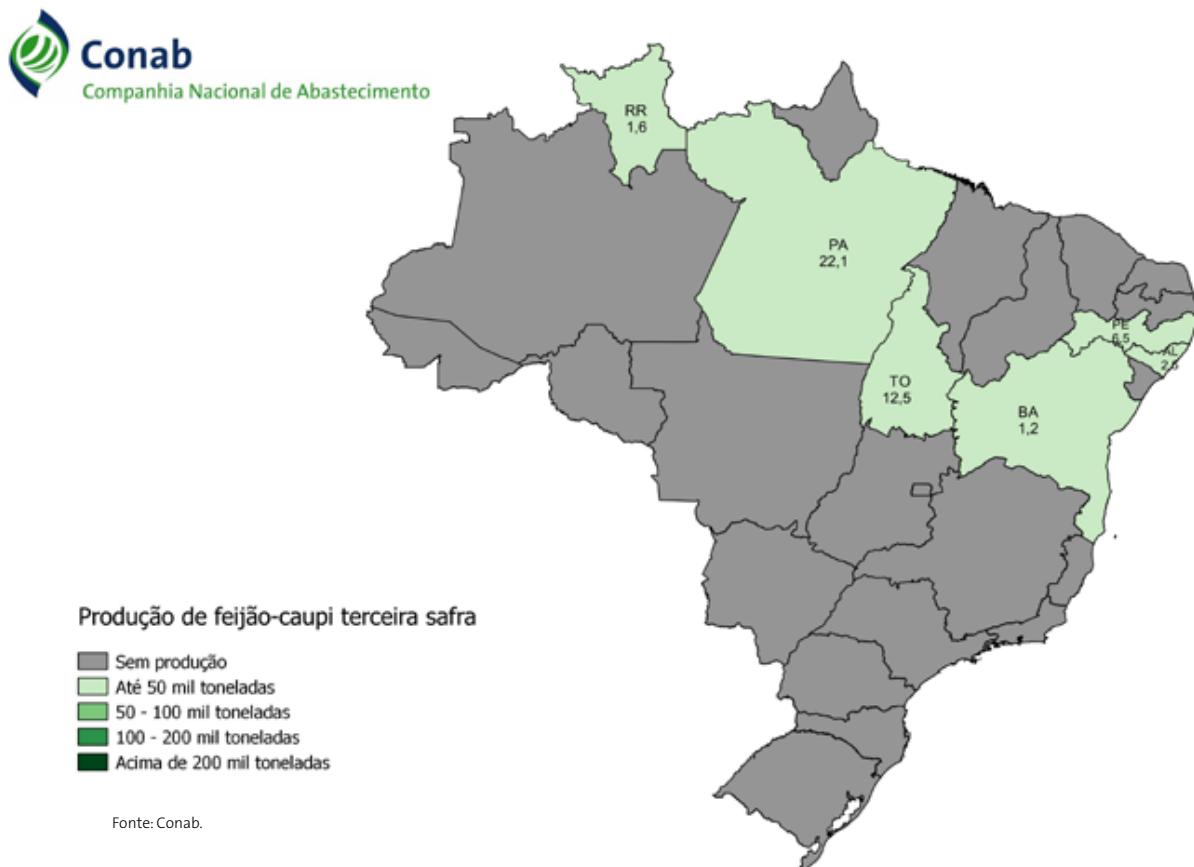


Figura 18 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra - caupi



Quadro 7 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão terceira safra

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
MT	Norte Mato-grossense	C								P/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
	Sudeste Mato-grossense	C								P/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
GO	Noroeste Goiano	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Norte Goiano	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Leste Goiano	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Sul Goiano	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
MG	Noroeste de Minas	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
SP	Ribeirão Preto	C								P/DV	F/FR/M	FR/M	M/C
	Araçatuba	C								P/DV	F/FR/M	FR/M	M/C
	Bauru	C								P/DV	DV/F	FR/M	M/C
	Campinas	C								P/DV	DV/F	FR/M	M/C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média Restrição - Excesso de Chuvas Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	52,2	48,6	(6,9)	1.190	881	(25,9)	62,2	42,9	(31,0)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
PA	34,3	34,5	0,6	825	778	(5,7)	28,3	26,9	(4,9)
TO	15,5	11,7	(24,5)	2.081	1.233	(40,7)	32,3	14,4	(55,4)
NORDESTE	386,8	368,4	(4,8)	649	339	(47,8)	251,1	124,9	(50,3)
PE	107,6	113,9	5,9	478	562	17,7	51,4	64,1	24,7
AL	40,1	33,0	(17,7)	520	441	(15,0)	20,8	14,6	(29,8)
SE	15,2	10,0	(34,2)	871	230	(73,6)	13,2	2,3	(82,6)
BA	223,9	211,5	(5,5)	740	208	(71,9)	165,7	43,9	(73,5)
CENTRO-OESTE	116,8	91,8	(21,4)	2.632	2.666	1,3	307,4	244,7	(20,4)
MT	53,7	29,0	(46,0)	2.369	2.149	(9,3)	127,2	62,3	(51,0)
GO	60,0	60,0	-	2.850	2.900	1,8	171,0	174,0	1,8
DF	3,1	2,8	(9,7)	2.962	2.992	1,0	9,2	8,4	(8,7)
SUDESTE	82,2	78,0	(5,1)	2.586	2.623	1,4	212,6	204,5	(3,8)
MG	70,4	65,8	(6,5)	2.619	2.663	1,7	184,4	175,2	(5,0)
SP	11,8	12,2	3,4	2.392	2.404	0,5	28,2	29,3	3,9
SUL	4,4	2,2	(50,0)	1.009	1.004	(0,5)	4,4	2,2	(50,0)
PR	4,4	2,2	(50,0)	1.009	1.004	(0,5)	4,4	2,2	(50,0)
NORTE/NORDESTE	439,0	417,0	(5,0)	714	402	(43,7)	313,3	167,8	(46,4)
CENTRO-SUL	203,4	172,0	(15,4)	2.578	2.625	1,8	524,4	451,4	(13,9)
BRASIL	642,4	589,0	(8,3)	1.304	1.051	(19,4)	837,7	619,2	(26,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.

Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6,6	8,3	25,8	632	802	27,0	5,3	6,7	26,4
PA	6,1	7,6	24,1	638	627	(1,7)	3,9	4,8	23,1
TO	0,5	0,7	33,8	2.701	2.700	-	1,4	1,9	35,7
NORDESTE	329,5	313,6	(4,8)	714	331	(53,6)	223,8	103,7	(53,7)
PE	72,2	75,4	4,4	510	620	21,6	36,8	46,7	26,9
AL	29,8	26,7	(10,3)	490	450	(8,2)	14,6	12,0	(17,8)
SE	15,2	10,0	(34,2)	871	230	(73,6)	13,2	2,3	(82,6)
BA	212,3	201,5	(5,1)	750	212	(71,7)	159,2	42,7	(73,2)
CENTRO-OESTE	116,3	91,6	(21,2)	3.344	2.665	(20,3)	306,3	244,1	(20,3)
MT	53,7	29,0	(46,0)	2.369	2.149	(9,3)	127,2	62,3	(51,0)
GO	60,0	60,0	-	2.850	2.900	1,8	171,0	174,0	1,8
DF	2,6	2,6	-	3.120	2.997	(3,9)	8,1	7,8	(3,7)
SUDESTE	82,0	77,8	(5,1)	2.730	2.627	(3,8)	212,3	204,3	(3,8)
MG	70,2	65,6	(6,5)	2.623	2.668	1,7	184,1	175,0	(4,9)
SP	11,8	12,2	3,4	2.392	2.404	0,5	28,2	29,3	3,9
SUL	4,4	2,2	(50,0)	2.018	1.004	(50,2)	4,4	2,2	(50,0)
PR	4,4	2,2	(49,0)	1.009	1.004	(0,5)	4,4	2,2	(50,0)
NORTE/NORDESTE	336,1	321,9	(4,2)	712	343	(51,8)	229,1	110,4	(51,8)
CENTRO-SUL	202,7	171,6	(15,3)	3.049	2.626	(13,9)	523,0	450,6	(13,8)
BRASIL	538,8	493,5	(8,4)	1.524	1.137	(25,4)	752,1	561,0	(25,4)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.



Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	45,6	40,3	(11,6)	1.247	898	(28,0)	56,9	36,2	(36,4)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
PA	28,2	26,9	(4,5)	866	821	(5,2)	24,4	22,1	(9,4)
TO	15,0	11,0	(26,5)	2.060	1.140	(44,7)	30,9	12,5	(59,5)
NORDESTE	43,4	38,1	(12,2)	466	270	(42,0)	20,2	10,3	(49,0)
PE	21,5	21,8	1,4	350	300	(14,3)	7,5	6,5	(13,3)
AL	10,3	6,3	(38,8)	605	405	(33,1)	6,2	2,6	(58,1)
BA	11,6	10,0	(13,8)	558	120	(78,5)	6,5	1,2	(81,5)
CENTRO-OESTE	0,3	-	(100,0)	1.500	-	(100,0)	0,5	-	(100,0)
DF	0,3	-	(100,0)	1.500	-	(100,0)	0,5	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	89,0	78,4	(11,9)	866	593	(31,6)	77,1	46,5	(39,7)
CENTRO-SUL	0,3	-	(100,0)	1.500	-	(100,0)	0,5	-	(100,0)
BRASIL	89,3	78,4	(12,2)	869	593	(31,7)	77,6	46,5	(40,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.

Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	13,9	16,7	20,1	510	645	26,5	7,1	10,8	52,1
PE	13,9	16,7	20,3	510	645	26,5	7,1	10,8	52,1
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	3.100	2.925	(5,6)	0,6	0,6	-
DF	0,2	0,2	-	3.100	2.925	(5,6)	0,6	0,6	-
SUDESTE	0,2	0,2	-	1.100	1.117	1,5	0,2	0,2	-
MG	0,2	0,2	-	1.100	1.117	1,5	0,2	0,2	-
NORTE/NORDESTE	13,9	16,7	20,1	510	645	26,5	7,1	10,8	52,1
CENTRO-SUL	0,4	0,4	-	2.100	2.021	(3,8)	0,8	0,8	-
BRASIL	14,3	17,1	19,6	554	677	22,1	7,9	11,6	46,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.

9.1.4.4. FEIJÃO TOTAL

Considerando as três safras, estima-se para o décimo segundo acompanhamento da safra 2017/18 que a área total de feijão no país será de 3.175,3 mil hectares, 0,2% menor em relação à safra passada. A produção nacional de feijão está estimada em 3.116 mil toneladas e é 8,3% menor que a última temporada.

Vale ressaltar que as produtividades médias foram mais baixas nos principais produtores em comparação com a temporada passada e isso impactou diretamente nos rendimentos e na produção total em âmbito nacional. As condições climáticas, em alguns períodos, foram desfavoráveis à evolução da cultura, influenciando nos resultados finais estimados.



Figura 19 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)

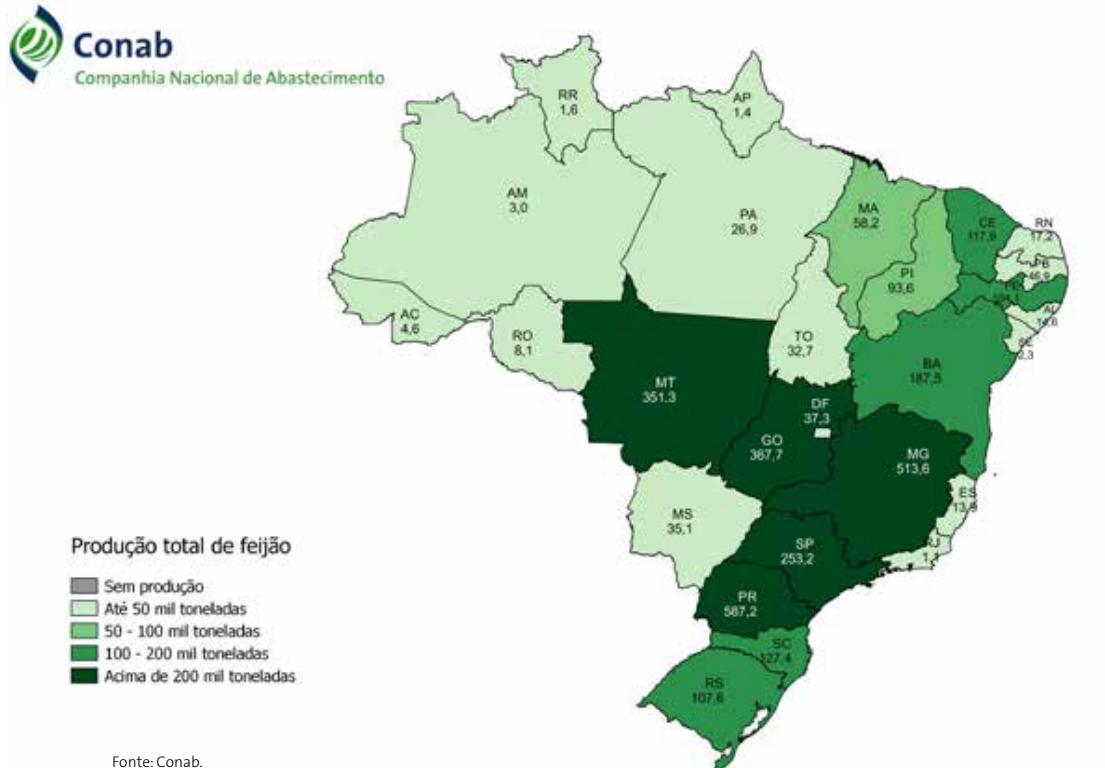


Figura 20 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras) - cores

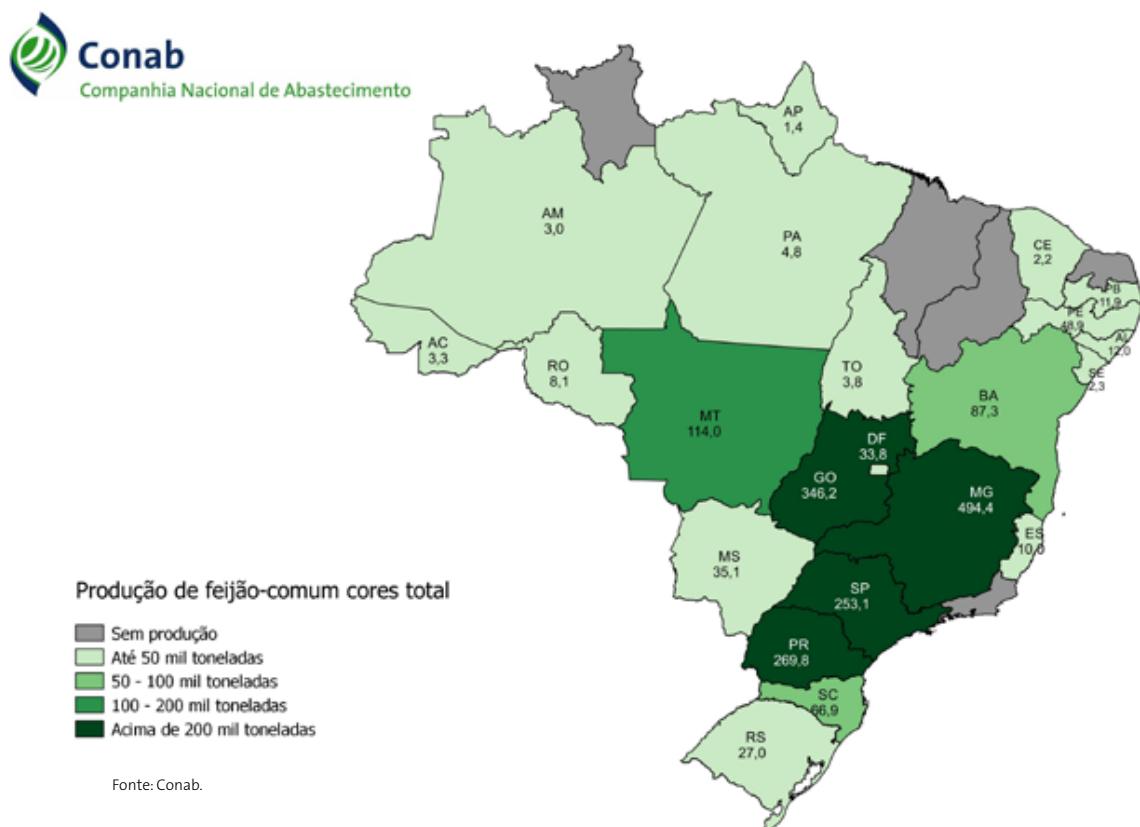


Figura 21 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras) - preto

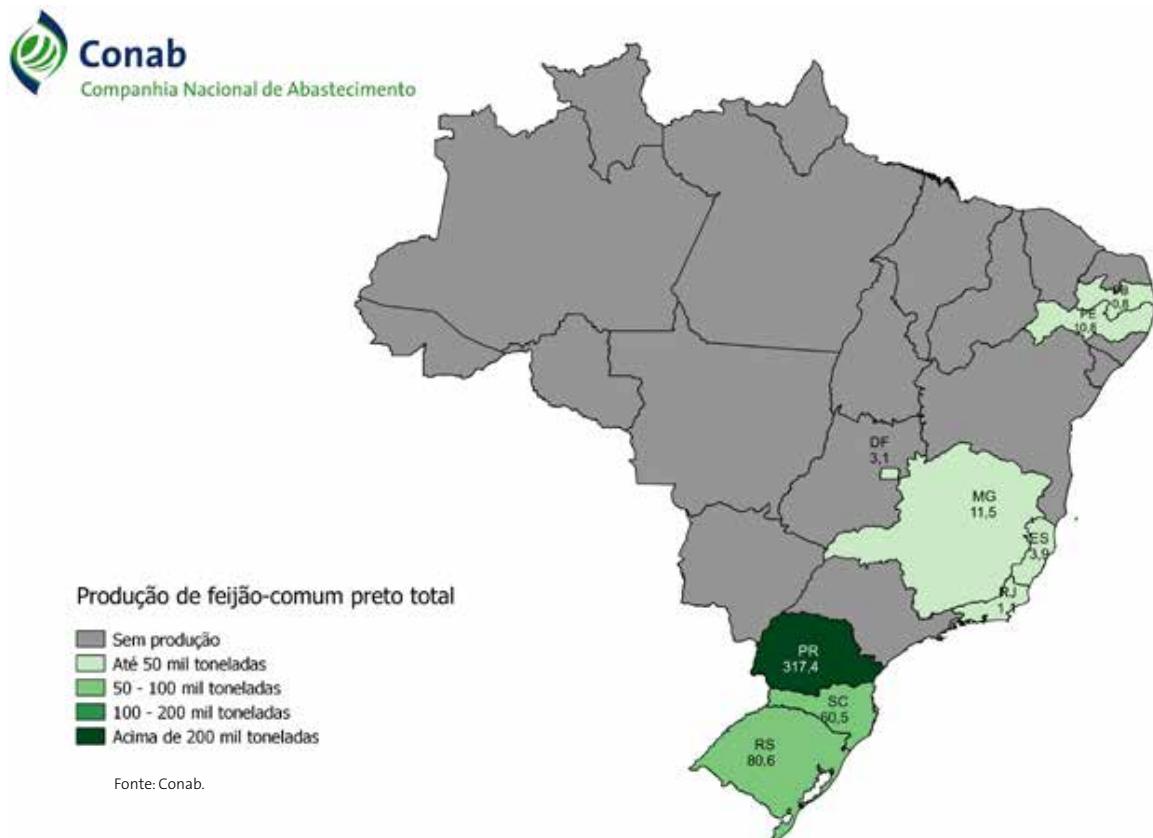


Figura 22 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras) - caupi

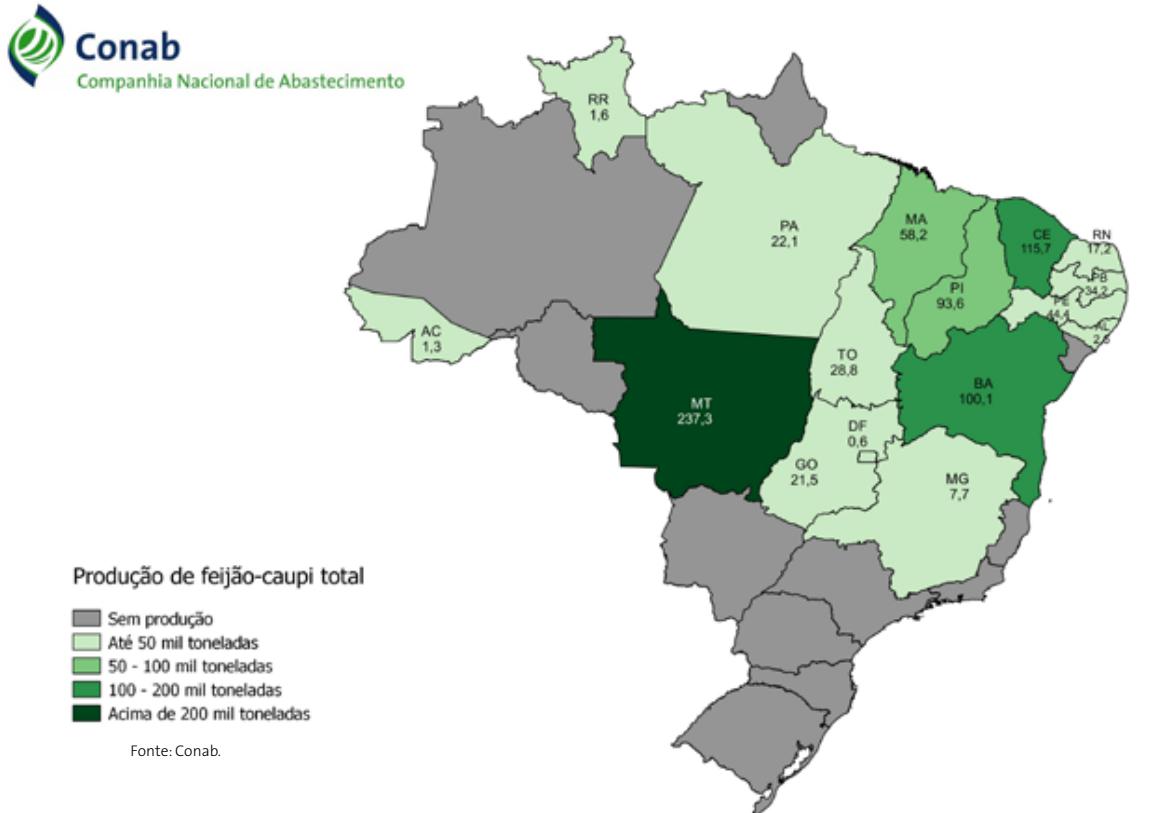


Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	112,9	98,1	(13,1)	1.158	797	(31,2)	130,6	78,3	(40,0)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
RO	19,3	9,4	(51,3)	971	862	(11,2)	18,7	8,1	(56,7)
AC	7,6	7,6	-	593	605	2,1	4,5	4,6	2,2
AM	3,8	3,3	(13,2)	1.239	900	(27,4)	4,7	3,0	(36,2)
AP	1,4	1,4	-	944	993	5,2	1,3	1,4	7,7
PA	34,3	34,5	0,6	825	778	(5,7)	28,3	26,9	(4,9)
TO	44,1	39,5	(10,4)	1.622	827	(49,0)	71,5	32,7	(54,3)
NORDESTE	1.546,0	1.605,0	3,8	439	400	(8,9)	679,1	642,3	(5,4)
MA	87,8	89,1	1,5	646	654	1,3	56,7	58,2	2,6
PI	233,2	240,7	3,2	302	389	29,0	70,3	93,6	33,1
CE	407,0	404,4	(0,6)	292	291	(0,1)	118,8	117,9	(0,8)
RN	35,8	45,1	26,0	347	382	10,1	12,4	17,2	38,7
PB	90,0	108,8	20,9	316	431	36,6	28,4	46,9	65,1
PE	186,1	245,7	32,0	311	424	36,1	58,0	104,1	79,5
AL	40,1	33,0	(17,7)	520	441	(15,0)	20,8	14,6	(29,8)
SE	15,2	10,0	(34,2)	871	230	(73,6)	13,2	2,3	(82,6)
BA	450,8	428,2	(5,0)	667	438	(34,3)	300,5	187,5	(37,6)
CENTRO-OESTE	474,9	483,1	1,7	1.761	1.638	(7,0)	836,5	791,4	(5,4)
MT	295,2	284,0	(3,8)	1.402	1.237	(11,8)	414,0	351,3	(15,1)
MS	26,8	26,8	-	1.696	1.310	(22,7)	45,4	35,1	(22,7)
GO	136,8	156,3	14,3	2.507	2.353	(6,2)	343,0	367,7	7,2
DF	16,1	16,0	(0,6)	2.117	2.334	10,3	34,1	37,3	9,4
SUDESTE	468,3	460,3	(1,7)	1.731	1.698	(1,9)	810,6	781,8	(3,6)
MG	348,2	339,2	(2,6)	1.536	1.514	(1,5)	535,0	513,6	(4,0)
ES	10,7	14,7	37,4	1.103	943	(14,5)	11,8	13,9	17,8
RJ	1,8	1,2	(33,3)	1.048	883	(15,7)	1,9	1,1	(42,1)
SP	107,6	105,2	(2,2)	2.434	2.406	(1,1)	261,9	253,2	(3,3)
SUL	578,2	528,8	(8,5)	1.630	1.555	(4,6)	942,7	822,2	(12,8)
PR	447,5	399,1	(10,8)	1.588	1.471	(7,3)	710,5	587,2	(17,4)
SC	69,6	70,9	1,9	1.964	1.797	(8,5)	136,7	127,4	(6,8)
RS	61,1	58,8	(3,8)	1.563	1.830	17,1	95,5	107,6	12,7
NORTE/NORDESTE	1.658,9	1.703,1	2,7	488	423	(13,3)	809,7	720,6	(11,0)
CENTRO-SUL	1.521,4	1.472,2	(3,2)	1.702	1.627	(4,4)	2.589,8	2.395,4	(7,5)
BRASIL	3.180,3	3.175,3	(0,2)	1.069	981	(8,2)	3.399,5	3.116,0	(8,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.

Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	15,0	18,5	23,3	502	624	24,3	7,5	11,6	54,7
PB	1,1	1,8	63,6	405	434	7,2	0,4	0,8	100,0
PE	13,9	16,7	20,1	510	645	26,5	7,1	10,8	52,1
CENTRO-OESTE	2,5	1,5	(40,0)	1.820	2.033	11,7	4,5	3,1	(31,1)
MS	1,0	-	(100,0)	1.500	-	(100,0)	1,5	-	(100,0)
DF	1,5	1,5	-	2.033	2.033	-	3,0	3,1	3,3
SUDESTE	20,1	19,1	(5,0)	953	859	(9,9)	19,2	16,5	(14,1)
MG	13,5	13,4	(0,7)	886	857	(3,2)	12,0	11,5	(4,2)
ES	4,8	4,5	(6,3)	1.104	856	(22,5)	5,3	3,9	(26,4)
RJ	1,8	1,2	(33,3)	1.048	883	(15,7)	1,9	1,1	(42,1)
SUL	286,1	289,6	1,2	1.665	1.583	(4,9)	476,4	458,5	(3,8)
PR	200,6	205,8	2,6	1.703	1.543	(9,4)	341,6	317,4	(7,1)
SC	34,4	35,0	1,7	1.839	1.728	(6,0)	63,3	60,5	(4,4)
RS	51,1	48,8	(4,5)	1.399	1.652	18,0	71,5	80,6	12,7
NORTE/NORDESTE	15,0	18,5	23,3	502	624	24,3	7,5	11,6	54,7
CENTRO-SUL	308,7	310,2	0,5	1.620	1.541	(4,9)	500,1	478,1	(4,4)
BRASIL	323,7	328,7	1,5	1.568	1.489	(5,0)	507,6	489,7	(3,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.



Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	39,2	30,7	(21,7)	930	793	(14,7)	36,4	24,4	(33,0)
RO	19,3	9,4	(51,3)	971	862	(11,2)	18,7	8,1	(56,7)
AC	5,6	5,6	-	580	592	2,1	3,2	3,3	3,1
AM	3,8	3,3	(13,2)	1.239	900	(27,4)	4,7	3,0	(36,2)
AP	1,4	1,4	-	944	993	5,2	1,3	1,4	7,7
PA	6,1	7,6	24,6	638	627	(1,7)	3,9	4,8	23,1
TO	3,0	3,4	13,3	1.513	1.121	(25,9)	4,6	3,8	(17,4)
NORDESTE	418,6	403,2	(3,7)	684	409	(40,3)	286,2	164,6	(42,5)
CE	2,8	4,2	50,0	565	526	(6,9)	1,6	2,2	37,5
PB	25,7	26,1	1,6	447	457	2,2	11,5	11,9	3,5
PE	75,8	80,8	6,6	489	605	23,9	37,0	48,9	32,2
AL	29,8	26,7	(10,4)	490	450	(8,2)	14,6	12,0	(17,8)
SE	15,2	10,0	(34,2)	871	230	(73,6)	13,2	2,3	(82,6)
BA	269,3	255,4	(5,2)	774	342	(55,8)	208,3	87,3	(58,1)
CENTRO-OESTE	263,4	233,5	(11,4)	2.299	2.266	(1,4)	605,5	529,1	(12,6)
MT	86,5	57,5	(33,5)	2.173	1.983	(8,8)	188,0	114,0	(39,4)
MS	25,8	26,8	3,9	1.703	1.310	(23,1)	43,9	35,1	(20,0)
GO	136,8	135,2	(1,2)	2.507	2.561	2,1	343,0	346,2	0,9
DF	14,3	14,0	(2,1)	2.139	2.410	12,7	30,6	33,8	10,5
SUDESTE	434,0	427,3	(1,5)	1.806	1.773	(1,8)	783,9	757,5	(3,4)
MG	320,5	311,9	(2,7)	1.609	1.585	(1,5)	515,5	494,4	(4,1)
ES	5,9	10,2	72,9	1.102	982	(10,9)	6,5	10,0	53,8
SP	107,6	105,2	(2,2)	2.434	2.406	(1,1)	261,9	253,1	(3,4)
SUL	292,1	239,2	(18,1)	1.596	1.520	(4,7)	466,3	363,7	(22,0)
PR	246,9	193,3	(21,7)	1.494	1.396	(6,6)	368,8	269,8	(26,8)
SC	35,2	35,9	2,0	2.087	1.864	(10,7)	73,5	66,9	(9,0)
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.700	12,5	24,0	27,0	12,5
NORTE/NORDESTE	457,8	433,9	(5,2)	705	436	(38,2)	322,6	189,0	(41,4)
CENTRO-SUL	989,5	900,0	(9,0)	1.875	1.834	(2,2)	1.855,7	1.650,3	(11,1)
BRASIL	1.447,3	1.333,9	(7,8)	1.505	1.379	(8,4)	2.178,3	1.839,3	(15,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.

Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	73,7	67,4	(8,5)	1.279	798	(37,6)	94,3	53,8	(42,9)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
AC	2,0	2,0	-	630	643	2,1	1,3	1,3	-
PA	28,2	26,9	(4,6)	866	821	(5,2)	24,4	22,1	(9,4)
TO	41,1	36,1	(12,2)	1.630	799	(51,0)	67,0	28,8	(57,0)
NORDESTE	1.112,4	1.183,3	6,4	346	394	13,7	385,1	466,0	21,0
MA	87,8	89,1	1,5	646	654	1,3	56,6	58,2	2,8
PI	233,2	240,7	3,2	302	389	29,0	70,3	93,6	33,1
CE	404,2	400,2	(1,0)	290	289	(0,3)	117,2	115,7	(1,3)
RN	35,8	45,1	26,0	347	382	10,1	12,4	17,2	38,7
PB	63,2	80,9	28,0	261	423	62,1	16,5	34,2	107,3
PE	96,4	148,2	53,7	143	300	109,3	13,8	44,4	221,7
AL	10,3	6,3	(38,8)	605	405	(33,1)	6,2	2,6	(58,1)
BA	181,5	172,8	(4,8)	507	579	14,2	92,1	100,1	8,7
CENTRO-OESTE	209,0	248,1	18,7	1.083	1.045	(3,5)	226,5	259,4	14,5
MT	208,7	226,5	8,5	1.083	1.047	(3,3)	226,0	237,3	5,0
DF	0,3	0,5	66,7	1.500	1.100	(26,7)	0,5	0,6	20,0
SUDESTE	14,2	13,9	(2,1)	522	551	5,5	7,4	7,7	4,1
MG	14,2	13,9	(2,1)	522	551	5,5	7,4	7,7	4,1
NORTE/NORDESTE	1.186,1	1.250,7	5,4	404	416	2,8	479,4	519,8	8,4
CENTRO-SUL	223,2	262,0	17,4	1.048	1.019	(2,7)	233,9	267,1	14,2
BRASIL	1.409,3	1.512,7	7,3	506	520	2,8	713,3	786,9	10,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.



9.1.5. GIRASSOL

Em Mato Grosso, a colheita do girassol se encontra finalizada, com a totalidade dos trabalhos concentrada em julho. O resultado da cultura foi bastante positivo, como reflexo do plantio na janela ideal, do manejo bem-feito, e do maior grau de informação, tecnologia e de qualidade da semente. Ainda que, em alguns períodos houve registro de chuvas um pouco acima do ideal para a cultura, que é bastante sensível à umidade, bem como ocorrência pontual de danos decorrentes de ataques de lesmas, tais fatos não comprometeram a produtividade média, que foi de 1.685 kg/ha, 0,9% superior à marca registrada no ciclo passado, de 1.670 kg/ha. A principal região produtora é a Chapada do Parecis, onde se encontram as indústrias que processam o girassol, porém cabe registrar a opção pela cultura em algumas áreas do médio norte do estado. A área estadual soma 60,5 mil hectares em 2017/18, praticamente o dobro da registrada no ciclo passado, que foi de 31,8 mil hectares, e o aspecto comercial explica o incremento, com os bons preços atribuídos à oleaginosa em relação às demais culturas de segunda safra, em especial ao milho, no momento da opção pela cultura. Com o preço atrativo, estima-se que 98% da produção já esteja negociada.

Em Mato Grosso do Sul foram cultivados 700 hectares de girassol nos municípios do norte e nordeste do estado, essa área é 30% inferior ao cultivado na safra passada. O motivo alegado para a redução da área produtiva decorre de o fato da cultura ser multiplicadora do mofo branco, doença fúngica causada pela Sclerotinia sclerotiorum e que possui alto potencial de prejuízo à cultura da soja. O número reduzido de áreas acaba gerando um outro problema, que é o ataque de pássaros, pragas que acabam reduzindo muito a produtividade devido à baixa concentração das lavouras na região.

Outra alegação se refere ao fato de que não há indústria beneficiadora do grão em Mato Grosso do Sul, havendo necessidade de levar o produto para São Paulo ou Minas

Gerais para empacotamento e destinação à alimentação de pássaros, que devido ao ICMS cobrado no transporte, reduz a viabilidade econômica da cultura.

A produtividade no estado foi de 1.100 kg/ha, uma redução de 26,7% em relação à safra passada, fator, atribuído à falta de chuva que ocorreu em abril. Todas as lavouras já foram colhidas e seus grãos comercializados.

Em Goiás, as lavouras estão 100% colhidas, com rendimento médio de 1.080 kg/ha. Maior tecnologia foi aplicada nesta safra, bem como sementes melhoradas. Porém as condições climáticas, dentre elas o regime hídrico, foi o maior adversário da cultura nesta safra. A fase de enchimento dos grãos ficou comprometida causando grãos leves e “chochos”.

As áreas em Goiás estão concentradas na região sul do estado, e o produto colhido foi entregue conforme contrato firmado com a principal empresa esmagadora do produto em Goiás.

Em Minas Gerais, a safra de girassol encerra com a área estimada de 8,1 mil hectares, queda de 13% em relação ao ano anterior. A cultura apresenta expansão significativa, da safra 2015/16 para a safra 2016/17, especialmente nas regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, onde os produtores motivados pelos bons preços e pela formalização de contratos de comercialização optaram por investir na cultura. A produtividade média ficou estimada em 1.052 kg/ha, 24,9% menor em relação à safra anterior devido à falta de chuva no momento de desenvolvimento da lavoura, que acarretou menor desenvolvimento da cultura, impactando a produção, que ficou 34,6% menor em relação à safra anterior. A colheita do girassol foi finalizada, com produção total de 8,5 mil toneladas. O produto é de boa qualidade e já foi comercializado, conforme previsto.



Figura 23 – Mapa da produção agrícola – Girassol

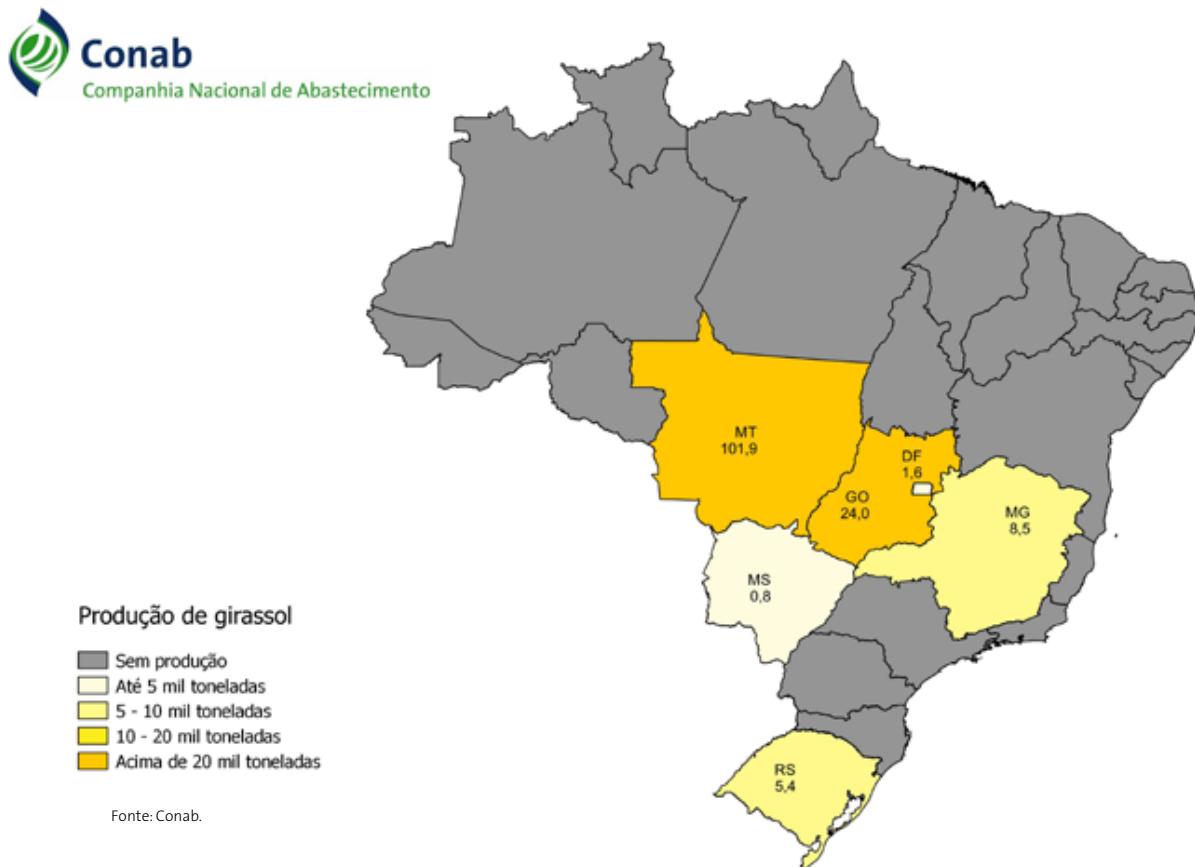


Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	50,1	84,1	67,9	1.702	1.526	(10,4)	85,3	128,3	50,4
MT	31,8	60,5	90,4	1.670	1.685	0,9	53,1	101,9	91,9
MS	1,0	0,7	(30,0)	1.500	1.100	(26,7)	1,5	0,8	(46,7)
GO	16,6	22,2	33,7	1.750	1.080	(38,3)	29,1	24,0	(17,5)
DF	0,7	0,7	-	2.300	2.300	-	1,6	1,6	-
SUDESTE	9,3	8,1	(12,9)	1.400	1.052	(24,9)	13,0	8,5	(34,6)
MG	9,3	8,1	(13,0)	1.400	1.052	(24,9)	13,0	8,5	(34,6)
SUL	3,3	3,3	-	1.626	1.626	-	5,4	5,4	-
RS	3,3	3,3	-	1.626	1.626	-	5,4	5,4	-
CENTRO-SUL	62,7	95,5	52,3	1.653	1.489	(9,9)	103,7	142,2	37,1
BRASIL	62,7	95,5	52,3	1.653	1.489	(9,9)	103,7	142,2	37,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.



9.1.6. MAMONA

As estimativas para a safra 2017/18 é de aumento de área, alcançando 31,8 mil hectares, que representa acréscimo de 13,6% em relação à safra passada, que foi de 28 mil hectares.

Para a Bahia, o cultivo da mamona ocorre praticamente na mesorregião centro-norte tendo como polos produtores a microrregião de Irecê, Ourolândia, Lapão, São Gabriel, Cafarnaum e Canarana. É cultivada pela agricultura familiar, com baixa mecanização agrícola. Os cultivos são conduzidos em regime de sequeiro, com o cultivo de plantas novas e o manejo de plantas remanescentes da safra anterior.

O aumento de cerca de 28% da área cultivada pode ser atribuído às crescentes cotações do valor pago ao produtor, bem como as condições climáticas com baixa a média restrição, até mesmo por ser uma planta com relativa resistência às condições adversas.

Estima-se que a área cultivada seja de 27 mil hectares com a produção esperada de 17 mil toneladas. As estimativas da safra atual apontam para o crescimento de 28% da área cultivada e 63,5% na produção em relação à safra 2016/17. Os plantios ocorreram de novembro a janeiro e a colheita evolui em 90% da área cultivada. As plantas estão em fase de colheita, apresentando bom vigor.

No estudo da safra atual, iniciado em setembro de 2017 no primeiro levantamento, as estimativas estatísticas apontaram uma perspectiva inicial de 563 kg/ha (8,3 scs/ha).

Com plantio ocorrendo no fim de outubro, novembro, dezembro e janeiro e com a regularidade das chuvas, estima-se uma produtividade de 562 kg/ha (9,4 scs/ha), que se mantém estável sem grandes alterações.

Com as chuvas ocorridas em março e, com a melhoria do vigor das plantas, estima-se uma produtividade de 631 kg/ha (10,5 scs/ha).

No Ceará, a mamona tem mantido a tendência de queda nos últimos anos. Por efeito da interrupção do projeto de biodiesel da Petrobras, muitos produtores desistiram de realizar o cultivo dessa cultura. Isso já aconteceu na safra 2016/17 e explica o fato de a área de mamona em 2018 ter diminuído 58,9% em comparação à safra anterior.

A mamona também apresenta elevação na produtividade. O motivo é a diminuição na área plantada. Porque, com áreas menos produtivas deixando de plantar essa cultura, o rendimento tende a se elevar por conta de as áreas mais produtivas continuarem com o plantio.

Em Mato Grosso, destaca-se o plantio de 1.200 hectares na região oeste e de 1.500 hectares na região sul-sudeste do estado, como opção de segunda safra, com ótima remuneração oferecida pelo mercado e 100% da produção negociada antecipadamente com as indústrias. O cultivo da mamona voltou recentemente ao Mato Grosso e a expectativa é que haja aumento de área nas próximas safras.

A colheita, cujo início ocorreu em agosto, deverá se estender até setembro. A tecnologia empregada é relativamente baixa e a produtividade média é estimada em 900 kg/ha.

Em Minas Gerais, o cultivo da mamona está em plena extinção no estado. Diante das restrições relacionadas à cultura e à dificuldade de comercialização, apenas dois municípios relataram áreas plantadas na safra 2017/18, de forma que a área ficou 50% menor em relação à safra anterior.



Figura 24 – Mapa da produção agrícola - Mamona

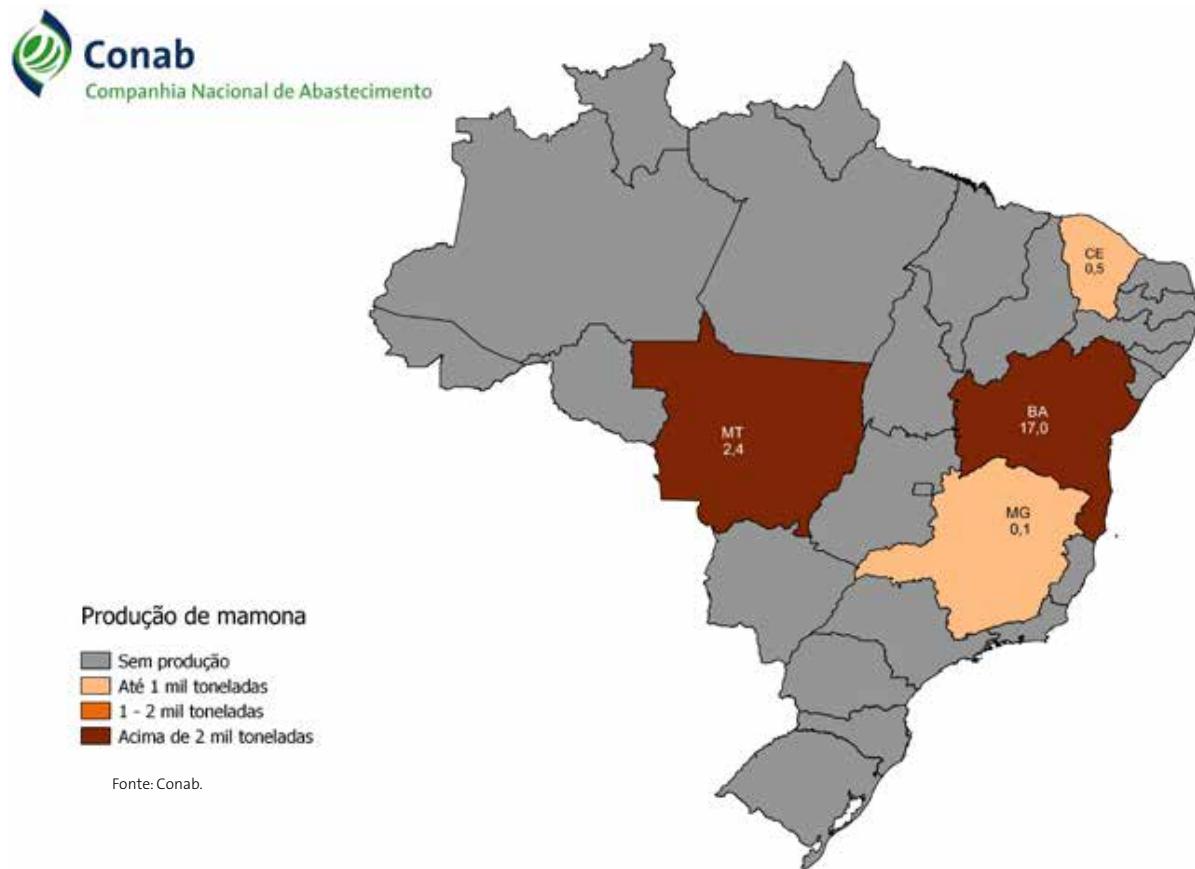


Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	26,2	29,0	10,7	444	606	36,5	11,6	17,5	50,9
PI	0,2	-	(100,0)	494	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
CE	4,9	2,0	(58,9)	224	262	17,0	1,1	0,5	(54,5)
BA	21,1	27,0	28,0	494	631	27,7	10,4	17,0	63,5
CENTRO-OESTE	1,6	2,7	68,8	900	900	-	1,4	2,4	71,4
MT	1,6	2,7	67,7	900	900	-	1,4	2,4	71,4
SUDESTE	0,2	0,1	(50,0)	443	896	102,3	0,1	0,1	-
MG	0,2	0,1	(50,0)	443	896	102,3	0,1	0,1	-
NORTE/NORDESTE	26,2	29,0	10,7	444	606	36,5	11,6	17,5	50,9
CENTRO-SUL	1,8	2,8	55,6	849	900	6,0	1,5	2,5	66,7
BRASIL	28,0	31,8	13,6	470	631	34,5	13,1	20,0	52,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.



9.1.7. MILHO

9.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

Na Região Norte, estima-se redução de 6,1% na área plantada quando comparada ao ano passado. Com a produtividade superior à safra passada em 3,4%, o resultado estimado até o momento é uma produção de 966,9 mil toneladas.

Em Rondônia, a área cultivada atingiu 29,1 mil hectares em razão dos ajustes em importantes municípios produtores. A produtividade obtida atingiu 2.471 kg/ha, justificado pelo fato da cultura, de uma maneira geral, não receber investimentos em tecnologia, tais como: sementes, calcário, fertilizantes e poucos produtores fazem o controle de pragas. A produção no estado será de 71,9 mil toneladas e a safra já foi totalmente colhida.

Em Tocantins, a cultura teve aumento na área cultivada nesta safra em relação à passada. O aumento da área se deveu em parte por produtores que não tiveram crédito liberado em tempo hábil para plantar soja, na janela ideal de plantio, assim, optaram pelo plantio do milho. A produtividade alcançada foi de 7,3% inferior ao registrado na safra anterior.

A Região Nordeste apresentou, neste exercício, a maior área cultivada com milho primeira safra do país – 1.937,2 mil hectares. O acréscimo atingiu 7,2% em relação à safra passada, e o bom comportamento do clima trouxe uma melhoria nos níveis de produtividades, que deverão repercutir no aumento da produção, com uma expectativa de atingir 5,6 milhões de toneladas.

No Piauí observou-se um aumento na área de milho primeira safra na ordem de 1,7% em relação à safra passada, totalizando 425,3 mil hectares, que foram totalmente colhidos. De uma forma geral, a safra experimentou boas condições climáticas em praticamente todas as regiões do estado, confirmado uma boa produtividade obtida. Dessa forma, a produtividade obtida do milho ficou em 3.309 kg/ha, apresentando uma variação positiva de 9% em relação à safra passada. Esse número confirma a expectativa inicial dos produtores principalmente no cerrado, onde o clima foi benéfico, as chuvas bem distribuídas, a incidência de pragas e doenças baixas, não apresentando dificuldades de controle.

No Rio Grande do Norte, as estimativas apontaram para a produção de 19,3 toneladas de milho, representando incremento de 89,2% em relação à safra anterior, devido às condições climáticas até então apresentadas serem melhores que às do ano anterior.

Na Paraíba, em virtude das severas condições climáticas que afetaram as cinco últimas safras, com drásticos prejuízos na produtividade, a cultura do milho reduziu a área plantada. Na safra passada foram plantadas 86,5 mil hectares que por insuficiência de chuvas, apresentou produtividade de apenas 446 kg/ha. Na presente safra com a melhora no regime hídrico, foi plantado 108,6 mil hectares, com produtividade de 780 kg/ha.

Em Pernambuco, a estimativa otimista inicial foi sendo frustrada devido à falta de chuvas na época de maior necessidade hídrica das lavouras, na fase de formação e enchimento de grãos, o que acabou reduzindo substancialmente a sua produção. Entretanto, devido ter havido incremento de área e o rendimento ter sido melhor em relação à safra passada, a estimativa para a atual safra de milho permanece em 964,5 mil toneladas, representando um aumento de 66% em relação à safra passada.

Na Região Centro-Oeste houve redução de aproximadamente 18,7% na área plantada, em comparação à safra anterior, assim como diminuição em produtividade (0,6%) e, consequentemente, na produção total (19,1%) do grão na região.

Em Mato Grosso, a colheita do milho primeira safra foi encerrada. O espaço destinado à cultura foi de 27,2 mil hectares, cifra 18,6% inferior em relação aos 33,4 mil hectares registrados no último ciclo. A queda no cultivo é atribuída aos baixos preços do milho no momento da semeadura. A produtividade média se consolidou em 7.331 kg/ha, menor que na temporada passada.

Na Região Sudeste ocorreu redução na área plantada de 8,4% inferior à safra anterior. Com produtividades melhores do que a safra passada, a produção da região deve atingir 7,7 milhões de toneladas.

Em Minas Gerais, o plantio de milho primeira safra apresentou redução de 9,2% em relação à safra anterior, passando de 909,4 mil hectares para 825,7 mil devido à predileção dos agricultores pela soja, que apresentava preços mais remuneradores na ocasião do plantio. O atraso das chuvas também contribuiu para a redução de área uma vez que causou estreitamento da janela de plantio. O rendimento teve incremento de 2,5%, reduzindo assim o impacto na redução da área.

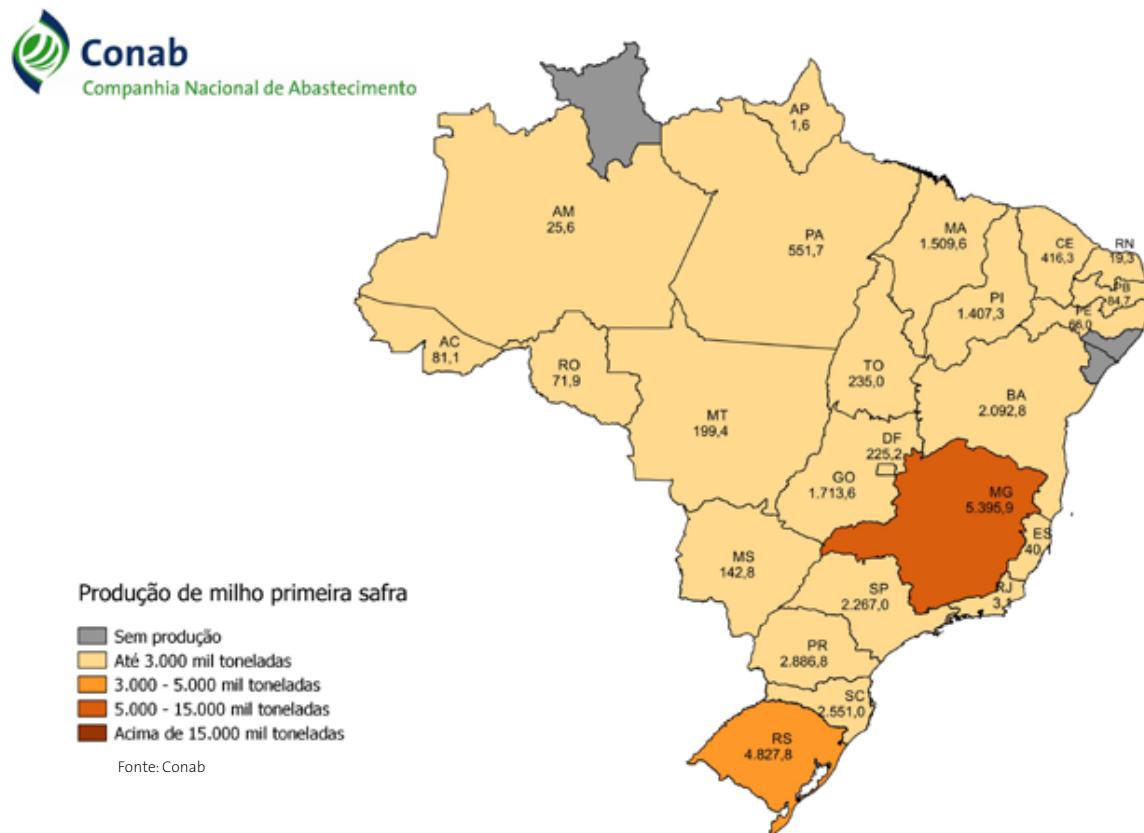
Na Região Sul, maior produtora do milho primeira safra do país, a cultura apresentou a maior redução



percentual na área plantada, cerca de 19,6%, estimada agora em 1.377,4 mil hectares, contra os 1.712,9 mil hectares da safra passada. Com produtividades

impactadas pela redução das precipitações, a produção deve atingir 10,26 milhões de toneladas, com uma queda de 26,6% em relação à safra anterior.

Figura 25 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra



Quadro 8 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra													
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT
PA	Sudeste Paraense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
MA	Oeste Maranhense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sul Maranhense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
PI	Norte Piauense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Sudoeste Plaiuense	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C								
	Sudeste Piauense			P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Noroeste Cearense			P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Norte Cearense			P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
CE	Sertões Cearenses			P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Jaguaribe			P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro-Sul Cearense			P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sul Cearense			P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
RN	Oeste Potiguar			P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Agreste Potiguar					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
PB	Sertão Paraibano					PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Agreste Paraibano						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PE	Sertão Pernambucano					PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Extremo Oeste Baiano	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
BA	Vale São-Franciscano da Bahia	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Centro Norte Baiano	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Centro Sul Baiano	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
MT	Sudeste Mato-grossense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Centro Goiano	PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
GO	Leste Goiano	PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C							
	Sul Goiano	PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
DF	Distrito Federal	PP	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C							
	Noroeste de Minas	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Metropolitana de Belo Horizonte	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste de Minas	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sul/Sudoeste de Minas	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campo das Vertentes	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Zona da Mata	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
SP	São José do Rio Preto	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Ribeirão Preto	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Bauru	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Campinas	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Itapetininga	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Macro Metropolitana Paulista	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Norte Central Paranaense	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro Oriental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sudoeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sudeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Metropolitana de Curitiba	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
SC	Oeste Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Norte Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Serrana	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Vale do Itajaí	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
RS	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C	C						
	Nordeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C	C						
	Centro Oriental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C	C						
	Metropolitana de Porto Alegre	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Sudeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio; (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado.



Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	311,8	292,8	(6,1)	3.194	3.302	3,4	996,0	966,9	(2,9)
RO	40,2	29,1	(27,6)	2.661	2.471	(7,1)	107,0	71,9	(32,8)
AC	34,9	31,0	(11,2)	2.350	2.616	11,3	82,0	81,1	(1,1)
AM	12,2	10,0	(18,0)	2.526	2.560	1,3	30,8	25,6	(16,9)
AP	1,7	1,6	(5,3)	962	988	2,7	1,6	1,6	-
PA	176,9	167,9	(5,1)	3.142	3.286	4,6	555,8	551,7	(0,7)
TO	45,9	53,2	16,0	4.766	4.417	(7,3)	218,8	235,0	7,4
NORDESTE	1.806,6	1.937,2	7,2	2.469	2.889	17,0	4.460,8	5.596,0	25,4
MA	292,8	311,0	6,2	4.240	4.854	14,5	1.241,5	1.509,6	21,6
PI	418,2	425,3	1,7	3.037	3.309	9,0	1.270,1	1.407,3	10,8
CE	514,0	535,1	4,1	815	778	(4,5)	418,9	416,3	(0,6)
RN	29,2	40,9	40,0	348	473	35,9	10,2	19,3	89,2
PB	86,5	108,6	25,5	446	780	74,9	38,6	84,7	119,4
PE	84,1	136,0	61,7	74	485	555,4	6,2	66,0	964,5
BA	381,8	380,3	(0,4)	3.864	5.503	42,4	1.475,3	2.092,8	41,9
CENTRO-OESTE	350,0	284,7	(18,7)	8.060	8.012	(0,6)	2.821,0	2.281,0	(19,1)
MT	33,4	27,2	(18,6)	7.676	7.331	(4,5)	256,4	199,4	(22,2)
MS	28,0	15,5	(44,6)	9.340	9.212	(1,4)	261,5	142,8	(45,4)
GO	260,0	214,2	(17,6)	8.000	8.000	-	2.080,0	1.713,6	(17,6)
DF	28,6	27,8	(2,8)	7.800	8.100	3,8	223,1	225,2	0,9
SUDESTE	1.301,2	1.191,9	(8,4)	6.295	6.465	2,7	8.191,5	7.706,1	(5,9)
MG	909,4	825,7	(9,2)	6.374	6.535	2,5	5.796,5	5.395,9	(6,9)
ES	13,2	13,4	1,5	2.832	2.995	5,8	37,4	40,1	7,2
RJ	2,7	1,0	(63,0)	2.332	3.069	31,6	6,3	3,1	(50,8)
SP	375,9	351,8	(6,4)	6.255	6.444	3,0	2.351,3	2.267,0	(3,6)
SUL	1.712,9	1.377,4	(19,6)	8.169	7.453	(8,8)	13.992,7	10.265,6	(26,6)
PR	507,7	330,0	(35,0)	9.243	8.748	(5,4)	4.692,7	2.886,8	(38,5)
SC	400,3	319,0	(20,3)	8.152	7.997	(1,9)	3.263,2	2.551,0	(21,8)
RS	804,9	728,4	(9,5)	7.500	6.628	(11,6)	6.036,8	4.827,8	(20,0)
NORTE/NORDESTE	2.118,4	2.230,0	5,3	2.576	2.943	14,3	5.456,8	6.562,9	20,3
CENTRO-SUL	3.364,1	2.854,0	(15,2)	7.433	7.096	(4,5)	25.005,2	20.252,7	(19,0)
BRASIL	5.482,5	5.084,0	(7,3)	5.556	5.275	(5,1)	30.462,0	26.815,6	(12,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.

9.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

A semeadura do milho segunda safra é altamente dependente da velocidade da colheita da soja, tendo em vista que, na grande maioria dos estados, o cultivo é feito em sucessão. O atraso no início do plantio da soja postergou a época de colheita da oleaginosa e encurtou a janela ideal de semeadura do milho, fazendo com que parte da safra fosse semeada fora da janela ideal de plantio.

Na Região Norte permanece a estimativa de diminuição na área plantada, agora em 3,9%, comparada com o ocorrido na safra passada. A produtividade média deve sofrer recuo de 9,5% nessa safra, estimada em 3.850 kg/ha, resultando numa produção de 1,48 milhão de tone-

ladas.

Em Rondônia, a área cultivada está estimada em 149,1 mil hectares, com produtividade aproximada de 4.497 kg/ha, resultando na produção de 670,5 mil toneladas. O número de confinamento de bovinos no estado tem aumentado de forma significativa, aumentando com isso o consumo de milho em grãos. Nas fazendas que criam bovinos confinados, os produtores também cultivam milho, dando prioridade para a produção de silagem e cultivando em menor escala milho em grãos.

Em Tocantins, as boas condições pluviométricas no final de fevereiro e março, alimentou a esperança entre



os produtores de que essa condição perdurasse até a fase de enchimento de grãos. Assim, o plantio foi realizado até um pouco mais tarde da janela ideal, em praticamente todo o estado. Mas como também a situação é de um risco um pouco maior, houve redução de investimentos em insumos e aumento no registro de utilização de semente branca. As lavouras se desenvolveram bem durante março e na primeira quinzena de abril, com os bons volumes de chuvas ocorridos em todo o estado. Porém, o decréscimo da chuva a partir da segunda quinzena de abril e a quase completa ausência delas em maio, comprometeu significativamente os índices de produtividade da cultura de milho, principalmente nas áreas plantadas fora da janela ideal de plantio. A colheita já está encerrada.

A Região Nordeste registrou redução na área semeada de 8,2%, quando comparada à safra anterior. Com produtividade média de 1.668 kg/ha, a produção deve ser encerrada com 1.219,3 milhão de toneladas, representando redução de 45,1% em relação ao ano passado.

No Maranhão, a área semeada recuou em 13,3% em relação à safra anterior, reduzindo de 198,9 mil hectares para 172,4 mil hectares. Os baixos níveis de produtividade alcançado, 2.172 kg/ha, foram inferiores cerca de 39,2% à média observada na safra 2016/17 em razão da limitada “janela de plantio”, observada nessa estação, somada aos períodos de escassez de chuvas ocorridos imediatamente após a semeadura e início do estabelecimento das lavouras.

No Piauí ocorreu aumento de área na ordem de 28,3% em relação à safra passada, totalizando 63,2 mil hectares. Conforme previsto, o plantio se iniciou a partir do dia 15 de fevereiro e se estendeu até o início de abril. As últimas chuvas que ocorreram na região, com boa intensidade e de abrangência geral, foram ainda na primeira quinzena de abril, após isso, apenas chuvas isoladas e de baixíssimo volume, o que prejudicou o desenvolvimento da cultura e diminuiu consideravelmente a produtividade devido ao estresse hídrico. A produtividade obtida foi de 1.289 kg/ha, correspondendo a uma redução de 45,5% em relação à safra pas-

Figura 26 - Lavoura de milho Urucuí - PI



Fonte: Conab.

sada.

A Região Centro-oeste apresentou constrição na área cultivada de 2,7% em relação à safra anterior. Tal comparativo de redução também se verificou nos parâmetros de produtividade (12,3%) e produção (14,6%) do grão na região.

Em Mato Grosso, o milho segunda safra se encontra com a colheita finalizada. O balanço da safra é positivo e fatores que poderiam limitar a produtividade média estadual, tais como o plantio de parte da safra fora da janela ideal e o emprego de menor tecnologia em alguns casos, não afetaram o indicador de maneira generalizada, que foi beneficiado pelo fato de a distribuição pluviométrica ter contemplado a demanda hídrica da cultura. O rendimento médio é estimado em 5.860 kg/ha, considerado satisfatório, apesar de 5,7% inferior à marca obtida em 2016/17, de 6.212 kg/ha, representando o recorde estadual. A produção estadual deverá totalizar 26.201,2 mil toneladas, 8,4% inferior às 28.610,6 mil toneladas registradas no último ciclo.

Em Mato Grosso do Sul, a semeadura do milho só deslanchou após a segunda quinzena de fevereiro, estendendo até o início de abril, saindo, portanto, do período recomendado pelo zoneamento agropecuário, o qual define que o cultivo deve ser semeado no máximo até 15 de março. A área cultivada foi de 1,72 milhão de hectares, 2,3% menor em relação ao ano anterior. A redução de área não foi maior devido a recuperação dos valores do cereal devido à quebra na safra Argentina, o que acabou estimulando os produtores a arriscarem a semeadura mesmo fora do período recomendado, o que normalmente é feita com o uso de baixa tecnologia. O clima se comportou bem, da germinação da cultura até o início de abril, quando ocorreu um veranico com duração de 40 dias na porção sudoeste, sul e sudeste de Mato Grosso do Sul, provocando uma redução de aproximadamente 30% na produtividade dessas áreas. Devido aos atrasos em cadeia, a colheita de milho adentrará em setembro.

A Região Sudeste apresentou incremento de 4,8% na área plantada, com os produtores animados com os preços em franca recuperação por ocasião do plantio. Uma combinação de elevadas temperaturas com ausência de chuvas, em períodos críticos da lavoura, comprometeu os níveis de produtividades, afetando a produção.

Em Minas Gerais, a área de milho safrinha está estimada em 339,4 mil hectares, menor em 5,1% quando comparada à safra anterior. Dentre os motivos da queda estão os altos custos de produção e principalmente pelo atraso da colheita das culturas de verão. As con-



dições climáticas apresentavam-se boas na época da semeadura, contudo, mostraram-se desfavoráveis no pós-plantio, comprometendo o desenvolvimento das lavouras.

Em São Paulo, as regiões apresentaram praticamente os mesmos percentuais de perdas para o milho segunda safra. A forte estiagem que se estabeleceu no decorrer do desenvolvimento das lavouras, a partir de abril, afetou drasticamente a produtividade, inicialmente prevista atingir 3.235 kg/ha. Com o término da colheita, o produtor contabiliza perdas de praticamente 40% em relação à safra passada. A colheita se encontra na fase final, estimando-se que 90% já foi realizada.

Na Região Sul, o baixo desempenho da lavoura foi afetado pela combinação da redução na área plantada com os efeitos climáticos no Paraná, que é o segundo maior produtor brasileiro do milho plantado na se-

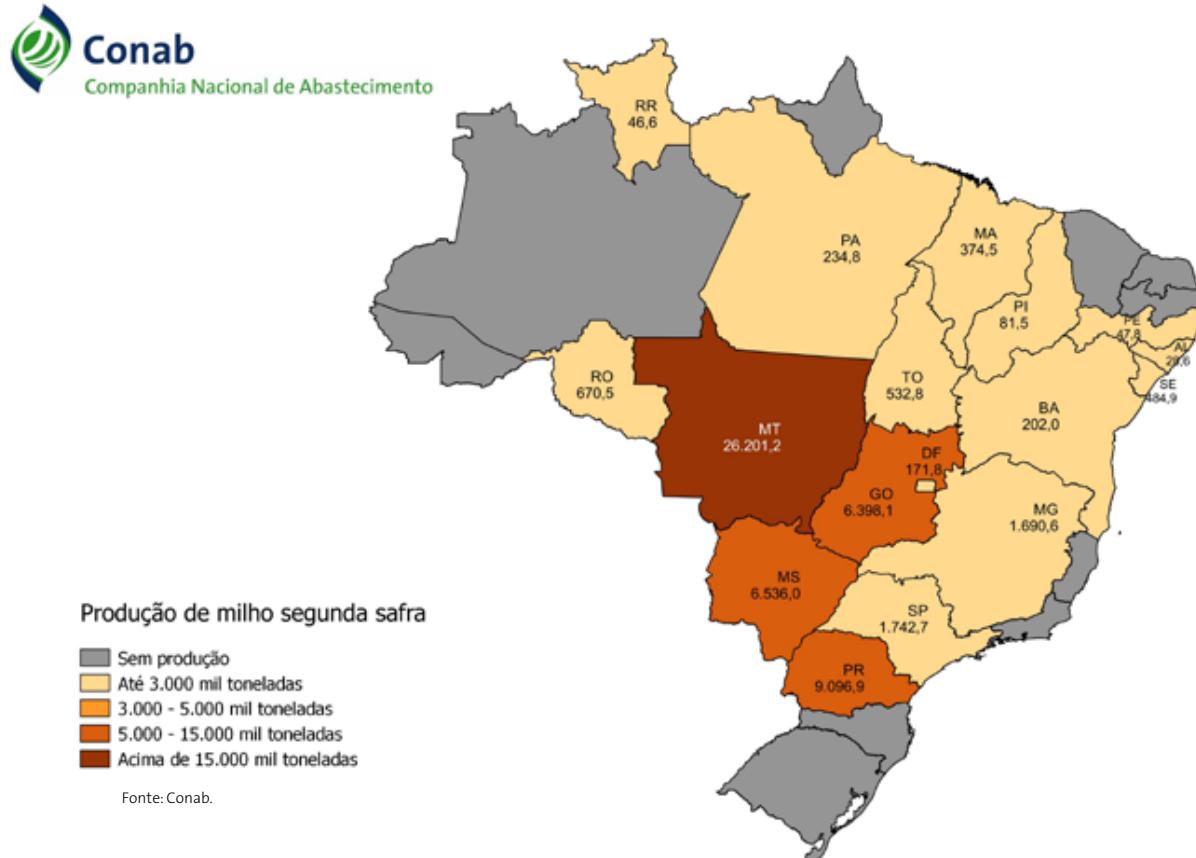
Figura 27 - Lavoura de milho Urucuí - PI



Fonte: Conab.
gunda safra.

No Brasil, a combinação das informações, reunindo a conjuntura da primeira e segunda safras de milho no país, faz com que a produção estimada para o exercício 2017/18 atinja o montante de 82.556,7 mil toneladas, representando uma redução de 16,8% em relação ao ocorrido na safra passada.

Figura 28 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra



Fonte: Conab.



Quadro 9 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho segunda safra

UF	Mesorregiões	Milho segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense - RO					P	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
TO	Oriental do Tocantins - TO						P	DV	F/FR	FR/M	M/C	C	
MA	Sul Maranhense - MA						P	DV	F/FR	FR/M	M/C	C	
PE	Agreste Pernambucano - PE	M/C	C							P/G	G/DV	DV/F/FR	FR/M
SE	Agreste Sergipano - SE	M/C	C							P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR FR/M
BA	Nordeste Baiano - BA	M/C	C							P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR FR/M
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS					P	G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense - MT					P	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Nordeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano - GO					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	FR/M/C	C	
	Sul Goiano - GO					P	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas - MG					P	DV	F/FR	FR	FR/M/C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG					P	DV	F/FR	FR	FR/M/C	C		
SP	Assis - SP					P	DV	F/FR	FR	FR/M/C	C	C	
	Itapetininga - SP					P	DV	F/FR	FR	FR/M/C	C	C	
PR	Noroeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C
	Centro Ocidental Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C
	Norte Central Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C
	Norte Pioneiro Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C
	Oeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	FR/M/C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)	
NORTE	401,2	385,6	(3,9)	4.253	3.850	(9,5)	1.706,1	1.484,7	(13,0)
RR	7,6	9,6	26,4	6.000	4.857	(19,1)	45,6	46,6	2,2
RO	156,9	149,1	(5,0)	4.385	4.497	2,6	688,0	670,5	(2,5)
PA	81,4	69,0	(15,2)	3.549	3.403	(4,1)	288,9	234,8	(18,7)
TO	155,3	157,9	1,7	4.402	3.374	(23,4)	683,6	532,8	(22,1)
NORDESTE	796,3	730,8	(8,2)	2.789	1.668	(40,2)	2.220,7	1.219,3	(45,1)
MA	198,9	172,4	(13,3)	3.572	2.172	(39,2)	710,5	374,5	(47,3)
PI	49,2	63,2	28,4	2.363	1.289	(45,5)	116,3	81,5	(29,9)
PE	73,9	79,7	7,9	654	600	(8,3)	48,3	47,8	(1,0)
AL	37,2	26,2	(29,5)	674	1.091	61,9	25,1	28,6	13,9
SE	172,0	158,4	(7,9)	4.721	3.061	(35,2)	812,0	484,9	(40,3)
BA	265,1	230,9	(12,9)	1.918	875	(54,4)	508,5	202,0	(60,3)
CENTRO-OESTE	7.664,7	7.457,4	(2,7)	6.008	5.271	(12,3)	46.052,7	39.307,2	(14,6)
MT	4.605,7	4.471,2	(2,9)	6.212	5.860	(5,7)	28.610,6	26.201,2	(8,4)
MS	1.759,9	1.720,0	(2,3)	5.460	3.800	(30,4)	9.609,1	6.536,0	(32,0)
GO	1.260,7	1.230,4	(2,4)	6.000	5.200	(13,3)	7.564,2	6.398,1	(15,4)
DF	38,4	35,8	(6,8)	7.000	4.800	(31,4)	268,8	171,8	(36,1)
SUDESTE	837,7	878,1	4,8	5.081	3.910	(23,1)	4.256,3	3.433,3	(19,3)
MG	357,6	339,4	(5,1)	4.822	4.981	3,3	1.724,3	1.690,6	(2,0)
SP	480,1	538,7	12,2	5.274	3.235	(38,7)	2.532,0	1.742,7	(31,2)
SUL	2.409,3	2.100,9	(12,8)	5.456	4.330	(20,6)	13.145,1	9.096,9	(30,8)
PR	2.409,3	2.100,9	(12,8)	5.456	4.330	(20,6)	13.145,1	9.096,9	(30,8)
NORTE/NORDESTE	1.197,5	1.116,4	(6,8)	3.279	2.422	(26,1)	3.926,8	2.703,9	(31,1)
CENTRO-SUL	10.911,7	10.436,4	(4,4)	5.815	4.967	(14,6)	63.454,1	51.837,3	(18,3)
BRASIL	12.109,2	11.552,8	(4,6)	5.564	4.721	(15,2)	67.380,9	54.541,2	(19,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.



9.1.7.3. MILHO TOTAL

Figura 29 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)

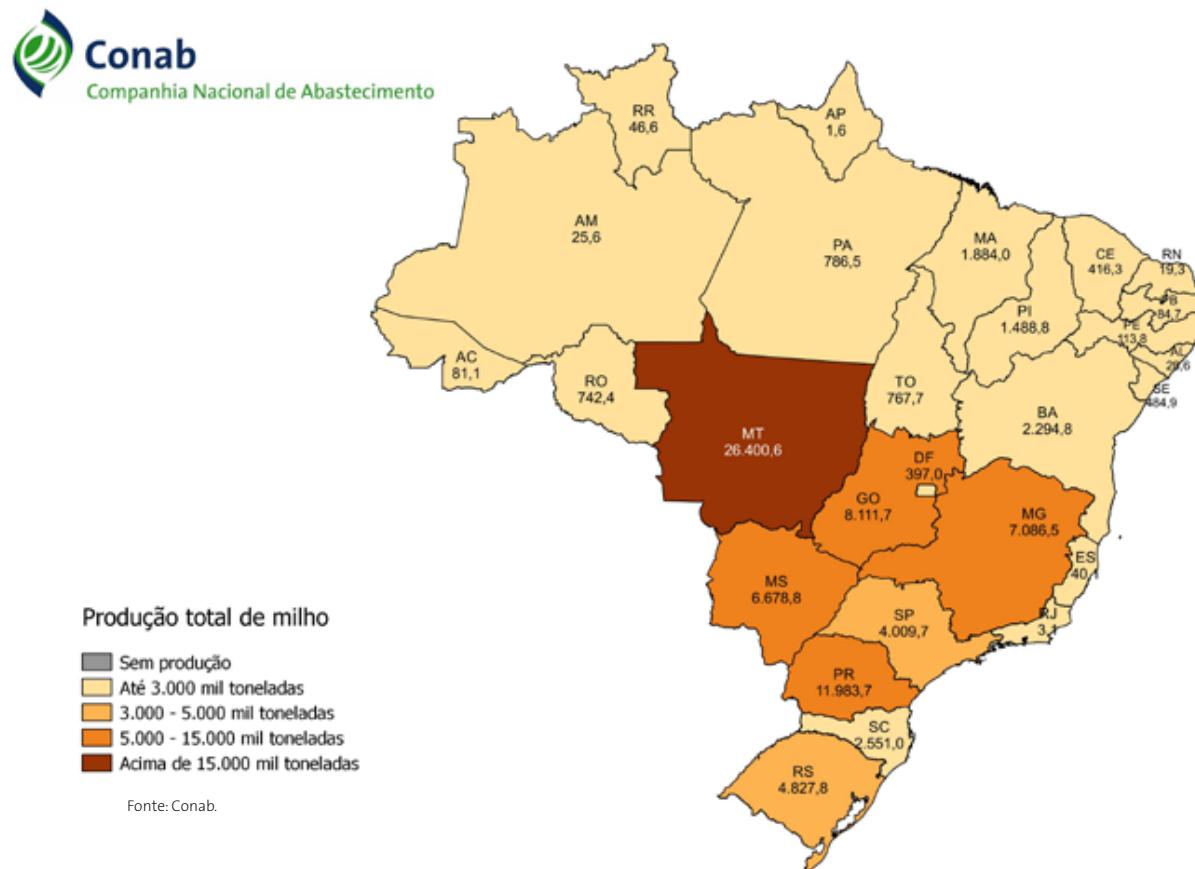


Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	713,0	678,4	(4,9)	3.790	3.614	(4,6)	2.702,1	2.451,5	(9,3)
RR	7,6	9,6	26,3	6.000	4.857	(19,1)	45,6	46,6	2,2
RO	197,1	178,2	(9,6)	4.033	4.166	3,3	795,0	742,4	(6,6)
AC	34,9	31,0	(11,2)	2.350	2.616	11,3	82,0	81,1	(1,1)
AM	12,2	10,0	(18,0)	2.526	2.560	1,3	30,8	25,6	(16,9)
AP	1,7	1,6	(5,9)	962	988	2,7	1,6	1,6	-
PA	258,3	236,9	(8,3)	3.270	3.320	1,5	844,7	786,5	(6,9)
TO	201,2	211,1	4,9	4.485	3.637	(18,9)	902,4	767,7	(14,9)
NORDESTE	2.602,9	2.668,0	2,5	2.567	2.554	(0,5)	6.681,3	6.815,2	2,0
MA	491,7	483,4	(1,7)	3.970	3.897	(1,8)	1.951,9	1.884,0	(3,5)
PI	467,4	488,5	4,5	2.966	3.048	2,8	1.386,3	1.488,8	7,4
CE	514,0	535,1	4,1	815	778	(4,5)	418,9	416,3	(0,6)
RN	29,2	40,9	40,1	348	473	35,9	10,2	19,3	89,2
PB	86,5	108,6	25,5	446	780	74,9	38,6	84,7	119,4
PE	158,0	215,7	36,5	345	527	52,8	54,6	113,8	108,4
AL	37,2	26,2	(29,6)	674	1.091	61,9	25,1	28,6	13,9
SE	172,0	158,4	(7,9)	4.721	3.061	(35,2)	812,0	484,9	(40,3)
BA	646,9	611,2	(5,5)	3.067	3.755	22,4	1.983,7	2.294,8	15,7
CENTRO-OESTE	8.014,7	7.742,1	(3,4)	6.098	5.372	(11,9)	48.873,7	41.588,1	(14,9)
MT	4.639,1	4.498,4	(3,0)	6.223	5.869	(5,7)	28.867,0	26.400,6	(8,5)
MS	1.787,9	1.735,5	(2,9)	5.521	3.848	(30,3)	9.870,6	6.678,8	(32,3)
GO	1.520,7	1.444,6	(5,0)	6.342	5.615	(11,5)	9.644,2	8.111,7	(15,9)
DF	67,0	63,6	(5,1)	7.341	6.242	(15,0)	491,9	397,0	(19,3)
SUDESTE	2.138,9	2.070,0	(3,2)	5.820	5.381	(7,5)	12.447,9	11.139,4	(10,5)
MG	1.267,0	1.165,1	(8,0)	5.936	6.082	2,5	7.520,9	7.086,5	(5,8)
ES	13,2	13,4	1,5	2.832	2.995	5,8	37,4	40,1	7,2
RJ	2,7	1,0	(63,0)	2.332	3.069	31,6	6,3	3,1	(50,8)
SP	856,0	890,5	4,0	5.705	4.503	(21,1)	4.883,3	4.009,7	(17,9)
SUL	4.122,2	3.478,3	(15,6)	6.583	5.567	(15,4)	27.137,8	19.362,5	(28,7)
PR	2.917,0	2.430,9	(16,7)	6.115	4.930	(19,4)	17.837,8	11.983,7	(32,8)
SC	400,3	319,0	(20,3)	8.152	7.997	(1,9)	3.263,2	2.551,0	(21,8)
RS	804,9	728,4	(9,5)	7.500	6.628	(11,6)	6.036,8	4.827,8	(20,0)
NORTE/NORDESTE	3.315,9	3.346,4	0,9	2.830	2.769	(2,1)	9.383,4	9.266,7	(1,2)
CENTRO-SUL	14.275,8	13.290,4	(6,9)	6.196	5.424	(12,5)	88.459,4	72.090,0	(18,5)
BRASIL	17.591,7	16.636,8	(5,4)	5.562	4.890	(12,1)	97.842,8	81.356,7	(16,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.

9.1.8. Soja

A área plantada com soja, nesta temporada, apresentou incremento de 3,7%, saindo de 33.909,4 mil hectares na safra 2016/17 para 35.149,3 mil hectares, na atual. A produção atingiu 119.281,4 mil toneladas, contra 114.075,3 mil, representando um aumento de 4,6% em relação à safra passada.

Na Região Norte houve incremento de 6,8% na área plantada e a despeito de algumas adversidades do clima em algumas regiões produtoras, particularmente no Pará, ocorreu incremento da produção em relação ao exercício passado.

Em Roraima, a área plantada atingiu 38,2 mil hectares,

número inferior ao estimado pelo setor em virtude do atraso na entrega de uma parte do calcário necessário, prejudicando a conclusão do preparo da área. Representa um incremento de 27,3% em relação à safra passada, lembrando que esse aumento se refere a uma expansão da fronteira agrícola. A produtividade estimada é de 3.077 kg/ha. As condições da lavoura são consideradas 80% excelentes e 20% regular, por conta de alguns talhões que alagaram com as chuvas intensas no período.

Em Rondônia, a área cultivada com a primeira safra atingiu 313,4 mil hectares, com a semeadura ocorrendo de outubro a dezembro. Com o advento da soja sa-



frinha, o plantio se dá entre a segunda quinzena de janeiro e fevereiro. A colheita dessa safra acontece em junho. A área de soja plantada na segunda safra foi estimada em 20,2 mil hectares, com uma produtividade de 2.621 kg/ha, com a produção atingindo 53,1 mil toneladas. A área total de soja reduziu de 337,3 mil hectares para 333,6 mil, por conta de ajustes na área de soja safrinha, principalmente no município de Rio Crespo.

A produtividade da soja na primeira safra foi de 3.324 kg/ha devido a alguns fatores, tais como: quantitativo e distribuição de chuvas melhor do que na safra passada; o tamanho dos talhões nas propriedades de Rondônia são menores, isso faz com que o monitoramento de pragas e doenças seja mais preciso, com isso as aplicações ocorrem no momento exato, sem atrasos e com reduzida interferência das chuvas; ademais, as lavouras em sua maior parte são circundadas por florestas ou outro tipo de vegetação nativa, que abriga uma diversidade de inimigos naturais promovendo melhor sanidade das lavouras. A produção total foi reduzida neste levantamento para 1.095 mil toneladas, em virtude da redução na área cultivada com a soja safrinha.

Em Tocantins, a cultura apresentou incremento mais modesto na área cultivada no estado em relação a anos anteriores em razão do elevado comprometimento financeiro dos produtores em decorrência dos sucessivos problemas com o clima e à restrição de acesso ao crédito. Nessa temporada, as chuvas foram bastante regulares em praticamente todo o estado até fevereiro. A partir daí, o excesso de chuvas causou atraso na colheita, visto que em algumas regiões foram registradas perdas. A colheita da soja já está finalizada e a produtividade desta safra foi 6,9% maior que na safra passada. A lavoura da soja subirrigada teve seu plantio encerrado no final de junho. Houve prorrogação na janela de plantio devido ao atraso na colheita do arroz irrigado em razão do excesso de umidade no solo em algumas regiões. As condições fitossanitárias das lavouras são as melhores possíveis, não sendo identificados focos de ferrugem asiática. A cultura se encontra na fase de enchimento de grãos, maturação e colheita. Até o momento, menos de 15% da área foi colhida. Devido à grande variedade de cultivares plantadas, ainda não é possível fazer uma estimativa mais precisa da produtividade a ser alcançada. A expectativa até agora das firmas produtoras de sementes é de que a produtividade seja ligeiramente superior ao registrado na safra passada. A previsão é que a colheita seja finalizada no final de setembro.

Figura 30 - Lavoura soja semente sub-irrigada em enchimento de grãos – Formoso do Araguaia – TO



Fonte: Conab.

Figura 31 - Colheita de soja semente sub-irrigada – Lagoa da Confusão -TO



Fonte: Conab.

No Maranhão, o cenário positivo dessa oleaginosa ficou evidenciado através do avanço da área plantada e da produtividade média obtida nessa estação. A área semeada passou de 821,7 mil hectares para 951,5 mil hectares que representa um incremento de 15,8%, com uma produtividade média que saltou de 3.010 para 3.125 kg/ha, ou seja, a quantidade de grãos produzidas foi 3,8% superior à média obtida na safra anterior.

No Piauí ocorreu aumento na área de soja de 2,4% devido ao retorno das áreas ocupadas por milho na safra passada, totalizando 710,5 mil hectares. A lavoura de soja já está finalizada em todo o estado. Os grãos colhidos possuem boa qualidade, apesar de ter ocorrido uma diminuição do acumulado de chuva em todas as regiões do estado em março. Isso, porém, não prejudicou o desenvolvimento das lavouras nem impactou sua produtividade. Durante todo o período de desenvolvimento da lavoura houve baixíssima incidência de pragas e doenças, que permitiu um controle relativamente fácil com poucas aplicações. A utilização da tecnologia em sua plenitude, além do excelente regime climático, contribui para os ótimos resultados



alcançados na safra atual. A produtividade obtida na soja foi de 3.573 Kg/ha, que representa um incremento de 21% em relação à produtividade alcançada na safra anterior. Esse número representa um recorde na produtividade e consequentemente na produção de soja.

Na Bahia, estima-se que a área de cultivo foi de 1.600 mil hectares, representando variação positiva de 1,2% em relação à área da safra anterior e produtividade de 3.960 kg/ha, atingindo 6.333,2 mil toneladas. Essa estimativa de crescimento se deve aos bons resultados da safra passada, às atuais condições climáticas favoráveis, à tecnologia de produção utilizada e a estabilidade comercial dessa oleaginosa.

Na Região Centro-Oeste, principal região produtora do país, a área plantada apresentou incremento de 3% em relação ao exercício anterior e a produção foi 7,6% maior que o da safra passada.

Em Mato Grosso, a lavoura da oleaginosa apresentou recorde tanto de área quanto de rendimento médio, resultando numa produção inédita de soja. A área semeada contabilizou 9.518,6 mil hectares, 2,1% superior aos 9.322,8 mil hectares semeados no ciclo anterior, a produtividade média obteve fechamento de 3.394 kg/ha, 3,7% maior do que os 3.273 kg/ha registrados em 2016/17, culminando com a produção de 32.306,1 mil toneladas, enquanto que, no ciclo anterior, 30.513,5 mil toneladas haviam sido colhidas. O excelente resultado foi impulsionado pela semeadura em momento ótimo quanto ao calendário agrícola, pelo clima bastante favorável e por melhorias nas sementes.

Em Mato Grosso do Sul, o incremento de área foi de 5,9% em relação à safra passada, avanço que ocorreu sobre as pastagens, atingindo um total de 2,67 milhões de hectares. A produtividade da soja foi recorde, atingindo a média de 3.593 kg/ha, que corresponde a um aumento de 5,7% em relação ao ano anterior, que fez com que a produção atingisse o volume de 9,6 milhões de toneladas. Um dos fatores que justificam o recorde de produtividade foi o atraso no calendário de semeadura dos produtores, ocasionado pela baixa precipitação de chuvas até a primeira quinzena de outubro, pois esse evento forçou os produtores a realizarem a opera-

ção de semeadura dentro do melhor período recomendado para a cultura, pois normalmente os produtores optam por antecipar a semeadura da soja para diminuir os riscos climáticos do milho segunda safra.

Na Região Sudeste, a área plantada apresentou incremento de 5%, comparada com o exercício anterior, e a produção deverá ser 9,9% superior à registrada na última safra.

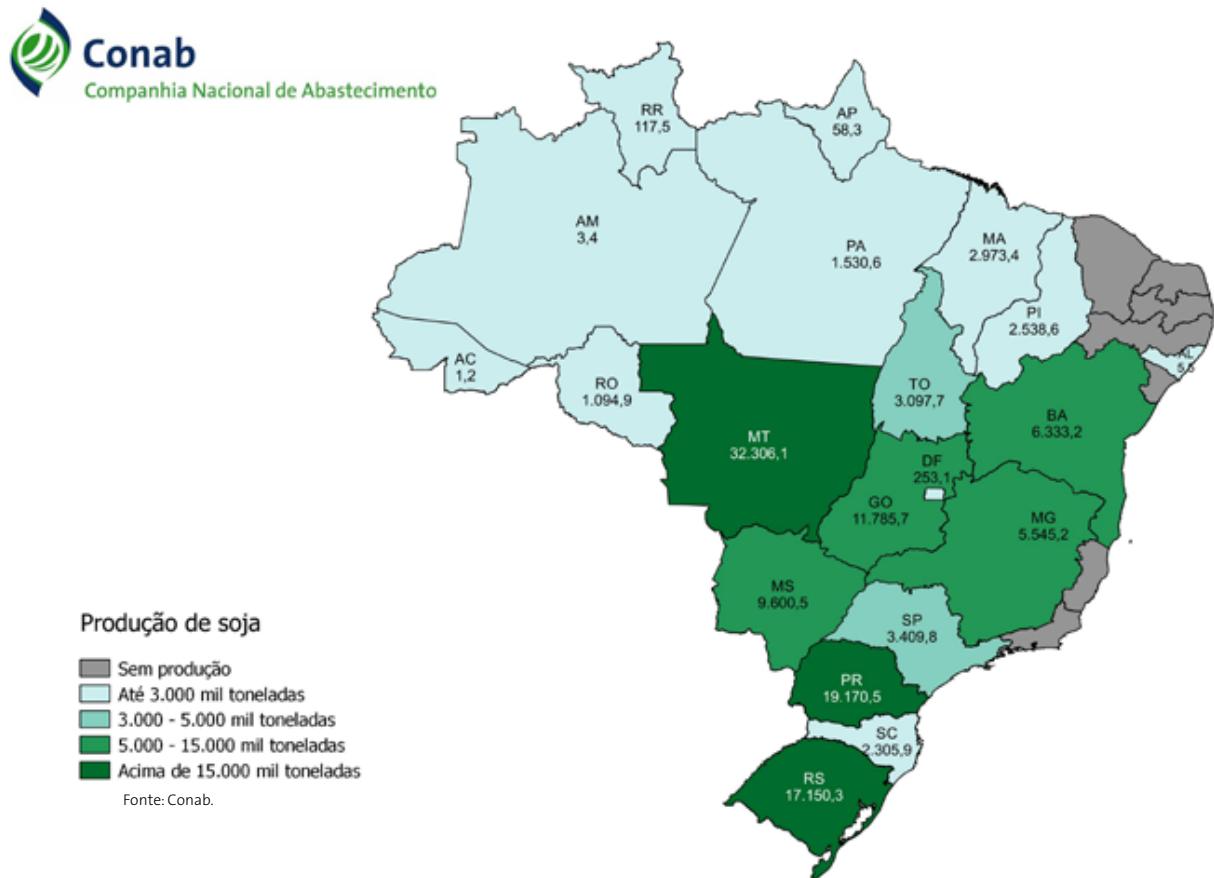
Em Minas Gerais, a área ficou estimada em 1.508,5 mil hectares, 3,6% superior à safra passada, mantendo a tendência dos últimos anos. A produtividade teve incremento de 5,6% passando de 3.480 kg/ha na safra anterior para 3.676 kg/ha na safra atual, como consequência do excelente desenvolvimento das lavouras. De modo geral, as condições climáticas favoreceram bastante o desenvolvimento da cultura, assim como a conclusão da colheita. Em São Paulo, as maiores áreas de grãos estão concentradas nas regiões oeste e sudoeste do estado, onde a cultura da cana-de-açúcar não tem encontrando condições propícias para o seu desenvolvimento, ao contrário das regiões do norte e noroeste, onde a produção de grãos diminuiu sensivelmente nos últimos anos, em face do avanço da cana-de-açúcar. A lavoura já foi totalmente colhida.

Na Região Sul, o destaque ficou por conta da forte redução nos níveis de produtividade, onde a lavoura foi bastante afetada pelas adversidades do clima em todos os estados produtores, fazendo com que a produção atingisse 38,6 milhões de toneladas, redução de 4,8% em relação ao exercício anterior.

No Rio Grande do Sul foi confirmada a tendência dos últimos anos de aumento de área plantada com a oleaginosa, atingindo 5.692,1 mil hectares, a maior área semeada da série histórica. Esse aumento acontece nas áreas onde era cultivado milho e, principalmente, pela rentabilidade e liquidez da cultura. Mesmo com a disparidade climática, o bom desempenho das lavouras na região noroeste fez com que a média estadual de produção e produtividade atingisse o segundo maior valor da série histórica, com 17.150,3 mil toneladas e 3.013 kg/ha, respectivamente, números inferiores somente os da safra 2016/17.



Figura 32 – Mapa da produção agrícola – Soja



Quadro 10 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Soja (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		P	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PA	Sudeste Paraense			PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C		
TO	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/ DV/F	DV/F/ FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/ DV/F	DV/F/ FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	P/G	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PP	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	P/G	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
GO	Leste Goiano		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			P/G	DV/F	FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		P	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
SC	Sudeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Serrana		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Noroeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/ FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			

Legendas:

- Baixa restrição - falta de chuvas
- Favorável
- Média restrição - falta de chuva
- Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Fonte: Conab.



Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.809,0	1.931,8	6,8	3.061	3.056	(0,1)	5.536,4	5.903,6	6,6
RR	30,0	38,2	27,3	3.000	3.077	2,6	90,0	117,5	30,6
RO	296,0	333,6	12,7	3.143	3.282	4,4	930,3	1.094,9	17,7
AC	-	0,6	-	-	2.055	-	-	1,2	-
AM	-	1,5	-	-	2.250	-	-	3,4	-
AP	18,9	20,2	6,9	2.878	2.884	0,2	54,4	58,3	7,2
PA	500,1	549,6	9,9	3.270	2.785	(14,8)	1.635,3	1.530,6	(6,4)
TO	964,0	988,1	2,5	2.932	3.135	6,9	2.826,4	3.097,7	9,6
NORDESTE	3.095,8	3.263,5	5,4	3.115	3.631	16,6	9.644,7	11.850,7	22,9
MA	821,7	951,5	15,8	3.010	3.125	3,8	2.473,3	2.973,4	20,2
PI	693,8	710,5	2,4	2.952	3.573	21,0	2.048,1	2.538,6	23,9
AL	-	2,2	-	-	2.500	-	-	5,5	-
BA	1.580,3	1.599,3	1,2	3.242	3.960	22,1	5.123,3	6.333,2	23,6
CENTRO-OESTE	15.193,6	15.648,8	3,0	3.301	3.447	4,4	50.149,9	53.945,4	7,6
MT	9.322,8	9.518,6	2,1	3.273	3.394	3,7	30.513,5	32.306,1	5,9
MS	2.522,3	2.672,0	5,9	3.400	3.593	5,7	8.575,8	9.600,5	11,9
GO	3.278,5	3.386,7	3,3	3.300	3.480	5,5	10.819,1	11.785,7	8,9
DF	70,0	71,5	2,1	3.450	3.540	2,6	241,5	253,1	4,8
SUDESTE	2.351,4	2.470,1	5,0	3.467	3.625	4,6	8.151,5	8.955,0	9,9
MG	1.456,1	1.508,5	3,6	3.480	3.676	5,6	5.067,2	5.545,2	9,4
SP	895,3	961,6	7,4	3.445	3.546	2,9	3.084,3	3.409,8	10,6
SUL	11.459,6	11.835,1	3,3	3.542	3.264	(7,9)	40.592,8	38.626,7	(4,8)
PR	5.249,6	5.464,8	4,1	3.731	3.508	(6,0)	19.586,3	19.170,5	(2,1)
SC	640,4	678,2	5,9	3.580	3.400	(5,0)	2.292,6	2.305,9	0,6
RS	5.569,6	5.692,1	2,2	3.360	3.013	(10,3)	18.713,9	17.150,3	(8,4)
NORTE/NORDESTE	4.904,8	5.195,3	5,9	3.095	3.417	10,4	15.181,1	17.754,3	17,0
CENTRO-SUL	29.004,6	29.954,0	3,3	3.410	3.389	(0,6)	98.894,2	101.527,1	2,7
BRASIL	33.909,4	35.149,3	3,7	3.364	3.394	0,9	114.075,3	119.281,4	4,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.



Tabela 33 – Evolução de área entre as safras 2013/14 e 2017/18 – Soja

REGIÃO/UF	Área (em mil hectares)					
	Safra 13/14	Safra 14/15	Safra 15/16	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	(e/d)	
NORTE	1.178,9	1.441,2	1.576,3	1.809,0	1.931,8	6,8
RR	18,0	23,8	24,0	30,0	38,2	27,3
RO	191,1	231,5	252,6	296,0	333,6	12,7
AC	-	-	-	-	0,6	-
AM	-	-	-	-	1,5	-
AP	-	-	-	18,9	20,2	6,9
PA	221,4	336,3	428,9	500,1	549,6	9,9
TO	748,4	849,6	870,8	964,0	988,1	2,5
NORDESTE	2.602,2	2.845,3	2.878,2	3.095,8	3.263,5	5,4
MA	662,2	749,6	786,3	821,7	951,5	15,8
PI	627,3	673,7	565,0	693,8	710,5	2,4
BA	1.312,7	1.422,0	1.526,9	1.580,3	1.599,3	1,2
CENTRO-OESTE	13.909,4	14.616,1	14.925,1	15.193,6	15.648,8	3,0
MT	8.615,7	8.934,5	9.140,0	9.322,8	9.518,6	2,1
MS	2.120,0	2.300,5	2.430,0	2.522,3	2.672,0	5,9
GO	3.101,7	3.325,0	3.285,1	3.278,5	3.386,7	3,3
DF	72,0	56,1	70,0	70,0	71,5	2,1
SUDESTE	1.989,9	2.116,2	2.326,9	2.351,4	2.470,1	5,0
MG	1.238,2	1.319,4	1.469,3	1.456,1	1.508,5	3,6
SP	751,7	796,8	857,6	895,3	961,6	7,4
SUL	10.492,7	11.074,1	11.545,4	11.459,6	11.835,1	3,3
PR	5.010,4	5.224,8	5.451,3	5.249,6	5.464,8	4,1
SC	542,7	600,1	639,1	640,4	678,2	5,9
RS	4.939,6	5.249,2	5.455,0	5.569,6	5.692,1	2,2
NORTE/NORDESTE	3.781,1	4.286,5	4.454,5	4.904,8	5.195,3	5,9
CENTRO-SUL	26.392,0	27.806,4	28.797,4	29.004,6	29.954,0	3,3
BRASIL	30.173,1	32.092,9	33.251,9	33.909,4	35.149,3	3,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.



Tabela 34 – Evolução de produtividade entre as safras 2013/14 e 2017/18 – Soja

REGIÃO/UF	Produtividade (em kg/ha)					
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	Safra 15/16 (c)	Safra 16/17 (d)	Safra 17/18 (e)	VAR. % (e/d)
NORTE	2.877	2.976	2.423	3.061	3.056	(0,1)
RR	3.120	2.685	3.300	3.000	3.077	2,6
RO	3.180	3.166	3.028	3.143	3.282	4,4
AC	-	-	-	-	2.055	-
AM	-	-	-	-	2.250	-
AP	-	-	-	2.878	2.884	0,2
PA	3.020	3.024	3.003	3.270	2.785	(14,8)
TO	2.751	2.914	1.937	2.932	3.135	6,9
NORDESTE	2.544	2.841	1.774	3.115	3.631	16,6
MA	2.754	2.761	1.590	3.010	3.125	3,8
PI	2.374	2.722	1.143	2.952	3.573	21,0
BA	2.520	2.940	2.103	3.242	3.960	22,1
CENTRO-OESTE	3.005	3.008	2.931	3.301	3.447	4,4
MT	3.069	3.136	2.848	3.273	3.394	3,7
MS	2.900	3.120	2.980	3.400	3.593	5,7
GO	2.900	2.594	3.120	3.300	3.480	5,5
DF	3.000	2.626	3.300	3.450	3.540	2,6
SUDESTE	2.520	2.775	3.255	3.467	3.625	4,6
MG	2.687	2.658	3.220	3.480	3.676	5,6
SP	2.246	2.970	3.316	3.445	3.546	2,9
SUL	2.792	3.071	3.047	3.542	3.264	(7,9)
PR	2.950	3.294	3.090	3.731	3.508	(6,0)
SC	3.030	3.200	3.341	3.580	3.400	(5,0)
RS	2.605	2.835	2.970	3.360	3.013	(10,3)
NORTE/NORDESTE	2.648	2.887	2.004	3.095	3.417	10,4
CENTRO-SUL	2.884	3.016	3.004	3.410	3.389	(0,6)
BRASIL	2.854	2.998	2.870	3.364	3.394	0,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.



Tabela 35– Evolução de produção entre as safras 2013/14 e 2017/18 – Soja

REGIÃO/UF	Produção (em mil toneladas)					
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	Safra 15/16 (c)	Safra 16/17 (d)	Safra 17/18 (e)	VAR. % (e/d)
NORTE	3.391,3	4.289,5	3.818,9	5.536,4	5.903,6	6,6
RR	56,2	63,9	79,2	90,0	117,5	30,6
RO	607,7	732,9	765,0	930,3	1.094,9	17,7
AC	-	-	-	-	1,2	-
AM	-	-	-	-	3,4	-
AP	-	-	-	54,4	58,3	7,2
PA	668,6	1.017,0	1.288,0	1.635,3	1.530,6	(6,4)
TO	2.058,8	2.475,7	1.686,7	2.826,4	3.097,7	9,6
NORDESTE	6.620,9	8.084,1	5.107,1	9.644,7	11.850,7	22,9
MA	1.823,7	2.069,6	1.250,2	2.473,3	2.973,4	20,2
PI	1.489,2	1.833,8	645,8	2.048,1	2.538,6	23,9
BA	3.308,0	4.180,7	3.211,1	5.123,3	6.333,2	23,6
CENTRO-OESTE	41.800,5	43.968,6	43.752,6	50.149,9	53.945,4	7,6
MT	26.441,6	28.018,6	26.030,7	30.513,5	32.306,1	5,9
MS	6.148,0	7.177,6	7.241,4	8.575,8	9.600,5	11,9
GO	8.994,9	8.625,1	10.249,5	10.819,1	11.785,7	8,9
DF	216,0	147,3	231,0	241,5	253,1	4,8
SUDESTE	5.015,3	5.873,5	7.574,9	8.151,5	8.955,0	9,9
MG	3.327,0	3.507,0	4.731,1	5.067,2	5.545,2	9,4
SP	1.688,3	2.366,5	2.843,8	3.084,3	3.409,8	10,6
SUL	29.292,8	34.012,3	35.181,1	40.592,8	38.626,7	(4,8)
PR	14.780,7	17.210,5	16.844,5	19.586,3	19.170,5	(2,1)
SC	1.644,4	1.920,3	2.135,2	2.292,6	2.305,9	0,6
RS	12.867,7	14.881,5	16.201,4	18.713,9	17.150,3	(8,4)
NORTE/NORDESTE	10.012,2	12.373,6	8.926,0	15.181,1	17.754,3	17,0
CENTRO-SUL	76.108,6	83.854,4	86.508,6	98.894,2	101.527,1	2,7
BRASIL	86.120,8	96.228,0	95.434,6	114.075,3	119.281,4	4,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.

9.1.9. SORGO

A cultura do sorgo deverá ter uma área plantada de 782,2 mil hectares e uma produtividade de 2.731 kg/ha, aumento de 24,5% na área plantada, em relação à safra 2016/17. O sorgo é uma cultura bastante resistente à seca e climas quentes e, por isso, muito utilizado em sucessão de culturas na segunda safra. Entretanto, observa-se que a escolha do sorgo pelo produtor varia muito em virtude do mercado, e seu plantio só é definido após a conclusão do plantio do milho segunda safra.

Em Tocantins, para esta safra, houve um ligeiro crescimento de área cultivada em 2,6%, em relação à safra anterior. O motivo para a desaceleração do crescimento da cultura no estado é o resultado econômico, já que a cultura tem apresentado um resultado inferior ao do milho, por exemplo, e devido às produtividades

alcançadas nas safras anteriores que têm frustrado a expectativa dos agricultores.

Outro fator que vem desestimulando o plantio da cultura na safrinha é o fato de ter sido registrado na última safra uma queda no rendimento da soja nas áreas onde foi cultivado o sorgo.

As lavouras já foram colhidas e devido à redução drástica dos volumes precipitados, especialmente na segunda quinzena de abril e maio, a produtividade foi significativamente inferior ao registrado na safra anterior em 22,9%.

No Pará, o cultivo do sorgo no estado tem sido usado para a produção de ração animal. A área plantada é de 4,1 mil hectares, a produtividade de 3.012 kg/ha e produção de 12,3 mil toneladas.



Na Bahia, mesmo o sorgo sendo adaptado às condições adversas, esta cultura teve a estimativa de produtividade reduzida em 8,1% em relação à safra passada. Passou de 1.068 kg/ha (17,8 scs/ha) para 981 kg/ha (16,35 scs/ha). Com previsão de produzir 98,2 mil toneladas.

Os grãos de sorgo são destinados às criações nos cultivos conduzidos pela agricultura familiar e para as granjas (suínos e aves), em substituição ao milho nos cultivos da agricultura empresarial.

Os produtores estão distribuídos por toda a Bahia, havendo cultivo no extremo oeste, no centro-norte, no centro-sul e no Vale do São Francisco.

Na Paraíba, por fatores econômicos o produtor paraibano tradicionalmente explora o sorgo forrageiro, destinado à formação de silagem para consumo dos seus rebanhos. Em relação ao sorgo granífero a cultura registrou na safra 2016/17 área de 1.302 hectares e produtividade média de 1.600 kg/ha. Do total da área plantada, tem-se 900 hectares realizados por empresa especializada na produção de sementes, com a utilização de pacote tecnológico avançado. Diante da baixa qualidade das sementes ocorrida na safra passada, resultante do estresse hídrico na lavoura, na presente safra a empresa decidiu reduzir a área de cultivo, portanto, nesta safra o total de área foi de 1.151 hectares, e em razão da melhora no regime de chuvas, teve-se um leve incremento na produtividade para 1.700 kg/ha.

No Piauí, a área plantada de sorgo é de 16,5 mil hectares, representando um aumento na área de 44,3% em relação à safra 2016/17. Esse aumento se justifica, principalmente, pela substituição de área inicialmente planejada para o milho safrinha, já a produtividade foi de 514 kg/ha, inferior em 74,9% que a alcançada na safra anterior, essa redução se justifica devido o déficit hídrico durante o ciclo de desenvolvimento das culturas de segunda safra. A área de sorgo se encontra totalmente colhida.

No Rio Grande do Norte, a cultura do sorgo com dupla aptidão vem se tornando uma das principais alternativas de alimentos volumosos para os rebanhos, sobretudo os bovinos, já que a maior parte da produção da planta vai para ração animal (forragem). A área do sorgo forrageiro cresceu nesta safra, porém, como o levantamento considera somente o sorgo granífero, estima-se na presente safra uma área de 1.323 hectares, contra 1.330 hectares da safra passada, ou seja, uma pequena redução de 0,5 %. A produção estimada do grão será maior em 6,3% em relação à safra 2017.

Em Mato Grosso, a colheita do sorgo se encontra em

sua reta final. Houve aumento de área na ordem de 13,2 mil hectares ou 34,3%, registrados em relação ao último ciclo e calcula-se que 51,7 mil hectares foram semeados em 2017/18. O incremento se deve ao atraso da cultura da soja, que deslocou a janela da segunda safra e culminou em leve redução no plantio de milho. A cultura do sorgo apresenta maior resistência ao estresse hídrico e, em alguns casos em que houve perda do tempo certo de semeadura referente à janela de milho, houve opção pelo sorgo. Ainda assim, destaca-se que a área é muito pequena em termos de representatividade estadual e que a cultura tem predominantemente papel de cobertura vegetal, com baixo investimento financeiro e baixa tecnologia, o que limita sua produtividade média.

No Vale do Araguaia, onde existe maior estiagem, houve opção pontual pela cultura, mais resistente a condições de maior seca.

Em Mato Grosso do Sul foram semeados 7 mil hectares, distribuídos em municípios do norte e nordeste do estado. Os produtores têm reduzido as áreas cultivadas devido à alelopatia que a cultura expressa sobre a soja semeada posteriormente.

A restrição hídrica enfrentada pela cultura causou reduções nos índices de produtividade esperada, a qual está prevista em 3.500 kg/ha, representando um decréscimo de 4,1% em relação à safra anterior.

Atualmente a cultura está em processo de perda de umidade no campo e deverá ser colhida após o término do milho, entre o final de agosto e início de setembro. Os grãos são comercializados no próprio estado para empresas produtoras de rações e normalmente o preço da saca corresponde a 80% do valor da saca do milho.

Em Goiás, praticamente 100% da área está colhida. A comercialização está mais aquecida que à do próprio milho segunda safra.

As produtividades alcançadas estão em patamares menores quando comparadas ao levantamento anterior. Faltaram chuvas na fase de enchimento de grãos na maioria das áreas do estado. No sul goiano, lavouras que foram cultivadas até o final de março alcançaram rendimentos acima de 75 scs/ha.

As últimas áreas que foram colhidas apresentaram rendimentos médios de 45 scs/ha, pois foram cultivadas em abril. Todas lavouras tardias tiveram queda brusca nos rendimentos. Algumas áreas pontuais no estado não conseguiram nem mesmo chegar a fase de formação de grãos, considerando que o ciclo da chuva se encerrou de forma abrupta.



Devido aos bons preços oferecidos no mercado, chegando até 80% do valor do milho em grãos, produtores optam em comercializar o sorgo e armazenarem o milho.

Empresas produtoras de rações de aves e suínos e confinadores de bovinos têm demandado pelo grão nesta época do ano.

No Distrito Federal, na safra 2017/18, foram cultivados 7,2 mil hectares, com produtividade média de 4.250 kg/ha, alcançando uma produção de 30,6 mil toneladas.

Figura 33 - Lavoura de sorgo no município de Cristalina/GO



Fonte: Conab.

No momento estima-se queda na produtividade em decorrência da estiagem prolongada que ocorre na região, saindo dos 4.500 kg/ha para os atuais 4.250 kg/ha.

As lavouras estão em fase de colheita, levemente atrasada em comparação à safra anterior.

Cabe esclarecer que, a baixa procura pelo cereal e a falta de local para armazenamento, fez com que os agricultores retardassem a colheita do produto, aguardando uma melhor definição do mercado.

Com relação à comercialização, o indicativo de valor para venda do produto está se mantendo em torno de 20% inferior aos praticados para o milho.

Em Minas Gerais, registrou-se crescimento de 14,9% na área plantada, motivado pelo fechamento da janela para o plantio do milho safrinha, aumento nos preços dos tratos animais, melhor adaptabilidade ao clima quente em algumas regiões e o menor custo de produção. Verificou-se, entretanto, redução de 2,9% na produtividade em relação à safra anterior. Apesar de sua relativa tolerância, a cultura sofreu com a deficitário ocorrido no segundo trimestre do ano.

Em São Paulo, o sorgo é bastante tolerante à seca em comparação com outros cereais. Ele também apresenta menor custo de produção e, além disso, o cultivo do sorgo fornece matéria residual rica em carbono e nitrogênio para as culturas sucessivas. A estimativa aponta recuo na área de 1,9% nesse décimo segundo levantamento. A produtividade deverá ter retração de 28,4% em relação à safra anterior devido à grande estiagem.

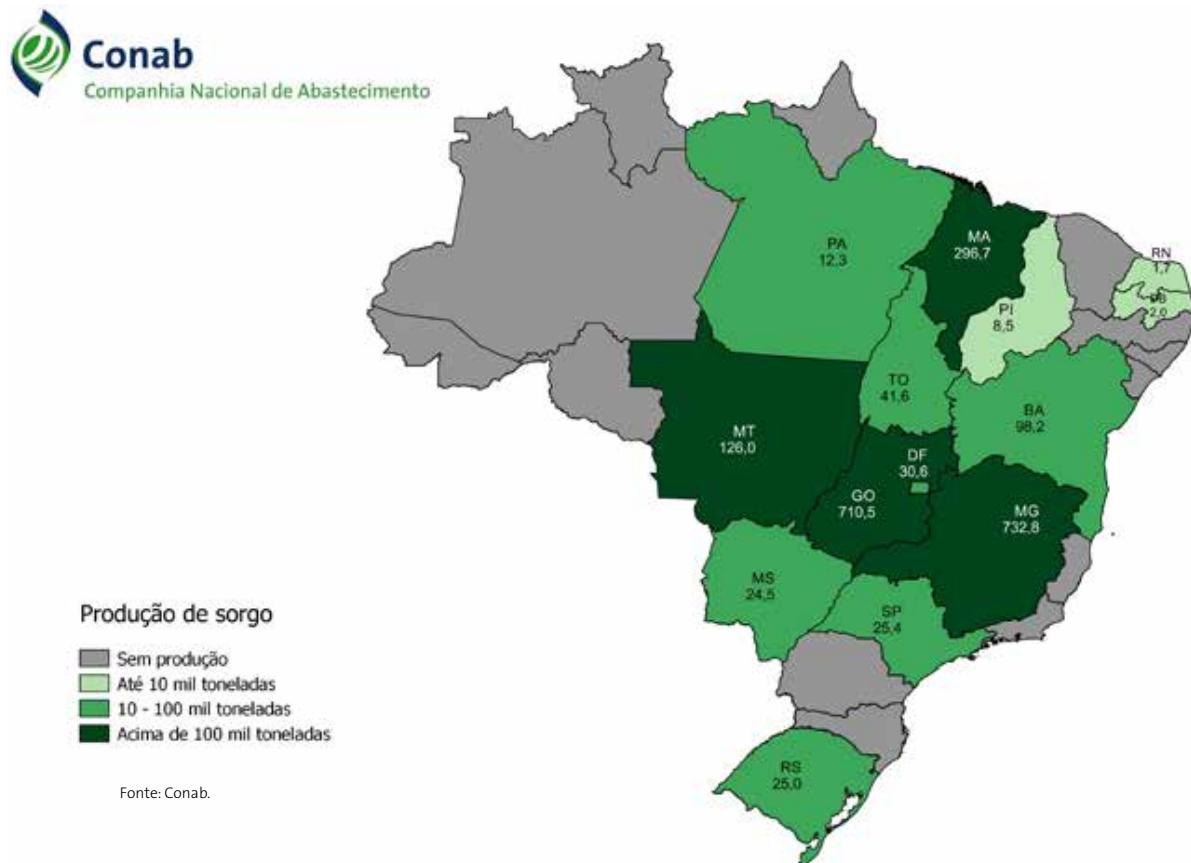
Essa é uma cultura que suporta condições de estresse hídrico, o que permite período maior de cultivo. Esse cereal é bastante utilizado na alimentação animal e também humana, tendo sua demanda por investimentos significativamente menores que o de outras culturas. Isso representa uma opção de renda para os agricultores, tendo em vista um menor custo praticado.

O sorgo é o principal substituto do milho na fabricação de rações, o qual entra na cadeia produtiva de aves e suínos. A cultura se encontra praticamente 100% colhida.

Fato que vale ressaltar junto a esse levantamento é a presença cada vez maior do plantio do sorgo em alguns municípios, que até então não produziam. A região da Takaoka, entre os municípios de Paranapanema e Itapeva, por se apresentar mais resistente às alterações climáticas (seca), como também seu preço em nível de produtor, mostra-se compensador.



Figura 34 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Quadro 11 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Sorgo

UF	Mesorregiões	Sorgo											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
TO	Oriental do Tocantins					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
BA	Vale São-Franciscano da Bahia		P	P/G/DV	DV	DV/F	FR	M/C	C				
MS	Leste de Mato Grosso do Sul					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
MS	Nordeste Mato-grossense					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	C	
MT	Sudeste Mato-grossense					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	C	
MT	Norte Mato-grossense					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	C	
GO	Centro Goiano					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	C	
GO	Leste Goiano					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	C	
GO	Sul Goiano					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	C	
DF	Distrito Federal					P/G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	C		
MG	Noroeste de Minas					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
SP	Ribeirão Preto					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	

Legendas:

- Baixa restrição - falta de chuvas
 - Favorável
 - Média restrição - falta de chuva
 - Baixa restrição - excesso de chuva
- Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	29,4	32,7	11,2	1.889	1.651	(12,6)	55,5	53,9	(2,9)
PA	-	4,1	-		3.012	-	-	12,3	-
TO	29,4	28,6	(2,6)	1.889	1.456	(22,9)	55,5	41,6	(25,0)
NORDESTE	113,2	224,7	98,5	1.180	1.812	53,6	133,5	407,1	204,9
MA	-	105,6	-		2.810	-	-	296,7	-
PI	11,4	16,5	44,3	2.044	514	(74,9)	23,3	8,5	(63,5)
CE	0,7	-	(100,0)	1.915	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
RN	1,3	1,3	(0,5)	1.244	1.346	8,2	1,6	1,7	6,3
PB	1,3	1,2	(7,7)	1.600	1.700	6,3	2,1	2,0	(4,8)
BA	98,5	100,1	1,6	1.068	981	(8,1)	105,2	98,2	(6,7)
CENTRO-OESTE	283,3	295,1	4,2	3.373	3.022	(10,4)	955,6	891,6	(6,7)
MT	38,5	51,7	34,3	2.353	2.438	3,6	90,6	126,0	39,1
MS	7,7	7,0	(9,1)	3.650	3.500	(4,1)	28,1	24,5	(12,8)
GO	230,1	229,2	(0,4)	3.500	3.100	(11,4)	805,4	710,5	(11,8)
DF	7,0	7,2	2,9	4.500	4.250	(5,6)	31,5	30,6	(2,9)
SUDESTE	193,6	220,7	14,0	3.581	3.436	(4,0)	693,2	758,2	9,4
MG	183,1	210,4	14,9	3.588	3.483	(2,9)	657,0	732,8	11,5
SP	10,5	10,3	(1,9)	3.452	2.470	(28,4)	36,2	25,4	(29,8)
SUL	9,0	9,0	-	3.000	2.777	(7,4)	27,0	25,0	(7,4)
RS	9,0	9,0	-	3.000	2.777	(7,4)	27,0	25,0	(7,4)
NORTE/NORDESTE	142,6	257,4	80,5	1.326	1.792	35,1	189,0	461,0	143,9
CENTRO-SUL	485,9	524,8	8,0	3.449	3.192	(7,5)	1.675,8	1.674,8	(0,1)
BRASIL	628,5	782,2	24,5	2.967	2.731	(8,0)	1.864,8	2.135,8	14,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.

9.2. CULTURAS DE INVERNO

No décimo segundo levantamento, a estimativa para a produção nacional de culturas de inverno é de 6.691,8 mil toneladas, representando aumento de 26,7% em relação aos números obtidos em 2016/17. De modo geral, as condições climáticas foram mais

favoráveis ao estabelecimento e ao desenvolvimento das culturas até então, nos principais estados produtores, o que proporcionou um ganho de produtividade média sobre os grãos em questão.

9.2.1. AVEIA BRANCA

Em Mato Grosso do sul, o cereal apresenta uma área de 30 mil hectares, representando um aumento de 3,4% em relação à safra passada, e com uma perspectiva de produtividade na ordem de 1.500 kg/ha.

O cultivo é realizado logo após a colheita do milho e, além do objetivo principal de produção da aveia, o plantio do cereal traz outros benefícios atrelados, como a formação de palhada, a disponibilidade de forrageira no inverno, a rotação de cultura e o controle de ervas daninhas por alelopatia. A semeadura é feita com a distribuição de sementes a lanço, sem utilização de fertilizantes. Como é um produto de preço muito instável, os produtores definem as quantidades que serão destinadas para comercialização de

grãos por ocasião da colheita.

O número de grãos formados nas espiguetas variam de acordo com a disponibilidade de água para as plantas e a luminosidade incidente no período entre a iniciação floral e a antese (abertura dos botões florais, representando sua maturação). Dessa forma, as precipitações ocorridas nos últimos dias têm colaborado para a formação dos grãos de pólen e a consequente fecundação dos óvulos. Além disso, as temperaturas amenas e a sanidade das folhas definem favoravelmente o peso e a qualidade dos grãos nos municípios produtores.

A colheita do cereal se inicia em meados de setem-



bro, e como as lavouras praticamente não sofreram danos significativos em relação ao ataque de pragas e doenças durante o ciclo, o principal fator que poderá causar problemas ou benefícios na produtividade final serão os fatores climáticos, como as geadas ou precipitações.

Em alguns municípios houve relatados de áreas atingidas pela geada, porém o efeito da temperatura baixa num curto período de tempo não apresentou danos significativos diretamente aos grãos, os quais apresentavam certo grau de resistência na fase de granação, quando ocorreu o agravo climático (após 15 dias da formação de espiguetas).

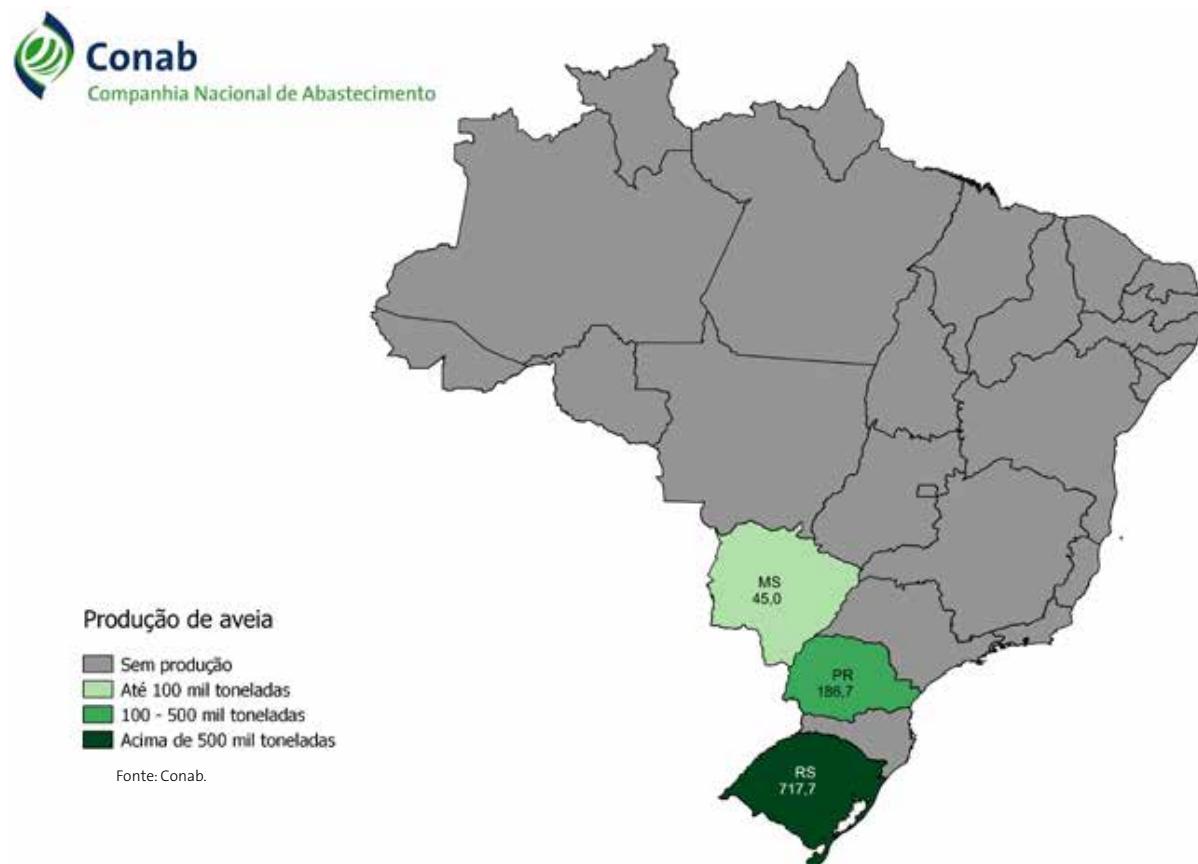
No Paraná o plantio está finalizado, com área total plantada de 79,8 mil hectares, ou seja, 26,5% acima à da safra passada. Este aumento de área é devido ao baixo custo da semente e da possibilidade de o produtor decidir ao longo da safra se fará a colheita do grão ou se fará a incorporação para cobertura, caso o preço do grão não seja compensatório, e ainda por conta da perda da janela ideal para o plantio do milho safrinha.

A colheita no estado está iniciando, com apenas 2% da área colhida, e a produtividade estimada é de 2.340kg/ha. A maior parte das lavouras do estado encontram-se em boas e médias condições, reflexo da estiagem no desenvolvimento inicial das plantas.

No Rio Grande do Sul, a semeadura está encerrada, com a maior parte das lavouras já em fase reprodutiva, sendo 43% em enchimento de grãos, 19,5% em floração e 6,5% em maturação, enquanto que 31% ainda está na fase vegetativa. A área destinada ao cultivo do cereal no estado é de 265,8 mil hectares, representando um incremento de 7,1% quando comparado à temporada passada.

As lavouras estão com ótimo desenvolvimento em razão do clima favorável. Caso as condições sigam adequadas, a expectativa é de produtividade na ordem de 2.700 kg/ha, nível superior à média da última safra, que é de 1.849 kg/ha. Contudo, a cultura está em fase crítica para a ocorrência de excesso de chuvas e tempestades, o que já provocou, em locais isolados, acamamento de plantas e consequente perda de potencial produtivo.

Figura 35 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Quadro 12 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Aveia (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Aveia											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
RS	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro-Sul Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Noroeste Rio-grandense				P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C			
RS	Nordeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense				P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C			

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas  Favorável  Média restrição - falta de chuva  Baixa restrição - excesso de chuva
 Restrição por falta de chuva e geadas

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Fonte: Conab.

Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	29,0	30,0	3,4	1.552	1.500	(3,4)	45,0	45,0	-
MS	29,0	30,0	3,4	1.550	1.500	(3,2)	45,0	45,0	-
SUL	311,3	345,6	11,0	1.891	2.617	38,4	588,8	904,4	53,6
PR	63,1	79,8	26,5	2.058	2.340	13,7	129,9	186,7	43,7
RS	248,2	265,8	7,1	1.849	2.700	46,0	458,9	717,7	56,4
CENTRO-SUL	340,3	375,6	10,4	1.862	2.528	35,8	633,8	949,4	49,8
BRASIL	340,3	375,6	10,4	1.862	2.528	35,8	633,8	949,4	49,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.

9.2.2. CANOLA

No Paraná houve uma redução de área de 84,5% com relação à safra anterior, porque, além de o único produtor da cultura na região de Jacarezinho ter deixado de cultivar a oleaginosa, a região de Ponta Grossa também não plantou por estar desestimulada com a produtividade da cultura, que não tem alcançado a expectativa dos produtores, e também devido ao preço, que deixou de ser atrativo, haja vista que com a queda na utilização de óleo de canola pela população e consequente queda na produção do produto, a indústria de óleo não garante mais a compra da produção.

A produtividade esperada é de 1.694kg/ha, o que representa 31% de aumento com relação à safra anterior. Esta grande diferença ocorreu porque a safra 2016/2017 foi significativamente prejudicada por geadas.

No Rio Grande do Sul, a semeadura da canola está en-

cerrada, sendo ela a cultura de inverno mais avançada em desenvolvimento no estado, com 50% das áreas em floração e 50% em enchimento de grãos. A região compreendida entre os municípios de Santa Rosa e São Luiz Gonzaga é a mais adiantada, com praticamente 100% das lavouras em enchimento de grãos.

Até o momento, as condições fenológicas da cultura propiciaram ótimo potencial produtivo e, se esse cenário continuar favorável, a produtividade estimada tenderá a 1.350 kg/ha, sendo 69% maior do que aquela verificada na safra anterior.

Quanto à área cultivada, a projeção é de destinação de 34,8 mil hectares, sendo 19,6% inferior à safra passada. Essa redução se deve, em especial, à produção abaixo das expectativas obtida no ano anterior, desestimulando alguns produtores.



Figura 36 – Mapa da produção agrícola – Canola

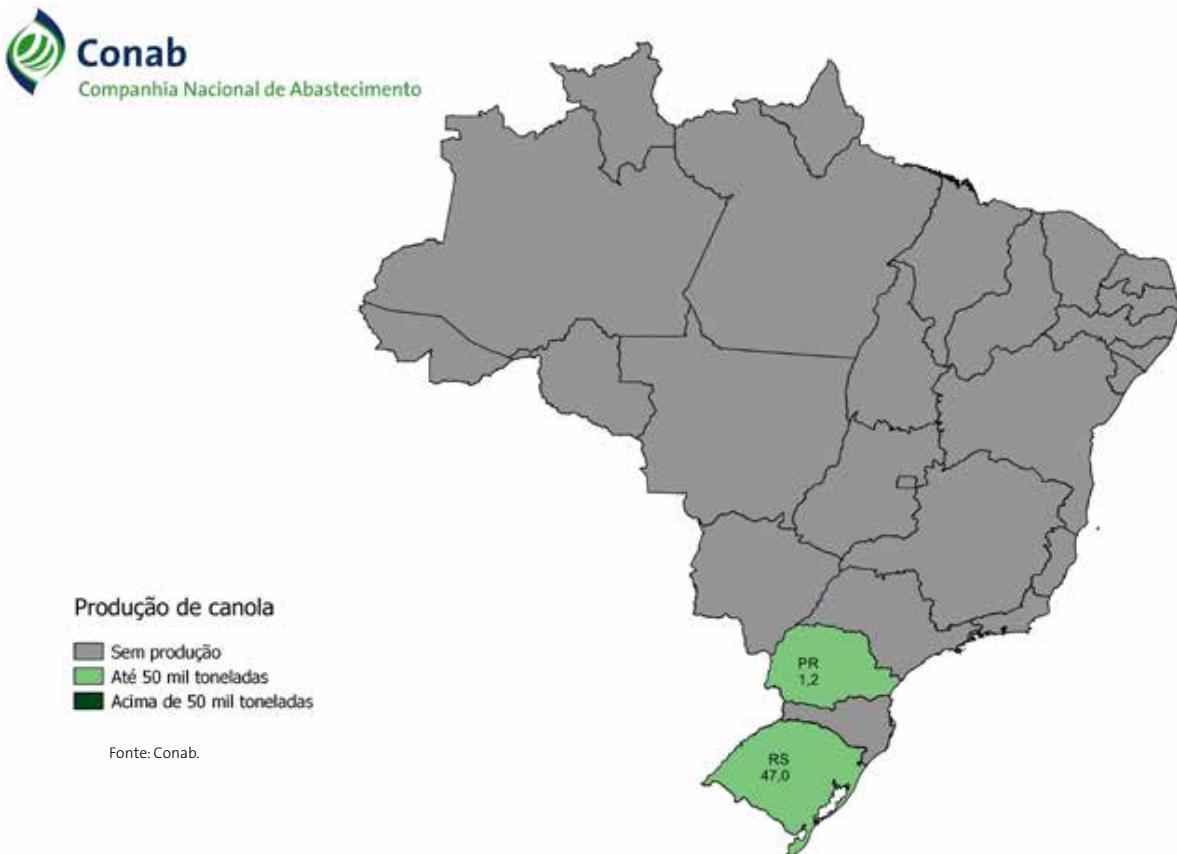


Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	48,1	35,5	(26,2)	848	1.358	60,1	40,8	48,2	18,1
PR	4,8	0,7	(84,5)	1.286	1.694	31,7	6,2	1,2	(80,6)
RS	43,3	34,8	(19,6)	799	1.350	69,0	34,6	47,0	35,8
CENTRO-SUL	48,1	35,5	(26,2)	848	1.358	60,1	40,8	48,2	18,1
BRASIL	48,1	35,5	(26,2)	848	1.358	60,1	40,8	48,2	18,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.

9.2.3. CENTEIO

No Paraná, mesmo com pouca expressão econômica, o plantio do centeio foi concluído em julho e a área foi de 2,2 mil hectares, o que representa 5% de aumento em à safra anterior. Esta estabilidade de área plantada se deve principalmente ao incentivo que as cooperativas, que utilizam o produto para fabricação de farinha,

dão aos cooperados com o pagamento de bonificação. Mesmo sendo de ciclo mais longo, muitos produtores optam pelo plantio por conta das vantagens da sua palhada farta e que se decompõe lentamente no plantio direto, trazendo economia na aplicação de herbicidas nas lavouras seguintes (soja e milho). A produção estimada é de pouco mais de 5 mil toneladas.



Figura 37 - Mapa da produção agrícola - Centeio

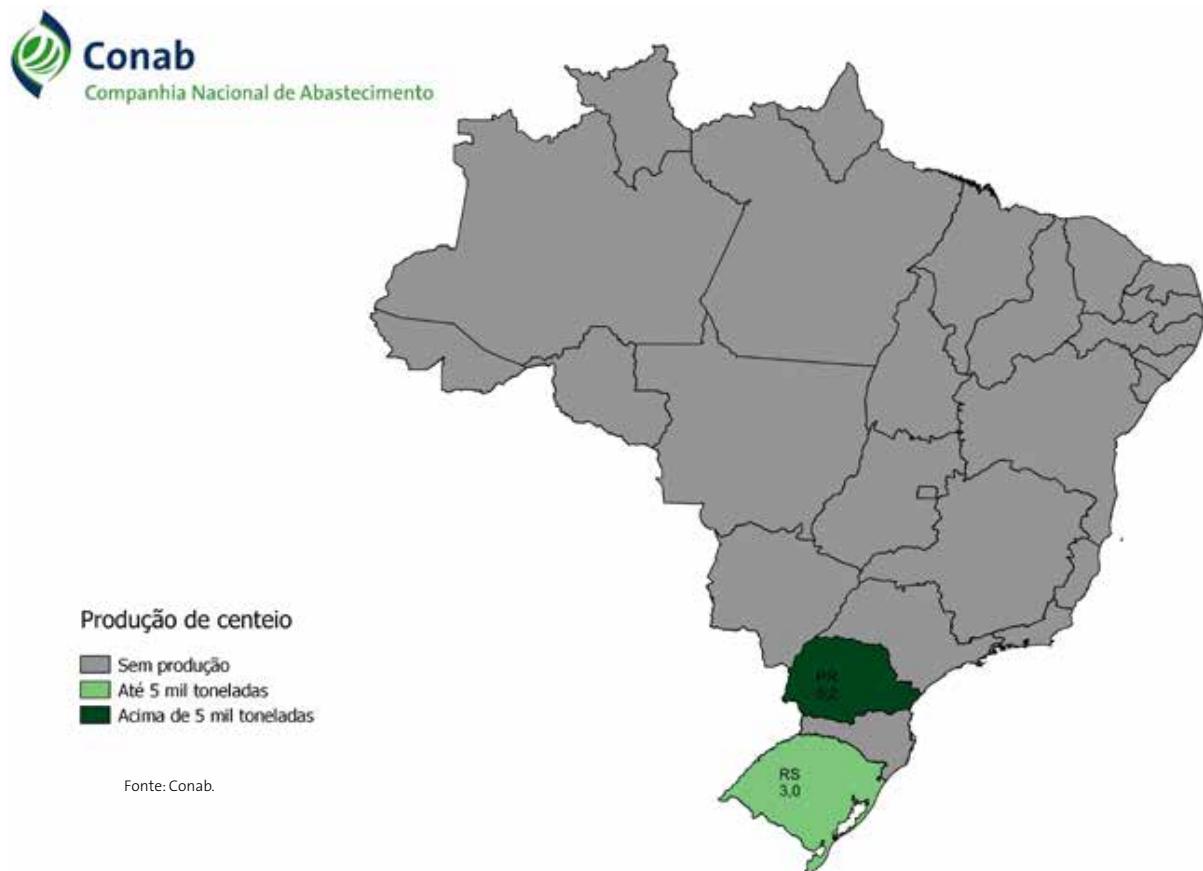


Tabela 39 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	3,6	3,7	2,8	1.722	2.216	28,7	6,2	8,2	32,3
PR	2,1	2,2	5,6	1.678	2.344	39,7	3,5	5,2	48,6
RS	1,5	1,5	-	1.826	2.000	9,5	2,7	3,0	11,1
CENTRO-SUL	3,6	3,7	2,8	1.722	2.216	28,7	6,2	8,2	32,3
BRASIL	3,6	3,7	2,8	1.722	2.216	28,7	6,2	8,2	32,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.

9.2.4. CEVADA

A área plantada finalizou em 55,7 mil hectares, o que representa um incremento de 11% em relação à safra anterior. As maltarias instaladas no Paraná fomentam a produção do cereal, garantindo a compra de 100% da produção, desde que atinja qualidade para malte.

As lavouras estão, em sua maioria, na fase de desenvolvimento vegetativo e, até o momento, as condições delas são boas.

O rendimento estimado é de 4.550 kg/ha, com expectativa de produção de 253,4 mil toneladas.

Em Santa Catarina, os 600 hectares de área previstos para a cultura da cevada, nesta safra, encontram-se semeados. A redução da área foi de 50% em relação ao observado na safra passada.

A produtividade esperada é de 3.700 kg/ha, valor 117,6% maior que os 1.700 kg/ha obtidos na safra anterior (as condições climáticas em 2016/17 foram amplamente desfavoráveis para o desenvolvimento da cultura). A cultura se encontra 13% na fase de perfilação, 70% em alongamento e 17% em emborragamento. As condições climáticas até agora têm sido



favoráveis, sem restrições hídricas que possam afetar o potencial produtivo, já que as áreas estão concentradas em poucas regiões e nestas, não ocorreram déficits hídricos tão acentuados quanto nas demais, onde há plantio de trigo. Até o momento não houve ataques de doenças ou pragas importantes, e os produtores têm efetuado os tratos culturais de modo adequado.

No Rio Grande do Sul, a semeadura está finalizada. A maior parte das lavouras estão em final de desenvol-

vimento vegetativo (alongamento/emborrachamento) (89%) e início do florescimento (9,5%) e pequena parte (1,5%) em enchimento de grãos. As lavouras apresentam ótimas condições de desenvolvimento, mantendo potencial produtivo próximo ao máximo. Apenas cabe destaque a presença de alguns dias seguidos com baixa luminosidade e excesso de umidade, o que tem propiciado o aparecimento e focos isolados de doenças. A projeção para essa safra é de uma área cultivada na ordem de 55,6 mil hectares, com produção estimada em 139 mil toneladas.

Figura 38- Mapa da produção agrícola - Cevada

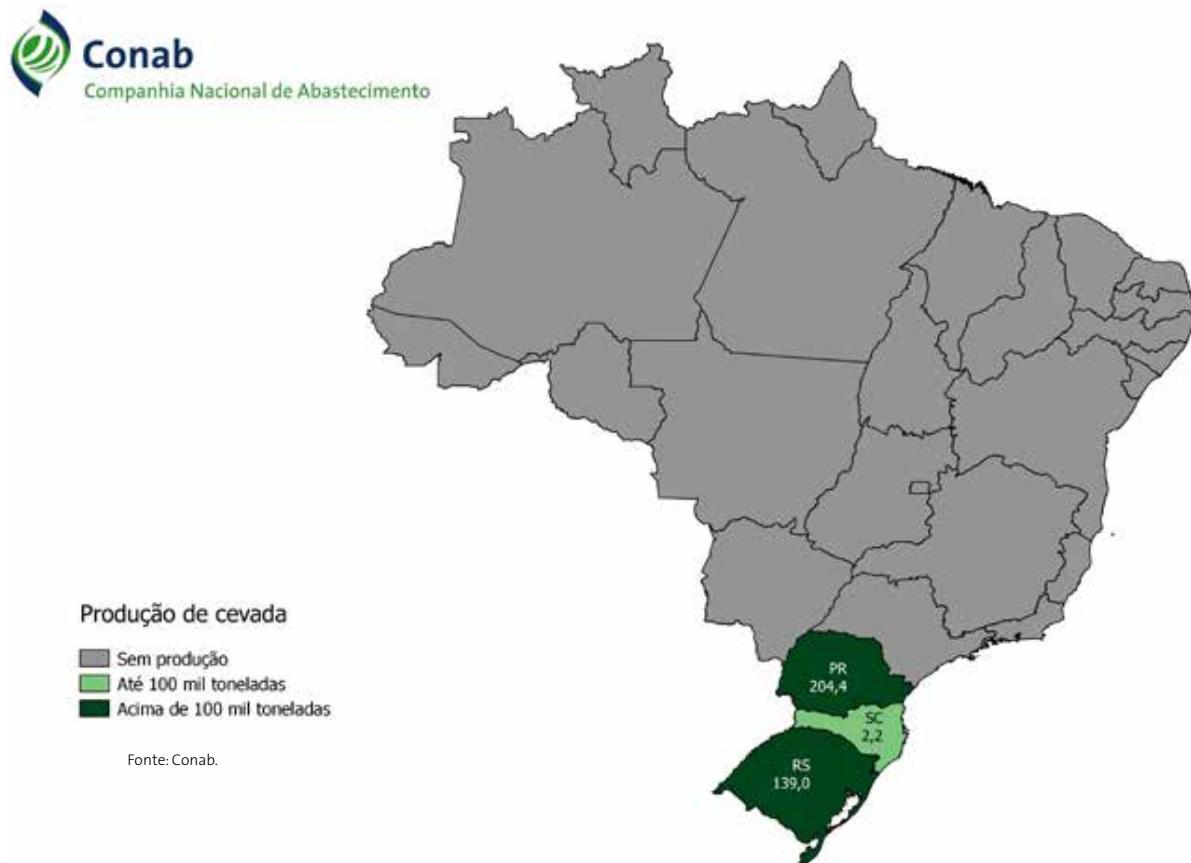


Tabela 40 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	108,4	111,9	3,2	2.602	3.527	35,5	282,1	394,6	39,9
PR	50,2	55,7	10,9	3.301	4.550	37,8	165,7	253,4	52,9
SC	1,2	0,6	(50,0)	1.700	3.700	117,6	2,0	2,2	10,0
RS	57,0	55,6	(2,5)	2.006	2.500	24,6	114,3	139,0	21,6
CENTRO-SUL	108,4	111,9	3,2	2.602	3.527	35,5	282,1	394,6	39,9
BRASIL	108,4	111,9	3,2	2.602	3.527	35,5	282,1	394,6	39,9

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2018.



9.2.5. TRIGO

Na Bahia, o sistema de produção da cultura é irrigado e aproveita as baixas temperaturas noturnas no inverno, em algumas regiões do estado, para condicionar o crescimento e o desenvolvimento do trigo no Nordeste brasileiro. Estima-se que sejam cultivados 5 mil hectares, nesta safra, visto que as lavouras estão distribuídas entre os municípios de Barreiras, Luís Eduardo Magalhães, Riachão das Neves, São Desidério e Formosa do Rio Preto.

A produtividade média está estimada em 6.000 kg/ha, projetando assim uma produção total de 30 mil toneladas para essa safra 2017/18.

Mato Grosso do Sul, a área plantada é de aproximadamente 28 mil hectares, um aumento de 40% em relação à safra passada, com uma produtividade média estimada de 2.200 kg/ha.

As lavouras foram semeadas a partir de maio e os principais municípios triticultores no estado são Aral Moreira, Dourados, Laguna Carapã, Maracaju e Ponta Porã.

O déficit hídrico, ocorrido em julho, prejudicou algumas lavouras que se encontravam em fase reprodutiva. Porém, a retomada das precipitações no início de agosto amenizou as perdas e manteve a capacidade produtiva das demais lavouras, estimando assim uma produção total de 61,6 mil toneladas para o trigo no estado.

Houve ocorrência de geadas pontuais no transcorrer do desenvolvimento da cultura, sem causar danos significativos, visto que sua incidência não se deu em um período crítico da evolução fisiológica das plantas. Outros estresses, porém, de caráter bióticos, acometeram a cultura, como o ataque de pulgões das folhas (*Metopolophium dirhodum*) e lagarta dos cereais (*Mythima separata*), mas foram efetivamente controlados.

Algumas áreas semeadas a lanço poderão comprometer a produtividade final da cultura. O fato do espaçamento entre algumas plantas não terem sido distribuídos corretamente, tendem a apresentar alguns problemas como colmos muito próximos e competição intraespecífica por luminosidade, água e nutrientes.

Em Goiás, a perspectiva é de incremento de área destinada à triticultura, na ordem de 18,2% quando comparado aos números da safra anterior, totalizando 13 mil hectares em 2017/18. A produtividade média esperada está em torno de 5.400 kg/ha e a produção na ordem de 70,2 mil toneladas, algo que representa um acréscimo de 19,8% em relação à temporada passada.

Figura 39 - Trigo em fase de maturação no município de Cristalina - GO



Fonte: Conab.

Distrito Federal, a área semeada, na safra atual, foi de 2,3 mil hectares, considerando as áreas de sequeiro (1.000 hectares) e irrigado (900 hectares). A produtividade do trigo de sequeiro está estimada em 2.400 kg/ha, enquanto que a do trigo irrigado será de 6.600 kg/ha, estimando assim uma produtividade média ponderada de 4.105 kg/ha para a região, considerando as duas modalidades de cultivo.

Tal rendimento representa uma diminuição de 31,6% no quesito produtividade, quando comparado aos números apresentados na temporada passada.

Contudo, esse cenário de redução de produtividade não acarretou em menor produção nessa safra em virtude do aumento expressivo na área destinada à triticultura no estado. Dessa forma, a estimativa de produção está em torno de 9,4 mil toneladas nesse ciclo.

As lavouras se encontram predominantemente em fase de maturação, e o bom desenvolvimento da cultura indica que as expectativas da produtividade serão alcançadas.

Em Minas Gerais, a área destinada à triticultura apresentou uma pequena redução de 1,1% em relação à safra anterior, totalizando cerca de 83,7 mil hectares. A produtividade do trigo irrigado não sofreu redução significativa em razão do sistema de plantio. Já as lavouras de sequeiro foram prejudicadas por certos períodos de estiagem ao longo do desenvolvimento da cultura, além de altas temperaturas na fase de germinação. No geral, a produtividade média do cereal no estado tende a apresentar queda na ordem de 7% quando comparada à safra 2016/17, totalizando 2.475 kg/ha.



Em São Paulo, as lavouras estão, em sua maioria, na fase de frutificação e maturação dos grãos. É um desenvolvimento aquém do esperado em virtude principalmente dos baixos (ou até nenhum, em certos períodos) índices pluviométricos registrados no estado desde abril. Tal condição climática desfavorável acarretou atraso de plantio em algumas regiões e até desestímulo para a semeadura do cereal, que, por consequência, apresentou diminuição de 14,4% na área destinada à triticultura, em relação à temporada anterior.

As projeções para o valor total produzido e para a produtividade do grão no estado também são de redução, quando comparados aos números apresentados na safra passada. Estima-se que a produção seja de 195,8 mil toneladas (26,5% a menos do que na safra 2016/17) e o rendimento médio na ordem de 2.862 kg/ha (decréscimo de 14,1% em relação ao ciclo anterior).

Figura 40 - Lavoura de trigo em Capão Bonito – SP



Fonte: Conab.

No Paraná, a área plantada é de 1.099 mil hectares e a colheita está iniciando no estado. Frente a safra anterior, houve um aumento de 14,3%, que se deve à substituição das áreas de milho (a estiagem inviabilizou a semeadura do milho no período ideal) e aos preços atrativos do trigo no momento do plantio.

A expectativa é de um incremento na produtividade de 21,4%, em relação à safra anterior, esperando-se um rendimento de 2.802 Kg/ha. Este rendimento é superior à safra passada porque a safra 2016/17 foi muito prejudicada pelas geadas e também por estiagem. Inicialmente esperava-se uma produtividade ainda maior para a atual safra, mas a estiagem ocorrida nos meses de junho e julho afetou o rendimento da cultura. Contudo, as chuvas do mês de agosto estancaram as perdas que vinham acontecendo.

Figura 41 - Lavoura de trigo em Guarapuava – PR



Fonte: Conab.

Em Santa Catarina, as condições das lavouras de trigo estão entre boas e regulares, haja vista que os parâmetros climáticos não foram tão favoráveis à cultura nos últimos dias. Baixos índices de precipitação em julho e agosto foram registrados na maior parte das regiões triticadoras do estado. Com isso, alguns tratos culturais ficaram comprometidos, como a adubação nitrogenada em cobertura e a aplicação de defensivos, principalmente os fungicidas, devido à pouca umidade do solo e o consequente estresse hídrico das plantas.

Essa diminuição de pluviosidade favoreceu o ataque de doenças, como o ódio, o que resultou em maior atenção por parte do produtor em relação à aplicação de defensivos. Manchas foliares também se fazem presentes, mas em menor proporção.

Contudo, o final de agosto apresentou a retomada das chuvas e trouxe uma perspectiva de melhora para muitas lavouras, dando condições para que as plantas se recuperem, principalmente aquelas em estádios mais atrasados, cujo desenvolvimento ainda não alcançou o seu máximo potencial. Entretanto, tal mudança climática também acarretou em declínio acentuado de temperatura e favoreceu a formação de geadas em algumas regiões. Dependendo do estádio fenológico das plantas, os danos podem ser elevados, caso o fenômeno ocorra durante o início da fase reprodutiva. As consequências, se houverem, deverão ser observadas no decorrer dos próximos dias, quando as plantas devem apresentar os sinais característicos desse estresse abiótico.



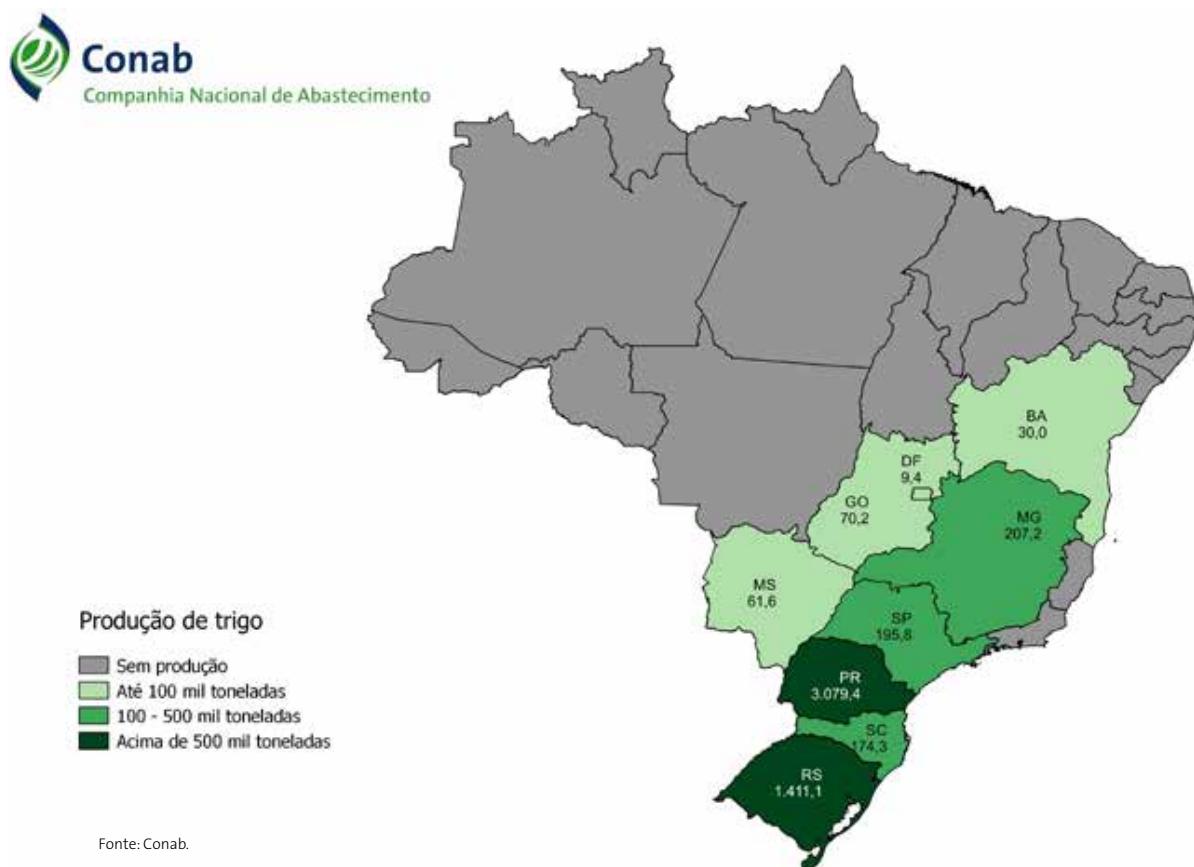
Em torno de 40% das lavouras se encontram em perfilhamento, 53% em alongamento, 5% na fase de emborrachamento e 2% em floração, sendo essas últimas mais suscetíveis às geadas.

Figura 42 - Cultivo de trigo em fase de alongamento, no município de Campos Novos - SC



Fonte: Conab.

Figura 43 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Quadro 13 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Trigo (Safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Trigo											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
SP	Itapetininga				P	DV	F	FR	M/C	C			
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Norte Pioneiro Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SC	Sudeste Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Oeste Catarinense					P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Catarinense					P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
RS	Serrana					P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Noroeste Rio-grandense					P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva
Restrição por falta de chuva e geadas

* - (PP)=pré-plantio; (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 41 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
BA	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
CENTRO-OESTE	31,9	43,3	35,7	3.229	3.261	1,0	103,0	141,2	37,1
MS	20,0	28,0	40,0	1.950	2.200	12,8	39,0	61,6	57,9
GO	11,0	13,0	18,2	5.330	5.400	1,3	58,6	70,2	19,8
DF	0,9	2,3	155,0	6.000	4.105	(31,6)	5,4	9,4	74,1
SUDESTE	164,5	152,1	(7,5)	2.996	2.650	(11,5)	492,9	403,0	(18,2)
MG	84,6	83,7	(1,1)	2.662	2.475	(7,0)	226,6	207,2	(8,6)
SP	79,9	68,4	(14,4)	3.333	2.862	(14,1)	266,3	195,8	(26,5)
SUL	1.714,6	1.838,8	7,2	2.122	2.537	19,6	3.637,6	4.664,8	28,2
PR	961,5	1.099,0	14,3	2.308	2.802	21,4	2.219,1	3.079,4	38,8
SC	53,9	58,1	7,8	2.630	3.000	14,1	141,8	174,3	22,9
RS	699,2	681,7	(2,5)	1.826	2.070	13,4	1.276,7	1.411,1	10,5
NORTE/NORDESTE	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
CENTRO-SUL	1.911,0	2.034,2	6,4	2.215	2.561	15,6	4.233,5	5.209,0	23,0
BRASIL	1.916,0	2.039,2	6,4	2.225	2.569	15,5	4.263,5	5.239,0	22,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.



9.2.6. TRITICALE

São Paulo, a área plantada estimada para a cultura é de 5,1 mil hectares, representando uma redução de 32%, se comparada à safra anterior. Além disso, a produção e a produtividade projetadas também apresentaram comparações negativas em relação aos números obtidos na temporada anterior. A tendência para o valor total produzido é na ordem de 13,6 mil toneladas (34,6% menor do que no ciclo 2016/17) e o rendimento médio é de 2.669 kg/ha (decréscimo de 4% quando comparado à safra passada).

No Paraná, o plantio está concluído, com uma área de 8,5 mil hectares, o que significa uma redução de 13,3%

em comparação com a safra anterior.

A expectativa de rendimento médio no estado é de 3.138 Kg/ha, 29,5% superior à safra anterior, porém abaixo do esperado inicialmente, uma vez que a cultura também foi afetada pela falta de chuvas no início do desenvolvimento. Isto ocorreu porque, com a redução da área plantada, a maior concentração da produção está na região de Guarapuava, onde as lavouras são conduzidas com maior tecnologia, sendo que a destinação do produto final é a indústria de panificação. As lavouras são consideradas boas e regulares, estabilizadas com as chuvas ocorridas no mês de agosto.

Figura 44 – Mapa da produção agrícola – Triticale

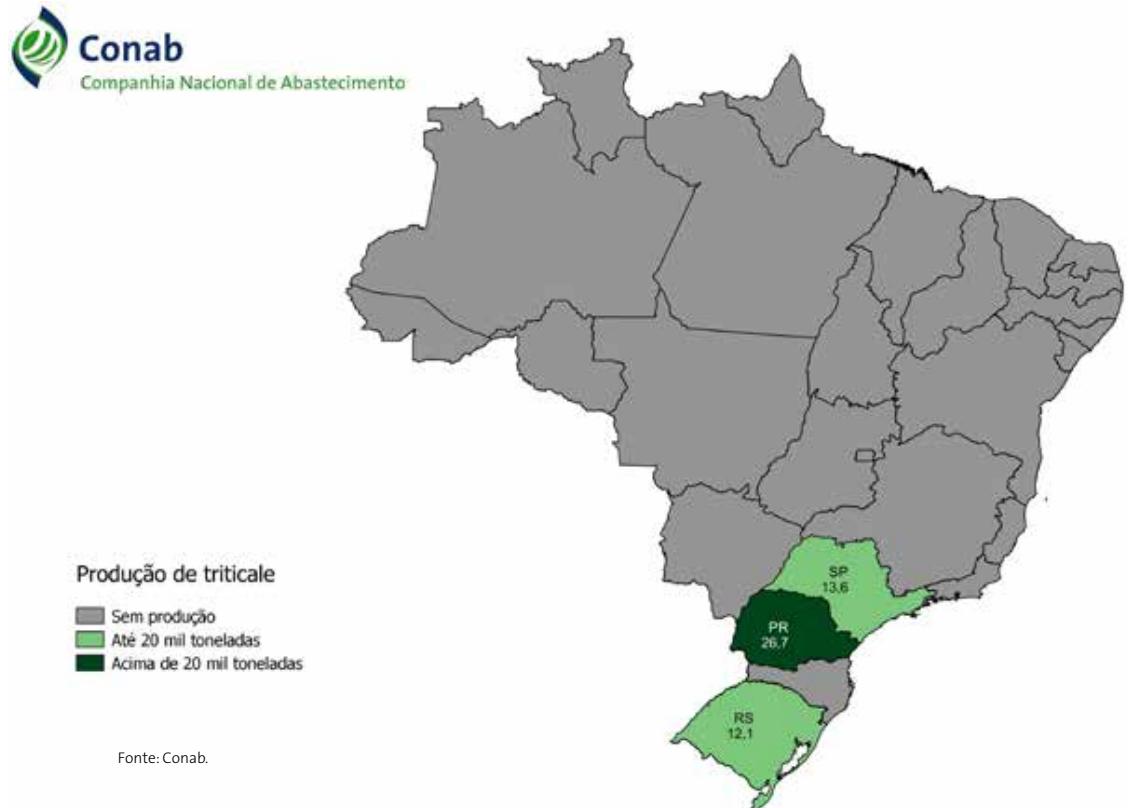


Tabela 42 – Comparativo de área, produtividade e produção – Triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	7,5	5,1	(32,0)	2.773	2.667	(3,8)	20,8	13,6	(34,6)
SP	7,5	5,1	(32,0)	2.779	2.669	(4,0)	20,8	13,6	(34,6)
SUL	15,5	14,2	(8,4)	2.110	2.732	29,5	32,7	38,8	18,7
PR	9,8	8,5	(13,3)	2.277	3.138	37,8	22,3	26,7	19,7
RS	5,7	5,7	-	1.826	2.123	16,3	10,4	12,1	16,3
CENTRO-SUL	23,0	19,3	(16,1)	2.326	2.715	16,7	53,5	52,4	(2,1)
BRASIL	23,0	19,3	(16,1)	2.326	2.715	16,7	53,5	52,4	(2,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2018.





10. RECEITA BRUTA

A receita bruta dos produtores rurais das lavouras de algodão, arroz, feijão, milho e soja da safra 2017/18, estimada com base nos dados do décimo segundo levantamento e nos preços recebidos pelos produtores em agosto de 2018, atinge o total de R\$ 216,06 bilhões. Este número é 35% superior ao registrado na temporada anterior, quando a soma atingiu R\$ 160,06 bilhões. O percentual de acréscimo supracitado pode ser explicado pela alta do valor da produção da soja e também do algodão, com crescimento na produção e principalmente nos preços praticados, por fim, a cultura do milho que apresenta queda na produção, mas elevada valorização do produto.

Tabela 1 – Receita bruta dos produtores rurais – Produtos selecionados

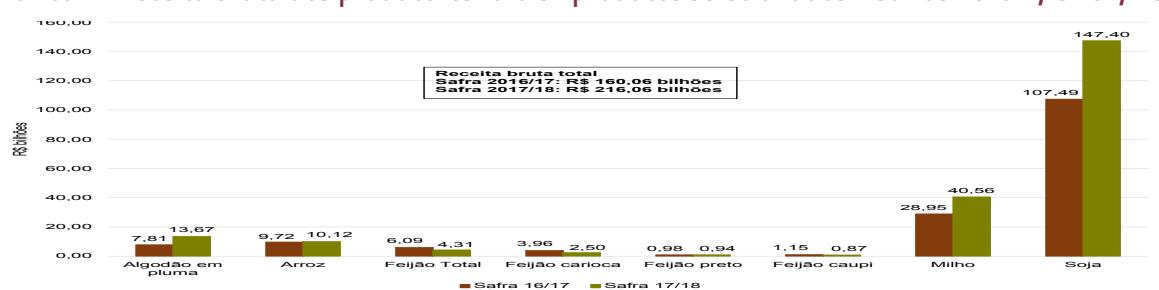
PRODUTO	PRODUÇÃO (Em mil t)			PREÇO MÉDIO - R\$/unidade			VALOR DA PRODUÇÃO - R\$ Milhões			
	Safra 16/17	Safra 17/18	Variação	Unid.	07/2017	07/2018	Variação	07/2017	07/2018	Variação
	(a)	(b)	(b/a)	kg	(c)	(d)	(d/e)	(f)	(g)	(g/f)
Algodão em pluma	1,53	2,01	31,1%	15	76,58	102,22	33,5%	7,81	13,67	75,0%
Arroz	12,33	12,07	-2,1%	60	47,31	50,28	6,3%	9,72	10,12	4,1%
Feijão Total	3,40	3,12	-8,3%	60	107,45	82,97	-22,8%	6,09	4,31	-29,2%
Feijão carioca	2,18	1,84	-15,6%	60	109,08	81,48	-25,3%	3,96	2,50	-36,9%
Feijão preto	0,51	0,49	-3,5%	60	115,28	115,10	-0,2%	0,98	0,94	-3,7%
Feijão caupi	0,71	0,79	10,3%	60	96,90	66,44	-31,4%	1,15	0,87	-24,4%
Milho	97,84	81,35	-16,9%	60	17,75	29,92	68,6%	28,95	40,56	40,1%
Soja	114,08	119,28	4,6%	60	56,54	74,15	31,1%	107,49	147,40	37,1%
TOTAL	-	-	-	-	-	-	-	160,06	216,06	35,0%

Fonte: Conab.

Nota 1: Estimativa de produção em agosto/2018 e preços de julho de 2017 e 2018..

Nota 2: Devido à inexistência dos preços em junho/2017 - entressafra- para o feijão caupi, a receita bruta relacionada à esse produto não foi calculada.

Gráfico 1 – Receita bruta dos produtores rurais– produtos selecionados – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

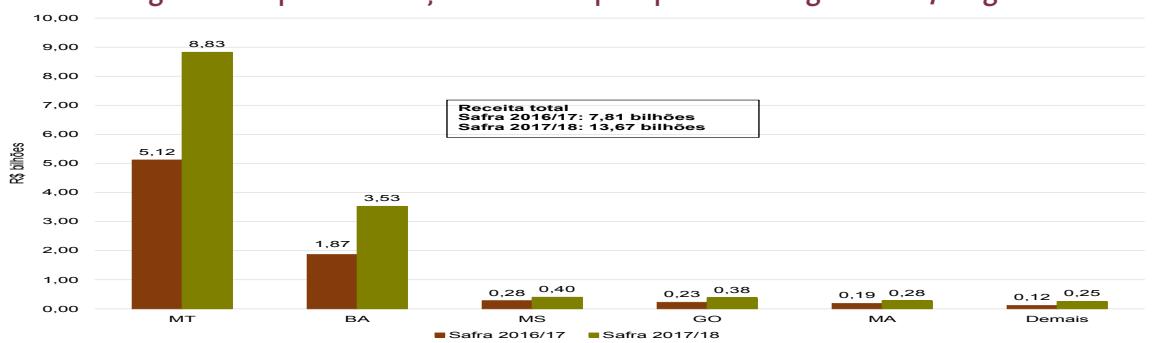
Nota: preços de julho/2017 e julho/2018. Produtos: algodão em pluma, arroz, feijão, milho e soja

10.1. ALGODÃO

A produção do algodão apresenta, segundo o décimo segundo levantamento, incremento de 31,1% no escopo nacional. Paralelamente, o preço médio nacional para a fibra apresenta valorização de 33,5%. Esses dois movimentos culminaram no aumento do valor da re-

ceita bruta dos produtores, que apresenta um valor de R\$ 13,67 bilhões para a safra em questão, um aumento de 75% em relação à safra anterior, ou seja, tanto o aumento da produção como o incremento do preço médio impactaram na receita bruta.

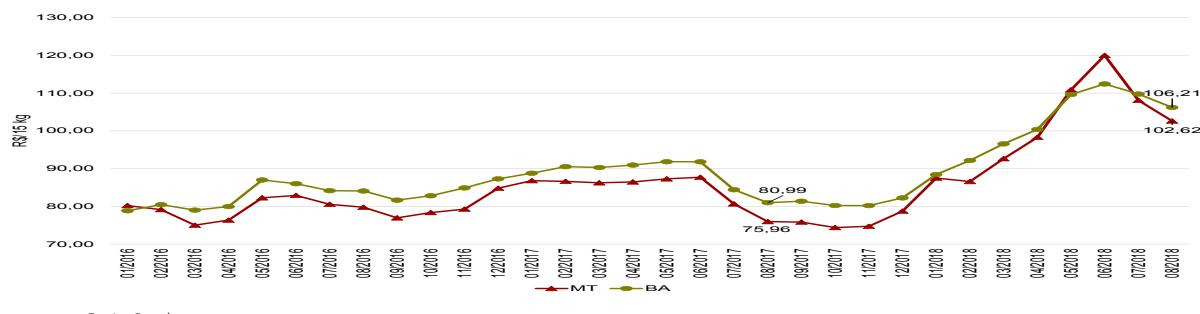
Gráfico 2 – Algodão em pluma – Preços recebidos pelo produtor – agosto/2017 a agosto/2018



Fonte: Conab.



Gráfico 3 – Algodão em pluma – Preços nominais recebidos pelos produtores



Fonte: Conab.

As Unidades da Federação com maior produção do algodão são o Mato Grosso e a Bahia. O valor da receita bruta para o maior estado produtor, Mato Grosso, foi de R\$ 8,83 bilhões e para a Bahia o valor foi de R\$ 3,53 bilhões, aumentos de 72,4% e 88,8%, respectivamente.

É importante ressaltar os grandes avanços na produção no estado da Bahia, a qual passou de 346 mil toneladas para 498 mil, e no Mato Grosso, a qual passou de 1.011 mil toneladas para 1.290 mil, aumentos de 44% e 27,6%, respectivamente.

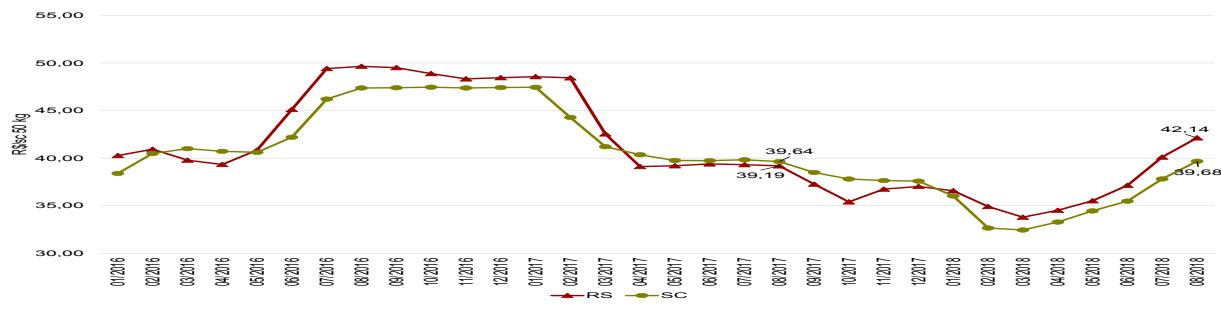
10.2. ARROZ

O arroz tem a produção concentrada na Região Sul do Brasil, fator que indica forte participação dos estados produtores do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina para a formação da receita bruta dos produtores do arroz. A Unidade da Federação com maior produção, Rio Grande do Sul, apresenta de-

crescimento na produção de 3,1% e para Santa Catarina, observa-se aumento de 2,3%.

Além disso, quando comparados os valores de agosto de 2017 a agosto de 2018, verifica-se aumento no valor médio nacional.

Gráfico 4 – Arroz em casca – preços nominais recebidos pelos produtores

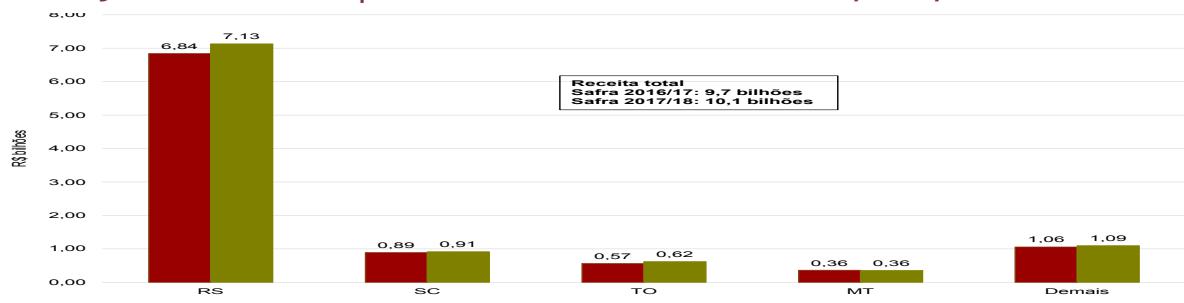


Fonte: Conab.

A queda na quantidade produzida pelo Brasil, com magnitude de 2,1% não foi suficiente para um decréscimo na estimativa da receita bruta. O responsável

pelo aumento da estimativa do valor bruto da produção dos produtores rurais foi o aumento no preço médio praticado no país, no valor de 6,3%.

Gráfico 5 – Receita bruta dos produtores rurais – Arroz – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

Nota: preços de julho/2017 a julho/2018

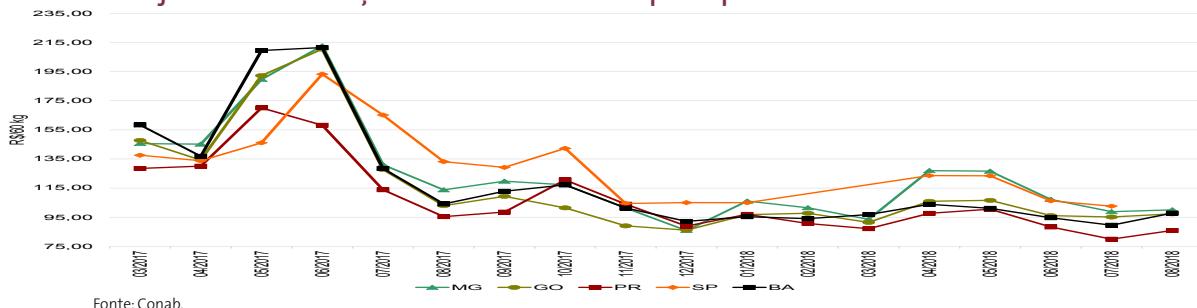


10.3. FEIJÃO-CARIOCA

O feijão é uma cultura permanente no Brasil, possuindo três distintas safras, que incorrem em plantio e colheita simultâneos em diversas localidades no Brasil. Para o feijão-carioca, observa-se decréscimo na produção em distintos produtores, na safra em

análise, até mesmo no Paraná, com queda de 26,8%. O maior estado produtor – Minas Gerais – também apresenta queda, com magnitude de 4,1%. Além disso, há queda nos preços praticados com o produtor ao compararmos os valores de agosto de 2017 e agosto de 2018.

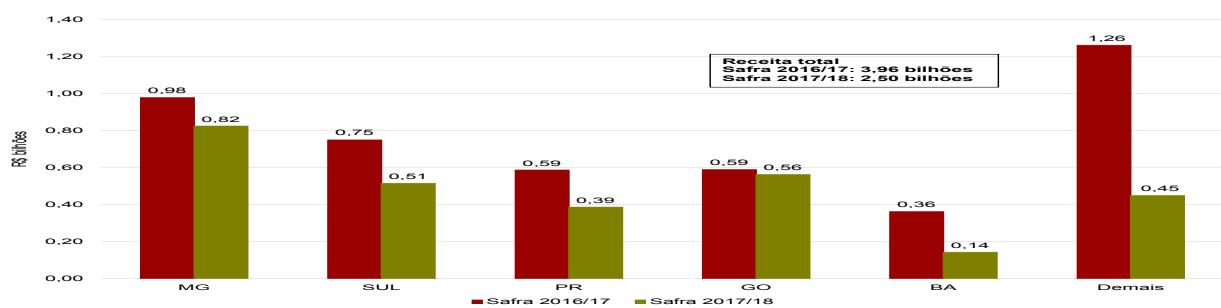
Gráfico 6 – Feijão carioca – Preços nominais recebidos pelos produtores



Tanto a diminuição nos preços como o decréscimo na quantidade produzida nacionalmente acarretaram na queda na estimativa da receita bruta total para o

feijão-carioca, apresentando valor de 2,5 bilhões para 2017/18, 36,9% menor do que o observado na safra anterior, de 3,96 bilhões em 2016/17.

Gráfico 7 – Receita bruta dos produtores rurais– Feijão-carioca – Safras 2016/17 e 2017/18



10.4. FEIJÃO-COMUM PRETO

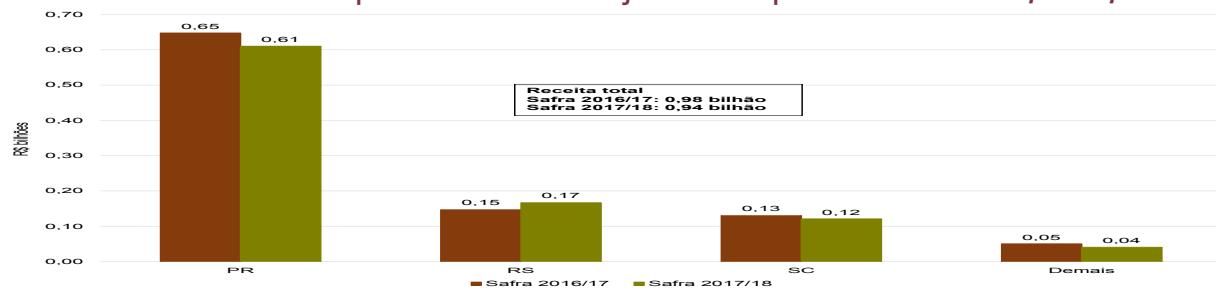
A cultura de feijão-comum preto, fortemente concentrada nas Regiões Sul e Sudeste do Brasil, apresenta comportamento semelhante ao feijão-carioca. O Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, juntos, correspondem a 94% da produção do feijão-comum preto. O estado do Paraná apresenta queda na produção e aumento de 1,4% nos preços recebidos pelos produtores. Já para Santa Catarina observa-se um cenário no qual a produção apresenta queda em relação ao

ano imediatamente anterior e queda nos preços médios praticados. Por fim, para o Rio Grande do Sul, observa-se incremento na produção – 12,7% - e aumento médio no preço de 0,8%.

A partir desse cenário de queda nos preços praticados e na produção, a estimativa total da receita bruta para o feijão-comum preto, na safra 2017/18, foi de R\$ 0,94 bilhão, esse valor é 3,7% menor que o observado na safra 2016/17, de 0,98 bilhão.



Gráfico 8 – Receita bruta dos produtores rurais– Feijão-comum preto – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

Nota: preços de julho/2017 a julho/2018

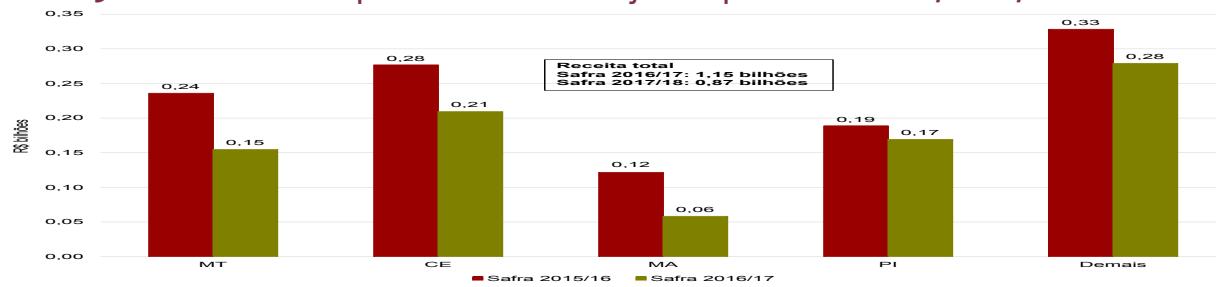
10.5. FEIJÃO CAUPI

O feijão-caupi está concentrado nas Regiões Nordeste e Centro-Oeste brasileiras. Para as regiões supracitadas observa-se as seguintes situações: no Nordeste a produção experimenta aumento de 21% e a Região Centro-Oeste o incremento está na casa de 14,5%.

Por outro lado, quando comparados os preços prati-

cados junto aos produtores de feijão-caupi em agosto de 2017, com os preços de agosto de 2018, para as duas regiões observa-se decréscimo nos valores pesquisados. Para o Mato Grosso, maior produtor dessa variedade, a queda no preço encontrado é de 37,5%. Já para o Ceará, maior produtor da variedade no Nordeste, o preço apresenta queda de 23,4%.

Gráfico 9 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão-caupi – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

Nota: preços de julho/2017 a julho/2018

Com base nas informações acima, percebe-se que o aumento na produção nacional (10,3%), juntamente com a queda no preço médio nacional (31,4%), culminou no decréscimo da receita bruta dos produtores de

feijão caupi. A estimativa nesse levantamento para a safra 2017/18 revela um valor de R\$ 0,87 bilhão. Já para a safra 2016/17, o valor é de R\$ 1,15 bilhão, ou seja, uma diminuição de 24,4%.

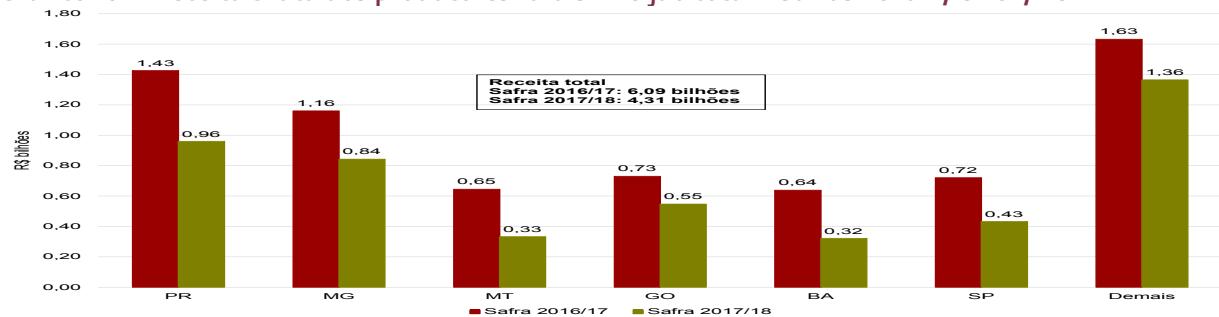
10.6. FEIJÃO (CAUPI, CARIOCA E PRETO)

Consolidando os valores estimados para a receita bruta do feijão-carioca, caupi e do preto, obteve-se a

receita bruta do total de feijão de R\$ 6,09 bilhões na temporada 2016/17 e R\$ 4,31 bilhões em 2017/18, queda de 29,2%.



Gráfico 10 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão total – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

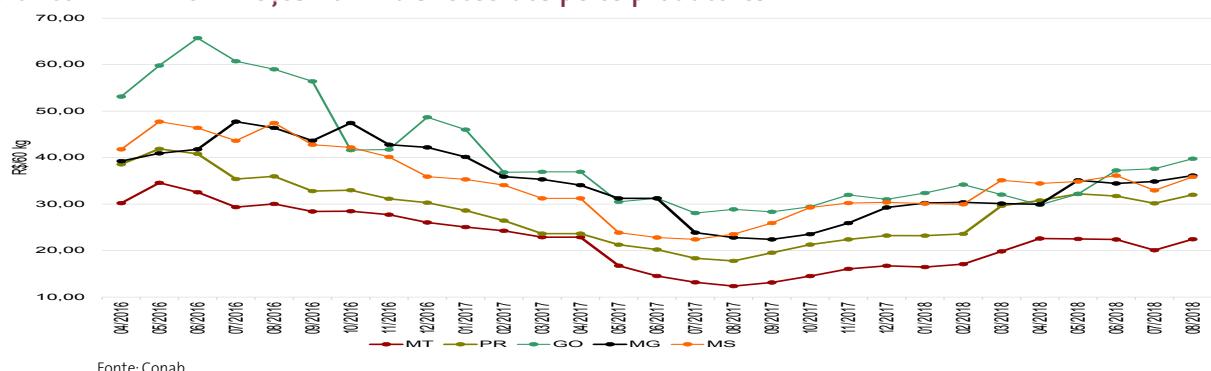
Nota: preços de julho/2017 a julho/2018

10.7. MILHO

O milho apresenta duas safras no Brasil, e com isso, observa-se plantio e colheita simultâneos em distintas regiões brasileiras. Além dessa característica, a cultura do milho está presente em todas as Unidades da Federação. Os dois maiores estados produtores são o Mato Grosso e o Paraná.

Os preços internos apresentam tendência de recuperação no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e no Paraná, ao compararmos agosto de 2017 e agosto de 2018. Isso posto, na comparação de agosto de 2018 e agosto de 2018, os preços recebidos pelos produtores apresentam incremento médio de 68,6%.

Gráfico 11 – Milho – Preços nominais recebidos pelos produtores

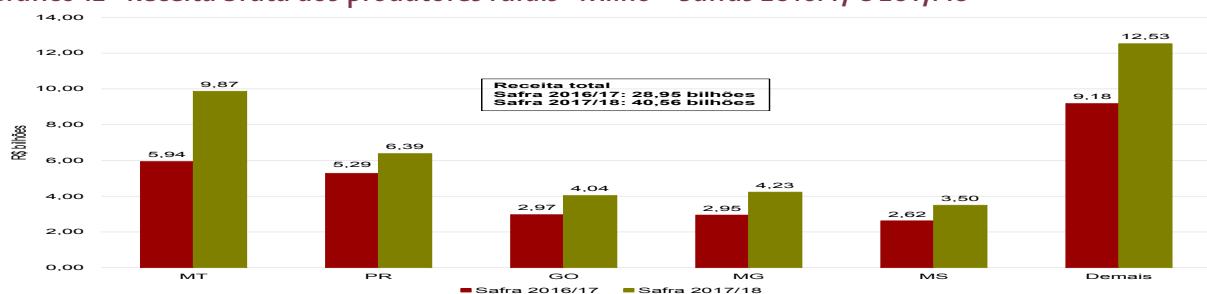


Fonte: Conab.

Os preços praticados apresentaram incremento no âmbito nacional e a produção nacional apresentou diminuição, até mesmo nos maiores estados produtores. A estimativa da receita bruta total para o milho foi

de R\$ 40,56 bilhões para a safra 2017/18, já para a safra de 2016/17 observa-se a estimativa de 28,95 bilhões, ou seja, um incremento no valor da receita de 40%.

Gráfico 12– Receita bruta dos produtores rurais– Milho – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

Nota: preços de julho/2017 a julho/2018

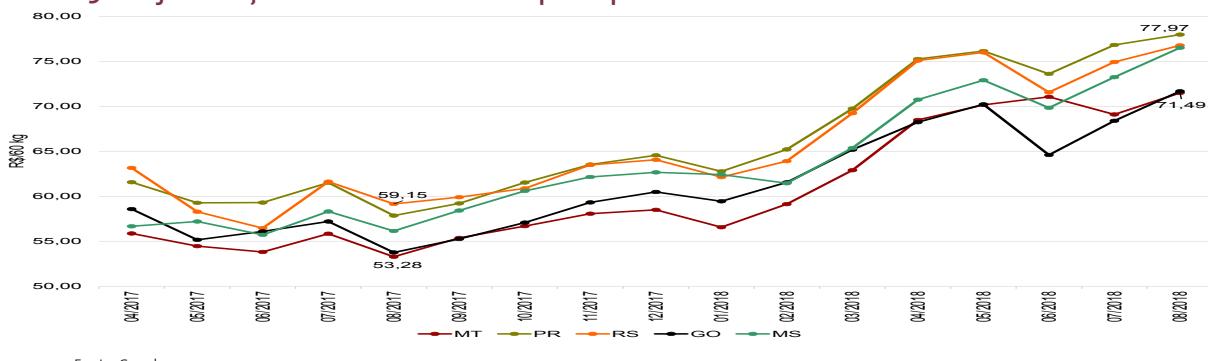


10.8. Soja

A produção da safra 2016/17 foi calculada em 114 milhões de toneladas, já para a safra 2017/18, a produção foi de 119 milhões de toneladas, um incremento de 4,6%. Todavia, as Unidades da Federação caracterizadas como grandes produtores, como Paraná e Rio Grande do Sul, experimentam quedas de 2,1% e 8,4%, respectivamente. Por outro lado, o maior estado pro-

dutor – Mato Grosso – apresenta incremento de 6%. Além disso, os preços da oleaginosa apresentaram aumento em todos os 16 estados produtores, com incremento médio de 31,1% nos preços recebidos pelos produtores. A figura a seguir apresenta o comportamento dos preços internos da soja para o período de abril de 2017 a agosto de 2018.

Gráfico 13 – Soja – Preços nominais recebidos pelos produtores



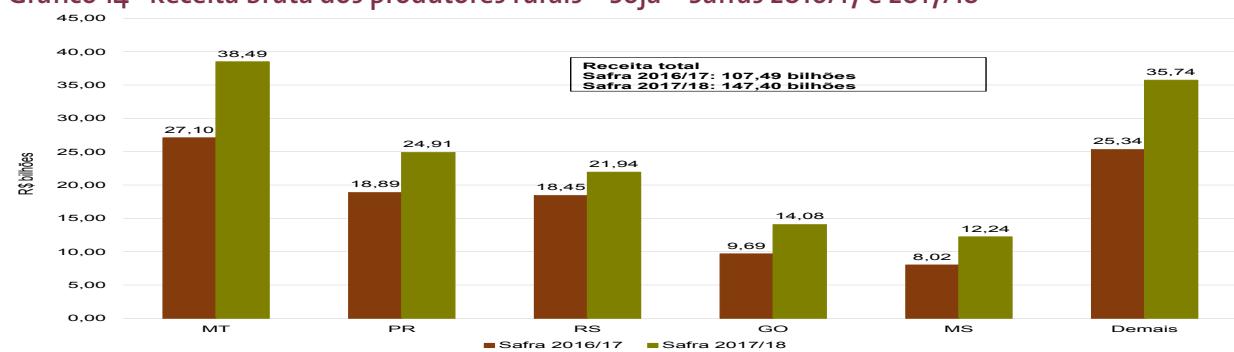
Fonte: Conab.

O movimento de aumento na produção e o incremento nos preços recebidos pelo produtor culminaram na majoração da estimativa da receita bruta total para a soja na safra 2017/18. De forma particular, o Mato Grosso apresenta estimativa de receita bruta para a oleaginosa de R\$ 38,5 bilhões para a temporada 2017/18. Já para a safra imediatamente anterior, a estimativa ficou em 27,01 bilhões de reais, com acréscimo relativo de 42,1%. A Unidade da Federação produtora que apresentou maior incremento percentual na

receita bruta estimada para a soja foi Roraima, com 75,9% de aumento, resultado de 30,6% de aumento na produção e 34,8% no valor recebido pelo produtor para a saca de 60 quilos. Esse fenômeno ratifica a expansão da fronteira agrícola da soja no território brasileiro.

Isso posto, a estimativa total para a receita bruta da soja, na safra 2017/18, foi de R\$ 147,4 bilhões, frente à estimativa de R\$ 107,5 bilhões da safra anterior, um aumento de 37,1%

Gráfico 14– Receita bruta dos produtores rurais – Soja – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

Nota: preços de julho/2017 a julho/2018





11. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

11.1. ALGODÃO

11.1.1. PANORAMA MUNDIAL

De acordo com o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), em seu relatório de agosto, a produção mundial de pluma na safra 2017/18 deverá fechar em 26,9 milhões de toneladas, já a projeção para a safra 2018/19 é de uma produção de 26,2 milhões de toneladas. Esse resultado significaria uma queda de 2,41% na produção. As primeiras estimativas eram de que a produção novamente cresceria e ficaria acima do consumo, porém, devido, principalmente, a problemas climáticos vividos pelos Estados Unidos, China e Índia, hoje o mercado trabalha com um deficit para a próxima safra.

Ainda de acordo com o Usda, para esta safra 2017/18, teremos, depois de dois anos, uma produção maior que o consumo. Fator esse que deverá fazer crescer em 0,49% os estoques de passagem. Já para a safra 2018, como já foi dito, o cenário deve se inverter novamente, pois de acordo com a estimativa atual do departamento, o consumo é 5,88% maior que a produção.

Para a safra 2018/19, as informações disponíveis apontam para uma sustentação nos preços da pluma. Segundo o relatório de oferta e demanda do Usda de agosto, o deficit projetado hoje para a próxima safra é de 1,54 milhão de toneladas. Ao se analisar os três principais produtores, projeta-se quedas de produção na

Índia, China e nos Estados Unidos. Já quanto aos principais consumidores, projeta-se aumentos no consumo chinês, indiano e paquistanês. Diante de um cenário global de déficit, o produtor brasileiro pode diminuir

11.1.2. PANORAMA NACIONAL

De acordo com o décimo segundo levantamento de safra da Conab, a produção de algodão estimada para a safra 2017/18 é de 2.005,8 mil toneladas de pluma, esse volume é 31,1% superior ao produzido na safra anterior, que foi de 1.529,5 mil toneladas. O aumento estimado da produtividade chegou aos 4,8% e o grande destaque foi o aumento da área, que foi de 25,1% em relação à safra passada.

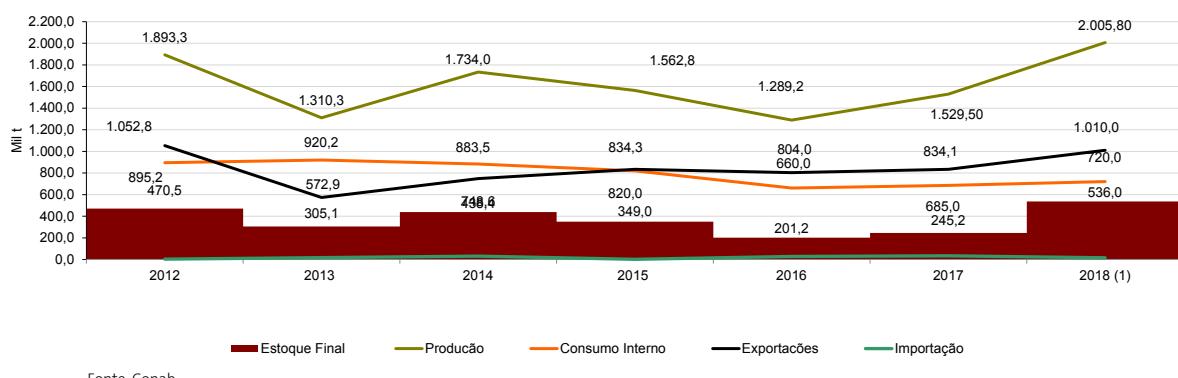
Um fator que deverá impactar positivamente no cenário para o produtor e fazer com que ele aumente a disposição de plantar algodão na safra 2018/19 é a atual guerra comercial entre Estados Unidos e China. A China vem aumentando a sua cota de importação, pois seus estoques estão menores e, como cerca de

susas preocupações diante da boa safra que está sendo colhida. Também poderá continuar otimista em relação ao aumento de área para a safra 2018/19..

500 mil toneladas advêm dos Estados Unidos, a tendência é que o país asiático busque outros fornecedores após as sobretaxas impostas ao produto norte-americano, o que poderá favorecer o Brasil.

O fator negativo para a cadeia de algodão é que a recuperação econômica brasileira está sendo mais lenta que o esperado. O Banco Central revisou para baixo o crescimento em 2018, para 1,44% devido às condições mundiais mais difíceis e à greve dos caminhoneiros. Para 2019, a instituição prevê um crescimento de 2,5%. Já a previsão para o dólar subiu, ficando em R\$ 3,80 em 2018 e R\$ 3,70 em 2019, cenário bom para o exportador. Além disso, o panorama político deixa esta variável ainda mais volátil.

Gráfico 1 – Suprimento de algodão em pluma



Fonte: Conab



11.2. ARROZ

Em julho, o Brasil exportou 84,6 mil toneladas de arroz base casca e importou 59,9 mil toneladas. Sobre os preços comercializados, o Brasil vendeu o arroz branco beneficiado em uma média de US\$423,93 a tonelada, enquanto os preços de aquisição, principalmente dos nossos parceiros de Mercosul, mantiveram-se em patamar inferior.

Sobre as compras brasileiras de arroz internacional em novembro, o Paraguai, maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 46,8 mil toneladas de arroz base beneficiado em uma média de US\$332,93 a tonelada de arroz polido. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado, em sua maioria, para os mercados do sudeste brasileiro, com destaque para São Paulo e Minas Gerais. Para o final da comercialização da safra 2016/17, já consolidada, a importação identificada foi de 1.042 mil toneladas e exportação de 1.064,7 mil toneladas.

Acerca do consumo, esse foi consolidado nesta atual publicação em 12 milhões de toneladas para a safra 2016/17. Esse dado é estimado por meio do fechamento do quadro de suprimento, com a publicação do levantamento dos estoques privados de 689,25 mil toneladas, somados aos estoques públicos de 22,36

mil toneladas no dia 28 de fevereiro de 2018. Para safra 2017/18, projeta-se uma manutenção do consumo interno, por volta de 12 milhões de toneladas, volume semelhante à média identificada nos últimos dez períodos comerciais.

Sobre a produção nacional, a safra brasileira de arroz 2017/18 deverá ser 2,1% inferior em relação à safra 2016/17, atingindo 12,1 milhões toneladas. Essa retração da produção ocorre em razão do atraso de parte das áreas no Rio Grande do Sul, do frio intenso em fevereiro, que prejudicou a formação dos grãos e da menor capitalização dos produtores, que reduziram a quantidade de insumos nas lavouras. Sobre a balança comercial, a expectativa é de superavit de aproximadamente 150 mil toneladas na atual safra, com uma possível valorização do arroz brasileiro no segundo semestre e, consequentemente, uma desaceleração das exportações.

Com base no cenário descrito no quadro de suprimento, espera-se uma redução dos estoques de passagem ao longo de 2018, sendo estimado um estoque final de 711,6 mil toneladas para a safra 2016/17 (fevereiro de 2018) e de 632,6 mil toneladas para a safra 2017/18 (fevereiro de 2019).



11.3. FEIJÃO

11.3.1. FEIJÃO-COMUM CORES

No atacado em São Paulo, em razão da boa entrada de mercadorias e menor demanda, os preços apresentaram pequenas reduções para as mercadorias extras e foram mantidos para os tipos comerciais.

A segunda safra, ou safra da seca está concluída. No Paraná, estima-se que cerca de 97% da produção já foi comercializada pelos produtores.

A Região Nordeste do Brasil não é autossuficiente na sua produção e, com a confirmação da boa safra nordestina, haverá, nesta segunda safra, um volume de 174,3 mil toneladas a mais do que o registrado em 2017, contribuindo para uma menor demanda pelo feijão produzido em outras regiões do país.

Quanto a terceira e última safra, desta temporada, estima-se redução de 103,6 mil toneladas na produção em relação à safra anterior, sendo: 23,2 mil toneladas na Região Norte/Nordeste e 80,4 mil toneladas na Região Centro-Sul.

A safra baiana, cultivada no nordeste do estado, foi bastante prejudicada pela insuficiência hídrica em junho e julho. A colheita mal começou, mas provavelmente ocorrerá redução na produção e na qualidade do produto a ser colhido. A situação é crítica, e a pesquisa de campo, realizada pela Conab, trabalha com

uma expressiva redução no potencial produtivo das lavouras.

Caso a safra de inverno apresente problemas de maiores proporções, a transferência de produção da Região Centro-Sul para o abastecimento do Nordeste deverá ser bem mais intensa, podendo, inclusive, provocar elevações de preços.

O atual quadro de baixa oferta, cada vez mais enxuto, poderá influir positivamente nas cotações até meados de dezembro, quando começa a entrar no mercado, com maior intensidade, mercadoria da safra 2018/2019, procedente dos de São Paulo e do Paraná.

Cabe esclarecer que a terceira safra de feijão na Região Sul do país é cultivada apenas no Paraná, onde a produção é inexpressiva quando comparada com a dos demais estados. Estima-se que 26% dessa safra já foi colhida.

Doravante, para uma melhor avaliação quanto à formação do preço, a atenção estará voltada para o clima na região nordeste da Bahia, e do volume a ser colhido nas áreas irrigadas. Essas lavouras estão em estágios bastante diversificados, desde início de floração à colheita.

lume a ser produzido naquele país, cerca de 70% da produção de feijão comum preto são destinados ao Brasil.

Nas redes de supermercados, as diversas promoções a preços realmente baixos não estão sendo suficientes para atrair os consumidores. Diante desta situação, muitos empacotadores estão com dificuldades em negociar sua mercadoria junto ao setor varejista, já que muitas vezes a oferta fica aquém de suas “pedidas” que, segundo eles, já está no limite, inviabilizando, em muitos casos, a operação.

Neste cenário, partindo-se do estoque inicial de 302,6 mil toneladas, o consumo em 3,3 milhões de toneladas, as importações em 120,0 mil toneladas e as exportações de 120,0 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem da ordem de 186,7 mil toneladas, ou seja, menos de 1 (um) mês de consumo.

11.3.3. SUPRIMENTO

Para a temporada em curso - 2017/2018 prevê-se o seguinte cenário: computando as três safras, o trabalho de campo realizado por técnicos da Conab em julho, chega em um volume médio de produção, estimado em 3,18 milhões de toneladas, 6,3% inferior a colheita anterior.



11.4. MILHO

Tabela 1 – Suprimento milho

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.826,9	54.503,1	20.924,8	12.399,0
2014/15	12.399,0	84.672,4	316,1	97.387,5	56.611,1	30.172,3	10.604,1
2015/16	10.604,1	66.530,6	3.338,1	80.472,8	54.972,4	18.883,2	6.617,2
2016/17	6.617,2	97.842,8	953,6	105.413,6	57.330,5	30.836,7	17.246,4
2017/18	17.246,4	81.349,4	600,0	99.195,8	59.844,8	25.500,0	13.850,9

Legenda: (1) Estimativa

Fonte: Conab.

No quadro de oferta e demanda de milho, além da redução da produção do grão no país, ainda reflexo da seca em boa parte das regiões produtoras, de algo próximo a 830 mil toneladas, foram reajustadas as estimativas de exportação e importação.

Em relação à exportação, que caiu de 27 para 25,5 milhões de toneladas, a queda se deve ao fato de que o tabelamento de frete, sobretudo após aumento, está impactando não somente para realização de novos negócios como para os produtos já comercializados, onde as tradings começam a optar em posicionar o milho adquirido no mercado doméstico, que tem se mostrado disposto a pagar um valor maior e permitir a exportação por outros meios (com produtos de outros países produtores).

Somado a isso, a guerra comercial entre Estados Unidos e China tem impactado o mercado de soja, com redução muito forte nas exportações estadunidense da oleaginosa, fazendo com que o produtor norte-americano aposte no mercado de milho.

Tal como os Estados Unidos, Argentina e Ucrânia também estão focados na exportação de milho, aumentando a competitividade com o milho brasileiro, pressionando o número total de embarques.

Esse cenário pode ser observado pelo ritmo menor de exportação de agosto, onde se atingiu um volume de 2,9 milhões de toneladas, bem abaixo do valor de 5,3 milhões embarcados em agosto de 2017. As indicações dos line ups não apontam um valor acentuado para o próximo mês que permita uma projeção mais otimis-

ta até o fim de janeiro de 2015.

Em relação à importações, foi feito um reajuste, visto que neste último mês houve uma importação de 140 mil toneladas, também indicando a influência dos custos do transporte, com a adoção da tabela de preço mínimo de fretes, forçando os produtores importarem milho da Argentina e Paraguai, onde esses custos estão mais baratos.

Assim, a tendência é que o estoque final fique em torno de 13,9 milhões de toneladas, o que pode impactar nos preços, uma vez que o mercado tem necessidade de liberar os estoques para recebimento da próxima safra.

Entretanto, no momento atual, o cenário de alta nos preços domésticos se deve à valorização do dólar, que chegou a um valor acima de R\$ 4,00, mantendo uma paridade de porto acima de R\$ 40,00 a saca de 60 quilos, mesmo com sucessivas quedas na Bolsa Chicago (devido aos números da safra norte-americana que estão estimadas em 370 milhões de toneladas), além do fato dos produtores estarem capitalizados devido à venda maior de soja nos últimos meses, favorecendo a estocagem do milho e o pouco interesse de comercialização do milho pelos produtores a preços próximos da paridade.

Devido a isso, em Lucas do Rio Verde – MT, a cotação saiu de R\$ 19,75 a saca de 60 quilos no início de agosto e fechou o mês com o valor de R\$ 23,00 a saca de 60 quilos. Em Campo Mourão – (PR) a variação foi de R\$ 33,25 a 36,50 a saca de 60 quilos.



11.5. SOJA

11.5.1. MERCADO INTERNACIONAL

Os preços internacionais continuam ainda sob forte pressão baixista em face da guerra comercial entre China e Estados Unidos. No entanto, em agosto de 2018, os preços na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) ficaram 1,34% maiores que os praticados em julho/2018. A média mensal de agosto foi de US\$ 861,72/bu, fechando o mês em US\$ 820,00/bu.

11.5.2. MERCADO NACIONAL

Em que pese a baixa ocorrida nos preços internacionais, os preços nacionais continuam encontrando suporte principalmente no dólar e na alta demanda internacional. Os preços nacionais continuam descolados dos preços de paridade. A alta dos fretes ainda prejudica a comercialização interna.

Em agosto de 2018, o dólar foi cotado, em média, a R\$ 3,93, mas chegando ao valor de R\$ 4,18 no dia. Os prêmios de porto continuam positivos e também deram suporte aos preços nacionais, com média de UScents 207/bu.

A Secretaria de Comércio Exterior (Secex) informou que as exportações de agosto de 2018 ficaram em 8,18 milhões de toneladas, valor esse é 41% maior que o exportado no mesmo período de 2018 devido a guerra comercial entre China e Estados Unidos, vez que os chineses estão taxando a soja americana em 25%, o que diminui as exportações americanas e incentivam

Com receio de que os Estados Unidos não consigam escoar a safra 2018/19, o governo americano anunciou que, para a safra 2018/19, irão pagar US\$ 1,65/bu de até 50% da safra de soja por agricultor, disponibilizando, em um primeiro momento, o valor de US\$ 3,6 bilhões, podendo aumentar até o fim do ano. Com isso, os americanos minimizam os problemas gerados pela dita taxação, podendo voltar a exportar soja em grãos, mesmo com uma tarifa de 25%.

as exportações brasileiras. Além disso, o dólar e o prêmio de portos, altos, foram fatores preponderantes para maior exportação no período.

As altas exportações brasileiras de grãos, incentivadas pelo dólar e prêmios de portos elevados, mas principalmente pela guerra comercial entre China e Estados Unidos, reduziram a estimativa brasileira de esmagamento. Mesmo com preços de farelo e óleo de soja no mercado internacional em alta, o Brasil deve continuar a exportar soja em grão, como forma de surprender o consumo dos chineses. Todavia, há uma chance remota do país começar a importar soja para suprir a demanda interna. Nesse foco, o consumo brasileiro é estimado em 45,50 milhões de toneladas.

Finalmente, a produção de soja no Brasil foi estimada, em 119,28 milhões de toneladas. Já as exportações, em 76 milhões, gerando um estoque de passagem de 428,7 mil toneladas.



11.6. TRIGO

Assim como o ocorrido ao longo de julho, o mercado tritícola brasileiro seguiu observando as condições das lavouras na Região Sul do país, com destaque para aquelas situadas ao norte do Paraná, cuja seca retardou o ciclo e poderá ainda trazer algum prejuízo à produtividade no estado, assim como no Rio Grande do Sul, que foi atingido por geadas e granizos em algumas áreas, cujos danos só poderão ser contabilizados ao final da primeira quinzena de setembro. Em agosto, devido aos altos patamares dos preços e à proximidade da colheita no Paraná, a saca do trigo pão, PH 78, produzido no estado desvalorizou 5,64%, sendo comercializada a um valor médio de R\$ 47,93 no mercado de balcão.

De acordo com a Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento do Paraná (Seab), até o dia 27 de agosto, 16% das lavouras se encontravam em desenvolvimento vegetativo, 24% em floração, 48% em frutificação e 12% em maturação. Segundo a Secretaria, 4% do que foi plantado já havia sido comercializado e 44% das lavouras remanescentes estavam em boas condições, enquanto 36% apresentavam condições medianas e 20% do total semeado se encontrava em condições ruins.

No Rio Grande do Sul, a cultura avança no processo de emissão de espiga e florescimento, segundo relatório o divulgado pela Emater/RS no dia 30 de agosto. Para o órgão, 75% das lavouras do estado se encontram em desenvolvimento vegetativo, enquanto 22% estão em floração e 3% em frutificação. Apesar das geadas observadas na última semana do mês foram detectados poucos danos às lavouras, mas esse quadro poderá se modificar após alguns dias de observação. Também

foi verificada a ocorrência de granizo em alguns municípios do norte e noroeste do estado, ocasionando apenas danos pontuais e em pequena escala.

Ao longo de agosto, o Brasil internalizou 632,1 mil toneladas de trigo, sendo a Argentina responsável pelo fornecimento de 85,02% do total, seguida pelos Estados Unidos com 6,30% e Paraguai com 4,50%. A maior novidade foi a entrada de 26,22 mil toneladas de trigo russo no país (4,15% do total), a partir do Ceará, a um valor de US\$ 219,72 FOB por tonelada. O Brasil não é um tradicional comprador do trigo russo, sendo tal fato justificado por fatores como a distância entre esses países, a menor qualidade do trigo estrangeiro e a possibilidade de presença de pragas quarentenárias, tais como Orobanche spp e a Cirsium arvense. Toda-via, após publicação da Instrução Normativa 47/2017, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), a entrada do trigo russo no Brasil voltou a ser permitida, com algumas restrições. As últimas importações de trigo oriundo da Rússia ocorreram em 2010, ano em que o Brasil internalizou 28,7 mil toneladas do grão.

A Conab realizou uma revisão acerca dos números relativos à safra 2018/19, resultando num aumento da estimativa de área plantada, produtividade e produção nacional. A safra brasileira deverá atingir um total de 5.239 mil toneladas na safra 2018/19, volume 22,9% superior ao registrado na temporada 2017/18. Para fazer frente ao consumo nacional, que deverá manter-se estável durante o período, espera-se que o Brasil importe um volume na ordem de 6,3 milhões de toneladas, mantendo um estoque final de pouco mais de 2,2 milhões de toneladas do grão.

Tabela 2 – Suprimento trigo

ANO - SAFRA	ESTOQUE INICIAL (01/08)	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO GRÃOS	SUPRIMENTO	EXPORTAÇÃO GRÃOS	CONSUMO INTERNO			ESTOQUE FINAL (31/07)
						MOAGEM INDUSTRIAL	SEMENTES (1)	TOTAL	
2012/13	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	1.683,9	9.850,0	284,3	10.134,3	1.527,6
2013/14	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	47,4	11.050,0	331,5	11.381,5	2.268,9
2014/15	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	1.680,5	10.300,0	413,7	10.713,7	1.174,6
2015/16	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	1.050,5	10.000,0	367,3	10.367,3	809,3
2016/17	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	576,8	11.200,0	317,7	11.517,7	2.530,1
2017/18	2.530,1	4.263,5	6.387,0	13.180,6	206,2	10.700,0	287,4	10.987,4	1.987,0
2018/19 (1)	1.987,0	5.39,0	6.300,0	13.26,0	300,0	10.700,0	305,9	11.005,9	2.220,1

Legenda: (1) Estimativa

Fonte: Conab.



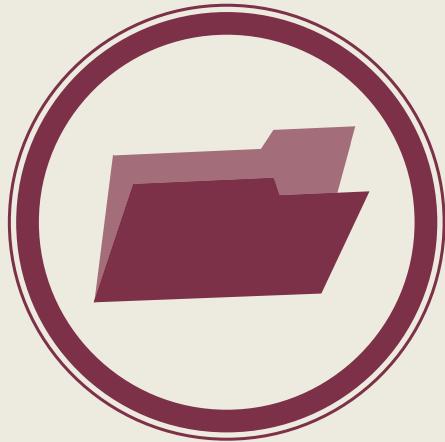
Tabela 3 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
Algodão em pluma	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.289,2	27,0	1.665,3	660,0	804,0	201,3
	2016/17	201,3	1.529,5	33,6	1.764,4	685,0	834,1	245,3
	2017/18	245,3	2.005,8	15,0	2.266,1	720,0	1.010,0	536,1
Arroz em casca	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
	2016/17	430,8	12.327,8	1.042,0	13.800,6	12.024,3	1.064,7	711,6
	2017/18	711,6	12.071,0	1.050,0	13.832,6	12.000,0	1.200,0	632,6
Feijão	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
	2016/17	186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
	2017/18	302,6	3.116,0	120,0	3.538,6	3.250,0	120,0	168,6
Milho	2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.894,0	22.313,7	4.005,4
	2012/13	4.005,4	81.505,7	911,4	86.422,5	53.263,8	26.174,1	6.984,6
	2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.827,0	54.503,1	20.924,8	12.399,1
	2014/15	12.399,1	84.672,4	316,1	97.387,6	56.611,1	30.172,3	10.604,2
	2015/16	10.604,2	66.530,6	3.338,1	80.472,9	54.972,4	18.883,2	6.617,3
	2016/17	6.617,3	97.842,8	953,6	105.413,7	57.330,5	30.836,7	17.246,5
	2017/18	17.246,5	81.356,7	600,0	99.203,2	59.844,8	25.500,0	13.858,4
Soja em grãos	2011/12	3.020,4	66.383,0	266,5	69.669,9	36.754,0	32.468,0	447,9
	2012/13	447,9	81.499,4	282,8	82.230,1	38.694,3	42.791,9	743,9
	2013/14	743,9	86.120,8	578,7	87.443,5	40.200,0	45.692,0	1.551,5
	2014/15	1.551,5	96.228,0	324,1	98.103,6	42.800,0	54.324,2	979,4
	2015/16	979,4	95.434,6	400,0	96.814,0	43.600,0	51.581,9	1.632,1
	2016/17	1.632,1	114.075,3	300,0	116.007,4	45.600,0	68.154,6	2.252,8
	2017/18	2.252,8	119.281,4	400,0	121.934,2	45.500,0	76.000,0	434,2
Farelo de Soja	2011/12	3.176,7	26.026,0	5,0	29.207,7	14.051,1	14.289,0	867,6
	2012/13	867,6	27.258,0	3,9	28.129,5	14.350,0	13.333,5	446,0
	2013/14	446,0	28.336,0	1,0	28.783,0	14.799,3	13.716,3	267,4
	2014/15	267,4	30.492,0	1,1	30.760,5	15.100,0	14.826,7	833,8
	2015/16	833,8	30.954,0	0,8	31.788,6	15.500,0	14.443,8	1.844,8
	2016/17	1.844,8	32.186,0	1,6	34.032,4	17.000,0	14.177,1	2.855,3
	2017/18	2.855,3	31.955,0	1,0	34.811,3	17.500,0	16.700,0	611,3
Óleo de soja	2011/12	988,0	6.591,0	1,0	7.580,0	5.172,4	1.757,1	650,5
	2012/13	650,5	6.903,0	5,0	7.558,5	5.556,3	1.362,5	639,7
	2013/14	639,7	7.176,0	0,1	7.815,8	5.930,8	1.305,1	579,9
	2014/15	579,9	7.722,0	25,3	8.327,2	6.359,2	1.669,9	298,1
	2015/16	298,1	7.839,0	66,1	8.203,2	6.380,0	1.254,2	569,0
	2016/17	569,0	8.151,0	58,1	8.778,1	6.800,0	1.342,5	635,6
	2017/18	635,6	8.092,5	40,0	8.768,1	7.100,0	1.450,0	218,1
Trigo	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	11.517,7	576,8	2.530,1
	2017	2.530,1	4.263,5	6.387,0	13.180,6	10.987,4	206,2	1.987,0
	2018	1.987,0	5.239,0	6.300,0	13.526,0	11.005,9	300,0	2.220,1

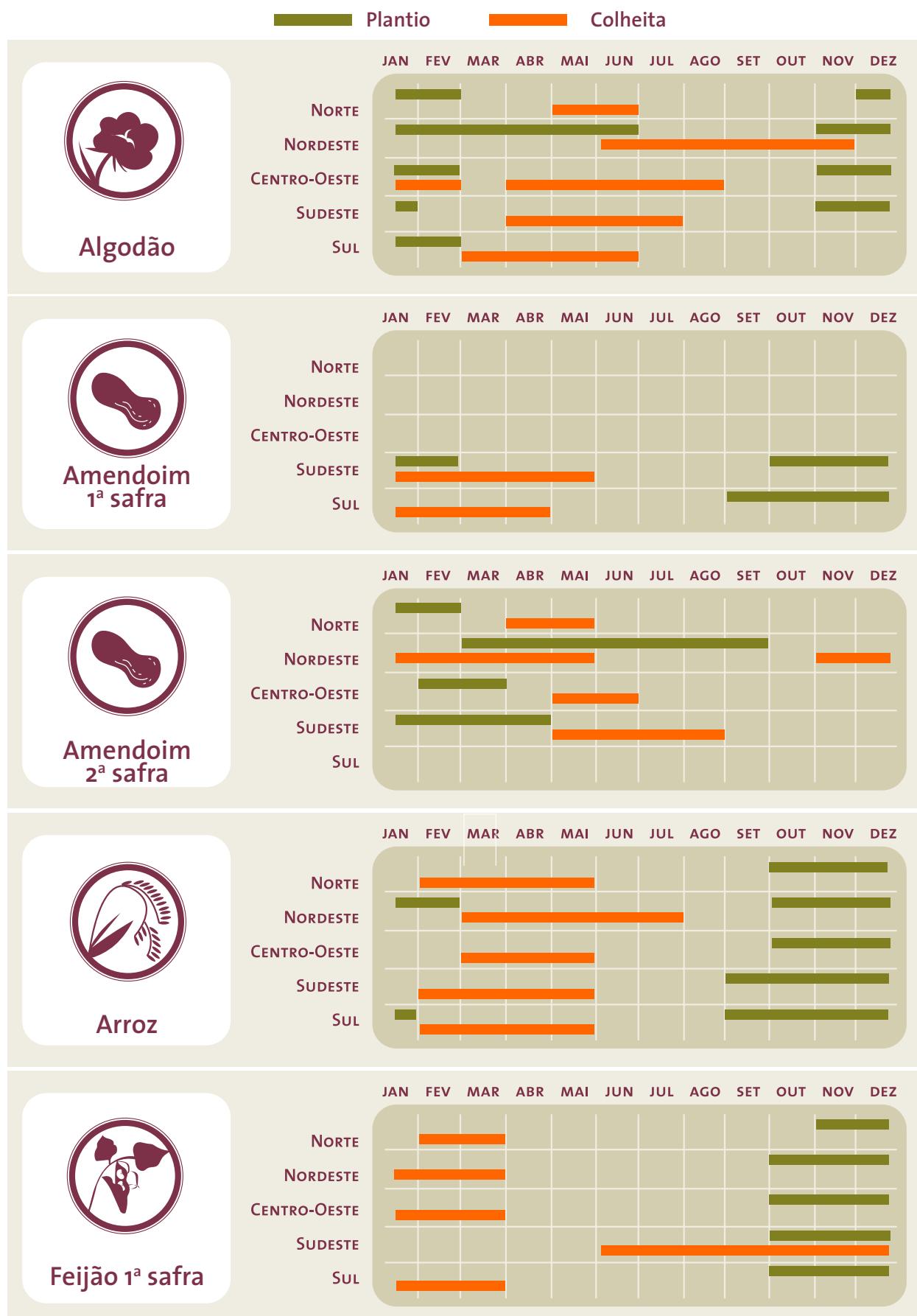
Fonte: Conab.

Notas: Estimativa em agosto 2018/ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.



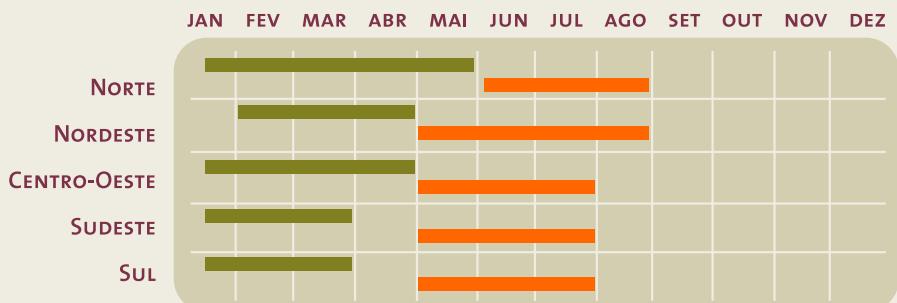


12. CALENDÁRIO AGRÍCOLA DE PLANTIO E COLHEITA

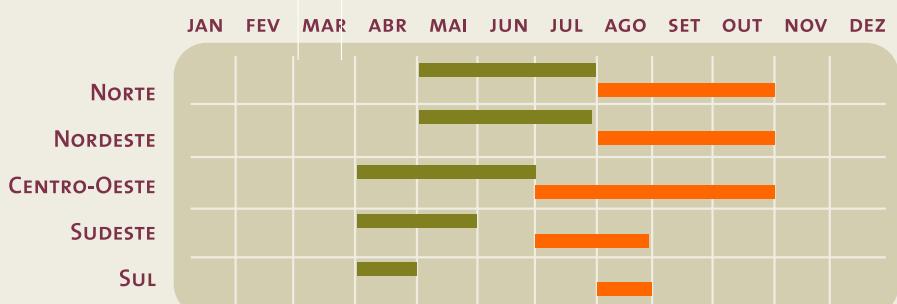




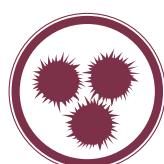
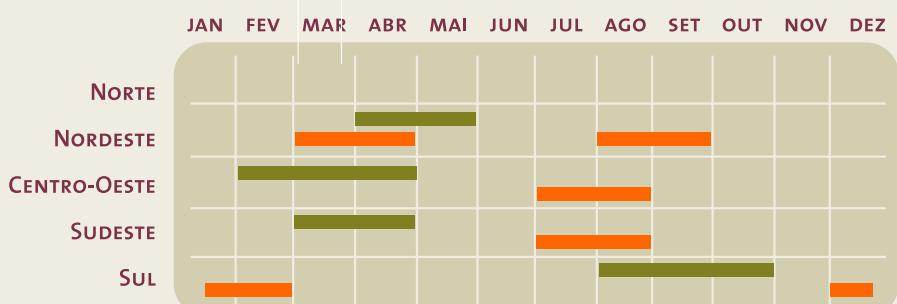
Feijão 2ª safra



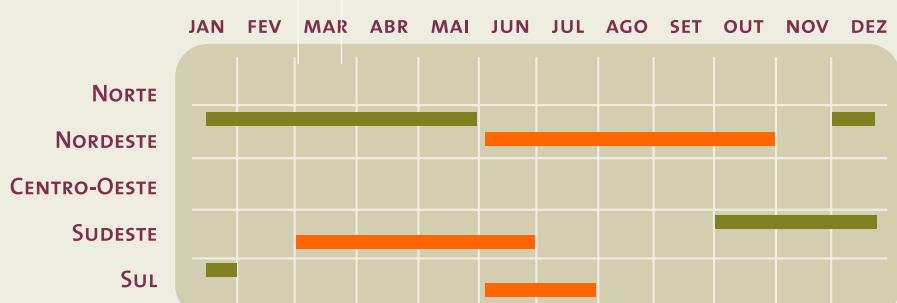
Feijão 3ª safra



Girassol

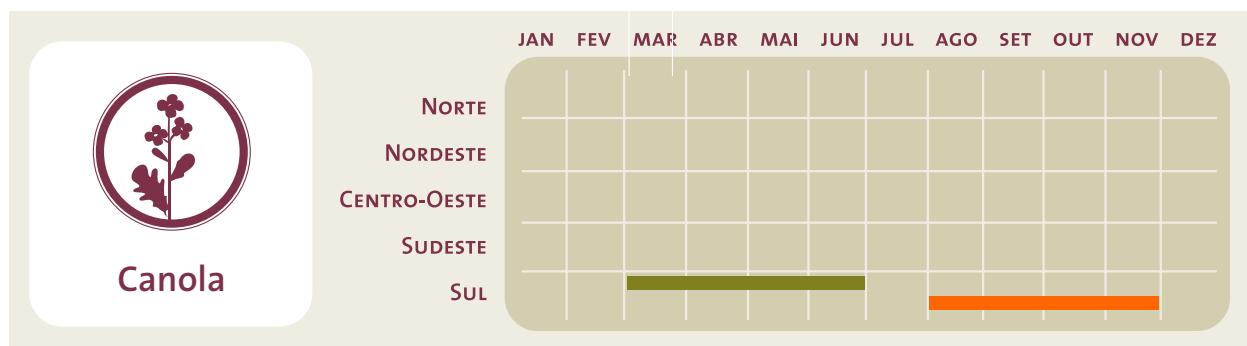
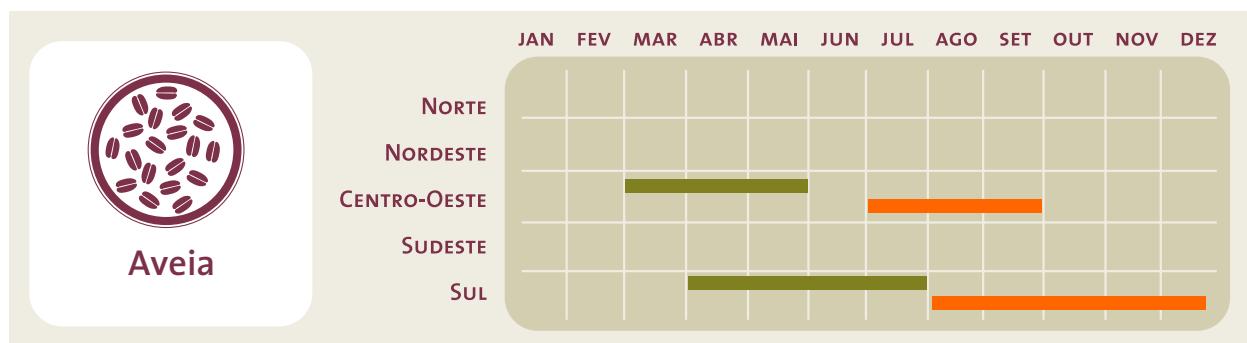
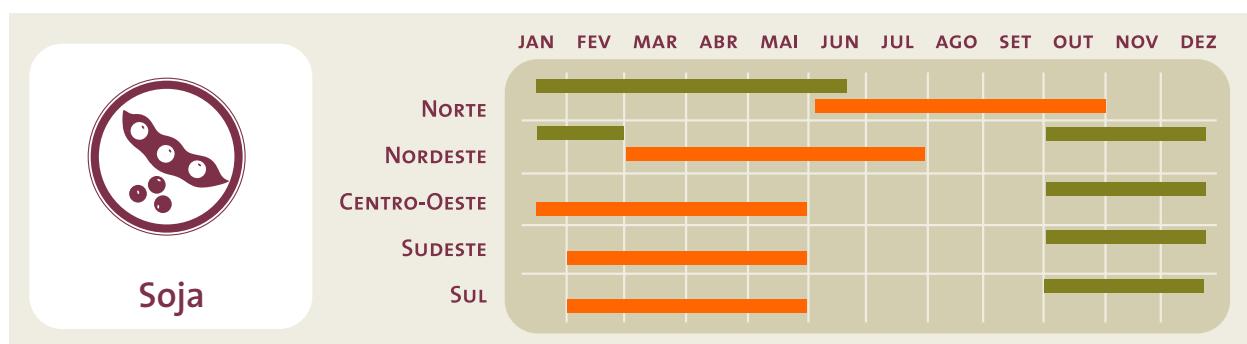
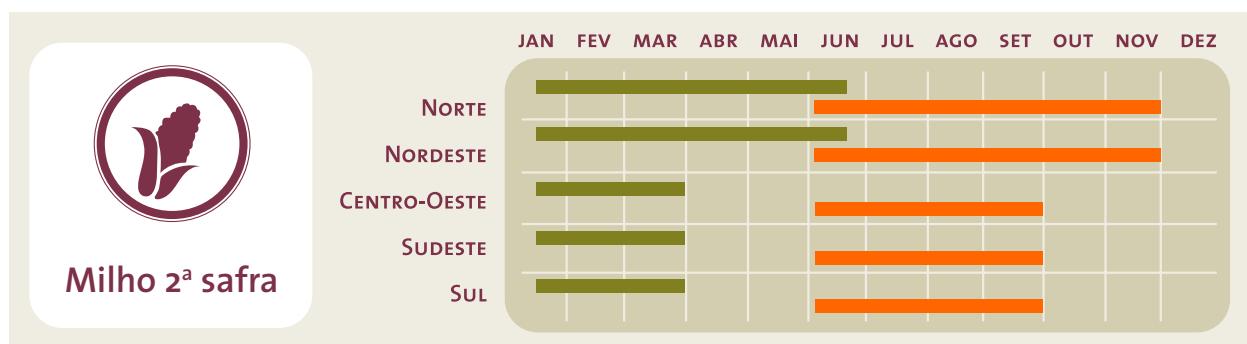


Mamona



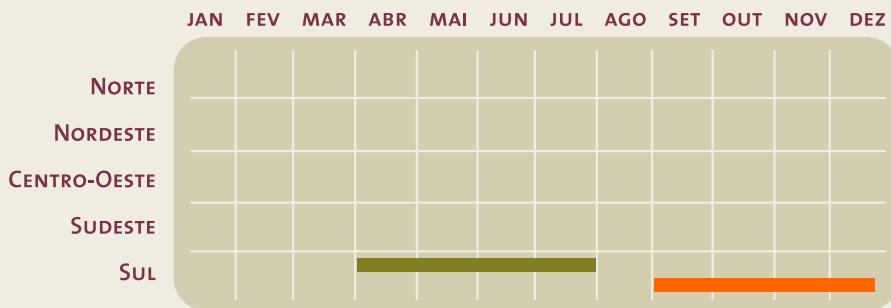
Milho 1ª safra



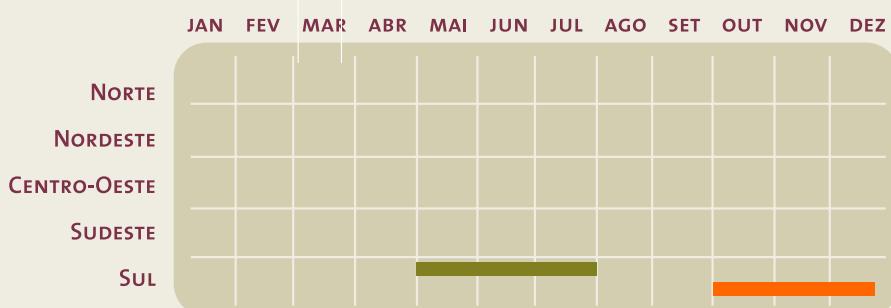




Centeio



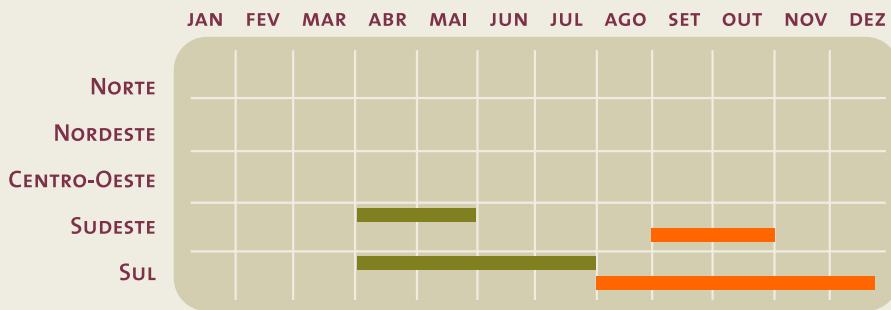
Cevada



Trigo



Triticale





Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

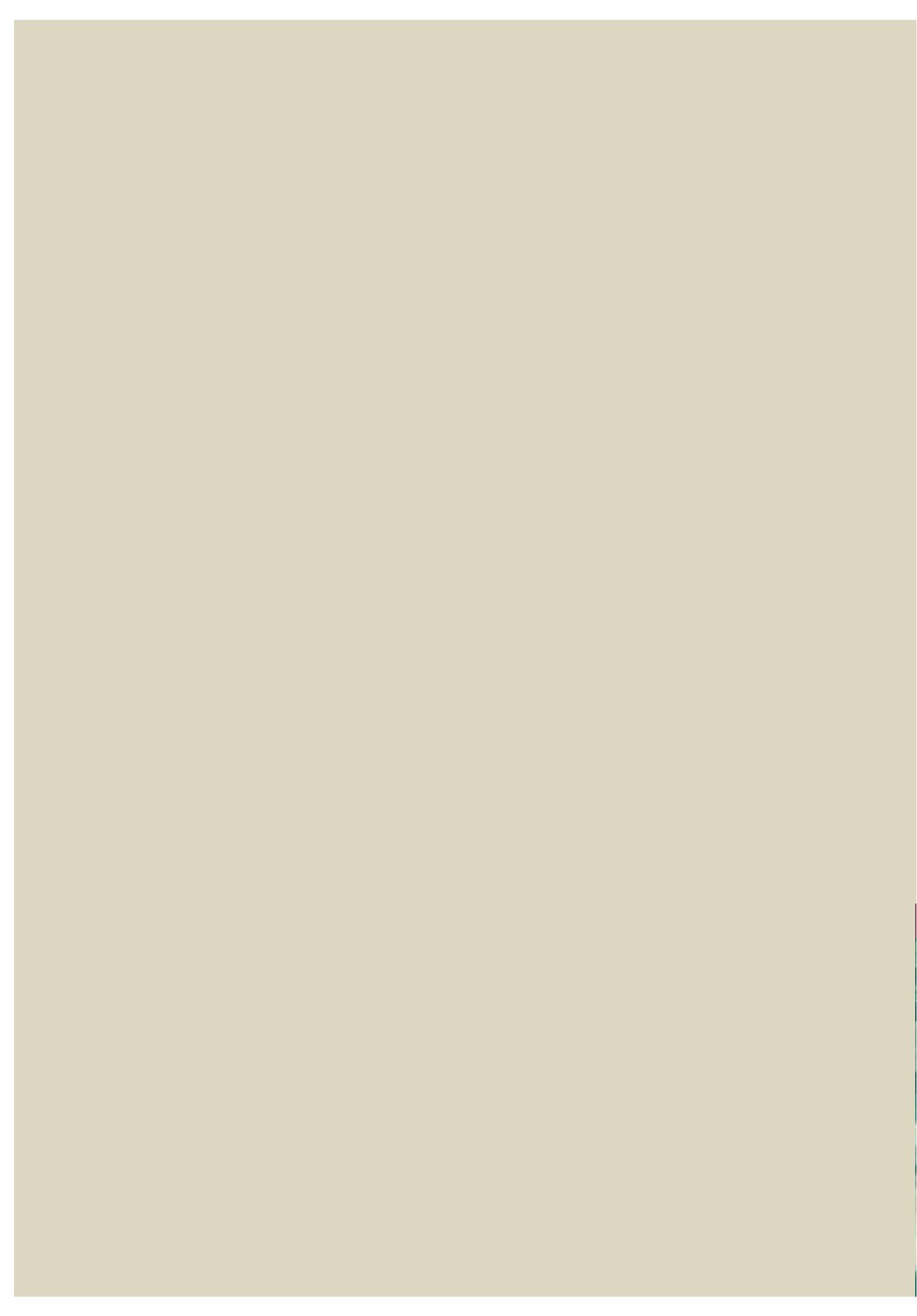
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6277

<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br





Conab

MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA,
PECUÁRIA E
ABASTECIMENTO

GOVERNO
FEDERAL

